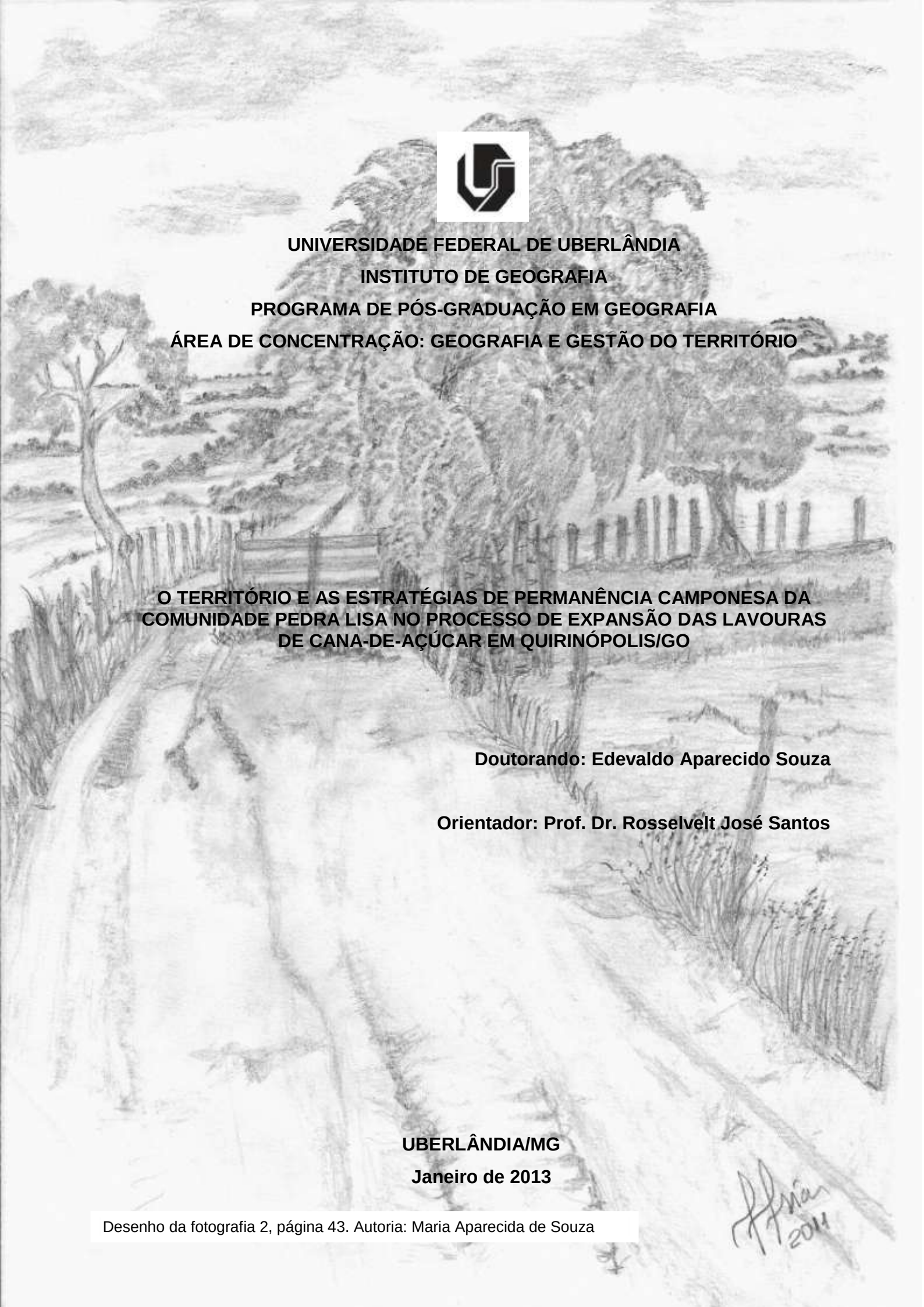


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

O TERRITÓRIO E AS ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA CAMPONESA DA COMUNIDADE PEDRA LISA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DAS LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR EM QUIRINÓPOLIS/GO

Doutorando: Edevaldo Aparecido Souza

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

UBERLÂNDIA/MG

Janeiro de 2013

Desenho da fotografia 2, página 43. Autoria: Maria Aparecida de Souza

EDEVALDO APARECIDO SOUZA

O TERRITÓRIO E AS ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA CAMPONESA DA COMUNIDADE PEDRA LISA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DAS LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR EM QUIRINÓPOLIS/GO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU), como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Professor Doutor Rosselvelt José Santos.

UBERLÂNDIA/MG

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

24 de Janeiro de 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729t 2013

Souza, Edevaldo Aparecido, 1965-

O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar em Quirinópolis/GO / Edevaldo Aparecido Souza. – 2013.

351 f. : il.

Orientador: Rosselvelt José Santos.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Inclui bibliografia.

1. Geografia - Teses. 2. Camponeses – Quirinópolis (GO) – Aspectos sociais - Teses. 3. Cana-de-açúcar - Quirinópolis (GO) – Aspectos econômicos - Teses. I. Santos, Rosselvelt José. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia

EDEVALDO APARECIDO SOUZA

O TERRITÓRIO E AS ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA CAMPONESA DA COMUNIDADE PEDRA LISA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DAS LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR EM QUIRINÓPOLIS/GO

_____

Professor Dr. Rosselvelt José Santo (Orientador) – UFU

_____

Professor Dr. João Cleps Júnior – UFU

_____

Professor Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça – UFG

_____

Professor Dr. Eguimar Felício Chaveiro – UFG

_____

Professor Dr. Anderson Pereira Português – UFU - FACIP

Data: _____/_____/2013

Resultado: _____

DEDICATÓRIA

Dedico em especial à Rosélia Gadelha da Silva Souza, esposa compreensível e incentivadora em todo o processo do doutorado e de elaboração deste trabalho, e a Sara Gadelha de Souza, nossa filha, que junto com a mãe, sempre esteve ao meu lado apoiando e transmitindo segurança.

Aos meus pais Gabriela Tomás de Souza e Onofre Félix de Souza que me ensinaram tudo o que eu precisava para estabelecer metas e buscá-las com todas as forças, dentro de uma postura ética.

Também às famílias da Comunidade Pedra Lisa, em particular os produtores de leite, que me apoiaram e me receberam em todas as vezes que precisei estar em seu meio, tendo, inclusive, construído uma relação de amizade com várias famílias.

AGRADECIMENTOS

Ao se elaborar uma tese é preciso estabelecer relações, vivências, acompanhar no espaço e no lugar vivido as tramas, os enlaces, os processos, os acasos e as indeterminações daquilo que se quer compreender. Atualmente todos os pesquisadores discutem algum tema que alguém já pensou antes e isso nos leva a considerar o movimento. Mas para considerarmos o movimento, temos que pensar os processos. Por isso precisamos provas e procedimentos de confirmação e contestação daquilo que estamos estudando. Essa é uma das muitas orientações a mim apresentadas pelo meu orientador. Por isso, meus agradecimentos são prioritariamente endereçados ao Professor, Doutor Rosselvelt José Santos (IGUFU), que não apenas corrige texto e aponta modos mais corretos de escrever, mas sobretudo, ensina a fazer pesquisa, a pensar como um pesquisador, a encontrar a tese e deixar que ela se manifeste no texto e a movimentar teorias.

Meus agradecimentos também ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, que me proporcionou possibilidades e potencialidades para elaborar e concluir essa tese. Aos que participaram da banca de defesa pública final, além do orientador, os professores doutores João Cleps Júnior, Marcelo Rodrigues Mendonça, Jean Carlos Vieira Santos e Eguimar Felício Chaveiro, sendo que os dois primeiros estiveram presentes desde a defesa do projeto de pesquisa e o terceiro desde a qualificação. Esses professores nos trouxeram grandes contribuições para encontrar os caminhos para chegarmos à tese.

Um agradecimento especial à todas às famílias da Comunidade Pedra Lisa, pela receptividade e prontidão em nos atender e pelas importantes contribuições que deram qualidade à pesquisa. Também o acolhimento, a simpatia, as refeições oferecidas, fizeram com que o trabalho científico, através da investigação pelas entrevistas, contribuíssem para o início de algumas amizades que perdurarão por longas datas.

Agradeço aos integrantes do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo (LAGEOCULT), Jaqueline, Ricardo, Ronaldo, Cássio, Arley, Gustavo, Luana, Arlete, Hebert, Mônica, Cláudia, Nelson, e Braconaro, pelas contribuições nas discussões

teóricas no grupo de estudo, também pelos favores atendidos, e ao Braconaro também pela elaboração dos mapas.

À Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Quirinópolis e, de forma especial, ao Departamento de Geografia, nas pessoas dos coordenadores Nilda Aparecida Pascoal Rezende (2008/2010) e Jean Carlos Vieira Santos (2011/2012).

À minha família: minha esposa Rosélia Gadelha da Silva Souza; minha filha Sara Gadelha de Souza, aos meus pais Gabriela e Onofre, aos meus irmãos, em especial à Maria Aparecida de Souza (Cida), pelo apoio e paciência durante o processo de pesquisa e elaboração da tese. À Cida e ao meu sobrinho Gabriel, agradeço pelos desenhos para anexados a cada início de capitulo e à capa da tese.

Agradeço ainda aos amigos Alessandra Ferreira (ex-aluna e ex-orientanda), Jaqueline (ex-aluna), Ana Maria Soares, professores Lorranne Gomes e José Novais pelos mais diversos apoios recebidos, à Dilza que secretariou a Pós-Graduação durante quase quatro anos em que estive no programa. Em especial, aos amigos mais próximos Jean Carlos, Nilda Pascoal e Cida, pela constante presença, incentivo, torcida dispensados nesses longos anos de trabalho, assim como pelos conselhos e discussões geográficas pertinentes à essa pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, pois do contrário não teria agradecido a todos porque esse trabalho não teria sido realizado, agradeço a Deus pela missão confiada a mim e pela presença e proteção constante.

RESUMO

Este trabalho analisa a comunidade camponesa Pedra Lisa, que se constitui uma das 21 sub-regiões do Município de Quirinópolis, predominando as pequenas propriedades e a atividade com gado leiteiro. São famílias que estão em Pedra Lisa há mais de quarenta anos, tendo construído suas vidas e relações sociais nesse lugar. Nessa existência camponesa há conjugações de práticas sociais de outros tempos, com incorporação de tecnologias mais modernas, na perspectiva de uma economia do trabalho e redução do esforço humano, nas tarefas domésticas, assim como das facilidades na intercomunicação e informação em escala maior. Por conta disso, a pesquisa, na Comunidade Pedra Lisa, estabeleceu seus caminhos metodológicos constituídos por um referencial teórico sobre os temas debatidos na tese e o trabalho empírico, para conhecimento da realidade vivida no cotidiano dos sujeitos pesquisados. A investigação em campo foi realizada em diferentes etapas, por intermédio de entrevistas, com anotações em diário de campo, estabelecida pela inserção na comunidade, buscando vivenciar parte das práticas socioculturais no lugar Pedra Lisa e registrar fatos e paisagens a partir da fotografia. O objetivo desta pesquisa foi elencar os valores camponeses que ainda existem no lugar Pedra Lisa, testemunhando uma memória histórica, preservando identidades do passado, constituídas de gentes e coisas, de elementos materiais e imateriais. Assim sendo, seus territórios também continuam presentes, num processo de coexistência com os territórios modernos. Dessa forma, se suas práticas sociais ainda permanecem é porque são fortes para os grupos sociais que os constituem, potencializando sua (re)existência. Os resultados da investigação foram distribuídos em seis capítulos: o primeiro e o segundo capítulos retratam, de forma descritiva e analítica, as paisagens físicas e culturais e as inter-relações com os modos de vida do camponês do Cerrado e com o agronegócio, indicando a possibilidade do espaço não ser um ente manejado apenas pelos que detêm recursos financeiros, visto que a paisagem revelada, a partir do lugar, permite a identificação de formas e vínculos territoriais camponeses; o terceiro capítulo faz uma reflexão a respeito das diferentes lógicas sociais, identificadas no lugar, sobretudo, a camponesa e a do agronegócio, analisando as diferentes lógicas entre as coexistências e suas contradições; o quarto capítulo estabelece uma discussão em torno dos conceitos de território e dos vínculos territoriais que os camponeses mantêm com o lugar, enfatizando suas práticas sociais com a dimensão dos vínculos territoriais e os meios dos camponeses de Pedra Lisa se relacionar com suas diversas instituições; o quinto capítulo, aborda a relação entre modos de vida camponês e a modernidade, no intuito de estudar a identificação dos sujeitos envolvidos, espaço/temporalmente, no processo de reocupação do Cerrado, buscando compreender a condição social dos produtores de leite de Pedra Lisa, frente às transformações das modernidades econômicas e políticas impostas a esse lugar; e o sexto capítulo, apresenta o lugar vivido do camponês da Comunidade Pedra Lisa que continua existindo em um espaço em mutação.

Palavras-Chave: Quirinópolis, Comunidade Pedra Lisa, Camponeses, cana-de-açúcar, (re)existência

ABSTRACT

This work analyzes the peasant community Pedra Lisa that constitutes one of the 21 sub-regions of the Quirinópolis' borough, predominantly the small farms and the activity with dairy cattle. There are families that are in the Pedra Lisa for over forty years, having built their lives and social relationships in this place. In this peasant existence there are conjugations social practices of other times, with incorporation of most modern technologies, in the perspective of an economy of the work and reduction of the human effort, in the household chores, as well as the facilities in the intercommunication and information on a larger scale. For this reason, the research, in the community Pedra Lisa, established its methodological paths composed of a theoretical referential on the themes discussed in the thesis and the empirical work, for knowledge of the reality experienced in the quotidian of the subjects surveyed. The investigation in field, conducted in different stages, through interviews, with annotations in field diary, established by insertion in the community, seeking to experience part of the socio-cultural practices in the place Pedra Lisa and record facts and landscapes from the photography. The objective of this research was to list the peasants values that still exist in the place Pedra Lisa, witnessing a historical memory, preserving identities of the past, made up of people and things, tangible and intangible elements. Thus, its territories also remain present, in a process of coexisting with the modern territories. This way, if their social practices still remain is because they are strong for the social groups that constitute them, leveraging its (re) existence. The research results were distributed into six chapters: the first and the second chapters portray, in descriptive and analytical form, the physical and cultural landscapes and the interrelationships with the lifestyles of the Cerrado's peasant and the agribusiness, indicating the possibility of the space isn't a being handled only by that hold financial resources, since the landscape revealed, from the place, allows the identification of forms and peasants territorial ties; the third chapter, is a reflection about the different social logics, identified in the place, especially, the peasantry and the of the agribusiness, analyzing the different social logics between the coexistences and its contradictions; the fourth chapter provides a discussion around the concepts of territory and territorial bonds that the peasants keep with the place, emphasizing their social practices with the dimension of the territorial ties and the means of the peasants of the Pedra Lisa if relate to their diverse institutions; the fifth chapter, discusses the relationship between the ways of peasant life and the modernity, in order to study the identification of the subjects involved, space/temporally, in the process of reoccupation of the Cerrado, trying to understand the social condition of the milk producers of the Pedra Lisa, face the transformations of the economic modernity and policies imposed on this place; and the sixth chapter, extend the place lived of the peasant of the Pedra Lisa community that continues to exist in a changing space.

Keywords: Quirinópolis, Pedra Lisa Community, Peasants, cane sugar, (re)existence

LISTA DE TABELAS

1: Quantificação do uso do solo no município de Quirinópolis em 1980..... 58

2: Quantificação do uso do solo no município de Quirinópolis em 2008..... 58

3. Variação populacional total e urbana/rural de 1960 a 2010... 82

4: Imóveis rurais cadastrados no Incra – Município Quirinópolis, 2008..... 85

5: Imóveis rurais cadastrados no Incra – Município Quirinópolis, 2011..... 85

6: Financiamentos aos agrocombustíveis controlados pelo Banco Central – 2009..... 92

7: Quantidade de cana-de-açúcar processada pelas agroindústrias Boa Vista e São Francisco em 2010..... 107

8: Redução de área para produção agrícola tradicional para implantação da cana-de-açúcar em Quirinópolis (em hectares)..... 152

9: Comparação de remuneração anual média pelo hectare arrendado para o plantio de cana em Quirinópolis e em alguns municípios de São Paulo..... 153

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

1: Sub-região Pedra Lisa..... 24

2: Microrregião Quirinópolis..... 27

3: Sub-Região Pedra Lisa contendo conteúdos hidrográficos, estradas vicinais, residências das propriedades e área com cana-de-açúcar para comercialização com a Usina Nova Fronteira..... 44

4: Polígono do Agrohidronegócio – Brasil, 2008..... 63

5: Classes de aptidão agrícola para a cana-de-açúcar por tipo de uso do solo, no Estado de Goiás, 2009..... 64

6: Hidrografia do Município de Quirinópolis, com a localização da Sub-região Pedra Lisa..... 71

7: Sub-Região Pedra Lisa contendo conteúdos hidrográficos e áreas com cana-de-açúcar para comercialização com a Usina Nova Fronteira..... 73

8: Construção da Ferrovia Norte-Sul. Em coloração verde, o trecho Ouro Verde (GO) a Estrela D'Oeste (SP) passa pelo Município de Quirinópolis (GO) 90

9: Distribuição da área plantada de cana-de-açúcar em Goiás..... 201

10: Distribuição espacial das agroindústrias de açúcar e álcool em Goiás.. 204

FIGURAS

1: Áreas consideradas aptas para o cultivo de cana-de-açúcar, segundo o Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar..... 61

2: Corredores para escoamento de etanol. Existem diversos consórcios para otimização da estrutura de transportes de etanol através de um arranjo topológico melhorado para o corredor logístico e uso de modais mais eficientes e integrados..... 89

3: Fases do projeto Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa (PMCC), indicando as previsões de execução das obras do consórcio PMCC (Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa) e a capacidade de transporte anual prevista por trecho..... 89

GRÁFICOS

1: Evolução da área plantada (hectares) de arroz e feijão no estado de Goiás – 1960-2009..... 79

2: Evolução do efetivo do rebanho bovino (por cabeça) nas Microrregiões de Quirinópolis, Meia Ponte, Sudoeste, Vale do Rio dos Bois e Ceres – 1990-2009..... 79

3: Evolução da produção de leite (mil litros) nas Microrregiões de Quirinópolis, Meia Ponte, Sudoeste, Vale do Rio dos Bois e Ceres – 1990-2009..... 80

4: Evolução da ocupação com as culturas de milho, soja e cana-de-açúcar em Quirinópolis/GO – 2001-2009..... 81

5: Evolução dos desembolsos do BNDES para o setor agrocombustível – 2006-2009..... 91

6: Evolução e projeção da produção e exportação álcool etílico safra 1975/76 a 2015/16..... 97

7: Venda de automóveis e veículos comerciais leves por tipo de combustível no Brasil – 1979-2010..... 98

8: Evolução da área plantada com cana-de-açúcar no Estado de Goiás – 1960-2011..... 199

9: Evolução da produção de etanol e de açúcar no Estado de Goiás – Safra 1990/91-2010/11..... 199

10: Evolução da área plantada (em hectares) com cana-de-açúcar nas Microrregiões de Quirinópolis, Meia Ponte, Sudoeste, Vale do Rio dos Bois e Ceres – 1990-2009..... 200

FOTOGRAFIAS

1: Córrego Pedra Lisa. O lugar e as manifestações da cultura..... 25

2: Entrada principal da Sub-região Pedra Lisa..... 43

3: instrumentos, ferramentas e utensílios camponeses da Comunidade Pedra Lisa..... 50

4: Latossolo Vermelho, rico em ferro, com características de boa fertilidade para as plantações, em uma das propriedades de Pedra Lisa... 68

5: Pequena propriedade com residência simples cercada pela cana-de-açúcar..... 75

6: Atividade agrícola de cana-de-açúcar. Ao fundo, vista parcial da agroindústria Nova Fronteira..... 100

7: Estrada rural em Pedra Lisa, característica da paisagem camponesa..... 101

8: Propriedade apresentando a casa e estruturas camponesas que posteriormente foram retiradas para a atividade canavieira..... 103

9: Fotos revelando a modificação da paisagem antes e após o arrendamento da propriedade para a produção canavieira..... 103

10: Cana em faze de crescimento na mesma propriedade das fotos anteriores..... 104

11: Vista parcial da agroindústria Nova Fronteira, em Quirinópolis/GO..... 108

12: Doenças que apareceram nas laranjeiras, após o início da atividade canavieira..... 112

13: Transporte de boiada a pé, pela GO 206 entre Quirinópolis-Caçu..... 113

14: Residências próximas ao fundo de vale do Córrego Pedra Lisa..... 119

15: Paisagem heterogênea, contendo cana-de-açúcar, pasto, reserva legal e mata ciliar..... 123

16: Carro de boi que fica constantemente no galpão da Venda do Zé Major..... 127

17: Visão parcial da paisagem observada a partir da entrada principal da Sub-região Pedra Lisa em período de seca..... 129

18: Venda Zé Major, ponto de encontro para bebidas, sinuca, jogos de futebol, e espaço para festas religiosas e profanas..... 130

19: Uma das várias rodas d'água existentes em Pedra Lisa..... 130

20: Uma das várias propriedades de Pedra Lisa com regos d'água, que passa pelo terreiro da casa..... 131

21: Represa dentro do terreiro da casa em uma propriedade de Pedra Lisa..... 132

22: Camponês produtor de leite que, mesmo possuindo um fusca, preserva a tradição da montaria à cavalo..... 132

23: Um dos monjolos em Pedra Lisa, em desuso..... 133

24: Pequenas nascentes ao longo do Córrego Pedra Lisa..... 142

25: Via Sacra realizada na Comunidade Pedra Lisa..... 145

26: Chiqueiro rústico para engorda de porcos..... 148

27: Porca e filhotes criados no pasto..... 149

28: Pequena propriedade de 9,6 ha. Na Sub-região Limeira, ilhada pela lavoura de cana-de-açúcar..... 159

29: Transporte do leite em carrinho de mão, do curral até o tanque de resfriamento..... 168

30: Pai ensinando ao filho como se ordenha uma vaca..... 170

31: Chiqueiro rústico numa das propriedades de Pedra Lisa, para engorda consumo e comercialização de porcos..... 175

32: Produção do leite em uma propriedade que não utiliza curral para ordenha..... 176

33: Produção para economia de consumo..... 177

34: Nascentes com plantação de cana-de-açúcar em seu entorno..... 179

35: Foto da Nova Fronteira, registrada de dentro de Pedra Lisa..... 179

36: Casal de camponeses na tarefa de ordenha manual..... 187

37: Trabalho com o trato do gado, realizado pelos homens..... 188

38: Treino misto, entre jogadores de Pedra Lisa e de outros times..... 191

39: Apropriação, por parte do setor agrocombustível, da estrada de entrada em Pedra Lisa..... 211

40: Utilização da estrada principal da Comunidade Pedra Lisa pela agroindústria Nova Fronteira..... 212

41: Trato do gado com silagem..... 240

42: Camponeses triturando cana e abastecendo os cochos para acrescentar na ração do gado..... 241

43: Trabalho composto de trituração de cana e adubação do solo..... 242

44: camponês produtor de leite utilizando moto e carreta para transporte do leite..... 246

45: Komb's da Prefeitura de Quirinópolis utilizada para transporte da Folia de Reis de Pedra Lisa para a realização do giro..... 247

46: Frutas apresentam doenças na Comunidade Pedra Lisa..... 252

47: Agroindústria Nova Fronteira. Ao fundo, as grandes chaminés das caldeiras que funcionam também para produzir energia elétrica..... 256

48: Etapas da produção da cachaça de Pedra Lisa..... 258

49: Segunda etapa da produção da cachaça..... 259

50: Produção familiar de rapadura para consumo e mercado local..... 260

51: Casa rústica às margens do Córrego Pedra Lisa..... 261

52: Casa simples de um dos camponeses de leite da Comunidade Pedra Lisa..... 262

53: Terreiro típico dos camponeses da Comunidade Pedra Lisa..... 262

54: Folia de Santos Reis de Pedra Lisa em 2010; Festa de aniversário no barracão da Venda do Zé Major..... 265

55: Festa Junina quando ainda existia a Escola Municipal Rural Pedra Lisa..... 267

56: Festa de São João em Pedra Lisa; Reza do terço semanal nas casas 268

57: Festa de São João em Pedra Lisa em julho de 2012: dança da quadrilha; cavalgada..... 269

58: Coleta do leite armazenado em um dos tanques em Pedra Lisa..... 271

59: Tipos de ordenha realizadas em Pedra Lisa..... 272

60: Currais de formato rústico; parte de um curral mais moderno..... 273

61: Venda do Zé Major..... 274

62: Espaço em construção para rodeio..... 274

63: Antena parabólica contrastando com a casa rústica; produção leiteira 280

64: Alguns camponeses que ainda não possuem veículos automotivos utilizam a carroça para transportar leite, bem como pessoas..... 280

65: Dois momentos de encontros na Comunidade Pedra Lisa..... 291

66: Procissão da Via Sacra realizada em abril de 2011..... 292

67: Jantar servido após um dos encontros em família para reza do terço... 293

68: Missa mensal na Comunidade Pedra Lisa, na extinta Escola Municipal (Grupo), parte interna..... 294

69: Extinta Escola Municipal (Grupo), parte externa..... 294

70: Duas festas realizadas na Venda do Zé Major, uma religiosa, outra profana..... 298

71: Folia de Reis na cidade de Quirinópolis..... 299

72: Foto da Folia de Reis de Quirinópolis em matéria de um jornal local; apresentação do grupo de catira em um evento na cidade..... 301

73: Chegada de duas Folias de Santos Reis na Venda Zé Major; tendas armadas pela Prefeitura para acolher o público da festa..... 302

74: Chegada da Folia de Reis Pedra Lisa e passagem pelo primeiro arco; altar preparado para a reza do terço, enfeitado sobre um carro de boi..... 304

75: Terço rezado após a apresentação das Folias de Reis; pessoas se ajoelham para beijar a bandeira em devoção aos Santos Reis..... 304

76: Integrantes da Folia de Reis de Pedra Lisa, composta em maioria por moradores da Comunidade Pedra Lisa..... 305

77: Almoço de Natal oferecido pelos festeiros do ano (2010/2011)..... 308

78: Degustação servida aos foliões quando das visitas nas casas em Pedra Lisa; camponesa de Pedra Lisa côa café para os foliões..... 309

79: Cachaça fabricada em Pedra Lisa, servida, com moderação, aos foliões..... 309

80: Preparo dos alimentos para a festa de Reis de 2010/2011..... 310

81: Fornos permanentes construídos de tijolos e barro, na venda do Zé Major..... 311

82: Time de futebol Pedra Lisa de outras épocas..... 312

83: Troféus conquistados pelo time Pedra Lisa..... 312

84: Partida de futebol disputada pela Pedra Lisa em abril de 2011, pelo 313

campeonato municipal.....

85: Atual time de futebol Pedra Lisa; familiares e amigos torcedores vão ao estádio prestigiar o time..... 314

86: Uma das bicas d'água existentes em Pedra Lisa, passando pelo terreiro de uma residência; carro de boi em desuso..... 315

87: Curral rústico, característico das décadas 1960/70..... 316

88: Criação de porcos e galinhas..... 316

89: Residência às margens do Córrego Estiva, cobertas pela mata ciliar... 317

90: Monjolo em desuso, preso, permitindo a passagem livre da água da bica na Comunidade Pedra Lisa..... 318

91: Paisagem típica das áreas de Pedra Lisa, com pasto e ao fundo a mata ciliar junto às residências fixadas às margens dos Córregos..... 319

92: Tarefa de mochar bezerros, praticadas pelos homens, em forma de mutirão..... 320

93: Pequena roça destinada ao consumo familiar; produção de cachaça para consumo e mercado local..... 322

94: Propriedades abandonadas..... 324

95: Propriedades e casas abandonadas e demolidas..... 325

LISTA DE SIGLAS

ActionAid: Organização internacional, não governamental, de combate à pobreza no mundo.

Agrovale: Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Vale do Paranaíba.

Alcopar: Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná.

ANA: Agência Nacional de Águas.

Aprocana: Associação dos Produtores de Cana.

ATR: Açúcares Totais Recuperáveis.

BC: Banco Central

BM: Banco Mundial.

BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

CE/ Produzir: Comissão Executiva do Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás.

CPT: Comissão Pastoral da Terra

EIA-RIMA: Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto do Meio Ambiente.

Emater: Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural.

FAO: Food and Agriculture Organization. Em português: Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

ha: hectare.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICMS: Circulação de Mercadorias e Serviços.

Incra: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Jica/Prodecer: Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados.

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário

ONG: Organização Não Governamental.

Petrobrás: Empresa Petróleo Brasileiro S/A.

PMCC: Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa.

PND (I e II): Plano Nacional de Desenvolvimento.

Polocentro: Programa de Desenvolvimento dos Cerrados.

Proálcool: Programa Nacional do Álcool.

Produzir: Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás.

Radambrasil: Projeto dedicado à cobertura de diversas regiões do território brasileiro, em especial a Amazônia, por imagens aéreas de radar, captadas por avião.

SEDA: Sistema de Escoamento Dutoviário de Álcool e Derivados.

SR: Sindicato Rural.

STR: Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Sudeco: Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste.

WWF: World Wide Fund for Nature. Em português: Fundo mundial para a vida selvagem e natureza.

ZAE: Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS MODOS DE VIDA E DOS TERRITÓRIOS NA COMUNIDADE PEDRA LISA..... 23

Problemáticas e objetivos como elementos fundantes para formulação da tese..... 32

Caminhos Metodológicos..... 38

Estrutura do texto..... 50

1. OS CONTEÚDOS DAS PAISAGENS E DOS MODOS DE VIDA DO CAMPONÊS DE PEDRA LISA..... 55

1.1. Recursos naturais como contributos ao processo de uso e ocupação do espaço rural de Quirinópolis..... 55

1.2. (Re)ocupação do espaço em áreas de Cerrado: recursos naturais como atrativos ao modelo do agronegócio..... 74

1.3. A agroindústria da cana se estabelece e reorganiza o espaço rural quirinopolino..... 105

2. AS PAISAGENS COMO TESTEMUNHOS DAS TEMPORALIDADES SOCIAIS NO CERRADO DE QUIRINÓPOLIS..... 117

2.1. A paisagem desconstruída e reconstruída ao mesmo tempo..... 117

2.2. A heterogeneidade das paisagens de Pedra Lisa..... 128

2.3. Metamorfoses nas relações socioculturais camponesas..... 134

2.4. Paisagens culturais: conteúdos e imaginários..... 138

2.5. As tensões que decorrem do arrendamento..... 152

3. OS CAMPONESES E O AGRONEGÓCIO: AS DIFERENTES TEMPORALIDADES E LÓGICAS SOCIAIS NO LUGAR PEDRA LISA..... 165

3.1. No espaço da cana, o lugar Pedra Lisa..... 165

3.2. As distintas temporalidades sociais camponesas do lugar Pedra Lisa..... 181

3.3. A lógica do agrocombustível: a nova frente do agronegócio..... 196

4. PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E DE RESSIGNIFICAÇÕES DAS PRÁTICAS SOCIAIS CAMPONESAS DE PEDRA LISA..... 209

4.1 Territorializações e ressignificações de uma campesinidade..... 209

4.2. As várias dimensões do território de Pedra Lisa..... 215

4.3. A dimensão dos vínculos territoriais de Pedra Lisa na existência camponesa..... 220

5. ESTRATÉGIAS CAMPONESAS E A MODERNIDADE DO SETOR AGROCOMBUSTÍVEL EM PEDRA LISA..... 235

5.1. As estratégias para a existência camponesa no lugar Pedra Lisa..... 235

5.2. As estratégias contidas nas sociabilidades camponesas..... 244

5.3. As práticas sociais em Pedra Lisa..... 243

6. LUGARES E CONTEÚDOS CAMPONESES EMERGIDOS DAS TENSÕES COM O AGRONEGÓCIO EM PEDRA LISA..... 278

6.1. As especificidades da existência camponesa em Pedra Lisa..... 278

6.2. As práticas sociais locais nos territórios das festas e das rezas..... 287

6.3. A sociabilidade camponesa em Pedra Lisa..... 297

6.3.1. A sociabilidade camponesa nas especificidades da festa..... 297

6.3.2. A sociabilidade camponesa nas organizações sociais..... 314

6.4. O lugar da produção e da existência camponesa de Pedra Lisa..... 321

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MODOS DE VIDA E OS TERRITÓRIOS NA COMUNIDADE PEDRA LISA..... 327

REFERÊNCIAS..... 338



Desenho da Fotografia 3, página 50, ilustrando instrumentos, ferramentas e utensílios camponeses. Autoria: Gabriel Lucas de Souza Ribas

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS MODOS DE VIDA E DOS TERRITÓRIOS NA COMUNIDADE PEDRA LISA

A comunidade camponesa Pedra Lisa está inserida no Município de Quirinópolis e constitui uma das 21 sub-regiões criadas administrativamente pelo poder público municipal[1], para planejar ações políticas e econômicas no campo. Essa sub-região localiza-se ao sul do município, indicada no mapa 1, pela coloração amarelo-claro e hachuras, predominando as pequenas propriedades e a atividade com gado leiteiro.

São famílias que estão em Pedra Lisa há mais de quarenta anos, algumas das pessoas são nascidas ali, por pertencer à família original ou Casa-Tronco[2], ou seja, desde quando o Sr. Joaquim Alves da Silva a fazenda, em torno dos anos 1910, trazendo sua família de Uberaba/MG, onde vivia. Essas construíram suas vidas e relações sociais nesse lugar.

Nessa existência camponesa, a conjugação de práticas sociais de outras épocas com a incorporação de tecnologias mais modernas, como apresentam Santos e Silveira (2001), como meios técnico-científicos, é representada de forma mais expressiva no armazenamento do leite. Nesse caso, utilizam-se do tanque de resfriamento. Outro aspecto dessa incorporação se encontra no transporte do leite, quando são utilizados veículos automotores. Entretanto, no que se refere a mercadorias de consumo, uma quantidade muito maior de equipamentos foi introduzida, na perspectiva de uma economia do trabalho e redução do esforço humano[3], nas tarefas domésticas, assim como das facilidades na intercomunicação e informação em escala maior.

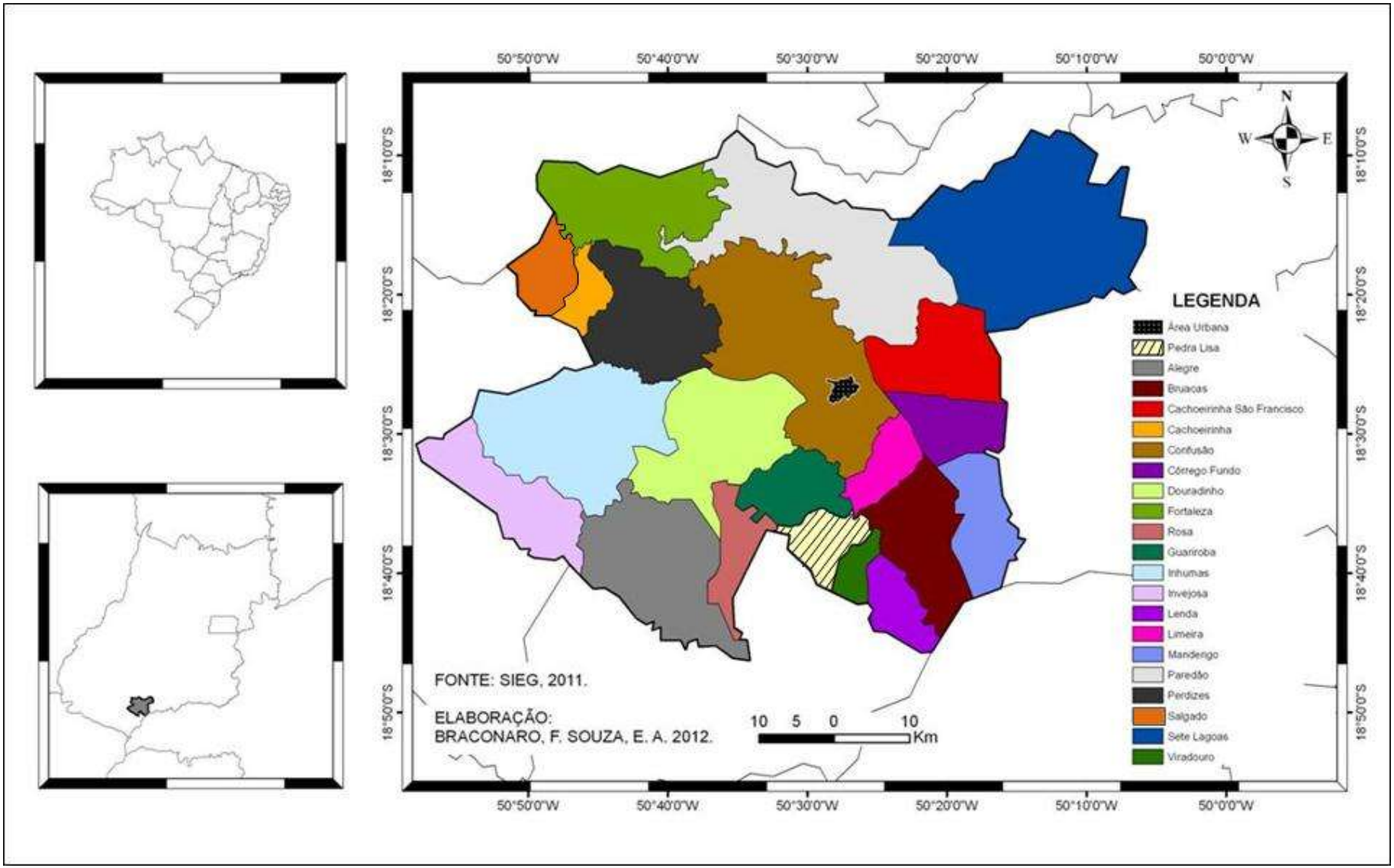
A Fazenda Pedra Lisa já existia com esse nome quando o Sr. Joaquim Alves da Silva ali chegou, entretanto, é importante destacar que a fazenda tomou emprestado o nome do “Córrego Pedra Lisa” (Fotografia 1), que passa por essas terras. Não há registros na memória da população sobre a origem dessa denominação ao curso d’água.

---

[1] Essa classificação é, portanto, uma criação municipal, ou seja, não reconhecida pela classificação do IBGE.

[2] Woortmann entende a terra como patrimônio que se sobrepõe ao indivíduo, o que significa que, em Pedra Lisa, grande parte dos herdeiros permaneceu no lugar, por conta da terra deixada pelos pais (WORTMANN, 1990).

[3] Os camponeses envelheceram e precisam cada vez mais da ajuda das máquinas (aquilo que é possível financeiramente), já que os filhos nem sempre estão presentes para ajudá-los e dar continuidade ao seu trabalho.



Mapa 1: Sub-Região Pedra Lisa
Elaboração: PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS, ADAPTADO POR BRACONARO, Fernando; SOUZA, Edevaldo A., 2012



Fotografia 1: Córrego Pedra Lisa. O lugar e as manifestações da cultura. Uma das possibilidades para a origem do nome pode ser pelo afloramento da rocha que, por ser escorregadia devido à umidade, os primeiros habitantes do lugar entenderam se tratar de pedras muito lisas.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor

Originalmente, as terras abrangiam 1000 alqueires (4.840 ha), que, com o passar do tempo, foram desmembrados e divididos entre as novas gerações como herança, até chegar, ao momento atual, com a divisão em pequenas parcelas de terras.

Atualmente, o Município de Quirinópolis, assim como o Sul Goiano, está em um contexto importante para o setor agrocombustível[4], devido aos fatores físicos, geográficos e econômicos favoráveis. Para Camelini (2011), o município possui características importantes para ser identificado como centralidade no processo de expansão do setor agrocombustível para o Cerrado.

> Está registrado o planejamento para instalação de um distrito industrial voltado ao setor sucroenergético (cujo nome provisório é DIUSE – Distrito para Indústrias do Setor Sucroalcooleiro), o que tornaria o município [de Quirinópolis] um polo regional, referência do setor, tal qual Sertãozinho, SP, outro indicativo de sua centralidade, desta vez no que se refere à ambição de reproduzir no Cerrado todas as condições necessárias para a construção de novos empreendimentos [...] (CAMELINI, 2011, p. 89).

Várias agroindústrias da cana se instalaram nessa mesorregião para a produção de agrocombustível, transformando imensas áreas de terras em lavouras de cana-de-

[4] Entende-se por setor agrocombustível uma nova estratégia de reprodução do capital global, com argumentos de ser um produto energético renovável e "sustentável", com base em uma matriz energética "limpa" e "verde", ou seja, produção de combustíveis a partir de vegetais. Respeitando as normas da ABNT em citações diretas, aparecem termos como "setor sucroalcooleiro", "setor energético" e "setor canavieiro", utilizados por outros autores. Entretanto o termo utilizado no texto desse trabalho é o "agrocombustível".

açúcar. A forma mais clara de perceber tais mudanças é a observação da paisagem, que se transformou de Cerrado a pastagem, milho ou soja, primeiramente, e, recentemente, em um verdadeiro “mar de cana”, alterando, sobremaneira, as formas organizacionais das comunidades camponesas.

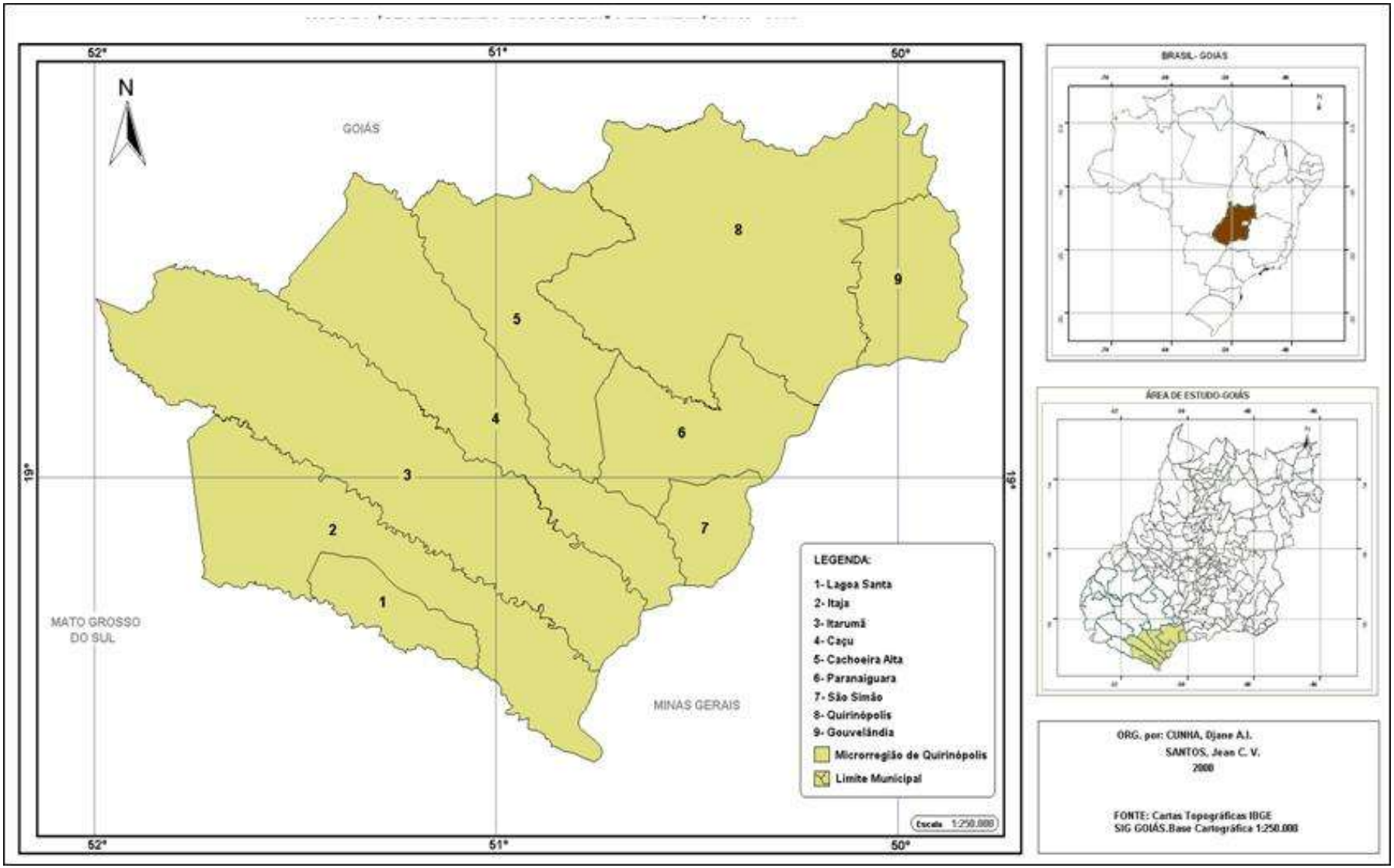
O Município de Quirinópolis se insere nessa área com um forte potencial de organização e coordenação do processo produtivo, tendo duas agroindústrias da cana instaladas em seu território, bem como outras empresas de produção e serviços ligadas, ou estimuladas, pelo complexo do agrocombustível, presentes, inclusive, em municípios vizinhos, localizados na Microrregião 018[5], também denominada de Microrregião Quirinópolis.

A microrregião de Quirinópolis é uma denominação baseada nos critérios de regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), composta pelos municípios de Quirinópolis, destacado pelo número 8 no mapa 2; Lagoa Santa, indicado pelo número 1 no mapa; Itajá, pelo número 2; Itarumã, número 3; Caçu, número 4; Cachoeira Alta, 5; Paranaiguara; 6; São Simão; 7; e Gouvelândia, 9, “com uma área total superior a dezesseis mil quilômetros quadrados (16.117,60Km²), limitando-se com os Estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul” (SANTOS, 2010, p. 22).

Convém comentar que as lógicas e interesses para instalação de um grande empreendimento, como essas agroindústrias da cana[6], em determinado município, causam discussões e contradições. São visões divergentes e conflitantes, por conta de interesses antagônicos, instalados nesses locais.

Diante desse quadro, a pesquisa considerou as diferentes lógicas sociais que envolvem a implantação da produção agrocombustível e outros modelos de atividades do agronegócio, e as relações de produção e os modos de vida dos camponeses no campo, com produção de leite para o mercado local e de alimentos para o consumo, no Município de Quirinópolis.

[5] Microrregião e mesorregião são categorias de classificação regionais reconhecidas pelo IBGE.
[6] Entendemos agroindústria da cana como todo o processo de produção cuja matéria-prima seja a cana-de-açúcar. No campo, do plantio à colheita, na agroindústria, da moagem à produção de etanol, açúcar ou até mesmo a geração de energia elétrica pelo bagaço da cana.



Mapa 2: Microrregião Quirinópolis
Fonte: Mapa extraído da tese de SANTOS (2010)

Neste trabalho, adota-se o termo “agro” e não “bio” para se referir à produção de álcool e de energia combustível (agrocombustível e agroenergia). O discurso parece ser apenas conceitual, mas, na verdade, de acordo com Stédile (2007), é ideológico e também político, uma vez que “bio” representaria um combustível feito com vida. “Agro” vai representar apenas que o combustível é produzido a partir de vegetais e de produtos agrícolas. Para Moreno (2007, p. 57), onde a *Food and Agriculture Organization* (FAO) “vê ‘bioenergia’, na verdade, pode-se visualizar ‘agronegócio’. E o que a FAO chama de ‘biocombustíveis’, deve-se, coerentemente, denominar ‘agrocombustíveis’”.

O Município de Quirinópolis, que se localiza na Mesorregião Sul Goiano, tem sua posição geográfica determinada pelas coordenadas 18º 26’52” de latitude Sul e 50º 27’07”, de longitude Oeste, contando com uma área territorial de 3.780,695 km^2 (IBGE, 2012), o que representa 1,11% do território estadual. Tem sua sede municipal situada a uma altitude média de 540 metros e localiza-se a cerca de 300 km de Goiânia. A malha rodoviária de ligação a outros municípios constitui-se, principalmente, pela GO 164, com acesso a BR 452, em Paranaiguara, e pela GO 206, interligando a BR 384, em Itumbiara.

A Sub-região Pedra Lisa, assim como a de todo o Município de Quirinópolis, caracteriza-se, em seu contexto original, pela vegetação de Cerrado, tendo pequenos espaços preenchidos por campos e Mata Atlântica. É bom lembrar que essa vegetação está quase totalmente extinta, restando apenas 3% da cobertura original[7]. Almeida afirma que na forma de Unidades de Conservações, “apenas 1,5% de seu território” está preservado.

De acordo com o Plano Diretor de Quirinópolis (2008, p.18), “o estudo da vegetação permite conhecer as condições naturais do território, as influências antrópicas recebidas ao longo dos tempos e aqueles vetores de pressão antrópica ainda existentes”. Segundo esse documento, até a década de 1950, o município possuía pouca área explorada para a agropecuária, sendo 16.406 hectares cultivados com atividades alimentares, e 153.944 hectares com produção extensiva

[7] Esses dados podem ser encontrados no site da Universidade Federal de Campina Grande/PB, <http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=3056> (UFCG), acesso em 03/10/2012. Esse texto ainda esclarece que o “Cerrado é o bioma mais ameaçado do Brasil. Muito mais do que a Amazônia. [...] ela caminha para ter 20% de sua cobertura total em unidades de conservação. No Cerrado, esse índice é de 3%. Além disso, a taxa de desmatamento é muito maior”.

do gado bovino, de acordo com dados de Santos (2004). Nas décadas seguintes, começou a haver mudanças, juntamente com o Estado de Goiás, pelo fato de se inserirem no ciclo produtivo nacional. Dessa forma, as áreas destinadas à agricultura e pecuária foram significativamente ampliadas, modificando a paisagem da Mesorregião Sul Goiano.

As paisagens atuais podem ser entendidas como feição ou forma da estruturação de um território que vem sendo construído um sobre o outro e que, há muito tempo, estiveram presentes nesse espaço. Todavia, tendo, no atual território, a priorização de produção de cana, certamente, ampliará a “pressão” social, econômica e cultural, constituída sobre os sujeitos, tais como os proprietários de terras, grandes, médios e também os camponeses, uma vez que outras atividades produtivas podem não mais serem consideradas atrativas, em termos mercadológicos.

Não se pode deixar de mencionar, entretanto, que, entre os aspectos socioeconômicos, também havia, e ainda há, elementos socioculturais territorializados nos lugares planejados pela agroindústria da cana (e pelo Estado). Famílias camponesas do Cerrado cultivavam os campos, reproduziam-se socioculturalmente e mantinham relações comunitárias rurais, e inclusive com o sistema urbano local. Atualmente, por mais que a modernização da produção no campo tenha desterritorializado famílias de camponeses, muitas, sobretudo em Pedra Lisa, permanecem nos seus sítios produzindo leite, alimentos para consumo direto, e reproduzindo a sua existência.

Além das pequenas propriedades, as médias e grandes igualmente operavam um sistema agropecuário produtivo, ora com a soja e o milho, ora com a pastagem para a criação do gado de engorda e da produção leiteira, produzindo territorialidades distintas, que se concretizavam em paisagens culturais e modos de vida típicos da região.

Desse modo, a produção dos agrocombustíveis, e, principalmente, a perda dos vínculos territoriais com as comunidades camponesas direcionam a investigação para a análise do território e as relações de poder que ali se estabelecem. Esse fato justifica o trabalho, que tem como proposta analisar a territorialização da produção da cana-de-açúcar nas regiões apresentadas e investigar a realidade das famílias da Comunidade Pedra Lisa de produção leiteira, sua produtividade e comercialização, bem como seu espaço vivido e concebido.

A compreensão das permanências culturais se faz presente ante o processo de monocultura, vistas no sentido de práticas sociais que testemunham elementos do passado num presente, com circuitos produtivos e de rearranjos espaciais novos, que geram disputas e readequação dos vínculos territoriais.

Isso significa compreender que as alterações que ocorrem no espaço rural não são apenas de produção agropecuária ou outros usos do Cerrado, mas também da produção dos meios de vida e dos vínculos com o território e com o lugar, que configuram também a paisagem. Dessa forma, o importante é entender que esses meios não são extintos, eles continuam existindo e, se permanecem, é porque são fortes para os grupos sociais que os constituem. Eles se potencializam para garantir sua (re)existência[8].

De acordo com Shanin (2005), os camponeses "persistem, ao mesmo tempo em que se transformam e se vinculam gradualmente à economia capitalista circundante, que penetram em suas vidas". Nesse sentido, o autor afirma que os modos de vida camponesa atuais não são os mesmos que os de outros tempos, evidenciando que "os camponeses continuam a existir, correspondendo a unidades agrícolas diferentes em estrutura e tamanho, do clássico estabelecimento rural familiar camponês, em maneiras já parcialmente exploradas por Kautsky" (SHANIN, 2005, p. 9).

Com relação aos vínculos territoriais, Stumpf Mitchell (2009) entende que se deve partir do cotidiano, visto que este é construído nas territorialidades, onde se (re)produzem esses vínculos. Álvaro Heidrich vai defini-lo, relacionando-o ao conceito de espaço. Para ele:

> [...] se levarmos em consideração as mais amplas referências das integrações sociais, tais vínculos podem ser apreendidos por expressões como: apropriação, valorização e consciência. A apropriação do espaço consiste na criação dos territórios, em seu duplo sentido de posse e de adequação (HEIDRICH, 2012, p. 23).

Na verdade, para o autor, há um "sentimento de pertencimento a um lugar ou território, [que] consiste no campo da identidade e relaciona-se com a intencionalidade com a qual se faz a representação de nossas ligações, constroem-se os mitos e se definem os agrupamentos humanos" (HEIDRICH, 2012, p. 23-24).

[8] Como exemplo, podem ser citados os queijos e requeijões, ou as galinhas e ovos caipiras, produzidos não mais para consumo, mas para o mercado.

Diante desses fatos, este trabalho se justifica pela necessidade de compreensão das mudanças nos modos de vida camponesa que se estabelecem nas mutações do espaço, a partir de um processo que territorializa um modo de produção, nos moldes da monocultura de exportação, mas reafirmam sua existência.

É necessário esclarecer que o camponês de Pedra Lisa, que mantém os modos de vida de outros tempos, evidencia, em sua organização social e familiar, a incorporação de práticas da modernidade. A seleção dessas práticas e de equipamentos modernos é estabelecida a partir de parâmetros relacionados ao poder de capital, ou seja, ter ou não disponibilidade financeira para comprar, por exemplo, veículos automotores e ordenha mecânica, e também pela necessidade de preservar o que, para eles, é precioso, como práticas herdadas dos antepassados, como a religião e a festa.

Dessa forma, o que é dito como tradicional já não o é na sua originalidade. Há apenas partes, traços dessa ou daquela tradição, mas que, pelo movimento da sociedade, trouxe invenções e reinvenções, inclusive encolhimento e expansão dessa tradição. Embora Hobsbawm tenha escrito que:

> [...] apesar de todas as invenções, as novas tradições não preencheram mais do que uma pequena parte do espaço cedido pela decadência secular das velhas tradições e antigos costumes [...] já poderia ser esperado em sociedades nas quais o passado torna-se cada vez menos importante como modelo [...] para a maioria das formas de comportamento humano (HOBSBAWM, 1997, p. 25).

De qualquer modo, o que se encontra em Pedra Lisa são arranjos e estratégias que não anulam esses camponeses, e também não os restituem somente nas tradições, mas também nas invenções. Existem várias temporalidades e várias lógicas sociais, revelando como os arranjos e as práticas sociais reinventadas funcionam. É nesse processo que ele se ergue como sujeito capaz de interpretar e potencializar a vida, a partir daquilo que o mercado lhe possibilitou e a partir da cana-de-açúcar que se instala no lugar.

É nessa perspectiva que entendemos ser necessário dar uma resposta a discursos e teses de que o campesinato deixou de existir por conta da modernização da produção no campo. Minha trajetória de vida me exige essa investigação, visto que, em minha juventude, fui integrante da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e convivi com a luta de vários grupos de camponeses, sobretudo na luta pela conquista da terra e pela sua manutenção.

No meio acadêmico, a monografia de Especialização em Geografia foi resultado de uma pesquisa a respeito de um distrito rural, no Município de Três Lagoas/MS, que passava por um decréscimo populacional, comprovando, nas pesquisas, que duas causas graves para o fenômeno estavam na ausência de políticas públicas para as atividades camponesas e na degradação do solo, por conta de manejos inadequados por falta de orientação técnica.

No mestrado, nossa pesquisa envolveu uma comunidade ribeirinha que foi desterritorializada pela formação do lago da Usina Hidrelétrica Sérgio Motta e, após muitas rodadas de negociação entre a associação dos ribeirinhos e a empresa responsável, parte dela foi reterritorializada na meia vertente longe das margens do Rio Verde, em Brasilândia/MS.

Essa experiência comprovou que os camponeses buscam estratégias para permanecer no campo, nas suas atividades agrícolas, leiteira e, no caso dos ribeirinhos, da pesca, como necessidade de se reafirmarem como sujeitos sociais da história. Em toda essa trajetória e vivência com os camponeses, o religioso se tornou elemento de relevância para o encorajamento e ação nas lutas, assim como para a reafirmação na condição de sujeito e criatura de Deus. Por intermédio da igreja católica (por vezes, em atividades ecumênicas entre igrejas), estivemos presentes em muitas das celebrações e devoções ao sagrado, na busca da proteção e bênçãos, por intermédio de algum santo, realizadas nessas comunidades camponesas.

Baseado nesse movimento de vida pessoal e acadêmica, encontramos, na Comunidade Pedra Lisa, a necessidade da investigação da existência e (re)existência camponesa e de suas práticas sociais como afirmação de que as tradições que vieram do passado, por mais que algumas estejam totalmente extintas, outras sofrem transformações, adequações e aperfeiçoamentos, mas permanecem para potencializar os sujeitos da história.

Problemáticas e objetivos como elementos fundantes para formulação da tese

Este trabalho analisou o comportamento dos membros dessa comunidade, na fase atual, com relação às investidas do capital agrário. Para isso, considerou-se desde o processo de modernização da agricultura, iniciado no final dos anos 1960, adentrando a década de 1970, e as transformações no espaço rural, a partir desse

novo modelo de produção, até chegar a meados dos anos 2000, com a introdução da cana-de-açúcar para a produção de etanol e açúcar no município e região.

Nesse contexto, o camponês da Comunidade Pedra Lisa agiu e reagiu aos diferentes processos, existindo e (re)existindo no local, de forma particular. É dessa particularidade que desenvolvemos os nossos estudos, pois, no lugar, fomos descobrindo os resíduos[9] que emergem na existência desse camponês como elementos irredutíveis e que se potencializam nas mutações do espaço, constituindo-se como a problemática da pesquisa, já que a definição do problema, segundo Gomides (2002), é a chave para o sucesso da pesquisa[10].

As práticas sociais presentes na comunidade estabelecem territorialidades que se manifestam nas paisagens camponesas reveladas em Pedra Lisa, apresentando modos de vida, heterogeneidades, conflitos entre o lugar e o global, assim como nas ações e atividades entre os próprios camponeses. Isso é importante porque implicam temporalidades sociais diferentes, que promovem tensões aos vínculos territoriais. No entanto os vínculos definem e redefinem identidades próprias, possibilitando aos sujeitos se identificarem com o lugar “Pedra Lisa”, e, mais ainda, sentirem orgulho ao se referirem assim.

Depois dessas considerações, pôde-se estabelecer o(s) objetivo(s) desta pesquisa, qual seja: identificar, analisar e compreender que os modos de vida no Cerrado ainda existem como testemunho de uma memória histórica, preservando identidades do passado, constituídas de gentes e coisas, de elementos materiais e imateriais. Assim sendo, seus territórios também continuam presentes, num processo de coexistência com os territórios modernos.

A problemática da pesquisa, portanto, afirma-se no momento de transformações das paisagens e nos territórios camponeses pelo qual Pedra Lisa

---

[9] Resíduos sociais podem ser vistos como vitalidades do sujeito de uma determinada comunidade ou grupo social que mantém elementos sociais guardados e num determinado tempo e que precisa ser usado, não aleatoriamente, mas no momento adequado, naquilo que as necessidades apontam como funcional da lógica camponesa. Para Andrade e Santos (2007, p. 27), os resíduos culturais constituem-se de formas de pensar, fazer, agir e reagir que não sucumbiram com o desenvolvimento tecnológico presente nos grupos sociais camponeses. São conteúdos históricos presentes, por meio da memória e do imaginário social coletivo “das pessoas do lugar, os quais possibilitam reproduzir relações, práticas e eventos socioculturais e religiosos específicos de outros momentos da história, e que se inscrevem no mundo vivido”. Esses conteúdos são impressos na configuração espacial dos grupos sociais, reproduzindo suas identidades na reconstrução de um novo território.

[10] Tudo começa com uma problemática, que “consiste em dizer de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver. O objetivo da formulação do problema da pesquisa é torná-lo individualizado, específico” (GOMIDES, 2002, p. 7).

vem passando, mesmo que a cana-de-açúcar ainda não tenha adentrado muito nessa comunidade, apenas em oito propriedades, num total de 64. Entretanto, é necessário envolver essas transformações, destacando as diferenças, as contradições, os desencontros, o que foi incorporado[11] do novo, para chegar-se a uma análise coerente do fenômeno e das consequentes ações dessas reorganizações da produção e dos modos de vida.

No desdobramento desta análise, tornou-se necessário compreender as implicações das tradições transformadas a partir das diferentes temporalidades sociais que existem no Cerrado e que se fazem presentes na elaboração e proposição das relações sociais de produção, que acabam se constituindo em saídas para que o camponês permaneça se redefinindo no seu território. No que se refere às mudanças nas tradições, Hobsbawm (1997) apresenta duas formas de invenção da tradição, a oficial e a não oficial. Para o estudo em Pedra Lisa, interessa-nos o caso das invenções não oficiais, que "são as que foram geradas por grupos sociais sem uma organização formal, ou cujos objetivos não eram conscientemente políticos".

Assim, os elementos tradicionais que permanecem são os resíduos de tempos passados que, para os camponeses, são importantes, e que se concretizam nas rezas, nas festas, nos sistemas de produção, na organização do espaço. Essas mesmas tradições, porém, são abaladas pelo movimento da sociedade, possibilitando a recriação e reinvenções desse tradicional, ou seja, a permanência dos camponeses é possível porque eles são capazes de recriar as relações sociais importantes para a reafirmação dos seus modos de vida.

O camponês permanece em Pedra Lisa pelo fato de ainda ter guardados esses resíduos que, modificados, potencializam sua existência. As práticas religiosas têm sido uma das mais vitalizadoras dos costumes e dos vínculos com o lugar, uma vez que a igreja ainda se faz presente, como defende Brandão (2007, p. 269), na condição de "permanecer no interior do sistema católico popular e recorrer, com frequência, aos serviços religiosos comunitários e, à distância, aos do padre".

A questão moral e ética, repassada pela religião, ainda é sinal de que esses sujeitos prezam as suas tradições, ainda que ressignificadas. O resto da vida de fé, escreve Brandão,

[11] Entende-se que nessa incorporação da modernidade, há os elementos que são passivamente aceitos e os que são forçados, ou seja, não há como evita-los.

> [...] fica mesmo dentro do que se faz no “bairro” da roça [...] que aprendeu com os mais velhos as regras e os costumes da religião. [...] aprendeu, assim, a não esquecer o mapa sagrado, com nome, posição e ordem dos seres, segundo as relações entre ela própria e Deus, segundo suas especialidades e os momentos em que devem ser convocados “em defesa do cristão” (BRANDÃO, 2007, p. 259).

Nessa perspectiva, o trabalho empregou parte das reflexões e análises teóricas na leitura da paisagem cultural, do território e do lugar, visto que essas categorias se mantêm vinculadas com as práticas éticas e morais desses camponeses, direcionando os estudos para as metamorfoses e reconfigurações das paisagens cerradeiras[12], promovidas pela produção do etanol, mais especificamente, a implantação da cultura da cana-de-açúcar.

Entendemos que as transformações ocorridas no processo de produção agrícola e pecuária, no Cerrado, desencadeiam também modificações no cotidiano das pessoas, que passam a estruturar sua vida a partir das novas necessidades da produção e consumo, que surgem com a modernização no campo, estabelecida também no lugar estudado. É preciso dizer, ainda, que, dentro da lógica camponesa, isso não se cumpre na sua totalidade, ou seja, nem a tudo eles precisam ou podem se adaptar, a exemplo da roda d’água e da ordenha manual.

Com as reflexões teóricas e problemáticas de fundo social, a pesquisa buscou identificar as transformações nas paisagens e nas gentes que sobraram em Pedra Lisa. A Geografia Cultural, sobretudo, com as categorias paisagem, território e lugar[13], tem contribuição fundamental para a discussão dos modos de vida e das ressignificações, ou seja, dos valores humanos que estão sendo alterados a mediante a imbricação de elementos modernos.

Dispensa-se atenção especial à identificação dos sujeitos envolvidos, espaço/temporalmente, no processo de ocupação do solo e do bioma, buscando entender os ganhos e as perdas dentro do processo relacional das transformações socioculturais, a partir das mudanças econômicas e políticas impostas ao lugar pesquisado.

No processo de escolha do lugar de implantação de grandes projetos de investimentos capitalistas, a utilização da tecnologia é indispensável, e o

[12] Entende-se pela palavra cerradeira os elementos ou fatos ocorridos no Cerrado brasileiro. No caso específico desta pesquisa, no Cerrado goiano.

[13] De acordo com Stumpf Mitchell (2009, p. 3), há uma relação entre os conceitos “de posse, uso e representação do espaço, que permitem ainda a articulação de outros conceitos, como paisagem, lugar, região, território”.

conhecimento geográfico tem servido de base para as pesquisas, tanto geofísicas, como geo-humanas. Sabe-se que o grande capital agrário lança mão das tecnologias e estudos científicos para organizar suas atividades, afinal, é preciso recuperar capitais a ser investidos. Isso quer dizer que a Geografia, sobretudo em sua corrente pragmática, contribuiu para a concretização do modelo de produção de agroexportação e agrocombustível, além de auxiliar as empresas rurais nas tomadas de decisões.

É necessário que essa mesma Geografia, na sua corrente humanista, desenvolva um processo de contribuição às gentes que sobram nesse processo de redefinição da produção econômica. São sujeitos detentores de saberes e fazeres próprios do lugar e, como camponeses, existem na mutação do espaço.

Dessa forma, o debate da ciência geográfica deve colaborar para a compreensão dos problemas causados pelas atuações do capital, pelo fato de existir aí uma dialética, ou seja, ao mesmo tempo em que há a ação, existem as reações dos sujeitos do lugar, que usam o espaço sob outras lógicas, rearticulando-se nas mudanças espaciais. Há também que considerar que as práticas sociais das famílias camponesas de Pedra Lisa não são estabelecidas somente pelo econômico, mas também pelos valores morais e éticos vindos, sobretudo, da religião e dos costumes passados pelas gerações.

O texto procura apresentar, ainda, a compreensão sobre o conceito de território, não somente como relações de poder, mas, sobretudo, como apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social e cultural, envolvendo famílias de pequena produção de leite no lugar “Pedra Lisa”. Dessa forma, o texto busca abranger o movimento que faz com que o território constitua o *locus* da vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno e com os outros homens, tendo a identidade como fator de aglutinação, de mobilização para a ação coletiva.

A relação identidade-território toma forma de um processo em movimento, que se constitui ao longo do tempo, tendo, como principal elemento, o sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência. Esse sentimento de pertencer ao espaço onde se vive, de concebê-lo como o lugar das práticas, no qual se tem o enraizamento de uma complexa trama de sociabilidade, é que dá a esse espaço o caráter de território ou na permanência de vínculos territoriais.

Analisamos como os grupos hegemônicos, o Estado e as empresas globais, mediados pelo desenvolvimento técnico-científico, possibilitaram uma compressão do espaço-tempo, regulação do trabalho produtivo, e sua complexificação e rebatimentos. A mundialização do capital, materializada no lugar, pelos grupos econômicos que operam no espaço, amplia a formação de territórios a partir da articulação do global com o local; por isso, é necessário o entendimento de como os grupos sociais que vivem nesse mesmo espaço se reorganizam e recriam as condições para sua existência.

Enfim, intentou-se compreender como o processo de expansão da cana-de-açúcar, no Município de Quirinópolis, a partir da reocupação do Cerrado, promoveu a readaptação e ressignificação das práticas sociais e dos modos de vida dos camponeses em Pedra Lisa, bem como dos usos dos vínculos com o seu território, visto que se amplia a convivência, forçada ou não, com outros sujeitos e/ou práticas sociais.

A tese deste estudo é, portanto, comprovar que as práticas sociais, entendidas como conteúdos históricos, não foram extintas dos modos de vida camponesa que permanecem na Comunidade Pedra Lisa, potencializando o território da produção de leite, e revitalizando rezas e festas locais, mesmo com a presença modernizadora, implementada pela pecuária de corte e com a expansão da cana-de-açúcar e da produção do etanol para exportação.

Corrobora Kinn (2010), argumentando que a lógica do capital não é a única, mas existem, no espaço, outras lógicas, inclusive a do próprio espaço e dos sujeitos sociais que o produzem. Isso contribui para entender que o camponês pode operar a sua existência a partir de várias lógicas. Ao tirar leite, criar porcos, receber aposentadoria ou pensão, usar conhecimentos derivados da assistência técnica, rezar para chover, benzer a vaca doente, fazer festa religiosa ou profana, ele está sempre se territorializando.

Diante disso, entendemos que o território está em disputas, por conta das lógicas distintas, mas nem sempre uma anula a outra. São disputas desiguais apenas nos aspectos econômicos, visto que as intenções, os sentimentos, o imaginário e as práticas sociais são realizados coletivamente.

Caminhos Metodológicos

A tese é uma reflexão necessária que, todavia, exige um plano preliminar de atividades para o alcance de seu conteúdo formal e acabado. Não há regras imediatas, trata-se de um caminho que vamos construindo para o pleno êxito do conhecimento científico[14]. Uma das definições de tese, no dicionário, indica ser essa um primeiro momento do processo dialético, ao qual se contrapõe uma antítese, gerando um conflito que se resolve numa síntese.

Para a ciência, a tese se constitui em um trabalho original de pesquisa, em que é necessário conhecer a fundo o quanto foi dito sobre um mesmo argumento e descobrir algo que ainda não foi dito por este. A tese, na verdade, representa inquietações quanto a determinado problema a ser compreendido. Trata-se de indagações que vamos identificando com a experiência de campo[15].

Uma vez esclarecidas essas etapas, passou-se para o levantamento do referencial teórico para explicar e debater os problemas apresentados e, em seguida, definiram-se as etapas dos levantamentos de campo e de fontes oficiais, bem como dos meios técnicos de procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa.

Na questão do debate teórico, é importante iniciar a busca por referenciais, sem, portanto, recebê-los como verdade absoluta. Nesse sentido, Martins esclarece que não devemos empregar conceitos já consagrados pelo conhecimento científico, como se não pudesse haver mudanças. Afirma, ele, que “esse modo de pensar não leva senão ao supérfluo e, até, ao equivocado” (MARTINS, 1983, p. 152).

Ao se elaborar uma tese, é preciso estabelecer relações, vivências, acompanhar, no espaço e no lugar vivido, as tramas, os enlaces, os processos, os acasos e as indeterminações daquilo que se quer compreender. Os pesquisadores podem discutir algum tema sobre o qual alguém já pensou antes, o que nos permite considerar o movimento. Contudo, para considerarmos o movimento, temos que pensar os processos. Por isso, precisamos de procedimentos de confirmação e

[14] Extraído das orientações apresentadas pelo Professor Doutor Rosselvelt José Santos, na disciplina Teoria e Método em Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFU em 2008.
[15] Idem

contestação daquilo que estamos estudando. Nesse caso, a incursão histórica ou a pesquisa participativa tornam-se importantes[16].

Para assegurar qualidade na investigação, estudou-se, criteriosamente, o recorte geográfico da pesquisa, levando em conta que, para a pesquisa sobre o método da observação, seria importante a escolha de apenas uma comunidade camponesa do Município de Quirinópolis para a investigação das transformações ocorridas. A definição da Sub-região Pedra Lisa obedeceu ao critério de que ela, além de ser constituída predominantemente por pequenas propriedades que desenvolvem atividades ligadas à pecuária, prevalecendo a produção do leite, não aderindo à cultura canavieira, também preserva um acervo cultural considerável, podendo ser também compreendida como comunidade. Assim sendo, essa sub-região será também tratada neste estudo como “Comunidade Pedra Lisa”.

Por comunidade, entendem-se pequenos grupos sociais com laços estreitos de amizade, de compromissos e de valores humanos comuns, instituídos a partir de relações históricas e práticas sociais contidas na memória do passado. De acordo com Elvas e Moniz (2010), há um forte sentimento de pertença e de identidade em relação ao lugar e às famílias da comunidade. “o sentimento de comunidade, é um conceito sócio-psicológico que dá ênfase à experiência da comunidade”. Isso significa, segundo as autoras, a compreensão de “atitudes e sentimentos de uma comunidade, bem como o relacionamento e interações entre pessoas desse mesmo contexto” (ELVAS e MONIZ, 2010, p. 452). Esse sentimento se traduz em:

> [...] melhoria da qualidade e satisfação de vida percepcionada através do sentimento de pertença a uma comunidade é diretamente influenciada, por componentes específicas e dominantes da vida, como a família, os amigos, a escola, o próprio, os vizinhos e o bairro (ELVAS e MONIZ, 2010, p. 462).

De acordo com Rezende *et. al.* (2006, p. 7), MacIver discute comunidade, como “[...] uma área de vida social assinalada por certo grau de coesão social. As bases da comunidade são localidade e sentimento de comunidade”. Pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados humanos, escreve Escudero (2012). Santos traz, em seus estudos de tese, a definição de comunidade como originária da palavra comum, e que tem o significando de que a terra e os recursos existentes estão disponíveis para usufruto de todos, a partir das necessidades de cada um (SANTOS, 2010).

[16] Idem

Especificamente, em relação ao método, esse se define, conforme escreve Mattos (2011, p. 52), pela “forma como o pesquisador vê o mundo e a ciência, embasados em posturas filosóficas, e ‘como’ utiliza o corpo de conceitos de uma ciência, na relação estabelecida com o objetivo de estudo”. Chauí corrobora, afirmando que uma elaboração científica “procura renovar-se e modificar-se continuamente, evitando a transformação das teorias em doutrinas e destas, em preconceitos sociais” (CHAUÍ, 1999, p. 250).

Mattos e Chauí estabeleceram seus métodos. Também nesta pesquisa, estabelecemos o nosso método, em que, apesar de ser uma pesquisa qualitativa e estudo de caso, como o foi para Mattos, em nosso estudo, outras particularidades são apresentadas, auxiliando-a a compor os caminhos metodológicos.

Entretanto, embora concordemos com a necessidade do estabelecimento do método a ser trabalhado, e de que tenhamos dado preferência ao método da percepção para melhor compreender o problema, entendemos que não há a necessidade do estabelecimento de apenas um método, uma vez que outros poderão contribuir de maneira mais clara com a leitura de determinados fatos ou fenômenos. É preciso evitar compromissos com um determinado método, visto que essa prática pode eliminar possibilidades de outras abordagens epistemológicas preciosas à realidade estudada.

Uma vez pensado como trabalhar com o(s) métodos(s), a pesquisa, na Comunidade Pedra Lisa, estabeleceu seus próprios caminhos ou procedimentos metodológicos. Conforme Chauí, a investigação científica não é construída a partir de dados empíricos espontâneos de nossa experiência cotidiana, é um conjunto de atividades intelectuais que só podem ser realizadas com base em métodos e, para estabelecer pré-requisitos de investigação científica, além do método, torna-se necessário também:

> Estabelecer os procedimentos metodológicos para observação, experimentação e verificação dos fatos; construir instrumentos técnicos e condições de laboratórios específicos para a pesquisa; elaborar um conjunto sistemático de conceitos que formem a categoria geral dos fenômenos estudados, que controlem e guiem o andamento da pesquisa, além de ampliá-la com novas investigações, e permitam a previsão de fatos novos a partir dos já conhecidos (CHAUI, 1999, p. 251).

Nesta pesquisa, consideramos os caminhos ou procedimentos metodológicos, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 85), ou seja, “[...] um conjunto das

atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo (conhecimentos válidos e verdadeiros), traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista". Nesse sentido, nossa metodologia foi constituída por um referencial teórico sobre os temas debatidos na tese e o trabalho empírico, para o conhecimento da realidade vivida no cotidiano dos sujeitos pesquisados.

A partir da pesquisa empírica, realizamos importantes discussões teóricas[17], que nos ajudaram a assimilar as particularidades e as diferenças em Pedra Lisa. Também estabelecemos comparações e fomos instituindo semelhanças ao mesmo tempo em que descobrimos diferenças fundamentais, compreendendo essa forma dinâmica da realidade do lugar pesquisado. Consideramos, como uma forma de observação direta, as visitas às famílias, as participações em eventos locais, como, festas, rezas, jogos, para a percepção da sociabilidade e lazer desses grupos sociais, além de ser um instrumento de coleta de dados.

Com o objetivo de vivenciar parte das práticas socioculturais no lugar, a nossa investigação em campo foi realizada em diferentes etapas. A primeira etapa do campo na Comunidade Pedra Lisa, em 2010, aconteceu no dia 23 de maio, para os primeiros contatos com as famílias; a segunda etapa ocorreu no início de julho, dois dias; e a terceira etapa, no final de julho de 2010, mais dois dias para caracterização e descrição da paisagem física e cultural da comunidade. Outras fases sobrevieram, conforme planejamento preestabelecido. Em agosto e em novembro de 2010, estivemos acompanhando a reza do terço da Comunidade que acontece todas as quintas feiras, com o objetivo de observar as práticas religiosas e em datas especiais, como o dia de Nossa Senhora Aparecida e de Santa Luzia, quando alguém convida para cumprir voto[18].

[17] Dentre os autores pesquisados que contribuíram com maior ênfase aos debates e possibilitaram a movimentação da teoria, destacamos: Carlos Rodrigues Brandão (2007, 2009), Rosselvelt José Santos (2008, 2009), Maria Geralda de Almeida (2008; 2012), Eguimar Felício Chaveiro (2008; 2010), Rogério Haesbaert (1988, 2004, 2005, 2006), Marcos Aurélio Saquet (2011), Roberto Lobato Corrêa (2003), Milton Santos (l997; 1988; 1994), Claude Raffestin (1993), José de Souza Martins (1983; 1993; 2008), Ariovaldo Umbelino Oliveira (2009), Antonio Candido (1979), Marcelo Rodrigues Mendonça (2004, 2008; 2012); Altacir Bunde (2012), João Humberto Camelini (2011), Klass Woortmann (1990, 1995), Marli Graniel Kinn (2010), Ana Fani Alessandre Carlos (1996), João Cleps Júnior (2012).

[18] Cumprir voto significa que a pessoa fez um pedido especial à santa e foi atendido. Como agradecimento, cumpre o prometido de convidar os vizinhos para rezar o terço.

Em 05 de janeiro de 2011, estivemos presentes na chegada das Folias de Reis “Pedra Lisa” e “Estrela do Oriente”[19], quando cerca de três mil pessoas[20] de Pedra Lisa, da cidade e de outras sub-regiões rurais esperavam os festejos dos foliões para a reza do terço, sendo que partes são expressas cantadas. Após o momento religioso, foi servido o jantar, seguido do baile. No mês de fevereiro desse mesmo ano, estivemos presentes dois dias para agendar as entrevistas com as famílias, sendo que essas foram realizadas no mês de abril.

Desse modo, em abril de 2011, pelo método da inserção na comunidade, ou pesquisa participativa, estivemos presente durante dez dias consecutivos, visitando todas as residências de Pedra Lisa, convivendo cotidianamente com os camponeses durante o período dessa etapa.

Numa pesquisa participativa, entende-se que haja uma relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, que, conforme Mattos (2011, p. 52), é “estabelecida conforme o objeto de estudo e pautada nas orientações filosóficas que guiam as pesquisas qualitativas”. Diante desse pensamento, a abordagem metodológica que abrangeu a pesquisa empírica, além da inserção do pesquisador, procurou valorizar a memória dos sujeitos, suas representações sociais e práticas sociais.

Foram dez dias de inserção na Comunidade Pedra Lisa, para visitas mas também para observações e documentação fotográfica das paisagens, das atividades produtivas no período das chuvas e de algumas situações do cotidiano das famílias. As refeições foram feitas quase todas nas casas dos camponeses visitados, oferecidas por eles, e o pouso, no galpão da venda Zé Major.

O roteiro de visitas aos camponeses, na primeira etapa, obedeceu à ordem de entrada principal na Comunidade Pedra Lisa (Fotografia 2), a partir da primeira pequena propriedade[21], que se encontrava, no dia da visita, habitada por um casal de camponeses, cedida[22] pela proprietária que, atualmente, reside na cidade. Nos dias de hoje, encontra-se desocupada.

---

[19] A primeira é a folia do espaço rural, fazendo o giro na Comunidade Pedra Lisa e em outras comunidades camponesas próximas. A segunda é a Folia, que faz os procedimentos na Cidade de Quirinópolis. Juntas celebram a saída e chegada dos foliões na Venda Zé Major, Pedra Lisa. Ainda existem outros foliões em outras sub-regiões rurais do município.

[20] De acordo com os organizadores, esse número se deve ao fato ter muita chuva no dia, inclusive à noite. Outros anos, sem chuva, o número de pessoas alcança cerca de cinco mil.

[21] Por pequena propriedade entende-se uma área de até 4 módulo fiscal, sendo esse módulo 30 hectares. Na tabela 4, essa classificação aparece de forma mais completa.

[22] Cedência é o mesmo que cessão, ou seja, ato de ceder.



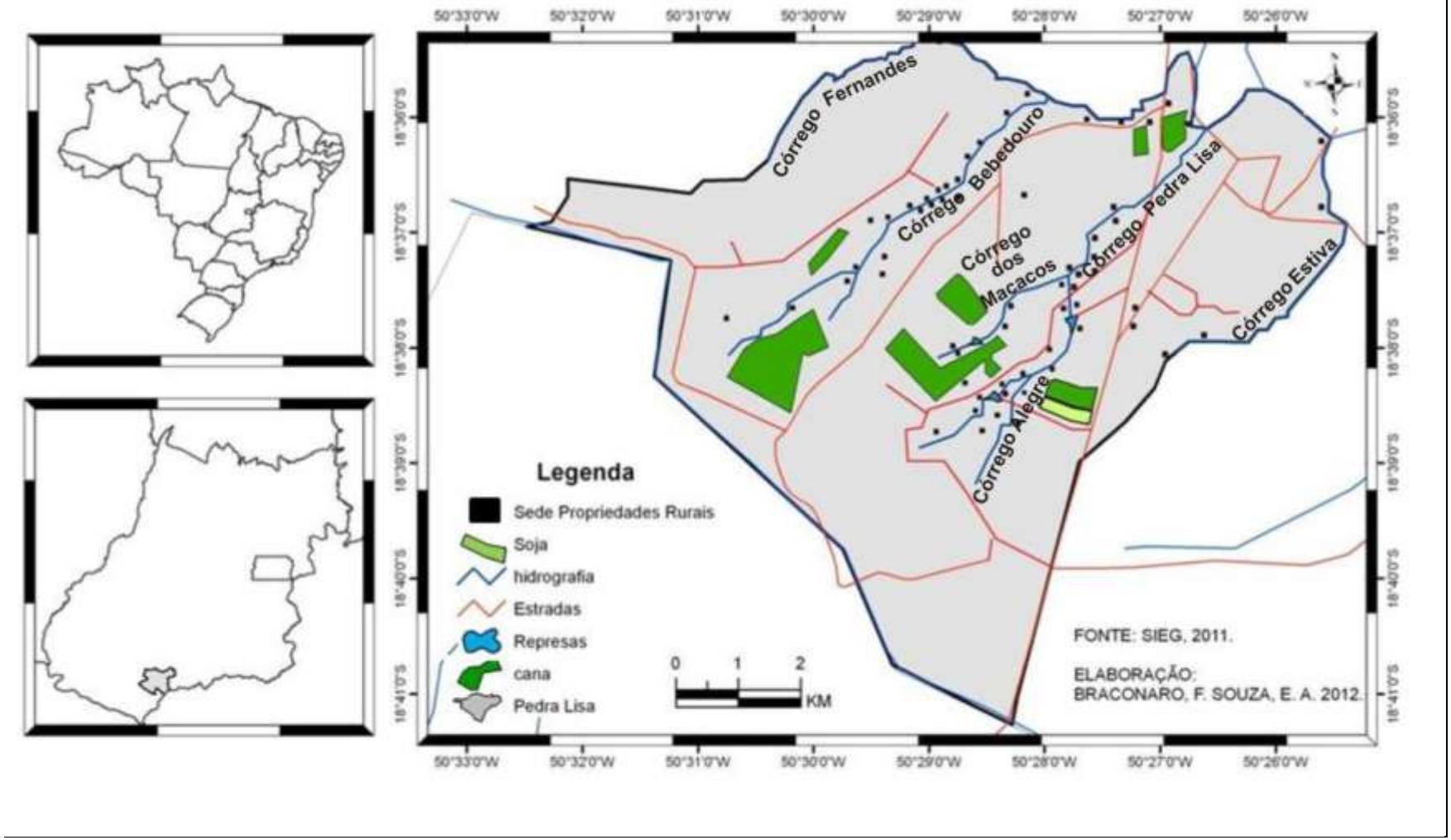
Fotografia 2: Entrada principal da Sub-região Pedra Lisa. Saindo da Rodovia GO 164, a, aproximadamente, cem metros, encontra-se o primeiro mata-burros e porteira, ao lado de um bambuzal, realçando a paisagem da entrada na Sub-região Pedra Lisa.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor.

Dali, seguiu-se o trajeto das pequenas propriedades, margeando, ou próximas aos Córregos Pedra Lisa e Alegre, este afluente daquele (Mapa 3). As residências que margeiam outro pequeno afluente do Córrego Pedra Lisa, denominado de Córrego dos Macacos, quebram a sequência, visto facilitar o percurso das visitas. Em seguida, retornou-se aos sítios nas bordas do Pedra Lisa, até o limite da comunidade, quando se chegou à Rodovia GO 164.

Após esse trajeto, a pesquisa passou para o outro lado da rodovia, para entrevistas com algumas famílias que se localizam nessa comunidade, próximas ao Córrego Estiva, para, ao final, chegar a leste da sub-região, às margens do Córrego Bebedouro, para as entrevistas com os moradores.

No mês de julho de 2011, o pesquisador voltou à comunidade para marcar mais uma etapa das entrevistas, que ocorreu no mês de agosto, num período de quatro dias de visitas às residências, dessa vez, por amostragem, com o objetivo de observar as atividades produtivas no período da seca[23].

[23] As atividades se diferenciam entre o período das chuvas, quando o pasto é suficiente para a alimentação do gado, e o período da seca, quando os camponeses precisam entrar com alimentação complementar baseada em ração e silagem de cana-de-açúcar ou milho.



Mapa 3: Sub-Região Pedra Lisa contendo conteúdos hidrográficos, estradas vicinais, residências das propriedades e área com cana-de-açúcar para comercialização com a Usina Nova Fronteira.
Elaboração: BRACONARO, Fernando e SOUZA, Edevaldo Aparecido, 2012.

Em novembro, mais dois dias de campo, para confirmar dados ainda duvidosos e, em dezembro de 2011, o acompanhamento da saída da Folia de Santos Reis de Pedra Lisa e a Folia Estrela do Oriente da cidade de Quirinópolis, visto que as duas fazem tanto a saída quanto a chegada, juntas. No dia 24 de dezembro, procederam-se as apresentações dos foliões e, em seguida, a reza do terço. Após o momento religioso, foi servido o jantar.

No dia seguinte (25), acompanhamos o giro[24] dos foliões pelas residências de Pedra Lisa, registrando, por intermédio do diário de campo e de documentação fotográfica, os procedimentos das visitas da bandeira. Dia 26, ocorreu da mesma forma, entretanto, acompanhando a Folia Estrela do Oriente, na cidade de Quirinópolis.

A pesquisa de campo foi realizada por intermédio de entrevistas, com anotações em diário de campo, quando estabelecemos o registro das informações obtidas. A inserção do pesquisador na realidade cotidiana dos sujeitos pesquisados facilita o retorno dos resultados da pesquisa científica, sendo que um dos objetivos deste trabalho é o retorno do conhecimento sistematizado às famílias pesquisadas. Algumas entrevistas, como as realizadas com o capitão de folia e os integrantes da companhia, foram gravadas e filmadas em câmara digital[25]. Tivemos o cuidado de transcrevê-las, utilizando as partes específicas para o trabalho escrito.

O diário de campo não se trata apenas de um instrumento de coleta de dados; sua importância vai além dessa função, haja vista que “favorece uma abertura para expressar preocupações que guiam cada pesquisador no interior da pesquisa” (LIMA, 2002, p. 143). A documentação fotográfica das paisagens físicas e culturais da Comunidade Pedra Lisa contribuiu para ilustrar, comprovar e dinamizar a realidade da comunidade, no intuito de proporcionar não apenas a leitura da paisagem como também dos elementos identitários, simbólicos e do vivido das famílias e suas relações com o território.

Na concepção de Lopes, a confecção de um diário de campo requer certo grau de esforço, haja vista não se tratar apenas de escrever uma série de dados num caderno de páginas em branco, mas de “registrar o convívio com os nossos

[24] Giro é o percurso de doze dias (25 de dezembro a 05 de janeiro) percorrendo a comunidade, para visitar as famílias, desejando bênçãos de Santos Reis, pedindo esmolas e convidando para a grande festa.

[25] As imagens, devidamente autorizadas pelos entrevistados, poderão fazer parte de um possível filme documentário posteriormente.

informantes, convívio este que não está representado apenas pela fala dos mesmos, no registro que fazemos do próprio espaço" (LOPES, 2002, p.135).

De acordo com Santos (1999, p. 111), defensor do trabalho de campo pela observação participante, a inserção do pesquisador no vivido significa o seu encontro com o conhecido e o desconhecido. Isso é importante, porque considera "os grupos sociais pesquisados como sujeitos e objeto dos processos históricos". Prossegue o autor assegurando que "a importância do trabalho de campo não se limita apenas a ouvir as pessoas [...]", mas, ao se encerrar a pesquisa, "é necessário que os resultados obtidos sejam de conhecimento do pesquisado[26] e que ele (o pesquisado) discuta com a comunidade as possibilidades de apropriação" (SANTOS, 1999, p. 122;124).

Por isso, o trabalho de campo e a pesquisa participativa são fundamentais para um pesquisador. Santos (1999, p.117) registra e aprofunda sobre a prática da inserção:

> [...] o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro (SANTOS, 1999, p. 117).

Na opinião de Santos *et. al.* (2007, p.2), o trabalho de campo não se resume apenas a interesses específicos, mas estão inclusos em um método investigativo que tem apresentado contribuições para o entendimento das relações socioespaciais, objetivando contribuir para um melhor planejamento de uso do solo, do meio ambiente e dos diversos recursos, de forma mais adequada e correta. E, por que não dizer, melhor planejamento para as humanidades.

Este estudo utilizou-se, também, de dados de uma pesquisa de campo que se realizou em novembro de 2008, realizado pela *ActionAid*[27], quando foram visitados

[26] Há o compromisso do pesquisador em retornar à Comunidade Pedra Lisa para apresentar, em forma de exposição oral, os resultados da discussão propostos pela tese, bem como a apresentação de um filme dos fatos relevantes documentados pela pesquisa. Esse evento será organizado pelo pesquisador, em conjunto com o Curso de geografia da UEG Quirinópolis, em local apropriado na própria comunidade.

[27] Em 2008, o pesquisador dessa tese acompanhou uma pesquisa com órgãos municipais e entidades de classes de Quirinópolis, pelo método de entrevistas e diário de campo, realizada pela organização internacional *ActionAid* com objetivo de investigar os impactos do investimento do Banco Mundial/IFC no setor agrocombustível no Brasil, especificamente, nas agroindústrias da cana do Grupo São João em Quirinópolis e Cachoeira Dourada. Em concordância com o pesquisador dessa

os órgãos públicos: Secretaria Municipal de Agricultura, Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal, o Conselho Municipal de Saúde e o Conselho Tutelar; entidades de classe: Sindicato Rural (SR), Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e Associação dos Produtores de Cana (Aprocana); a Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Vale do Paranaíba (Agrovale); a GALEATUS[28]; dois engenheiros agrônomos, consultores e produtores de cana; e ainda algumas informações encaminhadas por intermédio de ofício pela Secretaria de Promoção e assistência Social. Todos no Município de Quirinópolis.

Em todas as visitas, foi aplicado o método da entrevista semiestruturada, com anotações das informações dos entrevistados, em diário de campo. A documentação fotográfica foi utilizada nessa etapa, objetivando ilustrar, a partir da imagem, as paisagens naturais, sociais e culturais dos camponeses em Quirinópolis. Também a observação direta das paisagens e organização do espaço desses camponeses possibilitou o entendimento de algumas das suas práticas socioculturais.

No ano de 2010, outras visitas foram feitas à Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal, o STR, a Aprocana e a Agrovale. Essas entrevistas foram essenciais para elaborar um quadro das lógicas estabelecidas, a respeito da implantação da agroindústria da cana, no município, fundamentada a partir de interesses diferentes dos diversos sujeitos envolvidos. As entrevistas com representantes do poder público objetivaram, ainda, analisar o papel do Estado municipal.

Em 2012, mais duas visitas à comunidade foram necessárias. Uma em maio, para buscar algumas informações e confirmar outras, e a segunda em agosto, para coletar depoimentos dos camponeses, pelo método da entrevista com gravação de voz, por meio da oralidade local/regional, no sentido de não descaracterizar o discurso local[29], objetivando a transcrição das falas para anexar ao texto, no sentido de aprimorar as análises dos conteúdos, a partir desses depoimentos.

De acordo com Whitaker *et. al.* (2002), a sintaxe de um discurso, seja ele de classe privilegiada ou não, deve ser respeitada para que a transcrição seja fiel ao sujeito da fala. “Assim, se o falante comete erros de concordância ou de regência de

---

entidade, pôde se utilizar dos dados coletados. Em 2011, a etapa de entrevistas da pesquisa desta tese retornou aos mesmos órgãos municipais e a algumas das entidades de classes.

[28] Organização não governamental (ONG) de proteção ao meio ambiente de Quirinópolis.

[29] Extraído da arguição do Professor Dr. Jean Carlos Vieira Santos na banca de qualificação em setembro de 2012.

verbos, por exemplo, deve-se reproduzi-los em qualquer transcrição" (WHITAKER *et. al.,* 2002, P. 116).

O trabalho de campo foi intenso e imprescindível para a compreensão das relações e das trocas que ocorrem no lugar Pedra Lisa[30]. Estar nessa comunidade por vários dias, em várias etapas, permitiu-nos utilizar: o método da observação pela percepção; o registro de imagens pelas fotografias; e a captação de imagens imateriais que a câmara não revela. Desse modo foi possível fazer análises subjetivas dos sujeitos estabelecidas nas diversas relações socioculturais e socioprodutivas, e um envolvimento com as atividades cotidianas e religiosas e festivas da comunidade. Tudo isso possibilitou trazer para a discussão uma Geografia compromissada com a existência dos camponeses, que considera o movimento, a sociabilidade, as práticas sociais desses sujeitos.

A escolha das categorias de análise da Geografia, o território, o lugar e a paisagem, e também os modos de vida foram relevantes para vinculá-los com as análises dos processos de territorialização dos camponeses de Pedra Lisa e das mutações nas paisagens e no lugar, com suas práticas sociais de produção e sociabilidade.

Metodologicamente, o debate em torno da categoria território esteve centrado nas transformações do espaço ocupado historicamente pelas populações locais do Cerrado e, nesse caminho, chegamos aos camponeses de Pedra Lisa. No entanto, entendemos que a paisagem também se tornou importante como categoria de análise no primeiro capítulo, possibilitando entender as transformações que houve no espaço do Cerrado e também de Pedra Lisa. Essas transformações se concretizaram nas feições físicas e culturais, materializaram-se nas paisagens modificadas durante os processos de uso e ocupação do espaço.

Também a categoria lugar é fundamental para a apresentação e as discussões das intersubjetividades das famílias camponesas. A partir do lugar, valorizamos as práticas socioculturais, sendo que o debate teórico-metodológico sobre elas contribuiu para discutir a multidimensionalidade territorial proposta por Saquet

[30] Lugar e comunidade são dois conceitos diferentes, mas em Pedra Lisa, há uma relação muito estreita entre eles, visto que as famílias camponesas vivenciam ambos como se fosse o mesmo. A relação que eles têm com as coisas, os recursos naturais, as estradas, as matas (o lugar), expressa um sentimento de grande satisfação por morar ali, da mesma forma como se sentem nas relações com as famílias, pessoas, vizinhos (comunidade).

(2011), assim como os vínculos desse território com os modos de vida dos camponeses.

Como desdobramento das contribuições teóricas, aprofundamos a análise sobre os modos de vida das famílias que vivem em Pedra Lisa, abordando as práticas produtivas; como se organizam no espaço vivido; como estruturam suas sociabilidades e como se relacionam com o fenômeno da produção agrocombustível e as transformações da paisagem física e cultural do lugar[31].

Na perspectiva do conceito de modo de vida, a literatura estudada oferece subsídios para contextualizar a condição dos camponeses de Pedra Lisa. Assim, a partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisadas, por exemplo, podem ser extraídos e lapidados os elementos que permitam compreender com profundidade os sentimentos e as ações dos camponeses, tornando possível a análise das territorialidades no lugar.

Em Pedra Lisa, os elementos materiais e imateriais aparecem relacionados nas suas práticas socioculturais. Por exemplo, os instrumentos de trabalho e os utensílios mais antigos, além da forma e da função, também expressam representações sociais que revelam trajetórias culturais e sociais importantes para os sujeitos que os utilizam (Fotografia 3).

As estradas, além de corredores de passagem, trazem também conteúdos subjetivos, revelando arranjos e (re)organizações socioespaciais desses camponeses, que podem ser detectados por intermédio de uma metodologia de pesquisa de campo, especialmente quando ela contempla a incursão, em uma perspectiva participativa nas práticas socioculturais que compõem os seus modos de vida.

Os modos de vida camponeses são compostos por hábitos, costumes, habilidades, conhecimentos, saberes, fazeres que, manifestados no lugar, em seu cotidiano, vão se estabelecendo como parte de relações que se constituem nas territorialidades e no espaço vivido. Esse cotidiano é evidenciado nas formas como organizam o trabalho, nas crenças e rezas, nas relações com os parentes e vizinhos, nas formas de lazer, nos modos como pensam e conversam sobre a política, a religião, o futebol, nos métodos utilizados para existirem, a despeito dos

[31] Inseridos no cotidiano dessas famílias, por vários dias de pesquisa, foi possível perceber esses modos de vida que entrelaçam as atividades econômicas com as cotidianidades da religião, da festa, do lazer, das visitas e reuniões entre vizinhos.

seus problemas e tensões, sobretudo os que envolvem os processos de reocupação do espaço.



Fotografia 3: instrumentos, ferramentas e utensílios camponeses da Comunidade Pedra Lisa. Desses instrumentos fotografados durante a pesquisa, dois, o moinho de café e o carro-de-boi, estão inutilizados, os outros fazem parte do cotidiano dos camponeses.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor.

Na verdade, é o movimento da vida cotidiana que, para Bourdin (2001, p. 207), "é uma experiência geralmente organizada por um conjunto de regularidades"; no nosso caso, considera ainda um grupo de pertença, especificamente a família. Complementamos, no caso de Pedra Lisa, a partir de Bourdin (2001), também que o modo de vida é construído em torno de três elementos e, dentre essas, destacamos duas: constelações de recursos e pessoas; e estilo de vida. Essas constelações, associadas às estratégias postas no espaço, promovem uma multidimensionalidade do território que compreende a natureza, a política, a cultura, a religião, entre outros[32].

Estrutura do texto

A capa deste trabalho retrata a fotografia 2, entrada principal de Pedra Lisa, desenhada por Maria Aparecida de Souza. Também, antecede, em cada um dos capítulos, o desenho de uma das fotos ilustrativas do conteúdo deste. O texto foi

[32] É o que revela Guerra, (1993, p. 64) afirmando que os "modos de vida" abordavam, uma vez mais, as relações aos dois níveis: as relações entre as variáveis de análise – o econômico, o político, o cultural, etc., e a articulação entre os níveis de percepção do real – o "sistêmico" e o "estratégico".

estruturado em seis capítulos, objetivando a interligação dos conteúdos abordados. O primeiro e o segundo retratam, de forma descritiva e analítica, as paisagens físicas e culturais e as inter-relações com os modos de vida do camponês do Cerrado e com o agronegócio. Dessa análise das inter-relações com as humanidades no Cerrado, chegamos ao camponês de Pedra Lisa, que vive sob tensões que vão além das suas relações locais. A partir da paisagem e do lugar, fomos analisando as ações e reações desses sujeitos locais, que, ao usar o espaço, territorializam-se.

Esse uso indica a possibilidade do espaço não ser um ente manejado apenas pelos que detêm recursos financeiros, visto que a paisagem revelada, a partir do lugar, propicia a identificação de formas e vínculos territoriais camponeses, indicando que esses sujeitos continuam utilizando o espaço, por meio de relações sociais, (re)inventadas a partir das suas práticas sociais.

Este capítulo discute a reocupação do espaço e dos recursos naturais, enfatizando as diferenças existentes entre o camponês e o modelo do agronegócio. Portanto, a categoria de análise deste capítulo é a paisagem, estudada em seus conceitos clássicos, relacionados aos elementos materiais e imateriais que a apresentam como testemunho das temporalidades socioculturais no Cerrado e em Pedra Lisa.

O objetivo aqui foi caracterizar a área de estudo com uma descrição da paisagem física e cultural[33], em temporalidades diversas, datadas das décadas de 1950/60 até os dias atuais (2012). Neste capítulo, apresentamos as relações socioculturais, os modos de vida dos camponeses e as suas territorialidades, de forma que, com o objetivo de apresentar as características dos recursos naturais e as atividades antrópicas, agimos descrevendo as paisagens rurais até abordá-las sob as especificidades da Comunidade Pedra Lisa. Isso se estabeleceu como um dos elementos fundantes para a compreensão das relações entre os camponeses e o Cerrado, assim como entre eles e os vínculos territoriais estabelecidos no lugar. Desse modo, analisamos os acontecimentos e as implicações socioculturais nas paisagens, nos territórios e nos conteúdos humanos na Comunidade Pedra Lisa.

No terceiro capítulo, fizemos uma reflexão a respeito das diferentes lógicas sociais, identificadas no lugar, sobretudo, a camponesa e a do agronegócio,

[33] Conforme Chaui (1999, p. 160), esse método consiste em “descreve[r] as estruturas internas ou essências de cada campo de objetos do conhecimento e das formas de ação humana”.

analisando as diferentes lógicas entre as coexistências e suas contradições. Procuramos observar, também, como o espaço e os territórios camponeses se modificam, no tempo e no espaço, apresentando distintas temporalidades camponesas, mesmo tendo incorporado parte do modelo tecnológico capitalista.

As informações e as análises das relações sociais, envolvendo a produção de cana no Município de Quirinópolis, foram obtidas a partir de entrevistas semiestruturadas com representantes dos proprietários de terras, fornecedores de cana de açúcar, e arrendatários. Esse procedimento contribuiu para compreender os processos de reprodução da agroindústria da cana, das atividades agrícolas locais e dos modos de vida camponesa.

Foram entrevistadas, ainda, as famílias de pequenas propriedades da Comunidade Pedra Lisa que permanecem com a atividade leiteira, que não aderiram à produção de cana-de-açúcar como matéria-prima para as agroindústrias e também as que já trabalham com essa atividade, mesmo que em parte das terras.

No quarto capítulo, estabelecemos uma discussão em torno dos conceitos de território e dos vínculos territoriais que os camponeses mantêm com o lugar, enfatizando suas práticas sociais. Procuramos assimilar a dimensão dos vínculos territoriais e os meios pelos quais os camponeses de Pedra Lisa se relacionam com suas instituições, como família, festa, religião, produção, bem como com instituições que chegam de fora.

Ao abordarmos as ressignificações em Pedra Lisa, objetivamos analisar as relações socioprodutivas e socioculturais desenvolvidas pelos camponeses produtores de leite, envolvendo os recursos naturais e artificiais disponíveis ou construídos historicamente. Suas práticas sociais são elementos fundamentais para a permanência das famílias na comunidade, entretanto outras práticas, ligadas à modernidade, que estão sendo inseridas no lugar, vêm promovendo transformações nessas relações, desencadeando um novo ciclo migratório, agora, muito mais dos filhos, que vão para a cidade em busca de emprego na agroindústria da cana.

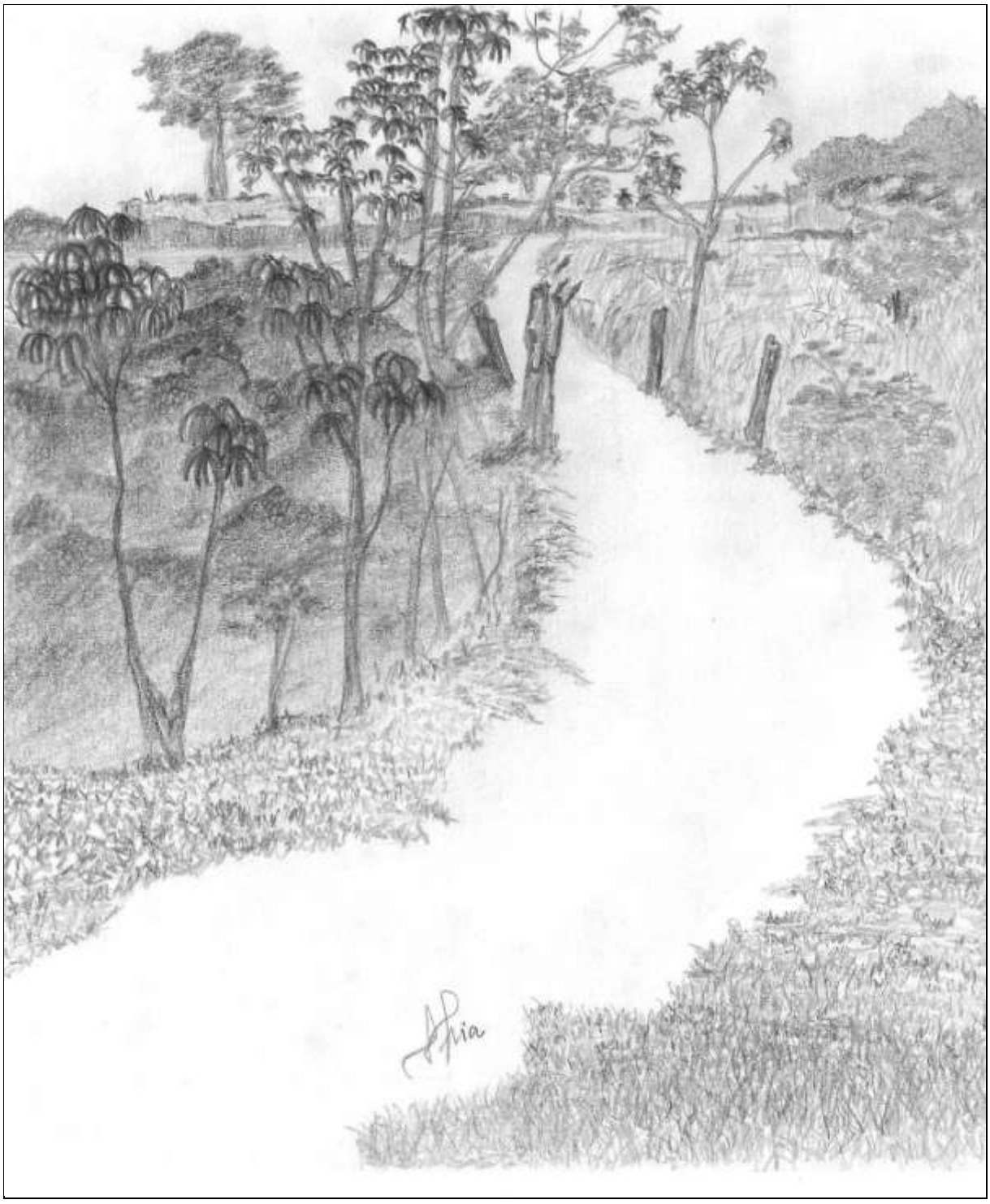
No quinto capítulo, estudamos a relação entre modos de vida camponês e a modernidade. A preocupação consistiu em estudar a identificação e as estratégias dos sujeitos envolvidos, espaço/temporalmente, no processo de reocupação do Cerrado, buscando compreender a condição social dos produtores de leite de Pedra Lisa, ante as transformações das modernidades produtivas, representadas pelos

instrumentos e equipamentos disponíveis no mercado, e também pelas políticas impostas a esse lugar.

Procuramos, ainda, conhecer as metamorfoses socioespaciais e as especificações dos modos de vida desses camponeses, bem como os seus vínculos territoriais estabelecidos a partir dos arranjos e estratégias para a existência camponesa no lugar Pedra Lisa, por intermédio das diferentes temporalidades sociais postas no lugar. Essas temporalidades produziram reações e recriações produtivas, políticas e culturais, reinventando as práticas sociais a partir das relações com o mercado. Pensamos, também, nos usos dos espaços e nas transformações desses usos em momentos distintos como uma das estratégias contidas nas sociabilidades camponesas.

No sexto capítulo, apresentamos o lugar vivido do camponês de Pedra Lisa e analisamos como ele continua existindo em um espaço em mutação. A partir das tensões socioespaciais, por intermédio das contradições que se apresentam com as atividades do agronegócio, analisamos as suas ações e reações, bem como o sentido das suas práticas sociais, representadas na criação de porcos, na utilização de montaria animal, no uso da roda d'água, na renda vinda da aposentadoria, dentre outras formas de existência. Metodologicamente, partimos do lugar e dos saberes e fazeres camponeses até chegar às suas estratégias e arranjos produtivos.

Esses arranjos caracterizam a existência camponesa em Pedra Lisa, que reinventam práticas sociais locais, reforçando a sociabilidade camponesa nas especificidades da festa nas organizações sociais, nas práticas medicinais, nas rezas e no trabalho, lugar da produção de leite que combinam, com seus ciclos de trabalho, os saberes fazeres que não possa ser observados apenas como práticas de valor econômico, é mais que isso, é parte da sociabilidade e das estratégias que os solidificam como sujeitos daquele lugar.



Desenho da fotografia 7, página 101. Autoria: Maria Aparecida de Souza

CAPÍTULO 1

1. OS CONTEÚDOS DAS PAISAGENS E DOS MODOS DE VIDA DO CAMPONÊS DE PEDRA LISA

> Nós, construtores de espaços e lugares, de terras, de territórios, de casas e nomes de casas. E também de conceitos, canções e teorias a respeito dos tempos e dos espaços que de algum modo pertençam a nós, na mesma medida em que pertencemos a eles (Carlos R. Brandão, 2009:17).

1.1. Recursos naturais como contributos ao processo de uso e ocupação do espaço rural de Quirinópolis

Para dar início à caracterização das paisagens cerradeiras, foi necessário analisar o Cerrado como um conjunto de elementos típicos e de diferentes fitofisionomias[34]. Segundo Chaveiro e Castilho (2010), "o Cerrado, além de Bioma, é também ecossistema, podendo ser considerado ainda como Domínio [...]". A apresentação de suas características físicas pode contribuir para o conhecimento do homem cerradeiro, suas atividades, suas formas de organização espacial, suas relações com o meio físico, dentre outros.

Candido (1979, p. 23) expressa bem essas relações, apresentando que "a existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas [...]". Dessas relações e tensões é que se constituem os modos de vida de uma determinada população.

O termo "domínio", desenvolvido por Aziz Ab'Saber (2001), refere-se a uma "grande extensão das savanas brasileiras". Para esse autor, domínio morfoclimático e fitogeográfico é entendido como "um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial [...], onde haja um esquema coerente de feições de relevo, tipos de solos, formas de vegetação e condições climático-hidrológicas. Conforme o autor, nessa forma de classificação de feições paisagísticas e ecológicas integradas, formando complexos relativamente homogêneo e extensivo, existem seis domínios morfoclimáticos brasileiros, dentre eles, o "Domínio do Cerrado".

Não cabe aqui a discussão sobre qual termo seria o mais correto, se domínio ou se bioma. Para este trabalho, interessa-nos entender os processos e as relações

[34]Para maiores detalhes, ver texto "Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico", de Chaveiro e Castilho (2010).

e, para isso, é imprescindível analisar como o Cerrado foi usado a partir de elementos físicos, tornados vitais para a vida humana. Utilizaremos o termo bioma por ser o mais usado pelos diversos autores, tanto da área física da Geografia, como da humana.

Chaveiro e Castilho (2010) afirmam ser o Cerrado o segundo maior bioma do Brasil em extensão, com uma área original, antes do início dos desmatamentos, de 2 milhões de quilômetros quadrados. Contudo os autores ainda ressaltam que há, também, nesse Domínio, outras formações as quais constituem ecossistemas de outros biomas, como as florestas de Mata Atlântica.

Dentro do Bioma Cerrado, há várias formações de ecossistemas que, de acordo com Chaveiro e Castilho (2010), são assim classificados: campos limpos; campos sujos; cerrado *stricto sensu;* cerradão; matas galerias; veredas; e cerrado rupestre.

O campo limpo é constituído principalmente por gramíneas, conhecidas por capim e grama e o campo sujo, também conhecido por cerrado ralo, deriva da conjugação de campos com diversas plantas herbáceas, com arbustos pouco expressivos. A fauna habita ambos os campos, limpos e sujos. Esses dois tipos de Cerrado foram muito empregados com a pecuária extensiva, inicialmente, como pastos nativos. No Município de Quirinópolis, de acordo com Santos (2004), a pastagem natural, nos anos 1950, ocupava uma área próxima a 153.944 ha.

O espaço do cerrado *stricto sensu* e do cerradão foram os escolhidos para as atividades agrícolas. Em Quirinópolis, no início de 1950, o desmatamento, para implantação da agricultura, correspondia a uma área de 16.406 ha cultivados. Esse ecossistema refere-se à vegetação mais representativa desse bioma e a mais peculiar desse Domínio, segundo Chaveiro e Castilho (2010).

> As espécies vegetais são em maioria arbustivas (árvores de pequeno porte, 3 a 8 m de altura), com troncos tortuosos (devido a acidez do solo), cascas grossas e folhas largas e grossas [...]. A ocorrência dos arbustos não é densa como nas matas. [...] por condição de adaptação, as raízes dos arbustos são profundas, alcançando até 18 metros de profundidade. Isto, pois, os lençóis freáticos (águas subterrâneas), que garantem vida à essa vegetação são encontrados bem abaixo da superfície (CHAVEIRO e CASTILHO, 2010, p.4).

Rigonato (2005) corrobora a informação de Chaveiro e Castilho e complementa informando que se constituem de gramíneas e espécies lenhosas, e a

mais rica em espécies com poder medicinal[35]. Esse ecossistema é uma forma intermediária entre o cerrado denso e o cerrado ralo.

O cerradão é constituído por uma vegetação de transição entre a mata seca[36] e o cerrado *stricto sensu,* apresentando "árvores frondosas (que têm muitas folhas e muitos ramos), mas também espécies tortuosas, típicas do cerrado *stricto sensu.* Aqui já temos uma alta densidade da vegetação de porte maior (8 a 9 metros ou mais) que os arbustos" (CHAVEIRO e CASTILHO, 2010, p.4). Essas são as áreas preferenciais que os camponeses escolheram para derrubar e praticar a agricultura, devido à fertilidade do solo ser maior que em outros ecossistemas desse bioma. Também o capital agrário (e o agronegócio) tem preferência por esse tipo de solo.

Segundo Sousa, atualmente, ainda se encontram remanescentes da vegetação nativa de cerrado denso (o cerrado *stricto sensu*), cerrado ralo (o campo sujo), e cerradão, correspondendo a fragmentos de Cerrado, raramente grandes, em áreas de reserva legal, ou em áreas onde não são possíveis atividades agropecuárias. "Encontram-se, portanto, 'ilhados' pelos usos predominantes de pastagens e agricultura" (SOUSA, 2010, p.92).

Sousa (2010) observou, ainda, em sua pesquisa em uma das sub-regiões[37] do Município de Quirinópolis, que, nas áreas rebaixadas, há a presença de solos mais férteis, provenientes da alteração do basalto, portanto, solos ricos em ferro e argila. Nesse solo, "ocorre uma vegetação florestal mais densa, típica de floresta de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica". Acrescenta, ainda, que essa vegetação "foi devastada para implantação de lavouras: arroz seguido por milho, depois soja/sorgo e, atualmente, a cultura da cana-de-açúcar" (SOUSA, 2010, p. 92).

A classe de cerrado denso correspondia, em 1980, conforme tabela 1 elaborada por Sousa, a 4,02% da área do município, dispersa e restrita a pequenos fragmentos, não conectados às demais formas de vegetação nativa, assim como o cerradão, correspondendo a 0,61% do total. A área de cerrado ralo equivale a 1,22% da área (SOUSA, 2010).

---

[35] Das espécies constituintes desse ecossistema, podemos enunciar o assa-peixe, chapéu-de-couro, baru, mangabeira, pequizeiro, barbatimão, dentre outros. Uma das preocupações com os desmatamentos está contida na perda da memória medicinal que os povos tradicionais têm com o Cerrado. Essa questão será mais bem apresentada no capítulo cinco.

[36] As matas secas são mais afastadas dos cursos d'águas (córregos e rios), por isso, são também conhecidas como matas de interflúvios.

[37] O recorte espacial de sua pesquisa foi a Sub-região Serra Confusão do Rio Preto.

Tabela 1: Quantificação do uso do solo no município de Quirinópolis em 1980

	Usos da Terra	Área (ha)	%
Vegetação Remanescente	Campo Limpo Úmido	403,04	0,09
	Cerrado Denso	18.212,85	4,02
	Cerrado Ralo	5.543,23	1,22
	Cerradão	2.783,64	0,61
	Mata Ciliar	52.570,50	11,61
	Total de Vegetação remanescente	**79.513,26**	**17,56**

(*) canais de drenagem, lagos, represas.
Fonte: SOUSA, 2010, adaptado por SOUZA, 2012.

Comparando as tabelas de 1980 e 2008 (Tabelas 1 e 2), apresentadas por Sousa (2010), percebe-se, a exceção do cerradão e das matas ciliares, que cresceram o tamanho de suas áreas (provavelmente, pela exigência da legislação ambiental), as demais tiveram redução. Em 2008, houve uma redução do cerrado denso de 4,02 para 1,53% da área, enquanto as de cerrado ralo de 1,22 para 0,90%. O campo limpo úmido foi o que mais reduziu área, chegando a quase extinção 0,01%. Conhecida por várzea, essa é também uma área muito utilizada para as atividades agrícolas camponesas, que, pela grande fertilidade e umidade, favorece o crescimento das plantas.

Tabela 2: Quantificação do uso do solo no município de Quirinópolis em 2008

	Usos da Terra	Área (ha)	%
Vegetação Remanescente	Campo Limpo Úmido	36,42	0,01
	Cerrado Denso	6.945,10	1,53
	Cerrado Ralo	4.080,51	0,90
	Cerradão	3.354,34	0,74
	Mata Ciliar	56.260,59	12,43
	Total de Vegetação remanescente	**70.676,96**	**15,61**

(*) canais de drenagem, lagos, represas.
Fonte: SOUSA, 2010, adaptado por SOUZA, 2012.

Outros três ecossistemas do Cerrado, em áreas úmidas, também muito importantes na relação com a agropecuária, são as matas galerias, matas ciliares e as veredas. Conforme os autores, a primeira acompanha os cursos d'água, com

árvores que atingem até 30 metros de altura, e suas copas se fecham por cima dos cursos d'água, por isso, formam galerias.

As árvores de menor porte formam as chamadas matas ciliares[38] (por parecerem com os cílios de nossos olhos quando abertos). Elas não formam galerias, "pelo fato de as copas das árvores de um lado do rio ou córrego não tocarem nas do outro lado" (CHAVEIRO; CASTILHO, 2010, p. 6). Diferentemente das matas secas, essa vegetação mantém suas folhagens o ano todo, é frondosa de troncos lisos e folhas pequenas[39].

As veredas, também chamadas de várzeas[40], têm sua vegetação formada, basicamente, pelo Buriti e por espécies de matas e de campo. Constituem-se nas principais nascentes das muitas bacias hidrográficas do Cerrado. Conforme Nascimento (2001), no Município de Quirinópolis, existia uma fauna aquática específica e extremamente rica, nas áreas alagadas das veredas e, na mesma formação vegetal, essa fauna diversificava-se conforme o tipo de ambiente habitado.

Pelo fato de o Cerrado brasileiro ter sido marginalizado e considerado um espaço inóspito, as políticas públicas federais destinaram poucos recursos a esse bioma. Conforme Chaveiro e Castilho (2010), em razão de ser considerado um ecossistema de solo pobre e infértil, foram sendo criados preconceitos que se referenciavam pela estética da tortuosidade de suas espécies vegetais. Aliás, figura de linguagem muito usada nos livros didáticos de geografia do século XX.

Mendonça e Mesquita (2008, p. 4) relatam que a modernização da agricultura "se materializa como discurso da modernidade sendo implementadas nas áreas cerradeiras, até então, consideradas inóspitas, improdutivas e atrasadas". Caracterizam-na como conservadora em virtude de expressar o movimento realizado pelo capital na busca incessante da produção do valor, mantendo a estrutura fundiária concentrada.

De acordo com Mendonça (2004, p. 173), a modernização capitalista é também "condição fundamental para compreender as transformações sociais e

[38]Segundo Sousa, ainda se encontram remanescentes de mata ciliar no município, também em fragmentos (SOUSA, 2010), entretanto, são insuficientes para a proteção dos mananciais e para a biodiversidade.
[39] Dentre a vegetação remanescente desse ecossistema, predomina, embora fragmentada, a mata ciliar, que, conforme Souza (2010), em 2008, correspondia a 12,43% da área do município (Tabela 2).
[40]Chamado popularmente pelos camponeses como "varjão".

espaciais das áreas de Cerrado, na medida em que podem ser compreendidas enquanto modernização do território goiano [...]".

Essa descrição preliminar do Cerrado possibilita conceber como o homem do campo se insere nesse bioma. As espécies vegetais, os tipos de solo, o meio aquático e até mesmo as espécies animais são elementos que fundamentam o tipo de organização espacial e de construção das territorialidades dos camponeses, e de como se materializam nas formas, ou seja, nas paisagens físicas e culturais, materiais e imateriais.

Outro fator importante a ser destacado na percepção das práticas sociais desses sujeitos deve-se ao fato de esse bioma ter sido desprezado pelos investimentos do capital e pelas políticas públicas, até meados do século XX. Esse fato contribuiu para que os camponeses se estabelecessem, com relação de trabalho familiar e a produção para a economia de consumo[41], ritmados pelo ciclo da natureza. No entanto foi a partir da segunda metade do século XX que o conhecimento científico criou as bases para que iniciassem os seus investimentos, reinventando a fronteira agrícola.

A Comunidade Pedra Lisa, por estar inserida no Cerrado goiano, também até meados dos anos 1970, não tinha sido atingida pelo processo de reprodução ampliada do capital e, nessa condição, os camponeses desenvolviam suas estratégias de produção e planejamento do uso do espaço, seguindo uma lógica própria que lhes permitiu o estabelecimento dos vínculos territoriais. A partir dessa década, a lógica camponesa passou a se relacionar com outras lógicas, inclusive a capitalista, que se manifesta na pecuária de mercado, seguida, mais adiante, pela agricultura comercial de arroz, milho e soja, impondo novas tensões às comunidades camponesas.

A produção voltada ao mercado chegou ao Cerrado como um processo vinculado à modernização e à aplicação do conhecimento científico, mostrando que os solos não eram improdutivos. De acordo Castro *et al*. (2007), o discurso de solos degradados é falso e caiu por terra quando o capital de fato se interessou em estabelecer-se na região do Cerrado. Segundo as autoras, foi pelo conjunto de

[41] Por economia de consumo, entende Brandão, como a produção para sustentação familiar ou de trocas de produtos por produtos, em comunidades camponesas tradicionais, mas já integradas ao mercado. Diferente da economia de mercado, considerado "economia de excedente produção para além do consumo, o excedente comercializável" (BRANDÃO, 2009, p. 45).

recursos naturais e pela logística que as áreas de Cerrado entraram no zoneamento de aptidão agrícola (CASTRO *et al*., 2007).

Conforme Silva e Peixinho (2012), em setembro de 2009, foi lançado, pelo o Ministério da Agricultura o projeto de Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar (ZAE), conforme figura 1.



Figura 1: Áreas consideradas aptas para o cultivo de cana-de-açúcar, segundo o Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar
Fonte: EMBRAPA SOLOS, 2009/SILVA e PEIXINHO, 2012.

De acordo com *ActionAid*, o país "dispõe de cerca de 64,7 milhões de hectares de áreas aptas à expansão do cultivo da cana-de-açúcar, sendo que,

destes, 19,3 milhões de hectares foram considerados com alto potencial produtivo, 41,2 milhões de hectares com médio e 4,3 milhões com baixo potencial [...]" (ACTIONAID, 2010, p. 40).

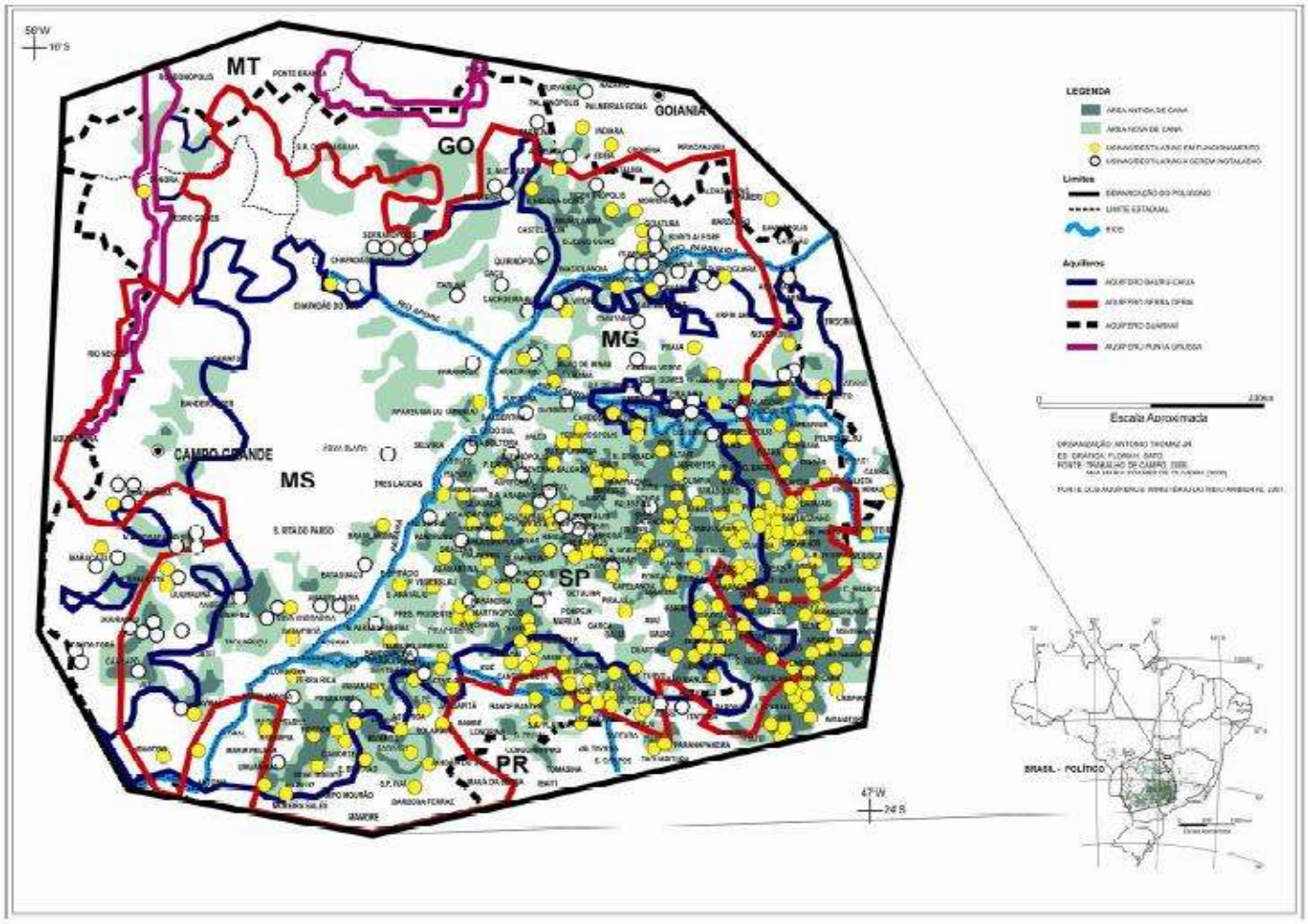
O objetivo principal da ZAE é certificar o etanol como um produto de exportação que não provocará desmatamento, por isso, "a maior parte das áreas consideradas aptas para a expansão da cana está no Cerrado" (ACTIONAID, 2010, p. 41).

A consolidação territorial da expansão do modelo agropecuário capitalista, no Brasil, é denominada, por Thomaz Júnior, de "Polígono do Agrohidronegócio", pelo fato de que "[...] o sucesso do agronegócio não pode ser atribuído somente à sua fixação à territorialização e/ou monopolização das terras, mas também ao acesso e controle da água, assim como as demais etapas da cadeia produtiva, comercialização etc." (THOMAZ JÚNIOR, 2010, p. 97).

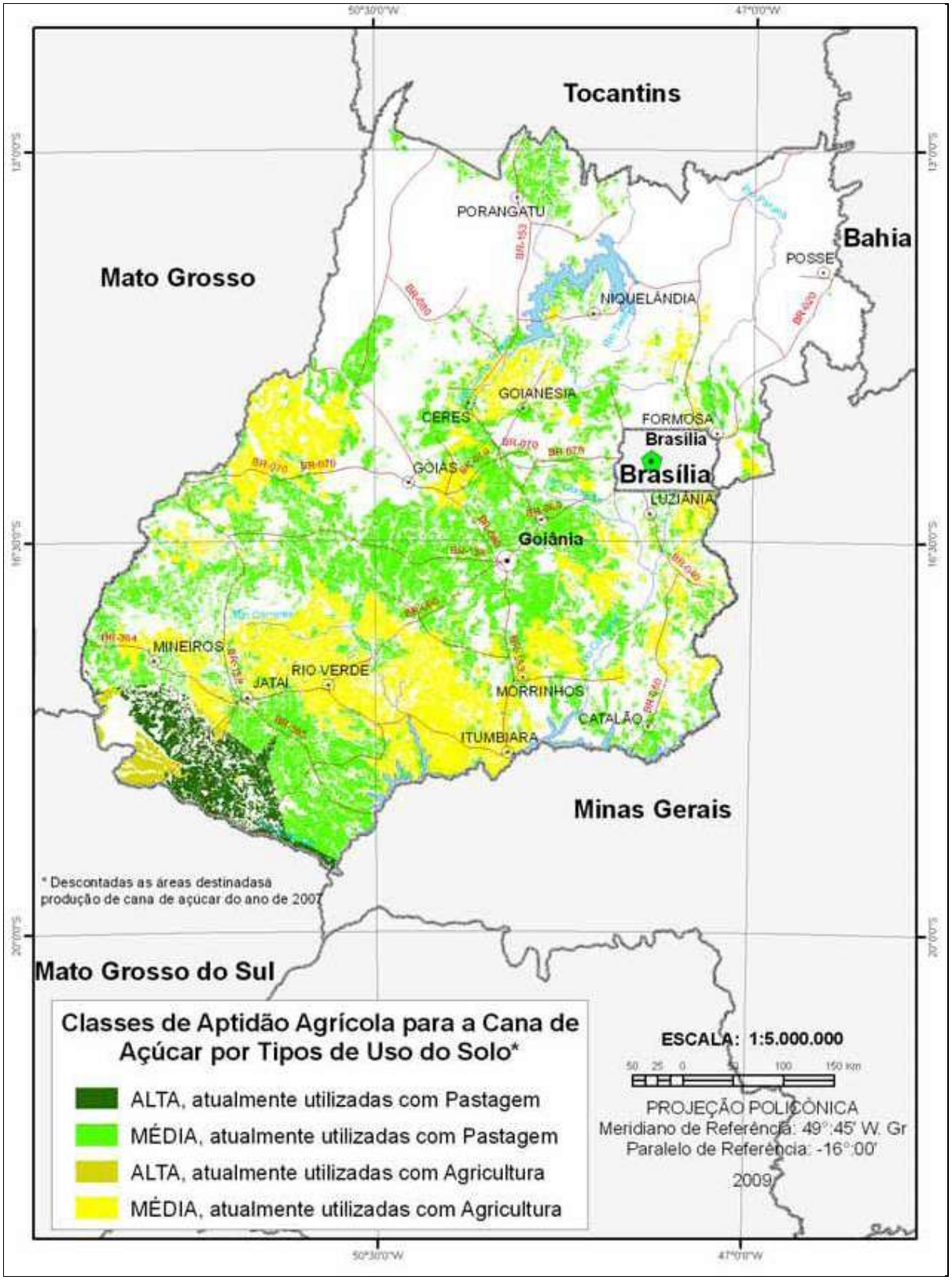
Esse polígono, segundo o autor, abrange uma área extensa e central do Brasil, "a contar com o Oeste de São Paulo, Leste do Mato Grosso do Sul, Noroeste do Paraná, Triângulo Mineiro e Sul-Sudoeste de Goiás" (THOMAZ JÚNIOR, 2010, p. 92), área que representa 80% das plantações de cana-de-açúcar, mas cuja demarcação territorial contempla também outras formas de expressão do agronegócio, representada pela soja, milho e eucalipto (Mapa 4).

Conforme Silva e Peixinho (2012), o Estado de Goiás é o que apresenta predominância de áreas aptas, dentre as unidades federativas do Centro Oeste, com 41,6%, Mato Grosso do Sul está em segundo, com 35,9%, e Mato Grosso com 22,5%. Analisando o mapa 5, que apresenta o ZAE para o estado de Goiás, de acordo com Bunde (2011), grande parte das áreas aptas para o cultivo da cana-de-açúcar encontra-se na Mesorregião Sul e na Mesorregião Centro Goiano, considerando a regionalização do IBGE.

Um dos elementos importantes para essa expansão é o solo. Destaca-se, nesse recurso natural, o potencial pedológico, atribuído na profundidade mínima, na textura, drenagem, porosidade, matéria orgânica, declives e fertilidade. Caso essa última não seja adequada à determinada lavoura agrícola, a aplicação das técnicas de fertilização química resolve o problema.



Mapa 4: Polígono do Agrohidronegócio – Brasil, 2008
Fonte: THOMAZ JÚNIOR, 2010.



Mapa 5: Classes de aptidão agrícola para a cana-de-açúcar por tipo de uso do solo, no Estado de Goiás, 2009
Fonte: BUNDE, 2011

Diante disso, essa forma de concepção do Cerrado também chegou à Pedra Lisa, impondo práticas produtivistas e mercadológicas, baseadas na lógica do grande capital. Nas últimas décadas, investimentos, públicos e privados, propiciaram transformações intensas no espaço quirinopolino, repercutindo no uso dos seus recursos naturais e humanos. Uma nova racionalidade, pautada no desenvolvimento científico-tecnológico (como muito enfatizou Milton Santos[42], em seus estudos) insere o Cerrado a uma nova razão técnica, pautada na revolução verde[43].

Na comunidade camponesa em estudo, essas mutações ocasionaram alterações nos modos de vida, com consequências importantes, fosse em termos sociais, em função das tensões mercadológicas aos camponeses produtores de leite, fosse aos seus ambientes socioprodutivos.

A ação do agronegócio no lugar se revela na agricultura moderna, a qual inclui as pastagens cultivadas, a soja e o milho. Atualmente, na paisagem, a tendência da homogeneização das lavouras industriais se concretiza pela monocultura da cana-de-açúcar. A mecanização e os investimentos de capitais de preparação dos solos e tratos culturais têm se revelado como práticas importantes na retirada de reservas naturais na área em estudo[44], e na transformação do espaço vivido e concebido das comunidades camponesas. Embora a retirada da vegetação seja teoricamente compensada, essa ação prejudica a atividade leiteira e modos de vida, com implicações nos seus costumes, hábitos, práticas produtivas, responsáveis pela formação dos seus vínculos territoriais.

De acordo com Santos (2009, p. 3), a expansão das lavouras de cana-de-açúcar e também a reprodução ampliada desse setor têm imposto, para as áreas de Cerrado, “novas características, e é neste contexto que o campesinato, como modo de vida e de produção, vai sofrer, em seu território, um acelerado processo de desarticulação das relações sociais e de produção”.

Nessas tensões, aparecem os percalços, as histórias e estórias de vidas de um grupo humano que, a cada dia, elege, como prioridade, viver combinando em distintas proporções, saberes e fazeres que, transformados e ajustados ao cotidiano,

[42] Santos (1994, 1997) e Santos e Silveira (2001).
[43] Revolução verde foi produção e disseminação de práticas agrícolas que permitiram aumentar a produção no mundo por meio de melhoramentos genéticos de sementes, uso intensivo de insumos industriais e mecanização nas décadas de1960 e 1970.
[44] Embora representantes da agroindústria da cana e parte do poder público (nacional, estadual e municipal) argumentem que essa atividade no sudoeste goiano tem se instalado quase que totalmente em áreas degradadas, sobretudo, por pastagens.

revelam formas e continuam vivendo e pertencendo ao território. O território, como espaço vivido, é também concebido pelos camponeses como vital para a obtenção da sua existência[45].

Desse modo, os camponeses do lugar Pedra Lisa continuam existindo e produzindo leite, por intermédio de práticas que vão estabelecendo relações entre o velho e o novo, entre o que era da localidade, de domínio dos mais velhos, e também com o moderno. Nessa condição, ajustam-se várias tecnologias, que possibilitam a existência camponesa. O importante é ter em mente que o espaço vivido também se torna mutável, mas somente se consegue atingir essa condição quando os camponeses redefinem, ao mesmo tempo em que (re)criam seus territórios sociais e culturais, não desprezando as suas práticas socioculturais.

A Microrregião Quirinópolis é constituída por vários elementos do espaço, que apresentamos a seguir, e que favorecem a implementação de uma agricultura moderna. Conta com o clima tropical semiúmido, com duas estações bem definidas, sendo uma úmida, com, aproximadamente, seis meses de constantes precipitações pluviométricas[46] e, outra, seca, com seis meses de baixo índice pluviométrico. Essas condições climáticas contribuem para que o domínio do Cerrado seja caracterizado pela vegetação já descrita anteriormente, sob um solo geralmente deficiente em nutrientes, porém rico em ferro e alumínio e com boas condições de profundidade e drenagem, o que, aliado ao fator relevo, favorece também a agricultura comercial de mercado.

No caso da produção da cana-de-açúcar, por exemplo, o clima tropical se torna adequado, pelo fato de ter as duas estações bem definidas: o período quente e úmido, "promove germinação, perfilhamento e desenvolvimento vegetativo"; e o outro seco e frio, "favorece a maturação e acúmulo de sacarose nos colmos" (BORGES; CASTRO, 2010, p. 5).

---

[45] Essa concepção pode também ser entendida como processo. Segundo Gomes (1996), ao discutir o horizonte humanista da Geografia, apresenta o espaço vivido como resultado concreto de um processo histórico, não apenas de dimensão real e física, mas também como uma construção simbólica que associa sentidos e ideias. De acordo com o autor, além de ser "um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam nesse espaço", também deve ser "vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente" (GOMES, 1996, p. 319).

[46] De acordo Sousa (2010), pautado em dados da Agência Nacional de Águas (ANA, 2007), na região, o período chuvoso se concentra entre seis e sete meses, sendo comuns chuvas com mais de 50 mm em apenas uma ou duas horas de duração, sendo essa concentração pluviométrica nos meses de dezembro e janeiro.

A geomorfologia do Município de Quirinópolis também favorece o processo de produção do agrocombustível. De forma geral, o município é constituído por amplos vales cortados por várias serras, destacando-se a Serra Confusão do rio Preto, berço das águas do Rio Preto, que abastece a cidade de Quirinópolis com água potável. Entretanto, há extensas áreas baixas, onde a mecanização se torna viável.

De acordo com Sousa (2010), o município, inserido na unidade geomorfológica denominada de Planaltos e Chapadas da Bacia Sedimentar do Paraná, possui, dentre outras formas de relevo, “faixas e planícies aluviais ao longo da rede de drenagem e superfícies regionais de aplainamento subdivididos em três compartimentos”. Dentre eles, a constituição de um relevo muito aplainado, com altitude variando de 500 a 550 m., constitui a geomorfologia do município, e nesse se insere a Sub-região Pedra Lisa, área de estudo desta pesquisa.

Borges e Castro (2010) corroboram isso, ao considerarem que a Microrregião Quirinópolis é privilegiada por possuir uma topografia que varia entre plana e suavemente ondulada, favorecendo a agricultura mecanizada; assim como o fato de apresentar declives, que variam de 0 a 12%, sendo que a declividade ideal dos terrenos é de 8 a 10%, para cultivos mecanizados, e de 10 a 12%, para cultivos semimecanizados. Por esse motivo, Quirinópolis e região testemunharam uma ocupação do solo para produção de grãos para exportação e atualmente observa-se uma intensa produtividade de cana-de-açúcar.

O mapeamento do solo da área estudada por Sousa (2010), a Sub-região Serra Confusão do Rio Preto, na área mais baixa, coincide com a mesma característica de solos de Pedra Lisa, visto a proximidade das duas sub-regiões, cerca de trinta quilômetros, com a mesma formação geológica. Assim sendo, essa área é constituída por solos profundos, antigos e bem desenvolvidos, os Latossolos Vermelhos e Vermelho-Amarelos, sobre o basalto da Formação Serra Geral, do Grupo São Bento.

Conforme Santos (2002), os Latossolos[47] têm origem na Formação Serra Geral, constituída por espessos e extensos derrames de basaltos. A alteração dessa rocha dá origem a solos de grande fertilidade, constituindo-se nos melhores solos utilizados pela agricultura comercial moderna.

[47] Conhecidos popularmente por terras roxas.

O Plano Diretor de Quirinópolis (2008), mediante informações do Radambrasil (1983), confirma essa classificação, assegurando haver ter três classes de solos no município, sendo a primeira, portanto, a predominante, representada pelo Latossolo Vermelho-Escuro Álico e pelo Latossolo Roxo Distrófico. Este último, de acordo com o Plano Diretor, encontra-se na base do relevo, com boa drenagem e ocorrência significativa de horizonte B latossólico. Os altos teores de ferro, apresentando coloração vermelho-escuro, devem-se ao seu material de origem, conforme apresenta a fotografia 4.



Fotografia 4: Latossolo Vermelho, rico em ferro, com características de boa fertilidade para as plantações, em uma das propriedades de Pedra Lisa.
Fonte: Trabalho de campo, Abril de 2011. Foto do autor.

É nessa categoria de solos que a atividade agrícola comercial moderna se territorializou com a produção de milho e soja. De acordo com dois engenheiros agrônomos, que também são consultores e produtores de cana[48], nos anos de 2002/2003, ocorreu o advento da ferrugem asiática[49] na soja, que iniciou no Chapadão do Céu e, de forma acelerada, chegou ao Município de Quirinópolis. Em 2004 e 2005, a ferrugem continuou atacando e destruindo as lavouras de soja.

[48] Entrevista realizada, em 2008, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[49] Ferrugem asiática, também conhecida como ferrugem da soja, é uma doença causada por um fungo (*Phakopsora pachyrhizi),* que atinge a desfolha precoce da soja, promovendo a redução da produtividade dos grãos.

Dessa forma, a agroindústria São Francisco se apropriou das melhores terras de Quirinópolis, na região Sete Lagoas, com grande concentração desse tipo de lavoura. De acordo com o Sindicato Rural, os proprietários não tiveram saída. Ou arrendavam para a usina ou plantavam cana, com financiamento de juros de 8 a 12% ao ano, para pagar os prejuízos com a soja.

Os Latossolos Vermelho-Escuros Álicos são caracterizados por solos profundos, altamente intemperizados, com espesso horizonte B, e alto teor de ferro, possuem boa drenagem interna e boa resistência à erosão de superfície. São originados dos arenitos do Grupo Bauru, com textura média, e associados com Areias Quartzosas, em relevos planos a suavemente ondulados.

Em decorrência de sua baixa saturação de bases, necessitam de correções químicas para serem utilizados na agricultura (PLANO DIRETOR, 2008). Incide-se, também, sobre esses solos, a atividade agrícola moderna, mas boa parte desses está com pastagens. Parte dessas áreas também foi ocupada pela cana, sobretudo, pela Agroindústria Nova Fronteira Bioenergia S.A.[50], onde o nível de degradação das pastagens e do solo estava por várias décadas comprometendo, em torno de 60%, a produção do rebanho.

Os recursos hídricos também são fatores favoráveis à implementação de atividades econômicas no espaço rural. Conforme Chaveiro (2010, p 70), “no caso específico do Cerrado goiano, alguns componentes físico-territoriais possuem relevância dado às suas características singulares”. Dentre elas, destacam-se:

> A potencialidade hídrica, que é considerada como uma de suas maiores riquezas e a sua grande contribuição ao mundo, especialmente por dar guarida a grande parte do aquífero Guarani e dar origem às bacias do Rio São Francisco; do Araguaia-Tocantins e da Bacia Platina; [e] os seus solos profundos, geralmente, areno-argilosos [*sic*], que facilitam a percolação da água (CHAVEIRO, 2010, p. 70).

A área do município constitui-se em um rico sistema de drenagem com sub-bacias hidrográficas muito densas, de pequenos cursos d’água, afluentes de rios maiores, como o Paranaíba, que, juntamente com o Rio Grande formam o Rio Paraná. Os rios da Bacia Paranaica correm entre os residuais areníticos da Formação Marília, do Grupo Bauru, dos quais, no município, destacam-se os Rios São Francisco, dos Bois, Alegre e o Rio Preto. Este último, quase que totalmente

[50] Criação de uma nova empresa, Nova Fronteira Bioenergia S.A, a partir da sociedade entre a Usina Boa Vista e a Petrobras, por meio da sua subsidiária Petrobrás Biocombustível.

inserido na área do município de Quirinópolis[51], aproveitado como recurso hídrico de abastecimento da cidade.

Além desses rios, “os Ribeirões Fortaleza, das Pedras, do Rosa, da Perdiz e Lajeado também fazem parte da rede de drenagem, bem como os Córregos das Clemências, Cachoeirinha, do Cruzeiro e Capela”, de acordo com Santos, (2002). Essa riqueza de recursos hídricos garante também o abastecimento ao processo industrial e agrícola, pela irrigação, das duas agroindústrias da cana instaladas no município. Thomaz Júnior (2010, p. 97) argumenta que “dispor de terra e água, mais ainda, controlá-las, possibilita ao capital, condições para a prática da irrigação, o que reforça e intensifica a expansão territorial sobre as melhores terras para fins produtivos [...]”.

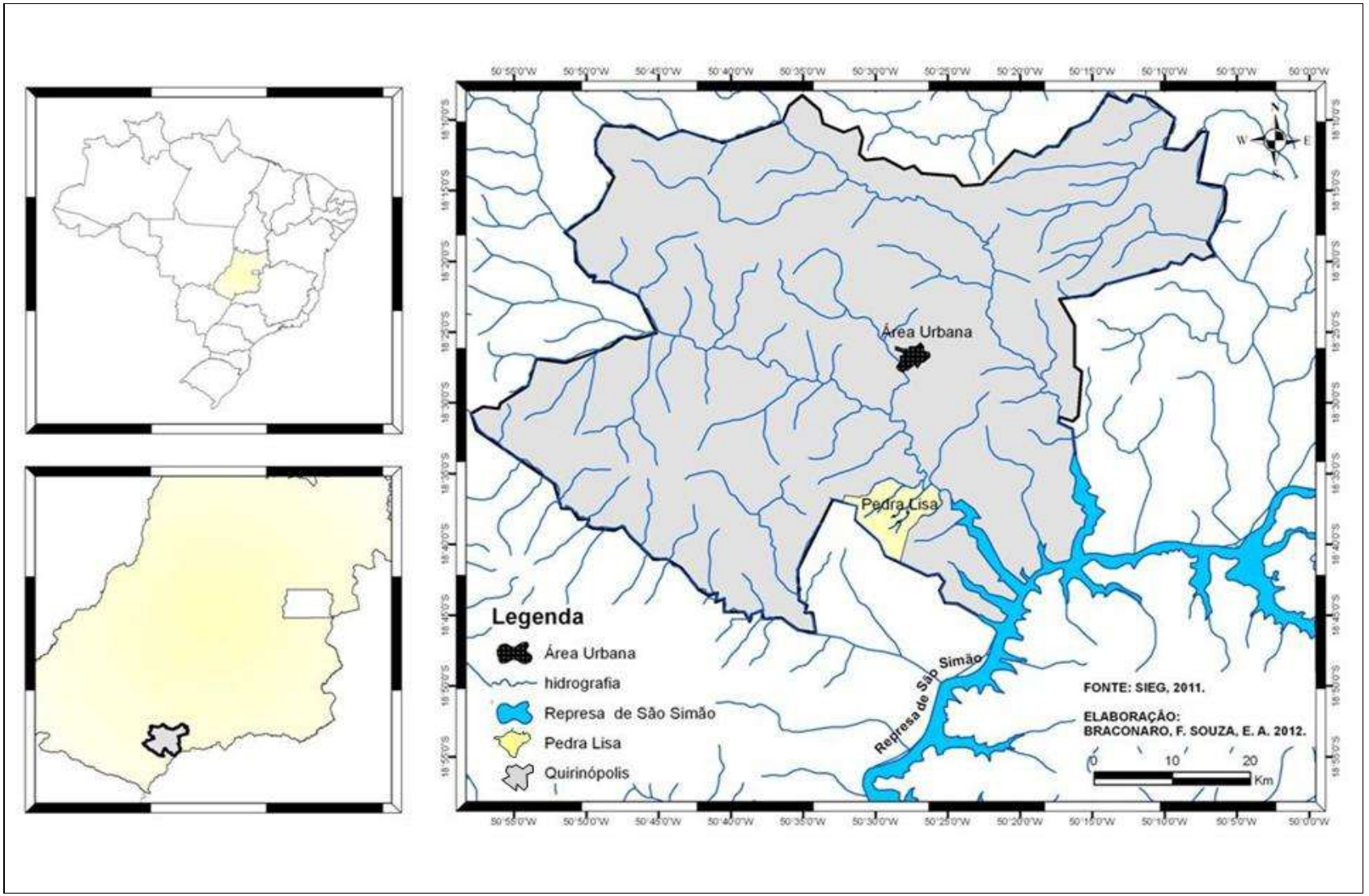
> Em essência, a garantia da terra e da água são, definitivamente, elementos indissociáveis para o capital, isto é, a água historicamente vinculada ao acionamento dos pivôs-centrais e à irrigação das grandes plantações para exportação, num ritmo de destruição sem limites, como se notabiliza no Cerrado o “sangramento” das veredas e barramento de pequenos cursos d’água, da mesma forma que em praticamente todas as grandes regiões do país, o represamento de rios (reservatórios) para produção de hidroeletricidade (THOMAZ JÚNIOR, 2010, p. 98).

A Agroindústria Boa Vista (atualmente, Nova Fronteira) publicou, em seu site, antes do início das atividades, sobre a instalação de “um sistema de irrigação, que servirá tanto para a distribuição da vinhaça, quanto para a complementação de irrigação com água, de modo a suprir a eventual falta de chuva, aproveitando a abundância de água na região” (USINA BOA VISTA, 2009).

Parte dos cursos d’água menores (rios, ribeirões e córregos) que drenam o Município de Quirinópolis nasce na Serra Confusão do Rio Preto, descendo a escarpa em “verdadeiros ressaltos topográficos de dezenas de metros de profundidade, formando inúmeras quedas d’água e belíssimas cachoeiras” (SOUSA, 2010, p. 85).

Conforme mapa 6, o município possui uma boa quantidade de pequenos cursos d’água em todas as sub-regiões. O Córrego Pedra Lisa, que deu nome à sub-região em estudo, e o Córrego Bebedouro são os mais importantes nessa sub-região, visto que recebem pequenos afluentes, antes de desaguarem no Rio Preto.

[51] Apenas uma pequena parte do seu alto curso, incluindo sua nascente, está no Município de Rio Verde, para, em seguida, fazer divisa entre este e o município de Cachoeira Alta, e depois deste, com o Município de Quirinópolis, antes de entrar totalmente em seu território.



Mapa 6: Hidrografia do Município de Quirinópolis, com a localização da Sub-região Pedra Lisa
Elaboração: BRACONARO, Fernando, SOUZA, Edevaldo A., 2012

Alves Filho[52], (2010, p. 27) corrobora os dados, ao escrever sobre a relação da população com os rios e córregos de Quirinópolis e região, em tempos de infância. Descreve que, “além de comporem o ecossistema, saciavam a nossa sede e a dos animais durante as longas viagens a cavalo ou em carros de bois quando se levava o gado de um lugar para outro”.

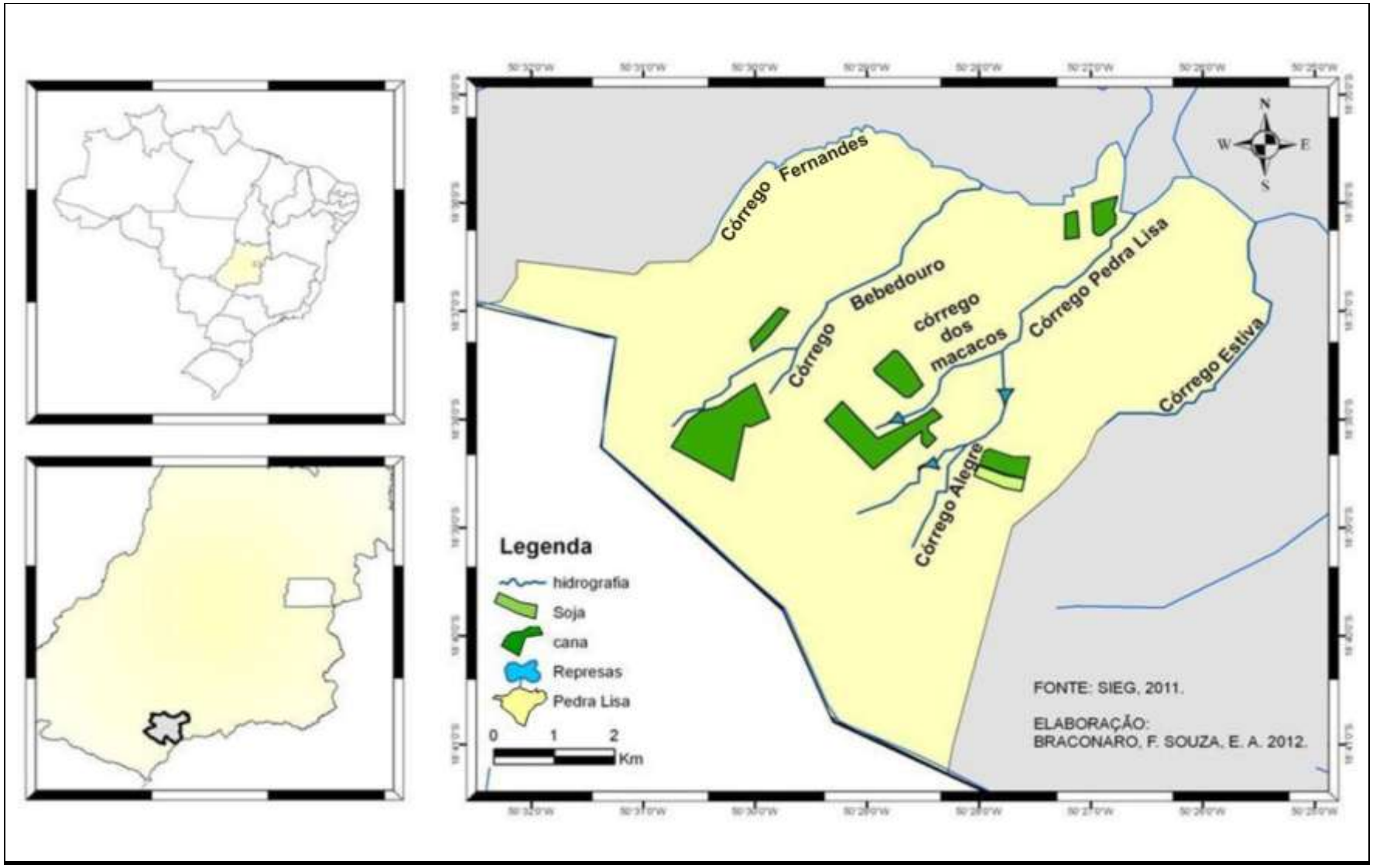
Esse professor lembra não apenas da lida no trabalho, mas igualmente do lazer: “quando nos banhávamos nas cachoeiras do Rio São Francisco e Jacaré”. Acrescenta que “um rio contém um conjunto de experiências e significados que dá outras dimensões à vida terrestre e espiritual”. Mas não é somente o rio que deixa marcas, explica o autor, também “outras formas, sabores e cores da natureza” (ALVES FILHO, 2010, p. 26).

Para Müller (2002), o rio ou córrego pode se constituir em espaço de lazer da comunidade. Ele “acontece no tempo disponível das pessoas e dentro de uma experiência de acordo com a atitude adotada de forma gratuita e rica em ludicidade” (MÜLLER, 2002, p. 12). O que queremos afirmar com esse pensamento é que, em Pedra Lisa, mesmo não possuindo um significado fundante de que estão constituindo um espaço turístico, constroem espaços de lazer dentro de “um fazer sem compromisso maior” (MÜLLER, 2002, p. 9).

Esses foram importantes fatores de uso e ocupação do espaço nessa comunidade. Pedra Lisa possui atrativos suficientes para que a Agroindústria Nova Fronteira tenha interesse em transformá-la em lavouras de cana-de-açúcar. O relevo dessa sub-região é relativamente plano, três córregos com bom volume d’água se localizam nesse lugar (Pedra Lisa, Bebedouro e Estiva), além de outros menores, e o Córrego Fernandes que faz limite com a Sub-região Guarirobas (Mapa 7).

Outro fator importante para o interesse da agroindústria da cana é o fato de essa comunidade estar inserida dentro do raio de 30 a 50 quilômetros de distância da agroindústria, tornando a produção facilitada pelos acessos. Um exemplo pode ser apresentado quando a Agroindústria Nova Fronteira planejou utilizar e alargar uma estrada que passa no interior da propriedade de um camponês que não quer saber de cana em suas terras.

[52] Texto publicado em 2010, por Eloy Alves Filho, nascido em Quirinópolis, Doutor em História Econômica, Mestre em Sociologia Rural pela USP, Pós-Doutor pela Universidade de Coimbra, Portugal. Atualmente é professor da Universidade Federal de Viçosa/MG.



Mapa 7: Sub-Região Pedra Lisa contendo conteúdos hidrográficos e áreas com cana-de-açúcar para comercialização com a Usina Nova Fronteira
Elaboração: BRACONARO, Fernando e SOUZA, Edevaldo Aparecido, 2012.

Como o proprietário foi contrário à localização dessa estrada, os produtores que estão produzindo cana tiveram problemas de relacionamento com esse camponês, porém o conflito ficou apenas nas acusações verbais[53]. Segundo o camponês:

> Ficaro aqui duas noite fazendo ameaça na minha porta, com a máquina retroescavadeira, andano pra baxo e pra riba aqui com ela. Nóis num dormiu duas noite. Eles ia lá em riba e rastava o bico dela no chão e vinha aqui na porta. Eles entrô duas veis na minha porta aqui com ela, pressionando [...]. Pressioná pra abri estrada no mato. Tem uma área ali que já é reserva, eles queria tombar lá de noite pra fazê [a estrada], pra passa o caminhão deles (Informação verbal[54]).

Desse modo, mesmo que a predominância seja de pequenas propriedades, essa proximidade significa menores custos de transporte e logística, e também de correções do solo[55], por necessitar de produtos químicos, devido a sua baixa saturação de base. Entende-se que o interesse da empresa deve ser por toda a área da comunidade, mas o fato de quatro pequenas propriedades aderirem à agricultura canavieira, transforma-se em maiores tensões para que outros também decidam por essa atividade, ou para que colaborem com as pretensões e interesses em usar o espaço da comunidade.

1.2. (Re)ocupação do espaço em áreas de Cerrado: recursos naturais como atrativos ao modelo do agronegócio

As práticas de monocultura comercial promoveram reconfigurações nas paisagens, ao longo das décadas da chamada modernização da agricultura, e, nos dias de hoje, quando uma nova cultura chega à região, a cana-de-açúcar, novas situações começam a ser processadas na paisagem, conforme mostra a fotografia 5.

Bunde e Mendonça (2012) expressam essa realidade ao escrever que a expansão do agronegócio dos agrocombustíveis tem desarticulado comunidades camponesas, inclusive com a implantação de um novo modelo de arrendamentos

[53] Esse caso foi encaminhado à delegacia de polícia de Quirinópolis, devido a terem apontado uma arma para os funcionários da empresa que estavam ali para executar o projeto de alargamento e aterramento da estrada.
[54] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[55] Alguns pesquisadores, como Marcelo Mendonça, preferem usar o termo adaptação, visto que o solo do Cerrado sempre teve essas características e as inserções químicas dizem respeito à incorporação desses solos à agricultura, e não à vegetação local.

capitalistas massivos de terra, por meio de contratos também em pequenas propriedades para produzir matéria-prima para a grande agroindústria.



Fotografia 5: Pequena propriedade com residência simples cercada pela cana-de-açúcar. Essa propriedade não está na área da comunidade estudada, mas da Sub-região Guarirobas, vizinha de Pedra Lisa.
Fonte: Trabalho de Campo, Junho de 2010. Foto do autor.

De acordo com esses autores, “Assiste-se ao cercamento pela cana-de-açúcar de comunidades camponesas inteiras” (BUNDE e MENDONÇA, 2012, p. 6). Realidade que também chega aos assentamentos de reforma agrária que, conforme Thomaz Júnior:

> O que se anuncia, com a ampliação dos assentamentos no cultivo da cana-de-açúcar, é a quebra da unidade da família camponesa, agora estimulada a fazer parte de um *grande negócio*, alardeado como bem-sucedido, que, para a maioria dos entrantes, já expressa os principais aspectos negativos, tais como: endividamento, desagregação da família trabalhadora e frustração (THOMAZ JÚNIOR, 2012, p. 7).

As famílias camponesas, quando não desterritorializadas, são fascinadas a acreditar que a melhor saída financeira para elas não é mais a produção de alimentos, mas a produção de matéria-prima para a grande agroindústria. Nos assentamentos do Pontal do Paranapanema ou na Comunidade Pedra Lisa, esse discurso tomou forma na oportunidade de arrendamentos das terras de alimentos ou de produção leiteira para a lavoura de cana-de-açúcar.

Antes da discussão atual do agronegócio, cabe lembrar que, por todos esses processos econômicos pelos quais passou o País, o homem do campo sempre

esteve presente em todos os acontecimentos, visto que, até a década 1960, o Brasil era formado principalmente de uma população rural, tanto na forma de produtores, grandes, pequenos e médios, como de trabalhadores rurais, assalariados ou na condição de meeiros, parceiros ou arrendatários. Na atualidade, esses trabalhadores do agronegócio estão mais ligados à cidade que ao campo.

O desmatamento, no Município de Quirinópolis, para a implantação da agricultura, teve início nas décadas de 1950 e 1960, para acolher culturas alimentares e pastagens, com a produção extensiva do gado bovino. Contudo, ainda em pequenas proporções, pois, de acordo com dados de Santos (2004), quase cem por cento da superfície do município era recoberta pela vegetação natural, ou seja, uma área quase inexplorada.

De acordo com esse autor, esse desmatamento, em 1960, correspondia a uma área de 16.406 ha cultivados com culturas alimentares, sendo que o arroz correspondia a 56,8% dessa área, com predomínio da produção de consumo. A pastagem natural, nessa década, ocupava uma área próxima a 153.944 ha, com a produção extensiva do gado bovino (SANTOS, 2004).

Outras atividades básicas, nesse período, eram as pequenas lavouras de milho, feijão e criações de animais, como, galinhas, suínos e equinos, somente para o autoconsumo da família e das criações. Dessa forma, a produção agrícola, no município e região, era de agricultura para suprimentos vitais, destinando o excedente ao mercado regional, com a presença de camponeses, preservando quase integralmente a vegetação natural do Cerrado.

Chastan (2001) escreve que a produção, no mesmo período, era, basicamente, de economia de consumo, visto a produção não exceder às necessidades do consumo e de não haver um mercado consumidor forte mais próximo. A atividade pastoril era predominante e, por isso, existem abastados fazendeiros que fazem do gado um comércio bem lucrativo.

A Sub-região Pedra Lisa, em que predominava as lavouras e criação de animais para economia de consumo até as décadas de 1960/70, a partir de então, entrou também com a economia de mercado, inicialmente, por intermédio da produção de alimentos para, posteriormente, produzir soja e pecuária de corte e leiteira.

Ainda nos anos 1960, no Município de Quirinópolis, conforme Santos (2004), já era possível observar o fenômeno da modernização e mecanização no campo,

por intermédio da introdução de monoculturas para exportação, já atingindo mais de 30 mil hectares, principiando com o cultivo do arroz, representando, nesse momento, 60,35% da área, gradativamente substituído pelo milho e soja. O arroz, na verdade, foi implantado já com o objetivo de desmatar a área e preparar o solo para a soja que viria posteriormente. A prática da monocultura produziu, na paisagem do Cerrado, uma nova configuração, física e cultural, que continua a se remodelar até os dias atuais.

Assim sendo, pode-se assegurar que a disputa pelo Cerrado é consequência da forma como esse espaço local se insere no mundo global, com outros interesses e lógicas. “Essa inserção, veloz, diretiva e economicista, acende a vitalidade de outro nível de consciência que se vê desenraizada, vilipendiada, explorada, fragmentada, usada” (CHAVEIRO, 2008, p. 76).

É nesse período que se intensifica a substituição das formas e relações de produção tradicionais e de alimentos básicos, fundamentadas muito mais na ética e na moral camponesa, para formas e relações de produção monocultora para o mercado externo. Em Pedra Lisa, observa-se que os valores éticos são tão importantes quanto o econômico, sendo este uma parte daquele, ou seja, as necessidades financeiras devem ser nutridas pelas regras da moral e da ética camponesa.

Conforme Santos (2008a, p. 99-100), a “redefinição e a reocupação dos Cerrados brasileiros, a partir dos anos 1970, são marcadas por projetos de “desenvolvimento”, que destacaram a agricultura como fontes de divisas e de equilíbrio, na balança de pagamentos. [...]” O objetivo desses projetos, para o Centro Oeste, era promover a modernização da produção agrícola e obter produtividade no Cerrado.

As políticas de desenvolvimento do governo brasileiro implicaram o desmatamento da vegetação deste Bioma, a redução do número das pequenas propriedades e o deslocamento de famílias de camponeses e de trabalhadores rurais, para a prática de monocultura. Para Santos (2008a) são práticas, valores e instituições, historicamente constituídas pelas populações locais que foram seriamente abaladas a partir dos projetos estatais e do grande capital global que se espalharam pela região, tornando-se expressões do desenvolvimento.

Na década de 1970, o governo ampliou a política econômica de inserção em toda a região sul do Estado de Goiás com a introdução e intensificação da

mecanização e insumos agrícolas, a partir de tecnologias modernas. A área agrícola em Quirinópolis saltou para 55.308 ha no início dessa década, sendo que o arroz ainda ocupava larga vantagem na produção (55,2%), porém, agora, em escala comercial. Houve uma redução em 71.985 ha (38,7%) das pastagens naturais, passando de 185.948 para 113.963 ha, cedendo, assim, espaço para a pastagem cultivada, que chegou a 127.070 ha (SANTOS, 2004).

Bunde e Mendonça apresentam uma preocupação recente com a diminuição de áreas para a produção de alimentos no país.

> As consequências desta "nova" estratégia do capitalismo, relacionada ao agronegócio dos agrocombustíveis, que estamos vivendo no Brasil, são a utilização de territórios imensos, que antes estavam voltados para a produção de alimentos ou para a preservação da sócio-biodiversidade, na produção de cana-de-açúcar, numa intensidade jamais vista em nossa história (BUNDE e MENDONÇA, 2012, p. 5).

No final dos anos 1970 e nos anos de 1980, conforme Santos (2004, p. 121), "ocorre uma vertiginosa ascensão na produção de produtos comerciais como o milho e a soja e a queda acentuada na produção do arroz e feijão". Oliveira (2006) enfatiza, veementemente, essa redução da produção de alimentos. Segundo ele, a produção de alimentos tem decrescido no país desde 1992, sobretudo, o arroz, feijão e mandioca, que constituem os três principais alimentos da população pobre desse país.

No Município de Quirinópolis, a soja, introduzida nos anos de 1970, foi responsável pela inserção de tecnologias modernas no processo agrícola, e tem, nos dados apresentados por Santos, os quais datam do final dos anos de 1970 e início dos anos 1980, registrado um crescimento significativo, 15.965 ha, chegando a 28.000 ha em 2001, enquanto o arroz e o feijão, juntos, representavam apenas 1.500 ha de área plantada (SANTOS, 2004). No Estado de Goiás, segundo Bunde (2011), a queda de produção do arroz foi muito acentuada, despencando de mais de 900 mil hectares para 100 mil, conforme o gráfico 1.

Oliveira denuncia o descaso com a pequena produção camponesa no plano/safra de 2006/2007, revelando que "o setor do agronegócio sai de 44 bilhões para 50 bilhões de reais e a agricultura familiar passa de 9 [...] para 10 bilhões de reais" (Oliveira, 2006, p.4). A questão é que o crescimento dos valores ficou muito desproporcional entre as categorias pequena e grande produção.

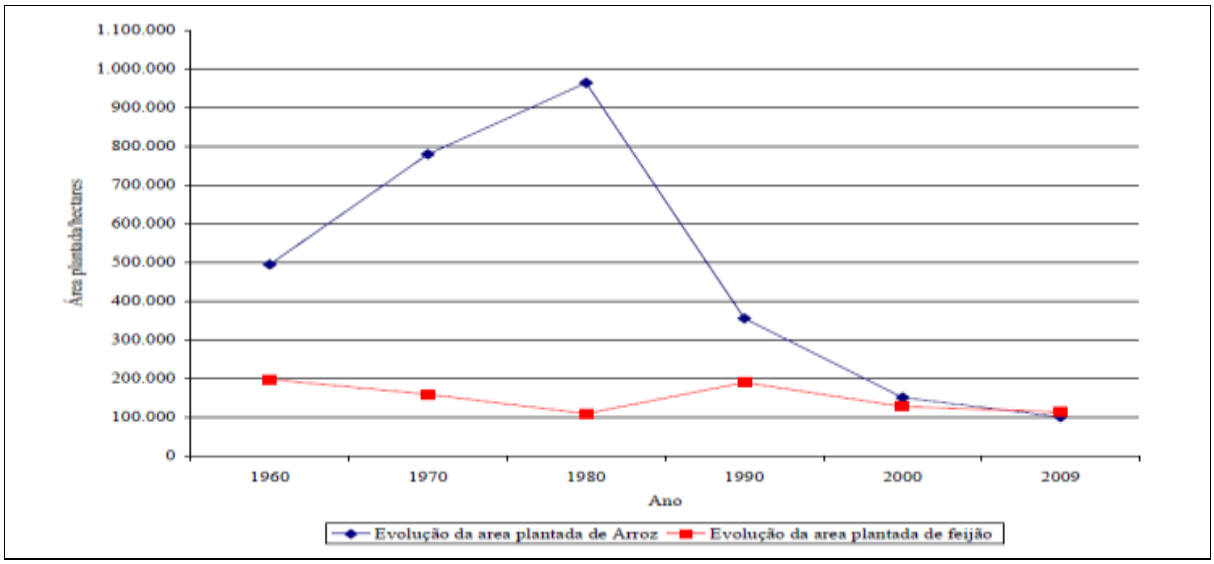


Gráfico 1: Evolução da área plantada (hectares) de arroz e feijão no estado de Goiás – 1960-2009
Fonte: IBGE/BUNDE, 2011

Percebe-se, pelos gráficos 2 e 3, que, na Microrregião Quirinópolis (essa realidade também pode ser referenciado para o município e a Comunidade Pedra Lisa), a produção da pecuária atravessou o período da modernização da agricultura mantendo-se praticamente estável, e a produção leiteira obteve avanços entre os anos de 1990 a 2009, lembrando que, até esse último ano, o município já contava com as duas agroindústrias da cana.

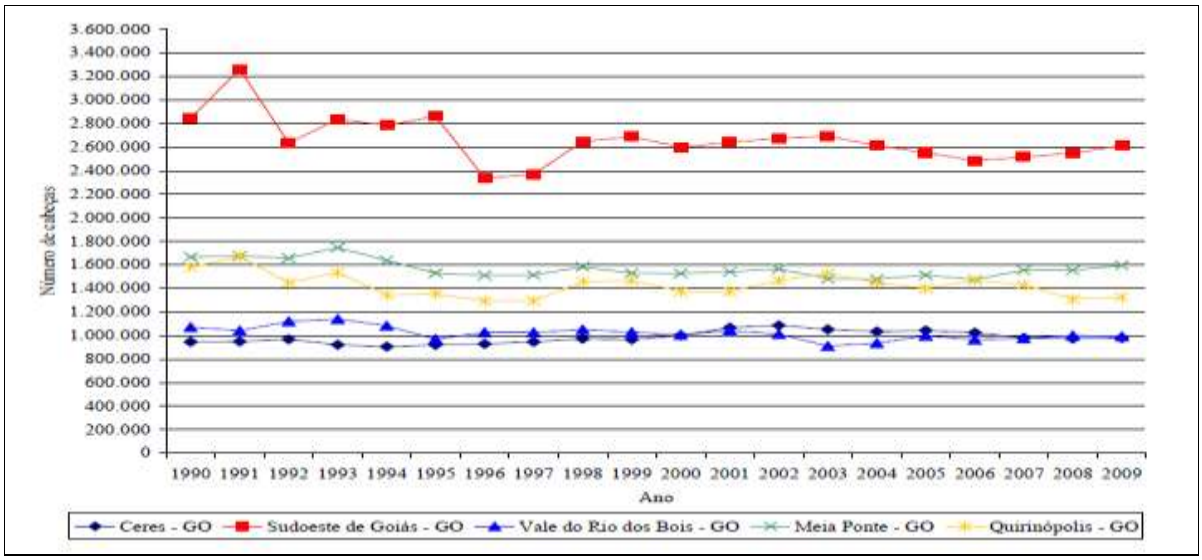


Gráfico 2: Evolução do efetivo do rebanho bovino (por cabeça) nas Microrregiões de Quirinópolis, Meia Ponte, Sudoeste, Vale do Rio dos Bois e Ceres – 1990-2009
IBGE/BUNDE, 2011

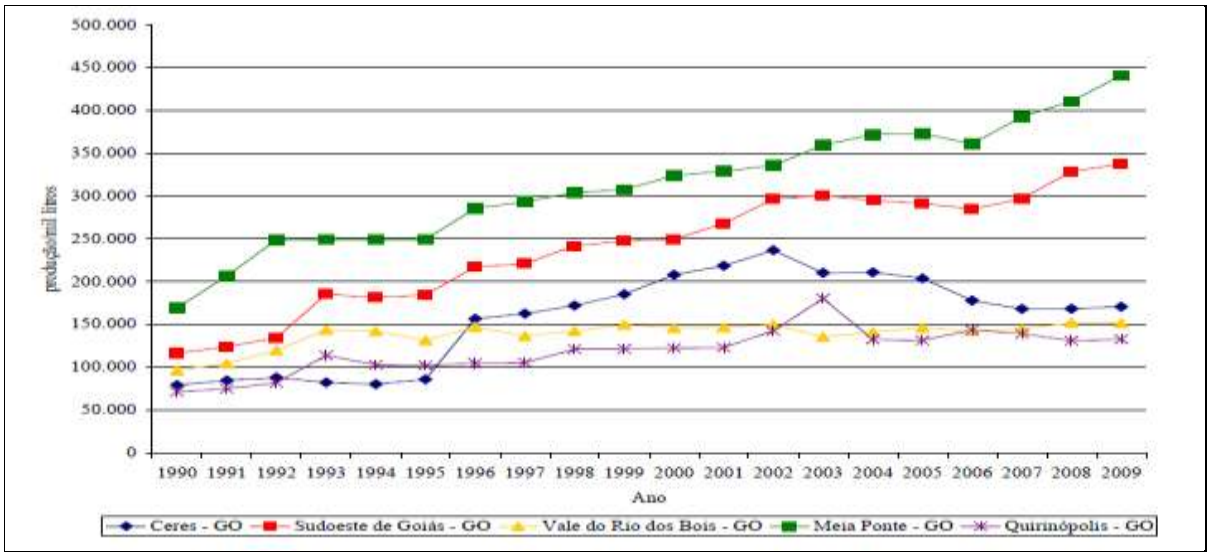


Gráfico 3: Evolução da produção de leite (mil litros) nas Microrregiões de Quirinópolis, Meia Ponte, Sudoeste, Vale do Rio dos Bois e Ceres – 1990-2009
IBGE/BUNDE, 2011

No município de Quirinópolis, o milho e a soja também registraram queda gradativa na produção, como consequência da expansão da cana-de-açúcar. Em 2004, último ano sem registro de produção canavieira para fins de produção agrocombustível, a soja ocupou 50 mil hectares de terra e o milho em torno de oito mil. Em 2005, quando a cana entrou, ocupando cerca de quatro mil hectares, a soja foi reduzida para menos de 40 mil[56]. Em 2007, a cana já superava o milho e a soja, com pouco mais de 40 mil hectares plantados e, em 2009, aumentava para 50 mil, enquanto a soja reduzia para 20 mil e o milho para cerca de cinco mil hectares (GRÁFICO 4).

De acordo com Castro *et al* (2010, p. 173), o Estado de Goiás, antes dos anos 1980, não apresentou um desenvolvimento notável do setor canavieiro na fase da expansão do Proálcool e nem depois. Dentre as razões apontadas pela autora, está o fato do estado ser, nesse período, alvo dos prolongamentos da fronteira agrícola, sobretudo, os grãos, o algodão, o arroz e o gado. Constata que:

> Nos anos 80 do século passado, começou a expandir-se nesse estado a produção alcooleira, mas foi somente após o final da década de 1990 que, de fato, essa expansão tornou-se notável. E o crescimento intensificou-se mais ainda no início do presente século, em razão da grande necessidade de diversificação na matriz energética, motivada pelos impactos ambientais decorrentes do modelo adotado anteriormente, baseado em combustíveis fósseis (CASTRO *et al*, 2010, p. 173).

[56] É bom lembrar que, em 2005, a plantação de cana ainda estava na fase de produção de mudas. Isso pode explicar o fato de que ainda houvesse nesse ano uma pequena elevação na área plantada com milho.

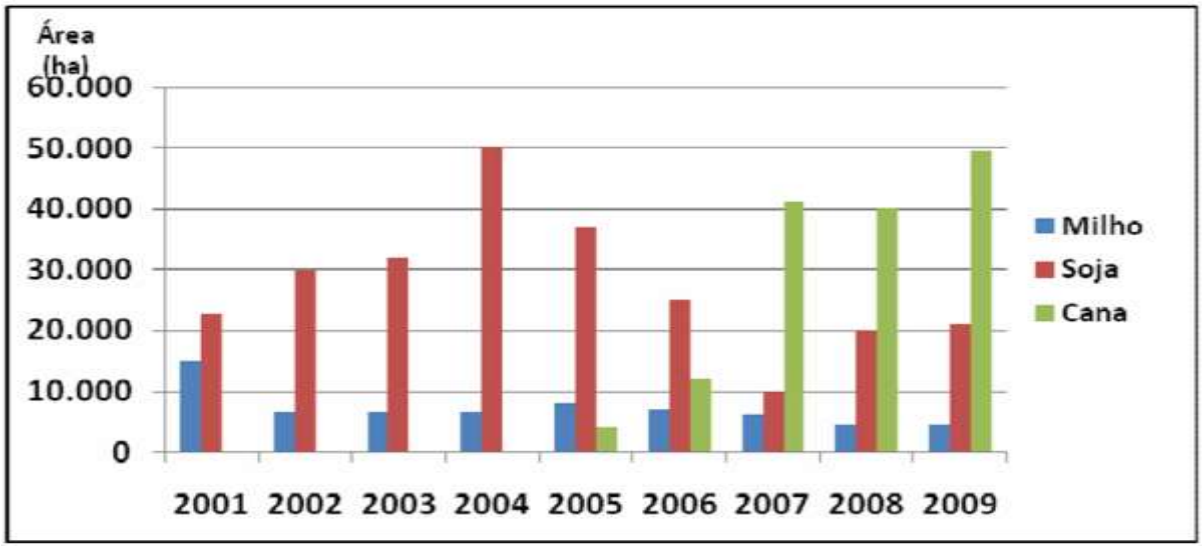


Gráfico 4: Evolução da ocupação com as culturas de milho, soja e cana-de-açúcar em Quirinópolis/GO – 2001-2009
Fonte: CAMELLINI, 2011

É interessante, segundo Castro *et al* (2010, p. 175), perceber que Goiás, juntamente com Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (estados que compõem a Região Centro Oeste), não se mostrou suficientemente apto nas fases anteriores do Proálcool, visto que sua importância estava direcionada para a modernização da agricultura. Entretanto no momento da "nova expansão da cana, após consolidação do Sul e Sudeste, em particular de São Paulo, Paraná e Minas Gerais", esses estados se tornaram prioritários para o Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar.

Esse conteúdo da produção agrícola moderna, em Quirinópolis, leva-nos a outra leitura, a da mobilidade populacional. Numa leitura analítica, essa realidade pode expressar ainda uma quantidade considerável de famílias camponesas que foram desterritorializadas do campo. Tanto é verdade que os dados sobre a população rural que, na década de 1950, representava 86% de um total de 18.387 habitantes no município e, praticamente, o mesmo índice rural (87,4%) em 1960, expresso na tabela 3, com um crescimento populacional na ordem de 25.644 habitantes (SANTOS, 2004, p. 118), começam a cair nas décadas seguintes.

Na década de 1980, quando o efeito da modernização da agricultura já se tornara evidente, o município de Quirinópolis que contava com uma população de 36.236 habitantes, reduziu para 37,3% a população rural e a população urbana já contava com 62,7% (IBGE, 1980). O que esses dados podem expressar de concreto é a quantidade de famílias camponesas que foram deslocadas do campo, no

período da modernização da agricultura, tendo, como destino, a cidade ou outras localidades rurais.

Tabela 3: Variação populacional total e urbana/rural de 1960 a 2010

Ano	População Total	População Urbana		População Rural	
		Habitantes	%	Habitantes	%
1960	25.644	3.231	12,6	22.413	87,4
1980	36.236	22.719	62,7	13.517	37,3
2010	43.220	38.163	88,3	5.057	11,7

Fonte: IBGE (1980; 2012), Organizado por SOUZA, 2011.

Essa realidade também foi sentida na Comunidade Pedra Lisa, que assistiu ao deslocamento das famílias para a cidade, colocando suas pequenas propriedades na condição de arrendamento para o gado ou cedida a parentes, no intuito de que continuem com a atividade leiteira. Nas margens do Córrego Bebedouro (pertencente à mesma comunidade), esse fenômeno foi mais intenso que nas do Córrego Pedra Lisa, que mantém, até os dias de hoje, cerca de 90% das propriedades com as famílias trabalhando nas propriedades, enquanto que, naquela, reduziu em cerca de 60%.

Concordando com Bourdin (2001, p. 67), ao perceber que “a localização se realiza não conforme uma simples lógica de proximidade, mas combinando um conjunto de escolhas e de meios de mobilidade”, entendemos que as escolhas em Pedra Lisa são múltiplas. Ou seja, há desde casos em que o casal que morava sozinho no sítio (os filhos já estão na cidade) e de idade avançada, decidiu migrar para perto dos filhos e dos recursos médicos, até casos em que as dificuldades impostas pela modernidade e/ou pelos problemas de locomoção para a cidade os obrigou a isso.

Nesse contexto, é importante registrar a constante preocupação dos camponeses produtores de leite, principalmente quando o avanço das grandes lavouras da cana-de-açúcar cerca as pequenas propriedades. Para eles, essa situação pode significar, a médio ou longo prazo, impossibilidades de usarem o espaço, pois as condições de trabalho e moradia, na qualidade de ilhados em meio ao mar de cana, bem como continuar produzindo são extremamente difíceis.

Embora seja uma constante a ameaça dos canaviais, não é predominante entre os camponeses a ideia de desistirem da propriedade, pois, em outros momentos, eles alimentam a esperança de que nunca precisarão deixar o lugar

Pedra Lisa. “Eu tenho pra mim que nunca nóis vamo precisa sai daqui [...]. Eu gosto demais daqui e nóis tem muito amor, porque isso aqui foi uma herança do meu sogro, ai nóis tem amor aqui. Nóis nunca teve vontade de sai daqui”[57]. Ou quando já se transformou em produtor de cana, na condição de fornecedor, mas que não deixou de praticar a pecuária, mesmo que em escala pequena:

> [...] eu mantenho essa aqui [área de pastagem e lida com o gado], porque eu não quero sai daqui desse lugá e a cana tampa muito a porta, tira muito a visão. Então o pasto é sempre uma cultura mais baixa, então é pra tê mais visibilidade, não abafar muito [...] e porque eu gosto de mexê cum gado (Informação verbal[58]).

Como a evolução da produção moderna e o surgimento das *commodities* agrícolas[59], em 2000, a população do município, que já era de 36.512, cresceu ainda mais em percentual no meio urbano (84,4%), ficando no espaço rural apenas 5.691, ou seja, 15,6% (IBGE, 2000). O censo de 2010, conforme tabela 3, aponta uma população de 43.220 com um percentual de 88% para a área urbana, caindo para 12% para o meio rural, restando apenas 5.057 pessoas (IBGE, 2012).

A introdução de uma monocultura, seja na agricultura com a soja nas décadas anteriores, e, atualmente, com a cana-de-açúcar, seja na pecuária com as fazendas de gado, promove mudanças no campo, mas isso não quer dizer que as pequenas propriedades desaparecem. As paisagens do agronegócio revelam mudanças, mas não eliminam as diferenças. Pelo contrário, como já defendia Chayanov, ainda no século XIX, e vários outros autores nos séculos seguintes, sempre haverá a reprodução das formas camponesas de produção. Em Pedra Lisa, reprogramada para a produção de mercado, a pequena produção permanece, com ressignificações promovidas pela incorporação de elementos da modernidade.

A economia do município, segundo Borges e Castro (2010), baseia-se na atividade pecuarista (leiteira/corte) e no cultivo agrícola de grãos (soja, milho, sorgo), respaldada nas vinte e uma sub-regiões municipais. Nas sub-regiões Pedra Lisa, Jacaré, Guariroba, Viradouro, Lendas do Rio Preto, Mandengo, Bruacas e Limeira,

---

[57] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[58] Idem.
[59] Commodities, ou *commodity* na língua inglesa, significa mercadoria e o termo é utilizado nas transaçõescomerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias. Termo que designa um tipo particular de mercadoria em estado bruto, “in natura” ou primário, cultivados ou de extração mineral, podendo ser estocados por um período de tempo, não perdendo sensibilidade de sua qualidade. De forma mais simples, é uma negociação do produto agrícola ou mineral, antes mesmos de iniciar sua produção ou extração.

além da produção leiteira, existem também a agricultura[60], em menor escala, e "há uma diversificação de culturas, entre as quais se destacam: girassol, arroz, feijão, além do milho e da soja. Essas áreas são representativas de pequenas propriedades" (BORGES e CASTRO, 2010, p.4).

A partir de 2004, com da introdução da cana-de-açúcar no Município de Quirinópolis, a Prefeitura elaborou o "Projeto Mutirão da Produção", com objetivo de incentivar os camponeses. Este projeto prevê gradeamento e curvas de nível em mais de 560 pequenas propriedades, que já se cadastraram, bem como propiciar a manutenção em curral, cochos, bebedouros, silagem e mata-burros. A preocupação do poder público municipal é com a manutenção dos camponeses e pequenos produtores rurais, cuja produção é basicamente de hortaliças, queijo, farinha, abacaxi, sobretudo neste momento da investida em compra e arrendamentos da terra para a cultura canavieira[61]. De acordo com um produtor de gado e fornecedor de cana em Pedra Lisa, "a Prefeitura ajuda muito. [...] gradeia chão pros otros, arruma essas estrada, faz represa, fura cacimba pros otros ai, muita coisinha, põe mata-burro, muita coisa eles fez[62].

De acordo com a Secretaria Municipal de Administração, em 2008, o Município de Quirinópolis é composto por 1.600 pequenas propriedades com menos de 120 hectares, produzindo feijão, milho em maior quantidade e arroz em menor quantidade. Também com a atividade pecuária leiteira, que predomina nas porções leste e sudoeste do município[63].

Já os números do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), com sede no município, revelam ter 1.501 cadastros de pequenas propriedades rurais entre agricultores familiares e camponeses, com módulo fiscal de 30 a120 ha e, dentre estes, 420 são associados no sindicato. Contudo, para este estudo, o importante é saber que o município é constituído de uma quantidade de pequenas propriedades (cerca de 65%), superior às outras classificações, que, em sua quase totalidade, estão produzindo alimentos, sobretudo o leite, mas também hortaliças, suínos e aves.

---

[60] Em Pedra Lisa, a atividade agrícola de grãos já não existe mais, esse cultivo foi substituído pela cana-de-açúcar.

[61] Entrevista realizada, com o Secretário da Administração, em 2008, concedida à *ActionAid* e confirmada em 2011em entrevista pelo autor, para esta tese.

[62] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[63] Entrevista realizada, pelo autor, com o Secretário da Administração, em 2008 e confirmada em 2011.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), segundo Borges e Castro (2010, p. 5), em 2008, o número de pequenas propriedades era de 1348. Afirmam as autoras que os dados do Incra indicam concentração de terras no município, ou seja, em 2008, 197 grandes propriedades, representando 9,72% dos imóveis de Quirinópolis, apropriaram-se de 56,03% das áreas totais (em hectares). As médias e as pequenas propriedades somam 1.830 propriedades, ocupando 44% da área (Tabela 4).

Tabela 4: Imóveis rurais cadastrados no Incra – Município Quirinópolis, 2008

Classificação	Imóveis			
	Quantidade		Área (ha)	
	Nº Absoluto	%	Nº Absoluto	%
De 0 até 120 ha (Pequena)	1.348	66.5%	64.096,10	16,2
De 120,1 até 450 ha (Média)	482	23,8	110.454,10	27,8
Acima de 450 ha (Grande)	197	9,7	222.416,60	56
TOTAL	**2.027**	**100,0**	**396.966,80**	**100,0**

Nota: Pequena propriedade - até 4 módulos fiscais; Média propriedade - de 4,1 a 15 módulos fiscais; Grande propriedade - acima de 15 módulos fiscais. (1 módulo fiscal = (30 ha).
INCRA/SEAGRO (2009)/Borges e Castro (2010)

Baseado nos dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Incra, no ano de 2012, esses números alteraram. As pequenas propriedades aumentaram para 1913 estabelecimentos que, somando sua área em conjunto com as médias propriedades, se apropriaram de 50,6%. Isso demostra, mesmo com a expansão das lavouras de cana-de-açúcar, houve uma pequena redução da concentração da terra, visto que as grandes propriedades, que somam 190 estabelecimentos ocupam uma área de 49,3%, ou seja, uma redução de sete pontos percentuais de 2008, conforme tabela 5.

Tabela 5: Imóveis rurais cadastrados no Incra – Município Quirinópolis, 2011

Classificação	Imóveis			
	Quantidade		Área (ha)	
	Nº Absoluto	%	Nº Absoluto	%
De 0 até 120 ha (Pequena)	1913	73%	84.784,55	21
De 120,1 até 450 ha (Média)	515	19,7	119.178,67	29,6
Acima de 450 ha (Grande)	190	7,2	198.690,19	49,3
Não classificada	3	0,1	69,31	0.1
TOTAL	**2.621**	**100,0**	**402.722,72**	**100,0**

Fonte: MDA/Incra, 2012/Elaboração: Wesley Alves Vieira, 2012/Adaptação: SOUZA, Edevaldo (2012)

No entanto, mesmo com a pequena elevação do número das pequenas e médias propriedades e da área ocupada, a concentração de terras ainda é visível, visto que apenas 190 propriedades (7,2%) ocupam, praticamente, metade das terras do município (49,3%). As grandes lavouras de cana ocuparam, prioritariamente, áreas das grandes e médias propriedades, mas também adentraram nas pequenas.

Essa realidade não é exclusividade de Quirinópolis, visto que esses dados se repetem por todas as regiões do país, embora o Centro Oeste tem sido uma das regiões mais concentradora de terras e onde a densidade e o conteúdo se particularizam. Esse fato revela algumas especificidades do processo de desenvolvimento desigual e contraditório, próprio do sistema capitalista. Pelo fato de estarem postas, no município, diferentes lógicas sociais, a apropriação do espaço é desigual. Têm-se, por um lado, lógicas sociais distintas quanto ao modo de conceber o processo produtivo, por outro lado, há interesses diferentes também quanto às formas de criação e estruturação das propriedades, sobretudo quando se trata de incorporação de novas tecnologias.

Santos e Silveira (2001) apontam as inovações técnicas e organizacionais na agricultura como potencializadoras da criação de um novo uso do tempo e a (re)invenção dos solos.

> O aproveitamento de momentos vagos no calendário agrícola ou o encurtamento dos ciclos vegetais, a velocidade de circulação de produtos e de informações, a disponibilidade de crédito e a preeminência dada à exportação constituem, certamente, dados que vão permitir reinventar a natureza, modificando solos, criando sementes e até buscando, embora pontualmente, impor leis ao clima. Eis o novo uso agrícola do território no período técnico-científico-informacional.

Para o Centro Oeste, essa etapa inicia-se no final dos anos de 1960, com planejamentos e infraestruturas de grande envergadura, anexando essa região nas políticas do Plano Nacional de Desenvolvimento, tanto o primeiro como o segundo (I e II PND), da Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste (Sudeco).

A Sudeco foi criada em 1967, conforme Oliveira (2002), com a finalidade de coordenar o desenvolvimento da região, dentro de uma estratégia estatal, que enfatizava a criação de polos de crescimento regional. Outro objetivo apontado pela autora é a “realização de pesquisas com o fim de conhecer o potencial econômico da região” e também a “definição das áreas apropriadas para o desenvolvimento planejado [...]” (OLIVEIRA, 2002, p. 45).

> Juntamente com as cidades que iam crescendo, por meio de incentivos de programas federais sob orientação da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), vultosos investimentos foram destinados em crédito agrícola, em rodovias e em infra-estrutura [*sic*] de estocagem. Formou-se, em pouco tempo, uma região integrada às demandas do mercado internacional, e Goiás, de fato, entra na globalização como um dos celeiros nacionais (ARRAIS, 2004, p.19-20).

Na década de 1970, foi criado também o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), cujo objetivo foi gerar o "desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias da região Centro Oeste e do oeste do Estado de Minas Gerais, mediante a ocupação racional de áreas com características de cerrados e seu aproveitamento em escala empresarial" (OLIVEIRA, 2002, p. 49). Como o governo federal já considerava o Centro Oeste uma região importante na produção de alimentos, esse programa selecionou doze áreas, sendo três em Minas Gerais e nove no Centro Oeste, com presença de infraestrutura e potencial, adequada para a expansão da agropecuária.

Silva (2000) esclarece que a expectativa desse programa era "incorporar aproximadamente, 3,7 milhões de hectares de cerrados". Para isso, segundo a autora, "foram utilizados diversos recursos políticos e financeiros no Polocentro, sendo destinados: 1,8 milhão à lavouras, 1,2 milhão à pecuária e 700 mil ao florestamento-reflorestamento" (SILVA, 2000, p. 31).

Na década de 1980, outros grandes projetos de capital estatal e privado ampliaram a reocupação do Cerrado. Dentre esses, destaca-se o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (Jica/Prodecer), introduzindo novas racionalidades produtivas. Entretanto os planejamentos e investimentos do Estado nas áreas de Cerrado iniciaram-se nos anos 1960, quando ocorrem mudanças nas políticas de desintegração e desenvolvimento regional.

Tanto o Polocentro como o PRODECER foram programas que estimularam a intensa exploração na região dos Cerrados. "O baixo preço das terras foi um fator decisivo na ocupação do cerrado, que começou com reflorestamento de *Pinus* e *Eucaliptus* [...]. Esse programa concedia incentivos fiscais para os reflorestamentos e "teve como objetivo a ocupação de forma racional e ordenada das áreas centrais do Brasil" (SILVA, 2000, p. 31).

> O Prodecer resultou de um acordo de cooperação, firmado em 1986, entre o Brasil e o Japão, para a promoção da expansão de agricultura moderna em áreas de cerrados. O programa previa investimentos em áreas de Minas

> Gerais, da Bahia, de Goiás, de Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, com assentamento de agricultores vindo do Sul e Sudeste. O programa fornecia aos seus colonos empréstimos ainda mais amplos que os do Polocentro, incluindo: "crédito fiduciário; crédito para desmatamento, limpeza, preparo e correção do solo; para construções; para compra de equipamento; e, para custeio dos dois primeiros anos de plantio" (Mueller, 1990, p.58). As condições dessas linhas de crédito acompanhavam as do sistema de crédito rural. No entanto, os prazos para pagamento eram bem mais elásticos e prevaleciam os longos períodos de carência nos empréstimos. Os impactos diretos do Prodecer foram limitados. No entanto, contribuíram para acelerar a expansão da agricultura empresarial no Centro-Oeste.2 (OLIVEIRA, 2002, p. 53-54)

De acordo com Santos e Silveira (2001), nesse período, foram construídas as infraestruturas necessárias para o desenvolvimento proposto: estradas, eletrificação rural, geração de energia a partir de hidrelétricas, rede de comunicação e informação, rede de armazenamento e comercialização. Oliveira (2002) acrescenta que, a partir do programa Avança Brasil, planejou-se a implantação, a manutenção e a ampliação de um sistema de transporte multimodal, interligando as rodovias, hidrovias e ferrovias, visando reduzir os custos com o transporte da produção agroindustrial e garantir o abastecimento do mercado interno, assim como as exportações para o mercado externo.

Esse mesmo apoio logístico para os grãos foi adaptado para escoamento da produção do etanol, que, além do Porto São Simão, elo à hidrovia Paranaíba-Paraná-Tietê, Quirinópolis irá contar também com um terminal da Ferrovia Norte Sul[64] que colocará a cidade na rota de escoamento da produção em escala nacional. Desse modo, as rodovias, a hidrovia Paranaíba-Paraná-Tietê e futuramente a ferrovia, são apoios logísticos de escoamento da produção, conforme ilustram as figuras 2 e 3 e o mapa 8.

A instalação da logística é atribuída ao Estado e às corporações, que assumem como prioridade viabilizar a junção da produção e circulação de alguns produtos, visando garantir, conforme Camelini (2011, p. 7), "um nível organizacional suficiente para permitir a inclusão dos mais diferentes compartimentos territoriais numa lógica global integrada, contando com uma dimensão material (infraestrutural) e outra imaterial (informacional)".

[64] A Ferrovia Norte Sul é mais uma das tantas obras de infraestruturas que o Estado cria para servir às atividades do agronegócio. Esta obra está em construção e passará por dentro de algumas das comunidades de Quirinópolis e, segundo depoimentos, também cortará algumas propriedades desta área.

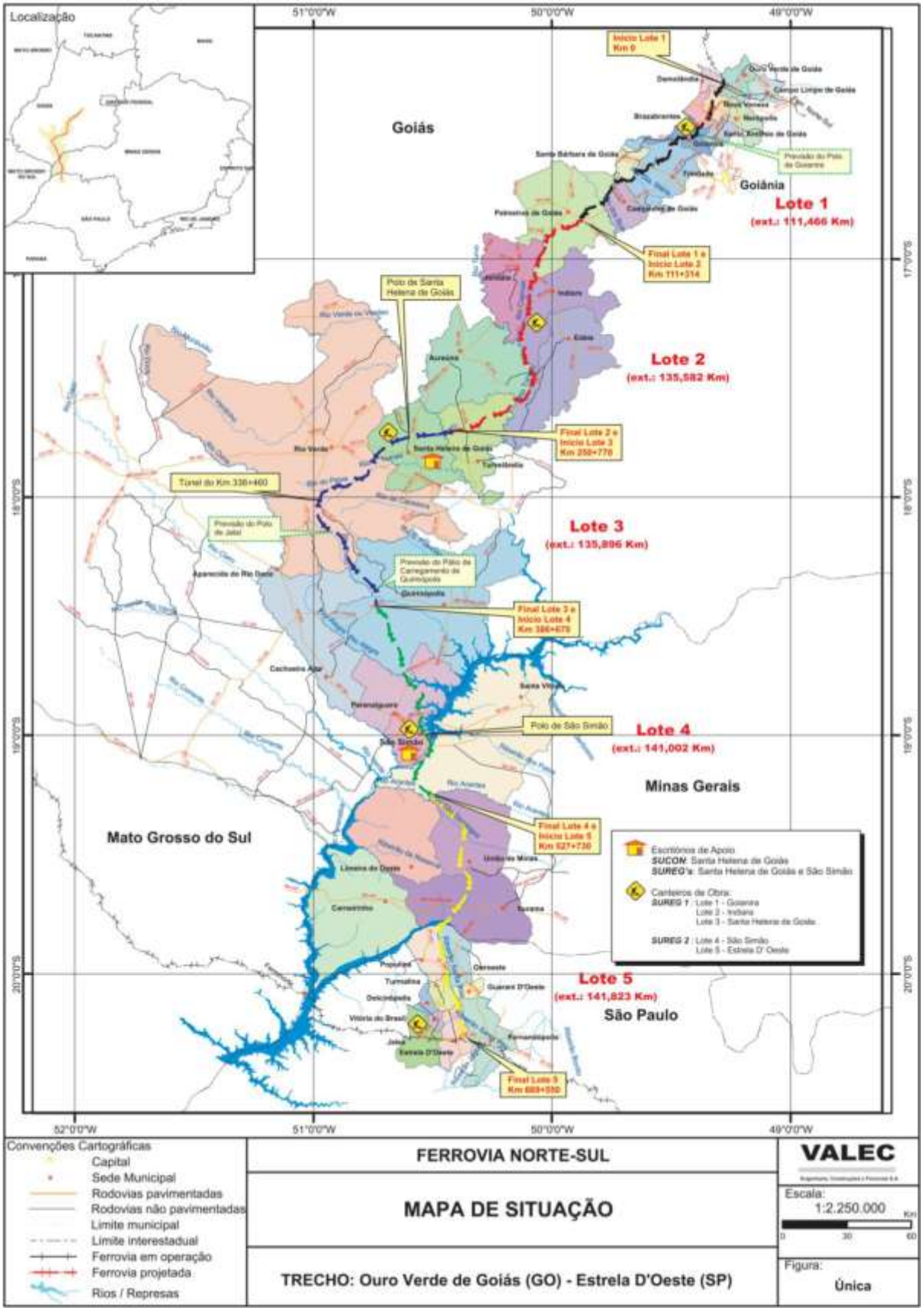


Figura 2: Corredores para escoamento de etanol. Existem diversos consórcios para otimização da estrutura de transportes de etanol através de um arranjo topológico melhorado para o corredor logístico e uso de modais mais eficientes e integrados.
Fonte: CAMELINI, 2011.

Entre os consórcios, destacam-se o Sistema de Escoamento Dutoviário de Álcool e Derivados (Seda), um trecho sob a responsabilidade do consórcio Petrobrás, Mitsui e Camargo Corrêa (PMCC), e o sistema de dutos da Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco). Também estão previstas viabilizações de ferrovias e hidrovias, como ilustra a figura 3, indicando São Simão (a 80 quilômetros de Quirinópolis), onde se localiza um porto no Rio Paranaíba. Essa figura revela também as fases do projeto PMCC, que passa por Itumbiara, a 140 quilômetros de Quirinópolis:



Figura 3: Fases do projeto Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa (PMCC), indicando as previsões de execução das obras do consórcio PMCC (Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa) e a capacidade de transporte anual prevista por trecho.
Fonte: CAMELINI, 2011.



Mapa 8: Construção da Ferrovia Norte-Sul. Em coloração verde, o trecho Ouro Verde (GO) a Estrela D'Oeste (SP) passa pelo Município de Quirinópolis (GO).
Fonte: CAMELINI, 2011.

Também foi de fundamental importância o incentivo às pesquisas desenvolvidas, sobretudo pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a partir de experimentação agropecuária, para analisar as características de acidez e baixa fertilidade dos solos dos Cerrados (OLIVEIRA 2002). Quanto aos estudos da EMBRAPA, Thomaz Júnior esclarece que esta instituição está planejando, ousadamente:

> A liderança de um consórcio que vai reunir Instituições de Pesquisas, pesquisadores renomados, iniciativa privada, sob a liderança da FIESP, para desenvolver investigações na área de agroenergia. Está, na prática, inaugurando o modelo de parceria denominado de Empresa de Propósito Específico (EPE), previsto na Lei de Inovação (THOMAZ JÚNIOR, 2012, p. 8).

Conforme *ActionAid*, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), demostrados no gráfico 5, os recursos obrigatórios, via empréstimos concedidos pelos bancos públicos ou privados, são as principais fontes de financiamento do setor de energias renováveis. “No caso da cana-de-açúcar, não é possível distinguir a finalidade do crédito, se açúcar ou etanol, tendo em vista os produtores serem os mesmos e direcionarem parte da colheita [...] conforme a demanda e o retorno financeiro” (ACTIONAID, 2010, p. 12).

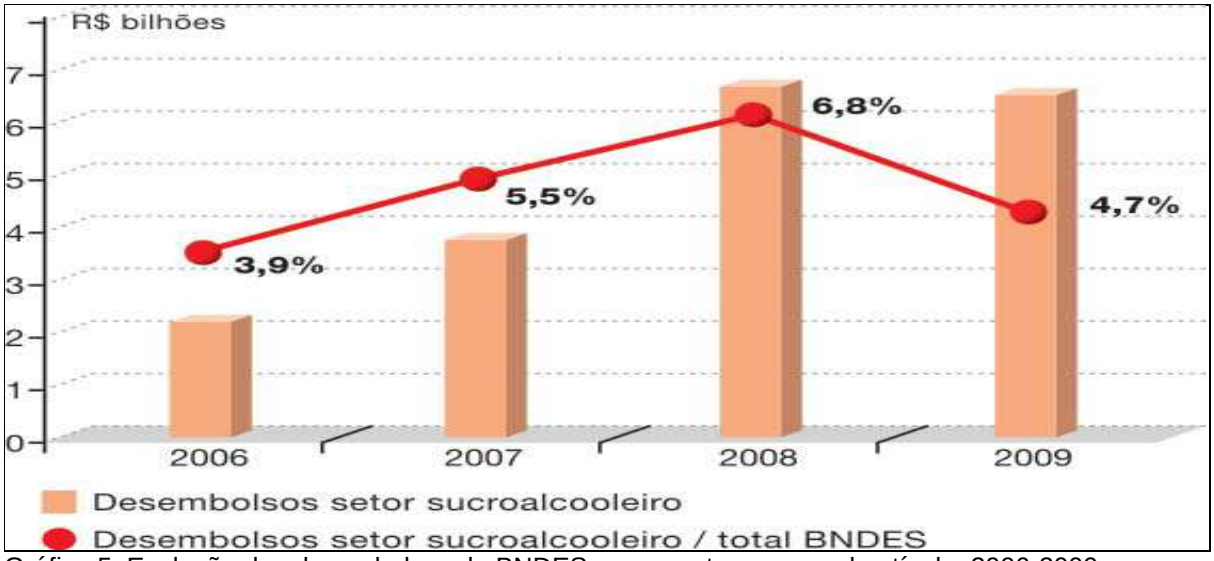


Gráfico 5: Evolução dos desembolsos do BNDES para o setor agrocombustível – 2006-2009
Fonte: BNDES/ ACTIONAID, 2010.

Os financiamentos para os agrocombustíveis são controlados pelo Banco Central (BC) e predomina o custeio do cultivo da cana-de-açúcar para as atividades

nas áreas já plantadas e instalações, entretanto são expressivos também os valores destinados ao financiamento da comercialização (Tabela 6).

Esses tipos de políticas públicas não ocorreram somente no Brasil. Em Sri Lanka, por exemplo, o Banco Mundial também promoveu políticas públicas para substituição de práticas milenares (mais de 2.500 anos) de produção de arroz[65] praticada pelos camponeses, para a implantação do modelo da agricultura comercial de exportação.

Tabela 6: Financiamentos aos agrocombustíveis controlados pelo Banco Central – 2009

Finalidade	R$ milhões
Custeio	2.550
Investimento	364
Comercialização	1.010
Total	3.924

Fonte: ACTIONAID, 2010

> El Banco Mundial (BM) decidió outra cosa. Em uma economia mundializada, producir arroz em Sri Lanka no es uma actividad racional, ya que es mas barato adquirirlo em Vietnam o Tailandia. Em cuanto al millón de pequeños campesinos arroceros, cuya productividades baja, parecería que há llegado el momento de transformarlos em mano de obra para la agricultura productivista y la indústria de exportación (HOUTART, 2006, p. 303).

Grandes somas dos recursos dos programas de financiamentos do Estado para o setor privado atendem sempre às grandes corporações, e muito pouco é destinado aos pequenos produtores e camponeses. Também as regiões onde, estrategicamente, o agronegócio se instala, recebem maiores investimentos que outras não priorizadas pelo capital agrário.

Essas informações contribuem para a compreensão de que o desenvolvimento regional no Brasil é desigual, visto que o período técnico-científico-informacional determina as regiões mais aptas a atrair capital, tecnologias e desenvolvimento, mas nem sempre os produtores, sobretudo os camponeses, estão preparados para o processo de mudança na mesma velocidade que o capital propaga. Por isso, em determinadas regiões, ocorrem os processos de desterritorialização dos camponeses do espaço rural.

[65] A produção de arroz, além de ser praticada a mais de 2.500 anos, naquele período, representava 75% de consumo de cereais e quase 80% dos camponeses são produtores dessa atividade.

Na esfera estadual, como políticas públicas fundamentais para a implantação do setor agrocombustível em Goiás, foi criado, em 2000, o Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás (Produzir), substituindo o Programa Fomentar. De acordo com Silva e Peixinho (2012), o Produzir destinou, entre os anos de 2003 e 2010, o montante de R$ 28,1 bilhões a esse setor.

> A lei [13.591] estabelecia o objeto do programa como o incentivo à atividade industrial em Goiás [...]. Os mecanismos de ação do PRODUZIR estão baseados no apoio fiscal e financeiro a empresas industriais que desejem se instalar ou expandir suas atividades no estado. As empresas que se beneficiam desse programa recebem, a título de financiamento subsidiado, o valor de até 73% do ICMS a ser recolhido. Na prática, a empresa beneficiária realiza a apuração de ICMS a ser recolhido e tem o direito de recolher apenas 27% desse valor. O valor não recolhido é contabilizado como financiamento público (SILVA e PEIXINHO, 2012, p. 110).

Conforme Camelini, em entrevista à Gardenal (2011), "o senso comum diz que as usinas trazem desenvolvimento, mas não é bem assim". De acordo com o entrevistado, "em geral, a riqueza gerada pela produção de etanol é privadamente apropriada, enquanto os problemas, também gerados por esta atividade econômica, são socializados" (GARDENAL, 2011, p. 3). A esse respeito, Thomaz Júnior (2012) utiliza-se da metáfora "agronegócio alcoolizado", para qualificar o processo de produção agrocombustível, que anuncia vários desafios para os trabalhadores e para a sociedade, em geral. Para Castilho, também entrevistado por Gardenal (2011):

> Uma das primeiras medidas deveria ser a coibição da guerra fiscal. Goiás [...] é um dos Estados que mais busca atrair novas usinas. Através de programas de incentivo como o Produzir, ele oferece condições atrativas para os grupos usineiros, colaborando para a intensificação da atividade no Estado. A isso, soma-se a robusta política de financiamentos comandada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que estimula a construção e reforma de usinas, além de outras facilidades na escala municipal, tornando algumas regiões irresistíveis para o setor, sem necessariamente agregar benefícios às pessoas. "Nossa proposição seria optar pela federalização do ICMS para impedir que os Estados usassem essa autonomia tributária na guerra para atrair investimentos" (GARDENAL, 2011, p. 3).

Essas políticas públicas promovem o desenvolvimento desigual nas regiões e também nos lugares, provocando algumas consequências que contradizem o próprio termo "desenvolvimento". A migração do campo para a cidade pode ser uma delas. Em Pedra Lisa, o fenômeno da migração das famílias, com menor intensidade que em períodos posteriores, ocorreu nos princípios desse desenvolvimento desigual.

Nas áreas de influência dos Córregos Pedra Lisa, Alegre, dos Macacos e Estiva, a migração não foi tão incisiva, mas, nas proximidades do Córrego Bebedouro, as famílias camponesas tiveram de deixar suas propriedades, em função das dificuldades em se obter produção suficiente para remunerar, por exemplo, a força de trabalho familiar.

Por ser uma área mais distante da rodovia, com estradas piores, nas décadas anteriores à chegada da cana-de-açúcar, acesso precário à cidade, e por ter sido fechada a escola rural na comunidade, muitas famílias se mudaram para o espaço urbano, ou tiveram filhos saindo dos sítios para trabalhar e estudar na cidade. Com a chegada da cana no município, muitos trabalhadores assalariados ou diaristas têm deixado as atividades nos sítios e fazendas para trabalhar na agroindústria, causando dificuldades para os camponeses conduzirem sozinhos as tarefas com a produção leiteira. Muitos desses são casais, com idade já avançada.

> A gente sente falta, mas é, ao mesmo tempo também a gente aceita porque piora aqui, mas miora lá na cidade. A gente sente falta [...], não é fácil [...]. é isso. Porque, assim, enquanto cê guenta, vê movimento, assim, qualqué coisa, cê vê que tem resultado, né? Se ocê acha que num tá guentano, que tá difícil, que sempre tem que tá ino no médico, às veis hoje, amanhã, e nem todo dia cê consegue [ir para a] linha [rodovia], já tá ficano difícil. [...] o povo foi tudo embora, nós tamo só, né? A gente sente falta daquelas pessoas que tinha, que cê via gente toda hora. Agora hoje, cê quais num vê ninguém e, se as veis cê precisa de alguma pessoa, pra ajudá, pra fazê alguma coisa, não tem, né? (Informação Verbal[66]).

Situação parecida ocorreu no Triângulo Mineiro, que, na pesquisa realizada por Santos (2008b, p. 53), observou-se que, nas “fazendas, desapareceram as casas da vizinhança. Partiram os meeiros, os parceiros, de modo que a Casa Grande dos fazendeiros não é mais circundada pelas habitações daquelas pessoas”. Todavia, nem todos saíram do campo, nem todos foram desterritorializados.

> Esses homens são metamorfoseados pelas imposições sociais advindas do processo de produção e reprodução capitalista, mas essas imposições têm seus limites, seus contornos, não são totais, no sentido de que não chegam a perpassar todos os momentos da vida, embora exista tal tendência. Os produtores, em grande medida, carregam sentimentos religiosos, modos de encarar e resolver problemas que vêm do passado. Mesmo que a transformação tecnológica os tenha ligado aos grandes mercados, não os distanciou, por completo, de alguns costumes, hábitos, da gratidão e da moral religiosa camponesa” (SANTOS, 2008b, p. 58).

[66] Entrevista realizada, pelo autor em agosto de 2012, com um dos camponeses do Córrego Bebedouro, pertencente à Sub-região e Comunidade Pedra Lisa.

A partir dessa visão de desenvolvimento, e da implantação desses programas no estado, Goiás passou a produzir grãos, mudando o seu cenário natural. O Cerrado cada vez mais foi sendo desmatado para dar lugar aos produtos do agronegócio. Para Mendonça:

> A especificidade de Goiás está exatamente nesse processo de construção do espaço que requalifica as relações sociais, econômicas, políticas e culturais a partir da *modernização do território*, sem [...] alterar a estrutura fundiária, altamente concentrada (MENDONÇA, 2004, p. 173).

Em 1980, passava a ser produtor de milho e, em 1990, aliado a grupos agroindustriais, começa a produzir em larga escala além dos grãos (sobretudo a soja), também a carne. Em, aproximadamente, 30 anos, após o alavanque do comércio agrícola, Goiás deixa de produzir para si, e passa a exportar, segundo Arrais (2004, p.27), "soja, carnes, roupas, remédios, para diversos países do mundo [...]. Todo esse processo seria impossível de se realizar com a ausência de vias para circulação". Dessa forma, investimentos de infraestrutura alcançam o Estado.

> Goiás foi tomado por rodovias que facilitam a circulação de pessoas, mercadorias e ideias. A produção de grãos do Sudoeste Goiano, por exemplo, encontra-se integrada à Hidrovia Tietê-Paraná, via Porto de São Simão, na cidade de São Simão, de onde é escoada parte significativa da produção especialmente soja e milho. Os grãos chegam por caminhões para seguir, via hidrovia, para o porto marítimo de Santos[67] (ARRAIS, 2004, p.24-26).

Castro *et al* (2010) destaca o crescimento de Goiás na produção de cana-de-açúcar, com média superior à de estados do Centro-Sul, com crescimento inferior à média nacional.

> O Centro-Sul, curiosamente, manteve um ritmo de crescimento menor que [a] média nacional, estimado em 30%, aproximadamente, e [o] mesmo diminuiu de 1996/1998 para 1999/2001. Já Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ainda que relativamente periféricos ao centro decisório, praticamente dobraram sua produção média no período de 1992 a 2007. Deve-se ressaltar que, entre os três estados, Goiás ocupa o segundo lugar. Enquanto nesse período Mato Grosso elevou sua produção em cerca de 311%, Goiás teve um aumento superior a 232% e Mato Grosso do Sul cresceu 167%. A região Sudeste do país teve crescimento bem menor no

[67] Atualmente, outros programas de infraestruturas estão sendo implementados pelo Estado, como o projeto dutoviária para o Sistema de Escoamento Dutoviário de Álcool e Derivados (SEDA), que "recentemente, em novembro de 2010, o PMCC solicitou um empréstimo de R$ 5,7 bilhões junto ao BNDES (UDOP, 2010), o que o tornaria o maior agente financeiro" envolvido no consórcio dessa obra, viabilizando a execução dos 850 quilômetros previstos (CAMELINI, 2011, p. 25).

> período que vai de 1996 a 1998, o que já revela expansão da produção da cana no Centro-Oeste (CASTRO *et al*, 2010, p. 175).

Como planejamento e fomento para essa atividade, o Estado cria o Programa Nacional do Álcool (Proálcool). A princípio, a região do Cerrado não era tão cotada para a atividade canavieira, tornando-se relevante mais recentemente. Silva e Peixinho esclarecem que:

> Desde o lançamento do PROÁLCOOL, a destinação dos açúcares totais recuperáveis (ATR) para a produção de álcool foi gradativamente crescendo até atingir, na safra de 1985/1986, o valor de 72% do ATR disponível no país [...]. Durante mais de uma década, a produção de álcool no país foi impulsionada via PROÁLCOOL, por meio de subsídios a produtores agrícolas, produtores industriais de álcool e de veículos. O Estado visava não somente exercer a ação regulamentadora de uma política pública, mas, oferecer benefícios ao setor sucroenergético e ao setor automobilístico, na forma de incentivos fiscais (SILVA e PEIXINHO, 2012, p. 101)..

Devido à crise mundial do petróleo, o Proálcool foi criado pelo governo brasileiro, em 1975, para a substituição, em larga escala, dos combustíveis veiculares derivados de petróleo (gasolina) por álcool. Para Oliveira (2012, p. 7): "O fortalecimento e a modernização do setor canavieiro no Brasil, com a implantação do Proálcool na segunda metade da década de 1970, provocaram um aumento significativo da área plantada com cana, especialmente no estado de São Paulo [...]".

Bunde (2011, p. 116) destaca três causas principais para a expansão da área plantada de cana-de-açúcar, sendo uma delas a "demanda do mercado externo e interno por açúcar"; outra o "aumento do consumo interno de etanol hidratado como combustível para veículos automotores"; e uma terceira, a "adição de álcool anidro à gasolina". Esse autor apresenta quatro diferentes ciclos ocorridos no Estado de Goiás, com relação à atividade canavieira:

> O primeiro ciclo ocorreu durante a década de 1980. Este período, tido como o inicial, ocorreu em função da criação do PROÁLCOOL, do governo federal, em 1975. Houve um enorme crescimento na área plantada com cana nesta década: de 14.800 há, em 1980, a plantação chegou a 106.826 ha em 1990. [...] já com a crise no setor, ocorrida durante a década seguinte, a de 1990, a área plantada com cana-de-açúcar no estado de Goiás se manteve praticamente estável durante este período e até 2000, o que caracteriza o segundo ciclo. Esta estabilidade se deve a dois fatores. O primeiro deles é a redução do preço do petróleo a nível internacional e o segundo, o aumento do preço do açúcar, [...]. O terceiro ciclo, que pode ser dividido em duas fases, se inicia com uma retomada, do ano de 2001 para o ano de 2002, desta vez, influenciada novamente pelo aumento dos preços do petróleo e pelo lançamento dos veículos *flex fuel*. Diante desta nova conjuntura, de possibilidade de expansão do setor, o estado de Goiás começa, a partir do ano de 2002, a retomada da atividade do agronegócio

> dos agrocombustíveis. [...] em seguida, nos dois anos seguintes, houve uma pequena redução. A segunda fase deste terceiro ciclo inicia-se com a retomada contínua do crescimento em 2006 [...].O quarto ciclo é o de "explosão" da área plantada com cana, que ocorreu a partir do ano de 2007, quando a área plantada, de 278 mil hectares, salta para mais de 416 mil ha, no ano de 2008, um crescimento de 50%, em apenas um ano (BUNDE, 2011, p.122-124).

De acordo com Moreno (2007), "o Brasil aposta pesadamente em assumir a liderança do mercado internacional de biocombustíveis". Segundo a autora, o país associa aos agrocombustíveis a ideia de energia que se planta. Para isso, lançou, em 2005, o maior e mais ambicioso programa do mundo, o Programa Nacional de Agroenergia, composto por "quatro grandes grupos: etanol e co-geração de energia provenientes da cana-de-açúcar; biodiesel de fontes lipídicas (animais e vegetais); biomassa florestal e resíduos; e dejetos agropecuários e da agroindústria" (MORENO, 2007,p. 40).

Por esse motivo, conforme Michellon (2008), em 2003, "foi lançado no mercado brasileiro o veículo bicombustível, movido tanto a álcool como a gasolina, tecnologia conhecida como *flex fuel*"[68], e a demanda interna por esse combustível vem aumentando a cada ano (Gráfico 6), assim como houve grande crescimento também na demanda externa.

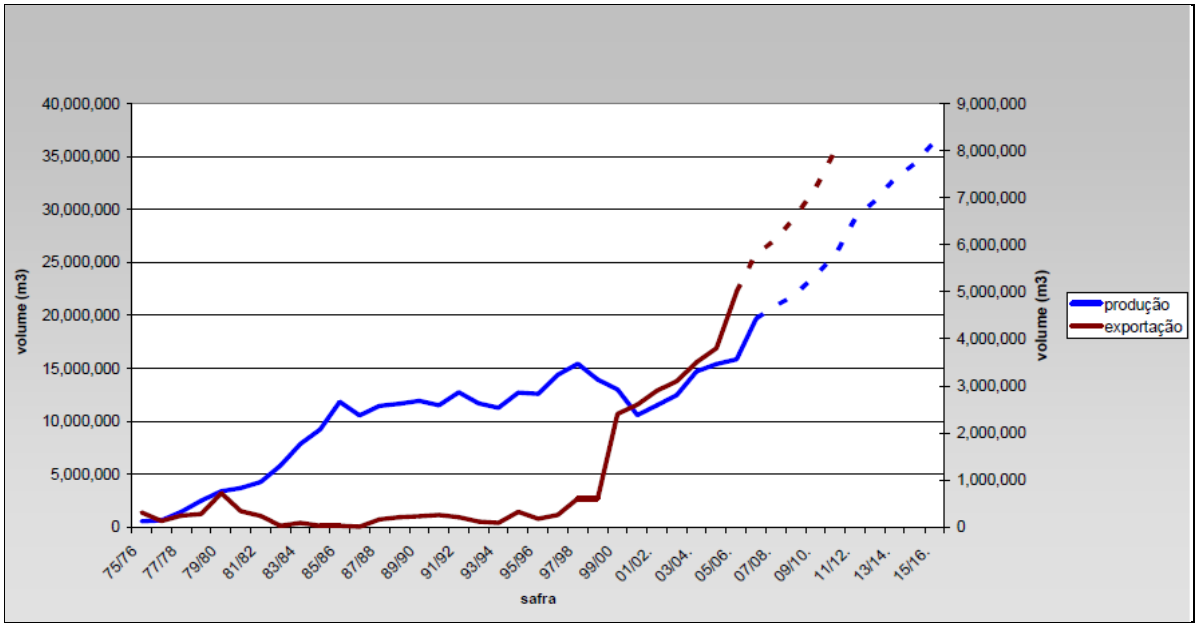


Gráfico 6: Evolução e projeção da produção e exportação álcool etílico safra 1975/76 a 2015/16
Fonte: IEA e Alcopar (2007)/MICHELLON (2008).

[68] O primeiro modelo de veículo agrocombustível no mercado brasileiro, segundo Bunde e Mendonça (2012), foi om Gol *Total Flex*, em março de 2003.

A produção e a comercialização de veículos automotivos a álcool também tiveram crescimento significativo. De início (anos 1970), foram fabricados automóveis apenas a álcool, com queda nas vendas a partir do final dos anos 1980 e, recentemente, a partir de 2003, com a fabricação dos motores *flex fuel* esse mercado tem obtido crescimento acentuado, chegando a quase três milhões de veículos em 2010 (Gráfico 7).

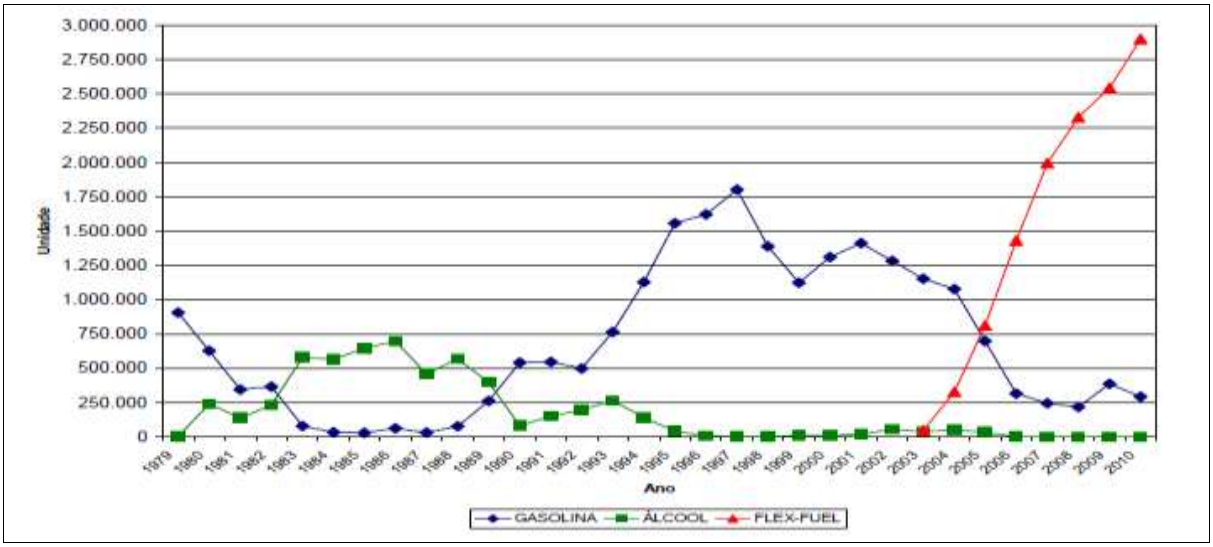


Gráfico 7: Venda de automóveis e veículos comerciais leves por tipo de combustível no Brasil – 1979-2010
Fonte: BUNDE, 2011

Na verdade, as mudanças na paisagem do Cerrado foram ocorrendo ao longo do processo de uso e ocupação do espaço, numa relação que possibilite a coexistência de temporalidades sociais. As transformações do produtor e das condições de produção no Cerrado foram analisadas por Santos (2008b). Entretanto foi na introdução de tecnologias modernas de produção e gestão empresarial no campo, acompanhando o modelo de flexibilização da produção conhecido como toyotismo[69], que as mutações se intensificaram e se tornaram mais perceptíveis.

Segundo Arrais (2004), são inúmeros os produtos agrícolas produzidos em Goiás. Dentre aqueles com maior destaque pela quantidade produzida, podemos

[69] Por Toyotismo Antunes entende ser "uma nova forma de organização industrial e de relacionamento entre capital e trabalho, com formação de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional, polivalente, dotado de uma 'maior realização no espaço do trabalho'" (ANTUNES, 2002, p. 24). Um novo modo de produção e de gestão, afirma Antunes, que deflagrou várias mudanças significativas no processo produtivo capitalista, constituindo, dentre outros, formas de acumulação flexível, *downsizing*, formas de gestão organizacional, avanço tecnológico, culminando no chamado modelo japonês, o toyotismo.

citar a soja, o milho, o algodão, a cana-de-açúcar, o tomate. A produção canavieira aumentou no Estado de Goiás, sendo instaladas agroindústrias para a produção de álcool e do açúcar para suprir o mercado interno e externo. Em 2004, o aumento foi ainda mais significativo haja vista que, com a queda do preço da soja, várias agroindústrias da cana aproveitaram o momento propício e se instalaram no estado, proporcionando uma nova economia e um intenso fluxo de imigrantes, principalmente durante a safra.

Diante das complexas mudanças nas formas de produzir matéria-prima, protagonizadas pela cultura da cana-de-açúcar para a obtenção do etanol e do açúcar, a lógica da vida camponesa, mesmo alterada, metamorfoseada, terá que conviver no mesmo espaço em que se estabiliza a lógica do agronegócio. O lugar do camponês no espaço de Pedra Lisa, é uma situação que dialoga com várias lógicas, sendo a da produção canavieira uma dessas lógicas. Dizia um camponês:

> Eu num sô muito contra quem planta [cana-de-açúcar para a agroindústria]. Sô contra assim, a pessoa querê prejudica os otros. É o que mais tem aqui. Aqui mesmo esses tempo eles [usina] quebraram um mata-burro meu ali, e tudo eles [os produtores que aderiram à atividade canavieira] tá apoiano. Tem cerca quebrada e se ocê vai lá, cê num acha ninguém responsável por isso (Informação Verbal[70]).

Esse depoimento confirma que, em Pedra Lisa, há diálogo com diferentes lógicas postas no lugar. Entretanto as atividades e os pertences ao camponês (parte da sua lógica), não pode ser prejudicada em benefício de outra lógica, pois aí geram-se conflitos entre os produtores da comunidade.

Santos (2008a) entende que essas transformações promovem (re)invenções de identidades, uma vez que as ressignificações criam outras possibilidades para os modos de vida. Para Bourdin (2001, p. 207), “a vida cotidiana é uma experiência geralmente organizada por um conjunto de regularidades, o modo de vida, também ligado a um quadro de vida,[...] dominado, pelo trabalho, pelo grupo de pertença, pela família [...]”.

São reinvenções que modificam também a identidade do grupo social. Relacionada à cultura, a identidade pode ser entendida como “um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade” (SOUSA, 2012, p. 1). Sendo assim, em Pedra Lisa, essas relações e os

[70] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

patrimônios são estabelecidos e compartilhados por intermédio das práticas sociais coletivas que os camponeses desenvolvem entre si. Desse modo, concordamos com Escudero (2012, p. 2), ao entender a identidade cultural como “intimamente ligada com os costumes, as tradições, os hábitos, os valores, as crenças e o modo de viver em si de um determinado povo”. Esses elementos constituem “o sentimento de pertencimento a uma comunidade ou mesmo a uma sociedade”.

Hall define a identidade de uma nação, comparando-a com os elementos de uma comunidade. Para ele, devemos ter em mente três coisas importantes para uma comunidade imaginada: “as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”. Pondera-se, ainda, que a palavra nação se refira, também, à palavra *natio*, que significa “uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento” (HALL, 2006, p. 58).

No entorno de Pedra Lisa, a pecuária extensiva e a produção de grãos cedem lugar às grandes lavouras canavieiras (Fotografia 6). No entanto, o camponês de Pedra Lisa continua morando em sua propriedade, produzindo leite e conservando a identidade impressa na paisagem típica de uma comunidade camponesa (Fotografia 7). Isso expressa o entendimento de que a lógica dominante, no lugar, não é a única lógica, no entanto, mudanças ocorridas nesse lugar são complexas.



Fotografia 6: Atividade agrícola de cana-de-açúcar. Ao fundo, vista parcial da agroindústria Nova Fronteira. A GO 164 que liga Quirinópolis à Paranaiguara, Também dá acesso à Comunidade Pedra Lisa e à agroindústria, com vista parcial ao fundo da foto.
Fonte: Trabalho de Campo, Junho de 2010. Foto do autor.



Fotografia 7: Estrada rural em Pedra Lisa, característica da paisagem camponesa. Pela estrada é possível ver a heterogeneidade da vegetação e das atividades econômicas das famílias locais.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor.

Em determinado dia da pesquisa, um camponês estava sozinho fabricando uma porteira e concertando o curral. “É muito cansativo e lento trabalhar com madeira pesada, sozinho”, disse ele. A questão é que não está fácil encontrar pessoas disponíveis para a contratação de mão de obra temporária, visto que os trabalhadores assalariados no campo estão trabalhando para as agroindústrias da cana.

De acordo com esse camponês, mesmo com dificuldades, ainda se consegue resolver o problema com a mão de obra familiar, o que não é o caso dos médios e grandes proprietários: “pro grande mesmo [médio], tá custoso porque eles, se ele não pegá um mutirão dum vizim aqui, ele não tem como mexê com o gado dele. Noventa por cento [dos que vão para a cidade estão trabalhando] é na usina[71]”.

Com o depoimento desse camponês, é possível compreender que as mudanças que têm ocorrido afetam tanto os camponeses como os médios e até os grandes produtores que não querem trabalhar com a produção da cana-de-açúcar. Também evidencia-se a existência ainda de algumas tarefas realizadas em mutirão e que os médios produtores se apropriam dessa atividade coletiva, que é uma das estratégias dos camponeses, para conseguir desenvolver atividades esporádicas, mas que, para isso, precisaria de contratação de mão de obra. Para os camponeses, quando o mutirão não é possível, para tarefas que podem ser realizadas em etapas, ainda lhes resta trabalho individual, mesmo que demore um pouco mais.

[71] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Entretanto, o que esse relato expressa de maior importância, é a mudança na relação de trabalho e na redução da oferta de mão de obra para ocupar profissões locais como o vaqueiro. Essa profissão, contudo, não desaparece, mas fica distante das possibilidades de contratação temporária de trabalhadores pelos camponeses, pois a remuneração oferecida pela agroindústria da cana inclui piso salarial superior à remuneração ofertada pelo camponês, plano de saúde, férias, 13º salário, dentre outros direitos trabalhistas.

Com relação aos venenos, o mais usado na região é o herbicida *Roundup*, que pode ficar até quatro ou cinco anos no solo, não produzindo mais nada nesse período. No campo, ainda percebemos que o agrotóxico aspergido pelo método aéreo prejudica grande parte da vida presente na área atingida, haja vista que o vento ajuda a dispersar o produto entre 30 a 40 km de distância. O representante da Aprocana justifica que, quanto ao uso de agrotóxicos, há palestras de orientação por parte da associação, assim como por parte das empresas que os vendem.

Entretanto os depoimentos contradizem essa informação ao revelarem que a observação que se tem é que os bichos morrem queimados em meio ao fogo da cana, as águas são contaminadas pelos combates, os peixes do córrego morrem. Todos esses problemas afetam diretamente as atividades dos camponeses.

Quanto à organização espacial, ao arrendar as terras, essas agroindústrias retiram todas as benfeitorias como casa, cerca, mangueiro e toda a vegetação, fazendo uma vala e enterrando tudo. A fotografia 8 apresenta uma propriedade cuja atividade era a pecuária, mantendo, próximo à residência, um terreiro abastado de plantações, entre árvores e arbustos e a terra tombada para a cana,

A fotografia 9 a e b e a fotografia 10 revelam a mudança na paisagem dessa propriedade, após o arrendamento para a atividade canavieira, testemunhando a presença do pasto já incorporado na preparação do solo para a cana, das cercas, assim como a residência e as plantações totalmente retirados para a produção da cana. É o enterro das memórias camponesas revelado na mudança na paisagem.



Fotografia 8: Propriedade apresentando a casa e estruturas camponesas que posteriormente foram retiradas para a atividade canavieira. O solo ainda apresenta a pastagem revolvido no preparo para a nova atividade,
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.



a **b**

Fotografia 9: Fotos revelando a modificação da paisagem antes e após o arrendamento da propriedade para a produção canavieira. A pastagem e as estruturas camponesas, na foto a, em abril de 2011, foram retiradas para a implantação da cana-de-açúcar que, em agosto de 2011, conforme a foto b, já estava no estágio inicial de crescimento.
Fonte: Trabalho de Campo, a) Abril de 2011; b) Agosto de 2011. Foto do autor.

Nessa questão, os camponeses afirmam que arrendar a terra significa perder toda a estrutura montada há décadas pela família: “eu acho que eles pega a terra e qué acabá com ela. Primeira coisa que se tivé, uma residência, se facilitá eles amoita, caba

com ela todinha. Destrói a cerca, parece que é pra vê se a pessoa num volta mesmo mais, né? Enterra tudo”[72].



Fotografia 10: Cana em faze de crescimento na mesma propriedade das fotos anteriores. O ponto de registro é o mesmo para as três fotos apresentadas, tendo desaparecido totalmente as características camponesas de outrora.
Fonte: Trabalho de Campo, Maio de 2012. Foto do autor.

Outros problemas enfrentados pelos camponeses decorrem do odor ruim que o veneno exala, e também da vinhaça, assim como o barulho da agroindústria, visto a proximidade das propriedades familiares com a Agroindústria Nova Fronteira. Também o fato de proprietários venderem ou arrendarem suas terras faz com que pessoas que se conheçam saiam, e pessoas estranhas cheguem ao lugar, fazendo emergir estranhamentos de várias ordens.

Essas mudanças possibilitam ver as tensões e as reações dos camponeses do e no lugar. Nessas condições, eles permanecem no lugar, produzindo e se reproduzindo da pecuária leiteira. Como fonte de renda, essa atividade possibilita os modos de vida que reagem às mudanças. Na prática, as mutações do espaço acabam impondo o uso de novas tecnologias que são incorporadas pelos sujeitos, ao que um camponês avalia:

> Numa parte evoluiu bastante, porque antigamente era carro de boi, num tinha trator, então as coisas era mais difícil um poquim. Mas agora, com a evolução das, do mundo de hoje, já miorô bastante no que era. [...] porque tem o telefone, tem a televisão, tem a geladeira, quando eu vim pra cá num existia nada disso, só o rádio a pilha [...]. Acho que eu, na hora em que eu vim pra cá nenhuma casa tinha energia elétrica, era na lamparina, no

[72] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

> lampião. [...] agora tá com essa, como se diz, como se tivesse morano na cidade, com todo o conforto (Informação Verbal[73]).

Essa fala do camponês revela a importância que teve a modernização nos equipamentos produtivos e domésticos para as famílias. Se há, por um lado, lembranças boas dos tempos antigos, por outro, o conforto que a eletricidade e a tecnologia industrial disponibilizaram foi muito bem recebido pelos moradores do espaço rural.

Desse modo, Santos (2009), analisando as especificidades do camponês do Cerrado, concluiu que:

> Pensar as condições de existência do camponês, no cerrado do Triângulo Mineiro, tem me levado a discutir os desencontros sociais, culturais, étnicos e espaciais que resultam das transformações provocadas pelo avanço dos agrocombustíveis, na região. Como parte das problemáticas que aparecem no campo dessa região, o camponês, que, muitas das vezes, é compelido, pelas grandes lavouras, a viver o estranhamento dos seus próprios territórios, continua organizando a sua vida sob bases territoriais locais (SANTOS, 2009, p. 13).

Contudo, em Pedra Lisa, mesmo subjugados pela dinâmica agrocombustível, mediante relatos sobre suas perspectivas e anseios, uma parcela considerável dos camponeses tem-se mostrado preocupada com as transformações do espaço.

1.3. A agroindústria da cana se estabelece e reorganiza o espaço rural quirinopolino

O Município de Quirinópolis e toda a Mesorregião Sul Goiano estão num contexto importante para a pesquisa da produção da cana-de-açúcar, pelo fato de ter, em sua área, várias agroindústrias da cana que se instalaram nela, devido aos vários fatores favoráveis, já apresentados. O papel desenhado para essa região pode ser percebido por meio da paisagem, pois a expansão do agronegócio, a partir dos “agrocombustíveis”, promove o surgimento do que ficou conhecida como “mar de cana”.

Na Microrregião 018, estão presentes cinco agroindústrias da cana, sendo duas (São Francisco e Nova Fronteira), em Quirinópolis, a Energética São Simão S.A., no Município de São Simão, uma de Caçu e outra em Itarumã. A primeira

[73]Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

agroindústria a ser instalada em Quirinópolis foi a Usina São Francisco, do Grupo São João, que, de início, tinha expectativas de cultivar uma área de 50 mil hectares de cana-de-açúcar, até 2011. A segunda foi a Usina Boa Vista, do Grupo São Martinho, que, totalmente dedicada à produção de etanol, pretende moer, até 2013, 3,4 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, planejando começar também no ano de 2013 a produção de açúcar (PLANO DIRETOR, 2008).

A agroindústria São Francisco está em operação desde 2006, mas iniciou os trabalhos no município desde 2004. Em seus estudos de impactos ambientais considerou um raio de 22 km em torno da planta industrial, nos municípios contíguos de Quirinópolis e Gouvelândia, para a cultura da cana-de-açúcar.

Iniciaram com uma área plantada de 15,3 mil hectares, para, em 2011, chegar a 50 mil hectares com a monocultura (USINA SÃO FRANCISCO, 2009), em terras de Quirinópolis e também de Gouvelândia, para a produção de açúcar e álcool anidro carburante. Segundo Borges, Silva e Castro (2010), em 2009, esses dois municípios já ultrapassaram essa marca, ao produzirem juntos 56.642 mil hectares com cana-de-açúcar.

Sua capacidade é moer três milhões de toneladas de cana-de-açúcar por safra, aproximadamente, 67 mil m^3 de álcool e quase sete milhões de sacas de açúcar (USINA SÃO FRANCISCO/EIA-RIMA, 2004). De acordo com Camelini (2011), já no ano de 2009, a capacidade de moagem dessa agroindústria foi de 4,88 milhões de toneladas de cana, tendo processado 3.761.972,24 toneladas, com uma média de 93,21 ton/ha. Esses números indicam que a agroindústria superou a média nacional, que foi de 32 ton/ha, tendo ocupado uma área total de 40.359,51 ha.

Bunde (2011) traz dados de 2010 com moagem de 4.723.604 toneladas de cana-de-açúcar (muito superior à quantidade processada pela Usina Boa Vista que foi de pouco mais de dois milhões), conforme Tabela 7. Destas, 2.947.737 toneladas de cana-de-açúcar vinham de fornecedores e 1.775.867 toneladas de produção própria. Em entrevista com a Aprocana, em 2011, a informação é que, nesse ano, havia 27 fornecedores da Agroindústria São Francisco associados a essa entidade, totalizando 34.200 ha com a atividade canavieira.

A agroindústria São Francisco está localizada no Município de Quirinópolis, quase divisa com o município de Gouvelândia, a 300 km de Goiânia e a 100 km do Porto de São Simão, ponto extremo da Hidrovia Tietê-Paraná/Paranaíba. Segundo a

empresa, eles possuem todo o processo de colheita mecanizado, embora o EIA-RIMA preveja 10% de colheita manual para casos especiais como pontos de maior declive ou na presença de perdas que impeçam a mecanização da operação.

Tabela 7: Quantidade de cana-de-açúcar processada pelas agroindústrias Boa Vista e São Francisco em 2010.

Agroindústrias	Origem				Total
	Próprias	Percentual	Fornecedores	Percentual	
Boa Vista	1.382.291	69,1	619.260	30,9	2.001.551
São Francisco	1.775.867	37,6	2.947.737	62,4	4.723.604
Total em Goiás	34.646.650	74,3	11.959.881	25,7	46.606.531

Fonte: BUNDE, 2011, Adaptado por SOUZA, 2012.

Nesse caso, a previsão da queima é entre maio e novembro, período de seca, o que agrava as condições de saúde e bem-estar da população urbana e rural próximas às queimadas[74]. Para os outros 90% da área, a previsão é de colheita mecanizada; sendo assim, a contratação de trabalhadores braçais para o corte da cana é baixa.

Tal medida ameniza os impactos ambientais, entretanto amplia os problemas socioeconômicos. Estima-se que uma colheitadeira de cana substitui, em média, 80 cortadores de cana, provocando a redução do número de ofertas de empregos rurais. A agroindústria não recoloca, satisfatoriamente, no mercado de trabalho, os trabalhadores e os camponeses retirados das atividades que exerciam nos sítios e nas fazendas. Isso denota que, com a cana-de-açúcar adentrando nas terras de lavouras de soja, milho, e nas pastagens do Município de Quirinópolis, houve aumento do número de desempregos no município.

De acordo com o documento ambiental, o modelo previu relações com proprietários e produtores em 10% da área agrícola mediante fornecimentos terceirizados, de 20 a 30% em áreas próprias a serem adquiridas e de 60 a 70% por intermédio de parcerias com produtores, a partir de arrendamentos. Conforme a Aprocana [75], a maioria dos produtores optou pela produção própria e fornecimento do produto à agroindústria (USINA SÃO FRANCISCO/EIA-RIMA, 2004).

[74] As queimadas têm sido constantes, sob o argumento de incêndios criminosos, entretanto alguns camponeses não acreditam nessa versão, entendendo que seja proposital, para reduzir custos da colheita mecânica sem a palhada.

[75] Em entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

A agroindústria Boa Vista (Fotografia 11) é a terceira do Grupo São Martinho, localizada nas margens da GO 164, que liga Quirinópolis a Paranaiguara. Iniciou seus trabalhos em Quirinópolis em 2006, mas foi ainda em outubro de 2005, por intermédio da publicação da Resolução nº 863/05-CE/Produzir, pela Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás, que a habilitou para usufruir do benefício de financiamento da ordem de R$ 597,3 milhões, do Programa Produzir, a ser utilizado no prazo máximo de 180 meses. Crédito esse proveniente do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), gerado pela Companhia, podendo utilizá-lo, desde que estivesse efetivamente produzindo (USINA BOA VISTA, 2009).



Fotografia 11: Vista parcial da Agroindústria Nova Fronteira, em Quirinópolis/GO. Esta unidade está a cinco quilômetros da entrada principal da Sub-região Pedra Lisa, no entanto, alguns sítios não passam de um quilômetro apenas.
Fonte: Campo/FREITAS, Hamilton B. de e SOUZA, Edevaldo A., 2008

De acordo com matéria divulgada no Jornal “O Popular”, de 10 de abril de 2008, o valor do financiamento do Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás (Produzir), que a Agroindústria Boa Vista recebeu do governo de Goiás, foi da ordem de 681 milhões de reais, um dos maiores financiamentos do ICMS. Além desse, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou financiamento no valor de R$ 248,9 milhões, para a empresa implantar a destilaria de álcool em Quirinópolis, com previsão de que o bagaço da cana utilizada na destilaria gerasse 160,7 mil MWh de “energia limpa” (BNDES, 2007).

O Grupo São Martinho S.A. e a empresa Petróleo Brasileiro S/A (Petrobrás), realizaram uma parceria estratégica, que rendeu a abertura de uma nova sociedade, denominada Nova Fronteira Bioenergia S.A., com vista no crescimento da produção de etanol da região Centro-Oeste do Brasil, mais especificamente, no Estado de Goiás. A Petrobrás Biocombustível passou a deter 49% das ações dessa nova sociedade, garantida pela injeção de R$ 420,8 milhões na unidade, a ser realizada em duas etapas (PETROBRÁS, 2010).

Esses recursos destinam-se à expansão da produção da nova sociedade, ou seja, da Usina Boa Vista, que passará a ter capacidade de moagem ampliada dos atuais 2,5 milhões de toneladas de cana de açúcar para 7 milhões de toneladas na safra 2014/15 (PETROBRÁS, 2010).

Embora se saiba que as mudanças territoriais e dos modos de vida mais sensíveis em Pedra Lisa se iniciaram com a modernização da agricultuara, essa unidade de produção de álcool é também responsável pelas mudanças espaciais e territoriais na Comunidade Pedra Lisa, visto que a proximidade entre as duas é de apenas de 5 quilômetros da entrada da agroindústria à entrada principal da comunidade.

A expectativa era processar, em sua primeira safra, 2008/2009, cerca de um milhão de toneladas de cana, chegando a 3 milhões de toneladas nos anos seguintes, iniciando sua produção apenas com álcool e, depois de algumas safras, também a produção de açúcar. Estimava-se, ainda, que, quando estivesse moendo 1.700 toneladas de cana-de-açúcar/safra, a produção total de álcool seria de 160,9 mil m^3 por safra. Ao atingir a capacidade de 3 milhões de toneladas de cana-de-açúcar/safra, estimava-se que essa produção de álcool alcançaria a ordem de 286,9 mil m^3 (USINA BOA VISTA, 2009).

De acordo com dados da Petrobrás, a moagem da safra 2010/2011 dessa empresa foi de 2 milhões de toneladas de cana e de 2,3 na safra 2011/2012 (PETROBRÁS, 2011). Lembrando que a nova meta dessa unidade, transformada em Nova Fronteira, para safra 2014/15, é de 7 milhões de toneladas (PETROBRÁS, 2010).

Sua área de plantio estava estimada em 21 mil hectares, abrangendo áreas dos municípios de Quirinópolis e Paranaiguara. Segundo a empresa, 100% da colheita seriam realizados mecanicamente: “todas as principais operações agrícolas serão mecanizadas, dispensando por completo a queima da cana-de-açúcar para a

realização da colheita" (GRUPO SÃO MARTINHO, 2008). Por outro lado, vários depoimentos nas entrevistas apontaram as queimadas como um dos maiores impactos dessa atividade, assim como se sabe que alguma parte de terras, ainda que pequenas, não suporta o emprego de maquinários para a colheita, devendo processá-las com mão de obra humana.

Para suprir a unidade com matéria-prima, a empresa pretendia arrendar terras de terceiros para a produção de 50% da demanda, e o restante, a partir de parcerias com outros produtores de cana-de-açúcar, denominado pela usina de "fornecedores". Ao todo, pretendiam ocupar 42 mil hectares com a cultura da cana-de-açúcar (USINA BOA VISTA/EIA-RIMA, 2006).

De acordo com a agroindústria, Na atual safra, 2012/2013, a empresa vai plantar 21 mil hectares com cana, dos quais 13 mil são de áreas novas e oito mil de reforma de canavial e, com a área já plantada, a Nova Fronteira atingirá 56 mil hectares. Quando todo o projeto estiver pronto, a área total plantada deverá chegar aos 90 mil hectares.

Nos depoimentos da Aprocana [76], são apenas 9 fornecedores da Boa Vista associados nessa instituição, representando apenas 1.181 ha. O entrevistado deixou claro que nem todos os fornecedores estão associados, mas, no geral, o número de fornecedores é baixo. Em campo, observou-se que, em Pedra Lisa, as quatro pequenas propriedades com a atividade canavieira estão no sistema de arrendamento. As outras quatro propriedades rurais, consideradas como médias, encontram-se nas situações de fornecedor e/ou de arrendamentos.

Pelos dados de Oliveira (2009), a Agroindústria Boa Vista (Nova Fronteira na atualidade), na safra 2008/2009, detinha cerca de 21.000 hectares de terras ocupadas com plantio de cana-de-açúcar, mas, destes, "apenas 5% das terras (1.000 hectares) eram próprias, 57¨% (12.000) eram de parceria ou arrendamento e 38% (8.000 hectares) de fornecedores", prevalecendo o modelo de arrendamento. Enquanto, na agroindústria São Francisco, segundo a autora, a maior parte da cana (62%) vem de fornecedores. De acordo com Bunde (2011, p. 158), "esta empresa não é proprietária das terras nas quais se produz a maior parte da cana que processa".

[76] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Pelo fato de ter cana na Comunidade Pedra Lisa, a estrada principal de entrada no lugar foi incorporada pela atividade com a cana-de-açúcar. Dessa forma, foi alargada, aterrada e aplainada para atender às demandas da agroindústria, que trafegam com as máquinas e carretas pesadas para chegar às lavouras de cana. Há contradições nos depoimentos que avaliam essa apropriação da estrada, visto que, ao mesmo tempo em que avaliam ter havido uma melhora sensível de qualidade desta, o uso dela traz transtornos, como a grande quantidade de poeira pelo tráfego pesado e intenso em determinadas épocas do ano, assim como pelo fato de atrapalhar o tráfego dos camponeses quando as máquinas e carretas estão trabalhando em canaviais dentro da comunidade[77].

> Teve uma miora mesmo, mas só que quando eles tá na estrada também, a estrada é deles. Ali, se eles coloca os maquinários deles, cê tem que, eles pára no meio da estrada, cê tem que rudiá eles, e seno que a estada é nossa. [...] suja muito a região, eles fala que agôa, agôa coisa nenhuma, agôa, mas aquilo ali é pra tapeação, né? (Informação Verbal[78])

Como o crescimento econômico de Quirinópolis está voltado agora para a agroindústria da cana, isto vem proporcionando mudanças no perfil econômico, assim como nas questões socioculturais do município. A demanda de empregos diretos e indiretos, oferecida pelas novas indústrias, torna o município um atrativo para trabalhadores de várias regiões do país, o que registrou um crescimento populacional significativo com a entrada das agroindústrias da cana e outras que também se instalaram, aproveitando as oportunidades de mercado, e alterando, sensivelmente, a paisagem urbana.

Entretanto surgem problemas de ordem sociocultural para a cidade e também para as comunidades camponesas. Os camponeses de Pedra Lisa reclamam que o mamão, a laranja (Fotografia 12), a mexerica e outras frutas, assim como aboboral e mandiocal contraem doenças por conta dos maturadores pulverizados nos canaviais. De acordo com o STR, há constantes reclamações de proprietários com relação a cortes nas cercas, à utilização dos pequenos cursos d'água para irrigação, por parte das agroindústrias, e ao empoeiramento do capim, dificultando a alimentação do gado.

---

[77] A prática é deixar as máquinas estacionadas na estrada.
[78] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



Fotografia 12: Doenças que apareceram nas laranjeiras, após o início da atividade canavieira. Essa foto é apenas um demonstrativo do que vem ocorrendo com essa e outras plantas nos pomares dos camponeses de Pedra Lisa. Entre os mais afetados, além da laranja, estão a mexerica, o mamão e a acerola.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Com relação à atividade canavieira, as grandes lavouras ameaçam cercar as propriedades dos camponeses que continuam produzindo leite.

> Cada dia levai aumentano a cana, né? Cada ano, cada, vamo supô, então a gente pensa assim, que mais pra frente num vai cê fácil, assim, a gente morá, porque, morá no mei da cana, no mei mesmo num é fácil não. Porque a gente tá, tem dois lado que tem cana berano aqui. E a hora, vamo supô, se fechá, cerca tudo, num acho que vai cê muito fácil não (Informação verbal[79]).

Os camponeses informam que o avião asperge o maturador na cana, mas o vento o leva a locais mais distantes. Denunciam que, devido ao desmatamento do pouco Cerrado que restava, promovido para o plantio da cana, animais silvestres aparecem nas propriedades e, dentre eles, as raposas que vêm para se alimentar, atacando as galinhas. Também foi declarado, pelos camponeses, que ficou difícil arrumar trabalhadores para ajudar no trabalho, visto que um vaqueiro (tirador de leite) tem oportunidade de receber salários maiores nas empresas que operam no setor agrocombustível, além do plano de saúde.

Outros problemas não destacados pelos camponeses de Pedra Lisa foram sentidos ou declarados por outros sujeitos do município que merecem ser aqui apresentados. Postos de trabalhos estão sendo extintos, como vaqueiros, motoristas de

[79] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

caminhões gaiolas para transporte de gado[80] e lavadores dessas gaiolas, que, além de receber pelo trabalho, ainda ficavam com a palhada misturada com o excremento do gado para adubar suas plantações. O transporte a pé, de boiadas pelas estradas, já tão raras no início deste século, praticamente, desapareceu (Fotografia 13).

O aumento da criminalidade, do consumo de drogas e da prostituição na cidade de Quirinópolis preocupa os citadinos, mas também as pessoas que vivem no espaço rural, incluindo os camponeses de Pedra Lisa, que sempre vêm à cidade para resolver suas demandas ou, principalmente, os que têm filhos morando na cidade.



Fotografia 13: Transporte de boiada a pé, pela GO 206 entre Quirinópolis-Caçu, durante uma viagem em direção à Quirinópolis, para mais uma etapa do trabalho de campo em Pedra Lisa. Esse modelo de transporte do gado é raridade nos dias de hoje e representa, além da perda dessa prática, também a extinção de postos de trabalho.
Fonte: Trabalho de Campo, 2010 – Foto do autor.

Na cidade, o preço dos imóveis sofreu um aumento considerável, tanto para venda como para aluguel. Para os que não possuem casa própria, isso se transformou em um grande transtorno (essa problemática também é sentida pelos camponeses que mantêm filhos na cidade), visto que uma parte muito maior da sua renda agora deve ser destinada ao pagamento da moradia. As queimadas, que sempre argumentam serem criminosas, trazem fuligem, fumaça que prejudicam o aparelho respiratório das pessoas, tanto da cidade como do espaço rural[81] e, muitas

[80] O transporte a pé, de boiadas pelas estradas, já tão raras no início desse século, praticamente desapareceu.

[81] Quando ocorre próximo da cidade que as consequências chegam até as residências, o fato é amplamente divulgado e cobrado explicações da empresa. Entretanto, quando o ocorrido está

vezes, os moradores são surpreendidos pela presença de animais silvestres, parcialmente queimados e que, geralmente, agonizam e morrem no próprio canavial.

A relação campo-cidade, de forma geral, também se intensifica. Os camponeses de Pedra Lisa estreitaram a relação com a cidade de Quirinópolis, sendo esta uma extensão do espaço de atividades familiares, de negócio, profissionais ou outras necessidades. Na verdade, "a modernização da agricultura, ao mesmo tempo em que produz uma migração rural/urbana, pela intensificação das técnicas poupadoras de mão de obra" (PEIXINHO, 2006, p. 39), também promoveu um intercâmbio de necessidades mútuas entre esses dois espaços. Na atualidade, esses trabalhadores do agronegócio estão mais ligados à cidade do que ao campo, por isso, os filhos dos camponeses têm migrado para a cidade e acabam sendo contratados para trabalhar nas agroindústrias.

O espaço rural e o urbano sempre tiveram uma relação muito estreita, desde as origens da cidade, quando estas eram subordinadas aos planejamentos do campo, até os dias atuais, já com inversão de influências, ou seja, a cidade determinando os modos de produção e de vida do campo. De acordo com Brandão:

> [...] mesmo no mundo rural tradicional, os horizontes da vida se tornam cada vez mais voltados para o 'mundo da cidade' [...]. Espaços urbanos tendem a ser, cada vez mais, o lugar de destino dos filhos dos homens e das mulheres da terra, quando não, deles próprios. E as músicas sertanejas que versejam sobre a 'saudade da minha terra' são o mais triste e dolente testemunho disto (BRANDÃO, 2009, p. 47).

Segundo Silva *et.al.* (2006, p 7), cada vez mais estão findando os contratos entre o campo e a cidade, haja vista que, "com as facilidades de transportes e de comunicações, o campo penetra cada vez mais na cidade e a cidade cada vez mais no campo. Pode-se afirmar que há um processo de ruralidade urbana e, em contrapartida, um de urbanização rural".

É o que vem ocorrendo com as famílias camponesas de Pedra Lisa, que, com o tempo, têm intensificado e estreitado a relação com a cidade. A quase totalidade de produtos de necessidades básicas deixa de ser produzida no sítio. A atividade leiteira proporciona a essas pessoas se tornarem consumidoras da cidade, principalmente de produtos fornecidos pelos supermercados. Também a migração

---

distante da cidade, é como se não houvesse problemas, visto que o discurso é de que o campo está praticamente vazio de pessoas, e este trabalho comprova que essa afirmação não é verdadeira.

se intensifica entre o rural e o urbano pelo fato de que os filhos que estão morando na cidade retornem à Pedra Lisa para verem seus pais e *vice versa*.

Atualmente, a mão de obra especializada, representada pelo agrônomo, veterinário, piloto agrícola, especialista em adubos, administrador, dentre outros, concentra-se na cidade, Isso gera a demanda pela educação superior nessas áreas, o que vem promovendo a criação de várias instituições universitárias nas áreas de dinamização da agropecuária, bem como a demanda por cursos voltados às atividades agrícolas. Em Quirinópolis, a oferta de cursos técnicos para atividades agrícolas e agroindustriais, ligadas à cana-de-açúcar, tem aumentado consideravelmente.



Desenho da fotografia 22, página 132. Autoria: Maria Aparecida de Souza

CAPÍTULO 2

2. AS PAISAGENS COMO TESTEMUNHOS DAS TEMPORALIDADES SOCIAIS NO CERRADO DE QUIRINÓPOLIS

> Certamente, o que está mantido na comunidade permanece como resíduo daquilo que ainda não foi capturado pelo modo de produção com o qual eles estão relacionados e ao qual são submetidos (Rosselvelt J. Santos, 2008b:111)

2.1. A paisagem desconstruída e reconstruída ao mesmo tempo

Nas décadas de 1960 e 1970, iniciou-se a agricultura voltada ao interesse do capital, sendo que, nessa segunda década, o Estado começou a implantação de políticas econômicas com o propósito de inserir a região do Cerrado no processo de reprodução ampliada do capital. A produção agrícola para o consumo foi perdendo espaço para as atividades da agricultura moderna que, nos anos seguintes, priorizou a produção para exportação, sobretudo, o milho e a soja, responsáveis pela aplicação de ciência e alta tecnologia ao processo agrícola.

No município de Quirinópolis e região, nesse período, iniciou-se o fenômeno da modernização e mecanização do campo, com a introdução de monoculturas para exportação. A prática da monocultura produziu, nas áreas de Cerrado, um dinamismo socioespacial com repercussões na paisagem e no modo de vida dos camponeses.

Com a implantação do modelo do agronegócio, com base na monocultura, com a produção da soja e do milho para exportação, com acentuado crescimento produtivo na década de 1990 e início dos anos 2000, Pedra Lisa também incorporou a produção desses produtos. Também nesse período, na Comunidade, iniciou-se, junto à agricultura moderna, uma pecuária de gado de corte e de produção de leite, baseada em relações sociais e de produção de várias lógicas e temporalidades sociais, como é o caso dos camponeses e dos empresários rurais.

No lugar, acrescentam-se a essa situação, as preocupações referentes à redução da produção alimentar e aos problemas ambientais. Contudo têm sido recriadas, reinventadas, práticas sociais que indicam a capacidade dos camponeses se relacionarem com o novo, com o capital, com o moderno. Nas casas dos pesquisados, existem equipamentos modernos que vão sendo utilizados, ao mesmo

tempo em que os antigos, como ferramentas domésticas, vão coexistindo no lugar, possibilitando ajustes que facilitam no trabalho do dia a dia.

Em alguns casos, há uma troca do velho pelo novo, por exemplo, o tanque é substituído pela máquina de lavar roupas, ou, em casos de coexistência, o fogão a lenha ainda é mantido, por se tratar de uma prática cultural que não inviabiliza o uso também do fogão a gás.

Desse modo, a análise da paisagem permitiu explorar conceitos socioculturais fundamentais para assimilar as práticas sociais no Cerrado e em Pedra Lisa. Para compreendermos os conteúdos da paisagem e dos modos de vida camponês, torna-se importante apresentar como era constituída antes da modernização agrícola. Segundo os moradores de Pedra Lisa, o lugar era constituído por uma vasta vegetação de Cerrado, intercalado por pequenas plantações de economia de consumo. O modo de ocupação e produção das pessoas que habitavam o lugar tinha como preocupação a reprodução da família. Também, a partir de 1960, tem-se o início da reprodução ampliada do capital no campo.

Nesse contexto, o Cerrado começa a ser alterado. As paisagens não são apenas da criação extensiva de gado e dos roçados. Começam a aparecer a monocultura, do arroz, e depois, da soja e do milho. Fica evidente também que as grandes lavouras vão ocupar as áreas planas, onde está também a vegetação de Cerradão, e que, pelas descrições dos próprios pesquisados, havia abundância de madeiras de lei ou madeiras nobres[82], que eram retiradas para a edificação das moradias e confecção de móveis. O solo de boa fertilidade foi utilizado para a produção de culturas perenes, e os campos limpos, onde havia os capins naturais usados para alimentar e engordar o rebanho bovino.

Nessa preferência de áreas da agricultura moderna, ficaram, segundo Santos (2008b, p. 71), “[...] as terras mais valorizadas e mais densamente ocupadas, desde a época da chegada de populações ao Cerrado de Minas Gerais [também de Goiás], foram as de mata”. De acordo com o autor, “[...] as propriedades são basicamente classificadas ou identificadas como terra de ‘cultura de primeira ou de segunda” (2008b, p. 73). Para a ocupação da atividade da pecuária, “restam, nesta classificação, as terras de campo aberto, onde a fertilidade natural do solo, à época

[82] Madeiras de lei ou madeiras nobres são aquelas encontradas nas florestas, de grande porte e com elevada durabilidade natural, como o Baru *(Dipteryx alata)*, o Jequitibá *(Cariniana legalis)*, a Aroeira *(Myracrodruon urundeuva)*, o Cedro *(Cedrela fissilis)*, o Jatobá (*Hymenaea courbaril*), dentre outras.

da ocupação desta parte do Cerrado desaconselhava qualquer tentativa de práticas de agricultura" (SANTOS, 2008b, p. 73).

Ab'Saber escreve que, nas áreas onde ocorriam os Cerradões, existiam "verdadeiras florestas baixas de troncos relativamente finos e esguios, [...] bem inferior à das grandes matas pluviais tropicais" (AB'SABER 2001, p. 36). Entretanto, é bom lembrar que, em meio a essa vegetação, bem como aos cursos d'água, existiam pequenas plantações, nos fundos de vales, com residências rústicas, desenvolvendo uma atividade de economia de consumo (SANTOS, 2008b), contribuindo para a elaboração da paisagem cerradeira (Fotografia 14).



Fotografia 14: Residências próximas ao fundo de vale do Córrego Pedra Lisa. Essa paisagem é representativa em Pedra Lisa, ou seja, quase todas as residências estão em fundos de vale, próximas dos córregos locais.
Fonte: Trabalho de Campo, 2010. Foto do autor.

Sabe-se que o solo, a rede de drenagem e principalmente a vegetação podem ser, em diferentes escalas e temporalidades sociais, modificadas pela implantação de modelos agrários, resultado de planejamentos econômicos de um país, ou mesmo do capital em nível planetário, em época de globalização (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Inicia-se, já no final da década de 1960 e início de 1970, o interesse pela produção agrícola no Cerrado, o que aumentava o número de migrantes vindos de outras regiões, com capital, que chegavam para produzir, com financiamentos do Estado. Já outros sem capital vinham para se assalariar. Esse fenômeno promovia a reação de desalojar famílias locais que não tinham capital para os investimentos.

Nascimento (2001, p. 277) escreve que o homem do Cerrado “abandona o seu chão, rompe com o seu ‘mundo’, onde, desde a paisagem até os hábitos locais foram mudados, ocupados pelos grandes proprietários rurais, com suas técnicas avançadas; com uma mecanização voraz e devastadora”[83]. Dessa forma, explica o autor, há um desenraizamento, perdendo sua “identidade, o seu lar, suas referências, suas raízes culturais; desliga-se do seu passado, de sua gente, da vegetação, que lhe fornecia alimentos, e de suas festas populares”.

Na sua totalidade, esse patrimônio existia (e ainda existe) integralizado com a vida, como afirmam Chaveiro e Castilho. Dessa integralização, “participam as classes de vegetação, as bacias hidrográficas, o relevo, o solo, o seu espaço, a sua cultura, os seus símbolos, a sua gente, a sua arte, os diferentes modos de vida que aqui se constituiu”. Mesmo sendo entendidos como um arquivo vivo, conforme afirmam os autores, com intenso dinamismo “de cores, sabores, sons, espessuras, cantos e relevos” (CHAVEIRO e CASTILHO, 2010, p. 2), é possível compreendê-lo como um enorme organismo com funções, formas, conteúdos que se processam na dialética da vida.

Assim, as paisagens física e cultural do Cerrado, nas décadas de 1950, 1960, eram diferenciadas das paisagens que se estabelecem atualmente. A cobertura vegetal do Cerrado era predominante e, conforme Santos (2008a, p. 99), “a partir da baixa produtividade da pecuária extensiva e das roças de subsistência, definia-se, também, o modo de ver e conceber o Cerrado”, conforme relata um camponês de Pedra Lisa, “de primero mesmo, antigamente, tinha arroz, tinha, é, milho, né?”[84].

Como o desmatamento e outras alterações nos recursos hídricos eram efetivamente baixos, a relação desse camponês com o Cerrado apresentava características específicas da época. As histórias, as práticas sociais, as expressões religiosas tinham outras configurações, assim como muitos dos produtos de manutenção da casa, no que se refere à alimentação, aos vestuários e à limpeza, eram produzidos no lugar.

Denunciam Chaveiro e Castilho (2010) que o problema é que esse Cerrado encontra-se, na atualidade e por interesses da produção capitalista, solapado de suas belezas. Onde existiam propriedades com residências de populações

[83] Etanol e a “corrosão” do Cerrado, um dos subtítulos da Dissertação de Mestrado de Camelini, expressa bem esse pensamento.
[84] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

tradicionais, com seus equipamentos de produção e domésticos, como currais, paióis, arados, carros de bois e carroças, também pomares, criações e outros componentes que fundamentavam um modo de vida do passado, existem apenas imensas áreas com produções envolvendo altas tecnologias.

Em Pedra Lisa, a paisagem vai sendo desconstruída e reconstruída ao mesmo tempo, produto das relações e tensões de temporalidades diferentes, ela evidencia que os interesses camponeses e os capitalistas são diferentes. A comunidade local, integrada na paisagem, deixa as suas marcas nas propriedades e nas formas de produzir, indicando que o modo de vida não se separou da cultura camponesa, mas, de algum modo, incorporou modernos aparatos tecnológicos. Como expressa um camponês de Pedra Lisa, ao avaliar a utilização do carro nas atividades do dia a dia: "[...] é pra puxá o leite, i na cidade buscá um material, os alimentos. Melhorô muito. As estradas também tá beleza, melhorô muito, cabô até cas porteras, agora só faz mata-burro, né?"[85].

Desse modo, a ação do camponês mostra que a paisagem é uma produção relacionada à sua história em que há, igualmente, uma relação específica com a natureza[86]. No contexto do modo de vida camponês, que inclui, ainda, a produção dos meios de vida, a paisagem não pode ser concebida apenas pelos elementos físicos, materiais, mas por aquilo que se constrói na relação desses elementos e os saberes e fazeres dos sujeitos sociais. Dessas considerações, é que foi possível observar, também, as paisagens socioculturais, imateriais. Assim, o Cerrado passa a ser compreendido não apenas como formas, bem como conteúdo da via humana.

De acordo com Almeida (2008), a paisagem é como uma construção, uma forma, um arranjo/produto de apropriação e transformação do ambiente em cultura, tendo os seres humanos como atores que lhes atribuem um significado. Realidades, valores, gestos vividos e concebidos coexistem, constituindo-se em patrimônios sociais, históricos e culturais, permanentes e cambientes das comunidades humanas. Essas características constituem o modo de vida em Pedra Lisa que se vincula com vários elementos da paisagem física, indicando que a paisagem é uma relação desses elementos com os saberes e fazeres desses sujeitos sociais.

---

[85] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[86] Por isso, a ciência da paisagem deve ignorar a ruptura entre a Geografia Física e Geografia Humana.

O conhecimento medicinal a partir da vegetação do Cerrado, a utilização da roda d'água para o bombeamento de água até a residência ou tanques de dessedentação do gado, a utilização do solo para plantar complementos alimentares para a família (mandioca, abóbora, hortaliças e frutas), bem como a cana para o gado, são exemplos de como os camponeses de Pedra Lisa vinculam saberes e recursos naturais encontrados no lugar.

Como escreve Silva (2002), o geógrafo deve saber olhar a paisagem, pois onde um olho não advertido vê apenas linhas e cores, o geógrafo compreende a significação profunda, o valor humano da paisagem. Para esse autor, "[...] costuma-se reduzir a paisagem à análise do visível. Sabemos que algumas realidades escapam à visão, mas cabe ao geógrafo perceber na paisagem, fatos da subjetividade e da cultura, assim como as estruturas sociais" (SILVA, 2002, p. 73).

Chier (2003, p. 82) defende que, em quase todas as abordagens dos séculos XIX e XX, as paisagens são "entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade [...] compreendidas como [...] processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais [...]".

Para comprovar essa afirmação, esse autor traz o pensamento de Ratzel e La Blache, dentre outros, sendo que o primeiro utiliza o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, ou seja, há uma dialética entre elementos da paisagem física, os fixos, com os elementos móveis, os fluxos, sobretudo os humanos e, o segundo, o conceito de *pays,* onde a cultura transforma a natureza e que isso depende do homem.

Nesse viés de pensamento, Holzer (1999, p. 154) afirma que o conceito de paisagem geográfica, no final do século XIX, voltou para a visão medieval reconhecendo-a física e culturalmente. Dessa forma, o autor entende que a paisagem se estrutura pela junção das "qualidades físicas da área significativa para o homem, e das formas com esta área é utilizada" por esse.

Carl Troll (1996) a apresenta, a partir de um conceito fisionômico ou formal, ou seja, pelos elementos físicos, mas, também a partir do funcional, sendo este o resultado de todos os geofatores, inclusive a economia e a cultura.

Sabendo que os elementos e os fatores que constroem a paisagem se imbricam a partir de processos relacionais, é relevante, ainda, resgatar a afirmação do autor de que todas as paisagens refletem transformações temporais e conservam

testemunhos de tempos passados, no qual Ab'Saber (2001) traz a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Conclui Troll que nelas estão presentes não apenas os fenômenos naturais, mas também a economia, o cultivo, o tráfego, a estrutura social, a religião, dentre outras (TROLL, 1996).

Santos (1997) complementa que a "paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza". Ou ainda, "a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos". O autor concebe paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma. Neste sentido, considera-a como um constituinte do espaço geográfico (sistema de objetos).

Santos (1988) reitera, ainda, que a paisagem é um conjunto de formas naturais e artificiais, entretanto é sempre heterogênea, como ilustra a fotografia 15. Essa observação é importante para reforçar a discussão mais adiante, visto que, mesmo com a predominância da atividade canavieira em importância econômica, não o é para as feições na paisagem de Pedra Lisa.



Fotografia 15: Paisagem heterogênea, contendo cana-de-açúcar, pasto, reserva legal e mata ciliar. O predomínio da paisagem na Comunidade Pedra Lisa é a pastagem, mas essa é entrecortada com pequenas plantações de cana-de-açúcar para o gado, por matas ciliares associadas a pequenos pomares e outras ervas nos terreiros das casas das pequenas propriedades, e à lavoura de cana-de-açúcar para o agrocombustível.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

De acordo com Silva (2002), o que primeiro se vê na da paisagem são os elementos naturais, rochas, solos, águas, relevo, vegetais, animais – incluindo o

homem. Entretanto, para observação completa da paisagem, é ainda necessário "sentir a atmosfera, os ventos, os cheiros e odores" (SILVA, 2002, p. 72). Dessa forma, "a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social [...]" (SILVA, 2002, p. 73).

Nessa perspectiva, torna-se oportuno assinalar os depoimentos dos camponeses que moram na Comunidade Pedra Lisa, assim como em outras sub-regiões próximas da agroindústria da cana, quando reclamam do odor (mau cheiro, como falam) do vinhoto aspergido no solo com a produção de cana. A fala de um camponês comprova essa realidade: "[...] otra coisa também que eu num gosto, que me faz até mal, é aquele chero daquela vinhaça. Chero não, mal chero. Ela é azeda. Quando eles [usina] tá dano combate, coaquele trem, eu num guento aquela catinga, a cabeça dói [...]"[87].

É bem diferente do cheiro da paisagem camponesa e do Cerrado, sentida e reconhecida por esses camponeses. Ela tem outro cheiro, o do curral, da terra molhada pela chuva, da garapa da cana quando da produção artesanal de rapadura ou cachaça, dentre outros. "[...] eu sinto o chero do mato, chero do mato. Escuto o barui da água, o mato também, quando venta, ele chia. Aquele mato ali, quando é mês de dezembro que chove, dá um sol de tarde, cê vê que coisa mais boa é o chero dele [...][88].

A paisagem, na verdade, deve ser vista, segundo Santos (1988), como uma vitrine de processos amplos, que, no processo relacional, acumula temporalidades sociais, redefine formas, reelabora o antigo (ressignificações) e que resulta de processos sociais com cores, sons e cheiro. Podemos acrescentar, ainda, o sentimento dos sujeitos implicados, como elemento de percepção da paisagem, envolvendo o embate entre estes e reações socioculturais, de antes e de agora, às novas demandas da indústria e do mercado (SANTOS, 1988). A paisagem é reveladora, portanto, das relações sociais, dos processos tecnológicos e as representações humanas.

Ler a paisagem como processo permite-nos ver e compreender não apenas os aspectos visuais, mas também os elementos subjetivos. Entretanto, ao utilizar esse termo, não podemos ficar apenas no processo de acumulação de tempo, mas

[87] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[88] Idem.

ir além; é preciso reinterpretar a paisagem, a partir do acúmulo das temporalidades e dos conteúdos humanos, como fatores que concretizam os elementos atuais e os processos socioculturais que estão postos nela. É como se fosse possível retirar ou trocar de óculos para ver o diferente, para não interpretar de forma ideológica o que somente os olhos conseguem ver, ou seja, é necessário refinar o nosso olhar a respeito das paisagens.

Como as relações humanas com o meio resultam em processos sociais, os conjuntos de paisagens vão sendo construídos, formas vão sendo redefinidas. O antigo é reelaborado, revelando relações sociais, técnicas e formas de produção. Isso prova que essa categoria não pode ser expressa apenas como resultado, ou seja, ela tem condições de imprimir suas marcas socioculturais na dinâmica do movimento. Por isso, é preciso ir além da contemplação e ir aos lugares onde se especifica.

Não há dúvidas quanto à importância da abordagem do uso dos elementos físicos na análise da paisagem, visto que as relações sociais modelam as suas formas. A vegetação, os cursos d'água e o relevo são fatores de maior relevância pelo fato de serem elementos externos, visíveis e que sobressaem nas feições da paisagem. Contudo há ainda outros fenômenos, não tão visíveis, que precisam ser resgatados na análise da paisagem. Isso denota, além do solo, do clima, há também os elementos antrópicos, sobretudo, as relações sociais de produção, os fenômenos econômicos e culturais que, rapidamente, reconfiguram e ressignificam as paisagens.

Pedra Lisa tem em sua paisagem o imbricamento dos elementos físicos e subjetivos. Em campo, é possível sentir os cheiros do mato, do curral, da poeira da estrada e até mesmo da cana-de-açúcar. No entorno da comunidade, já se pratica a irrigação utilizando vinhaça, nas lavouras canavieiras.

Mesmo assim, há construções, equipamentos e instrumentos de trabalho dos camponeses. Vê-se o curral, os chiqueiros[89], a casinha simples, ou a carroça, mas também se observa uma forma de construção, de organização e de práticas que, ao mesmo tempo, se vincula com o passado e com um território reconstruído,

[8989] O chiqueiro é um cercado de madeira, utilizados para confinar e engordar os porcos. O Curral é um cercado maior, também de madeira, utilizado para prender as vacas no momento da ordenha (retirada do leite), após esse processo, são soltas no pasto.

modificado em um dinamismo que varia conforme as necessidades e tensões vividas no cotidiano.

Parafraseando Corrêa (2003, p. 178), “a paisagem constitui ‘parte do conjunto compartilhado de ideias, memórias e sentimentos que une uma população’”. Este autor fundamenta que, até a década de 1960, a Geografia Cultural relacionava-a apenas ao meio rural, enquanto que a discussão urbana referia-se apenas a sua morfologia. A partir de 1970, instaurou-se a preocupação em associar a Geografia Cultural com os estudos urbanos, fazendo uma leitura da paisagem urbana com base em contextos histórico-culturais.

As práticas sociais dos camponeses, como em Pedra Lisa, são importantes na análise da paisagem, por tratar-se de usos e costumes de um grupo social, em seu contexto cultural e histórico, não mais apenas no ambiente rural, como também no espaço urbano, que, aliás, tem recebido populações e culturas advindas do campo já transformado.

Na verdade, a paisagem, na Geografia, possui uma literatura muito extensa; contudo é no conceito de paisagem cultural que este texto vai apresentar as preocupações relacionadas ao processo de reutilização e reocupação do Cerrado, promovendo ressignificações da paisagem rural da Comunidade Pedra Lisa.

Cara (1995, p. 69) convalida a ideia de processo espaçotemporal nas relações humanas, ao declarar que “tiempo y espacio confluy em lo cotidiano”. A paisagem é, portanto, uma construção que se dá a partir de processos e relações, envolvendo elementos naturais e culturais, onde, na visão de Almeida (2008), os seres humanos lhe atribuem significados simbólicos.

É por isso que, na Venda do Zé Major, existe um carro de boi colocado no galpão (Fotografia 16a), visto por todos da comunidade como um instrumento com elevado valor simbólico, representativo de tempos passados. Mas ele não configura mais apenas algo já ultrapassado. Sua função foi ressignificada e, atualmente, já é costume que, em todas as rezas, inclusive as da Folia de Reis, o altar seja preparado sobre esse carro de boi (Fotografia 16b). E, quando algum festeiro planeja prepará-lo em uma mesa comum, os moradores dessa propriedade fazem-no mudar de ideia.



a) **b)**

Fotografia 16: Carro de boi que fica constantemente no galpão da Venda do Zé Major: a) no dia a dia ele fica encostado no canto do barracão; b) em ocasiões de festas religiosas, ele é enfeitado, como em janeiro de 2011, preparado como altar para a chegada da Folia de Reis.
Fonte: Trabalho de Campo, Maio de 2010; b) Janeiro de 2011. Foto do autor.

Na comunidade, os laços culturais também podem ser reestruturados ou ressignificados pelos mesmos fatores econômicos, que imprimem na paisagem, uma transformação substancial a ponto de moldá-la em uma feição totalmente adversa à que se tinha anteriormente. É o caso do Cerrado substituído pela pastagem, ou da pastagem substituída pela cana-de-açúcar, ou das feições ressignificadas, em que, a partir de diferentes lógicas, podemos perceber a coexistência de formas de produção de outras décadas e atuais, que, na paisagem contrastam mesmo entre pequenas propriedades, próximas à cultura da cana-de-açúcar.

Desse modo, com a introdução da monocultura da cana na Comunidade Pedra Lisa, as mudanças são gritantes, sobretudo quando as agroindústrias optam por exterminar todas as árvores, as cercas[90] e até as sedes das propriedades. De fato, observa-se, nas ações dessas empresas, um predomínio econômico, mas que não consegue homogeneidade na paisagem. Há vários elementos modificados e ressignificados, mas não extintos.

As ressignificações não ocorrem apenas nas proporções espaciais e nas formas de produção, como a pecuária ou outros usos do Cerrado, mas também nos

[90] A cerca, para o próprio capitalista, sempre foi sinônimo de posse, “se tem cerca tem dono”. Sempre se defendeu das ocupações de sem terras, alicerçado nessa questão da propriedade, simbolizada pela cerca. Agora é esse mesmo capital que retira a cerca de propriedade de outras pessoas, apropriando-se das terras para, sem questionar a legalidade do direito de propriedade do outro, promover acumulação ampliada do capital.

conteúdos socioculturais e imaginários. Nas propriedades camponesas, obtém-se, ainda, a produção dos meios de vida. Nessas condições, os arranjos produtivos tomam forma nas paisagens e também vão sendo reestruturados para dar uma resposta às novas necessidades dos sujeitos ali envolvidos.

2.2. A heterogeneidade das paisagens de Pedra Lisa

A entrada principal da Sub-região Pedra Lisa está a 20 quilômetros da cidade de Quirinópolis e a 5 da agroindústria Nova Fronteira, vindo pela GO164[91], à esquerda dessa rodovia. De um ponto estratégico e alto, na meia vertente do relevo, na entrada principal, a 30 metros de onde se encontra a primeira porteira e o primeiro mata burro, este reconstruído com material de ferro pela Agroindústria Nova Fronteira, pode-se ter uma visão parcial dessa comunidade até a parte mais baixa, no vale dos Córregos Campo Alegre e Pedra Lisa, e desta até o ponto mais alto da vertente esquerda dos córregos. No encontro desses dois pequenos cursos d'água, a estrada faz uma curva à direita e logo desaparece no pequeno vale, reaparecendo a cerca de 50 metros, já subindo, a partir da margem esquerda do Córrego Pedra Lisa e desaparecendo novamente, dessa vez, no canavial de uma propriedade de 533 ha.

Desse mesmo ponto, consegue-se observar as pequenas propriedades produtoras de leite com suas casas construídas bem próximas dos cursos d'água. A proximidade com o recurso hídrico é uma característica típica dos camponeses[92]. As casas escondem-se detrás da vegetação, composta, quase totalmente, pelas matas galerias, mas também pelas reservas legais, e também pelo pomar no terreiro. Ao longe, a cana, e o restante que se vê é o pasto para a criação do gado (Fotografia 17).

[91] Rodovia que liga o município à BR 364, regionalmente, conhecida como São Paulo-Cuiabá.

[92] A esse respeito, Thomaz Júnior (2010, p. 98) entende que "[...] a interação entre terra e água não está somente para o capital, por meio de suas diferentes formas de expressão e espalhamento (de sistemas produtivos, de grandes extensões de terras cultivadas e acionadas por pivôs-centrais, represas, de canais de irrigação etc.), mas também para os trabalhadores, para os camponeses".



Fotografia 17: Visão parcial da paisagem observada a partir da entrada principal da Sub-região Pedra Lisa em período de seca. O verde ao fundo é da cana pelo processo de irrigação. Na parte à direita da estrada, que, em 2010, ainda era pasto, em 2012, já está com plantação de soja, que, após a colheita, receberá a cana-de-açúcar.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2010. Foto do autor.

Na mesma estrada, no mesmo lugar, virando quarenta e cinco graus para a direita, avista-se, ao longe, a agroindústria Nova Fronteira. Essa visão é possível, mesmo a cerca de cinco quilômetros de distância em linha reta, pelo fato da atividade pecuária na área, ou seja, a vegetação é constituída somente por pasto, com presença de meia dúzia de árvores. Também em razão de o relevo ser constituído de colinas côncavas e convexas suaves, sendo que a agroindústria encontra-se quase ao topo da vertente.

Avista-se também, ao longe, à direita da estrada, na meia vertente da margem esquerda do Córrego Pedra Lisa, a propriedade/venda Zé Major (Fotografia 18), local muito visitado por todos os moradores da comunidade, visto que, nessa propriedade, encontram-se o campo de futebol, a venda (boteco) e um grande galpão com estrutura adequada para festas (cozinha e banheiros) onde se realizam os bailes, jogos, reuniões[93], festas, sobretudo as festas de reis. Até as missas eram realizadas ali por ter um espaço amplo, mas em virtude de ser também ambiente de boteco, o padre mudou de local. À frente e à direita de dessa propriedade/venda, a vizinha cana-de-açúcar para a produção do etanol contrasta com a diversidade cultural que esse local apresenta.

[93] Reuniões com grande público como as realizadas pela Agrovale, pelo Banco Picoo e Banco do Brasil, nesse barracão.



Fotografia 18: Venda Zé Major, ponto de encontro para bebidas, sinuca, jogos de futebol, e espaço para festas religiosas e profanas. Essa venda se transformou no lugar de referência da sociabilidade pela devoção e lazer, para as famílias de Pedra Lisa. Ao fundo e ao lado, lavoura de cana-de-açúcar.
Fonte: Trabalho de campo, Agosto de 2010. Foto do autor.

No espaço das moradias, resta parte dos meios de transportes, alguns abandonados embaixo de árvores ou na pequena área contígua do antigo paiol, agora utilizado como despensa. A roda d'água (Fotografia 19) é um dos instrumentos ainda muito utilizado em Pedra Lisa, devido à necessidade de abastecimento com água, os tanques para o gado e as caixas d'água das residências.



Fotografia 19: Uma das várias rodas d'água existentes em Pedra Lisa. Testemunho dos saberes e fazeres tradicionais e a abundância hídrica encontrada nos pequenos córregos do lugar. A roda d'água é utilizada para transportar a água dos córregos e nascentes até as residências e os bebedouros para o gado.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

A água é elemento fundamental para desenvolver as atividades socioprodutivas no lugar. Essa tecnologia que vem de outros tempos, representa, em Pedra Lisa, uma possibilidade de levar água para dentro das residências, sem custos com energia elétrica.

Mesmo em propriedades em que o rego d'água ou a represa (Fotografia 20 e 21) encontram-se no quintal da casa, o sistema de encanamento é importante pela facilidade, comodidade e, principalmente pelo fato de sentirem-se inseridos em sistemas modernos. Como nem todas as famílias têm o privilégio de trazer água pelo sistema gravitacional, a roda d'água potencializa esse conforto, ou seja, são estratégias empregadas pelo camponês, que lhe permitem utilizar-se de recursos e tecnologias de tempos pretéritos e, se apossar de algumas das tecnologias modernas.



Fotografia 20: Uma das várias propriedades de Pedra Lisa com regos d'água, que passa pelo terreiro da casa. Esses regos d'água é que movimentam as rodas d'água ainda existentes, assim como movimentavam antigos monjolos extintos ou em disfunção. Contudo, esse pequeno curso hídrico artificial proporciona um microclima mais agradável nos terreiros das residências.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

É uma tecnologia de tempos lentos, que não necessita da utilização de energia elétrica para transportar a água para localidades mais altas topograficamente. Isso significa uma redução de custos e de tempo para as famílias que não precisam levar água para o gado, a água vem pelo encanamento até os tanques ou tambores de dessedentação do gado.



Fotografia 21: Represa dentro do terreiro da casa em uma propriedade de Pedra Lisa. Alguns regos d'água alimentam represas instaladas pelos camponeses, outras são construídas nos próprios córregos Pedra Lisa, Alegre e dos Macacos.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

A paisagem camponesa é composta, também, por instrumentos de trabalho. A carroça é, atualmente, encontrada, mas com uso restrito na comunidade estudada. Em uso, encontra-se a montaria em cavalo, para cuidar do gado e locomover-se na comunidade. No entanto, torna-se uma raridade encontrar, nas estradas da comunidade, camponeses montados nesses animais (Fotografia 22).



Fotografia 22: Camponês produtor de leite que, mesmo possuindo um fusca, preserva a tradição da montaria à cavalo. São raras essas montarias, mas ainda é possível encontra-las, até porque, com esse meio de transporte, é possível percorrer caminhos pelas pastagens e reservas, impossíveis para os automóveis e motos.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

O monjolo, muito usado para limpar alimentos, raramente é encontrado nas propriedades, permanecendo apenas na memória do camponês. Na Comunidade Pedra Lisa, apenas dois monjolos ainda podem ser vistos nas pequenas propriedades, porém, em desuso (Fotografia 23). São instrumentos que não intensificam atividades produtivas, mas representam um valor cultural, que potencializa a sociabilidade humana.



Fotografia 23: Um dos monjolos em Pedra Lisa, em desuso. São três no total, no entanto apenas dois ainda estão montados. Outro está abandonado no chão ao lado do rego d'água de uma das propriedades.
Fonte: Trabalho de campo, Abril de 2011. Foto do autor.

> Meu pai tinha o mijolo, depois tirô porque tinha que fundá mais, [...] fazê o buraco mais fundo, ele tá lá, de pareia lá. [...] antigamente os mijolos servia pra socá um milho, socá um arrois, esse trem, e o arrois a gente comia e o milho era pras galinha, pros porco, fazê farinha. [...] por causa que agora, agora tudo mudô, né? Agora, o arrois a gente compra ele limpo, num precisa socá ele mais, já o milho a gente compra ele moído, já a farinha a gente compra pronta, num precisa mexê com farinha mais [...] (Informação verbal [94]).

Muitos camponeses guardam utensílios (ou tralhas, como eram chamados), como forma de não negar os valores históricos, expressos nesses objetos, que se transformam em símbolos de passados não muito distantes.

> Eu penso, tem vontade de ser colecionador de coisas antigas. Eu tenho ali uma canga, tem berrante, tem polaca, tem várias coisas do tempo antigo. Eu sô muito curioso e guardo muita lembrança do tempo antigo. Com aquela, toda aquela dificuldade, a gente via um carro [de boi] cantá, chegava arrepiá o cabelo do braço. Então hoje não vê mais, vê o barui de

[94] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

> um trator, uma máquina de estera, e a gente compara as duas coisas [...] (Informação verbal[95]).

Tudo isso se torna parte da substância do lugar e indica importantes elementos, para entendermos os modos de vida e os vínculos territoriais que se estabelecem na existência do camponês de Pedra Lisa. Explica um camponês que a utilização de instrumentos antigos ocorre tanto pela tradição, como também pela economia ou falta de condições financeiras para adquirir novas tecnologias:

> Eu acho que mais é por tradição, tem gente que gosta, né? E se tudo que cê fô pô e movimentá, ai tê que tê nova tecnologia, tem gente que num tem recurso. [...] a carroça num tem, é só o animal, né? [...] o manejo dele é barato, num tem muita despesa, né? (Informação verbal [96]).

Para o camponês de Pedra Lisa, são instrumentos de trabalho que evidenciam, ainda que, em um tempo lento, um ritmo de trabalho produtivo e de constituição dos seus modos de vida. Um uso do espaço e de elementos que indicam aspectos da paisagem do passado, que representam símbolos de uma tradição, hoje reinventados, mas, nem por isso, deixaram de ser importantes. Muitos desses instrumentos já se deterioraram, mas alguns poucos ainda estão bem guardados como recordação ou como patrimônios.

2.3. Metamorfoses nas relações socioculturais camponesas

Antes de estabelecer regras e criar concepções de vida, o homem do campo procura conceber o seu cotidiano e o de sua família baseado naquilo em que acredita, compreende e vive, de acordo com o conceito que tem da vida e de suas necessidades. Para Chayanov, o camponês é um sujeito criando sua própria existência, e só é possível entendê-lo, estudando o seu comportamento para entender como ele se insere socialmente, e não o contrário, estudar sua inserção na divisão social do trabalho para identificar o seu comportamento (CHAYANOV, 1974, p. 99, 102 e 105).

A ideia clássica, mas que ainda tem seguidores dessa corrente de pensamento até nos dias atuais, é que o camponês se tornou incapaz de resistir à

[95] Idem.
[96] Idem.

concorrência das grandes empresas agrícolas, incapaz de incorporar as conquistas técnicas disponibilizadas aos capitalistas, o que garante a presença e fortalecimento do grande capital e não do pequeno produtor rural. Silva (2009) acrescenta que os camponeses que optam por produzir *comodities*, como a soja, acabam assumindo uma integração e subordinação muito maior com mercado capitalista, sobretudo ao fazerem a venda antecipada da safra. O que isso significa é que, quando colhem, já não são donos da produção.

Shanin (1988) alerta que “da unidad de producción campesina de escasos recursos y crédito limitado está expuesta a los poderosos caprichos de la naturaleza y a la políticas del mercado y del Estado [...]”. Como não são capitalizados, não têm poder de decisão sobre o melhor momento para compra de insumos, das grandes empresas, nem tampouco da venda da produção, também para a grande empresa. Entretanto, conclui Silva (2009), mesmo sua gestão sendo apenas relativamente independente, nem por isso “seu caráter de classe se altera, passando de camponeses a proletários”.

Martins argumenta que a base de todas as transformações no campo está na expansão do capitalismo. “Se os camponeses não são expulsos da terra, isso é por causa da expansão do capitalismo, se são expulsos também é por causa da expansão do capitalismo. Alguns chegam a falar em penetração do capitalismo no campo” (MARTINS, 1983, p. 151). Para Chayanov, essa penetração do capitalismo no campo evidencia forças endógenas, incompatíveis com o processo produtivo familiar. São capitais que tomam conta das estruturas já existentes na agricultura camponesa.

Na verdade, essas práticas do capital originam tensões sobre as famílias camponesas, sobre o seu modo de produção e sobre as práticas socioculturais. Ou seja, se há as estruturas familiares dos camponeses, aparecem as estruturas produtivas e mercadológicas do capital, e essa dialética, representada pelas lógicas diferenciadas, implicam mudanças. Por exemplo, as silagens continuam sendo produzidas em forma de mutirão pelos camponeses de Pedra Lisa, já os médios e grandes proprietários pagam lhes como diaristas[97].

Como relata uma pequena produtora de leite da comunidade: “ele [marido] trabaia fora para complementá a renda. Ele trabaia de pedrero, de fazeção de

[97] Woortamann, nesse viés de pensamento, escreve que “sitiantes fracos vendem sua força de trabalho aos sitiantes fortes”.

cerca, de silagem, de moto serra [...][98]". Na fabricação da cachaça local, também, sempre há dois camponeses produtores de leite que trabalham como diaristas, tanto no corte da cana, como no alambique, durante os meses de julho/agosto a novembro.

As estruturas da organização camponesa relaciona-se às instituições presentes no cotidiano da Comunidade Pedra Lisa: a família, a religião, a política, o lazer, o mercado e até mesmo as relações com instituições externas, como o Estado, o frigorífico, o laticínio e a Usina de álcool.

No caso em estudo, a influência dessas instituições externas, sobretudo o mercado, impuseram mudanças no comportamento da Comunidade Pedra Lisa. Não estamos considerando o mercado como menos importante, pelo contrário, o sistema econômico está sempre nas prioridades das famílias. Eles dependem de um bom resultado de liquidez para continuar relacionados com o sistema comercial, para cumprir com os compromissos financeiros e para adquirir bens.

O que estamos afirmando é que outras possibilidades aparecem para que os camponeses se realizem como sujeitos da sua história, como produtores e consumidores de mercadorias, mas também como sujeitos da dignidade em manter o nome limpo, em se afirmar como sujeito ético e honesto. Como declara um camponês sobre a compra a prazo: "a única coisa que a gente compra aqui é no mercado [Agrovale]. Já que entrega o leite lá pra eles, já compra mesmo deles [...], o fiado cê num sabe que hora cê tem o dinheiro pra pagá ele[99]".

A permanência dos camponeses em Pedra Lisa já faz parte de uma das estratégias que estes têm como forma de existir nesse lugar, que se dá por vários arranjos socioculturais, resultante de arranjos socioprodutivos envolvendo saberes e fazeres que reúnam temporalidades sociais distintas.

Numa das visitas, uma camponesa esclarece o motivo pelo qual continuam com a atividade leiteira: "Pra nóis é tudo, né? Se num tivé o leite, como é que nóis vamo comê, num tem como, né? [...] nosso chão é pititico, num dá pra num sê leite, tem que sê só leite. Ele é piqueno". Outro camponês explica o fato de não aderir à produção de cana-de-açúcar: "devido aquele povo estranho e eu acho que eles pega uma terra eles

[98] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[99] Idem.

qué acaba com ela. [...] eu sinto bem [em Pedra Lisa]. As veis eu saio, chego num lugá, tudo estranho, eu num sei convivê com gente estranha [...][100]"

O camponês usa o espaço e é nesse uso que ele se territorializa, e, em Pedra Lisa há uma situação em que os vínculos com o território não são apenas revelados por elementos econômicos. Conforme Woortmann (1990), em obediência a uma ética camponesa, constituída com base de uma ordem moral, as relações dos homens entre si e com as coisas, principalmente a terra, proporciona a esses sujeitos, um leque maior de valores que não apenas o econômico. Para citar um exemplo, a fala de uma produtora de leite sobre a devoção expressa bem a importância de outros valores na comunidade:

> [...] eu vejo a questão da fé assim, é, ninguém fica revoltado, porque [...] a dificuldade [...], o tempo de ficá, tê que cuidá das vacas, então as pessoas pela, essa fé que eu acho que têm, eles já entende as coisas de Deus, né? [...] sempre a gente tá em dificuldade, que a gente tem, a gente apela mesmo pros santos [...], parece assim, que tamo em comunidade, uns apoiano os otros [...] (Informação verbal[101]).

Com esse depoimento, entende-se que há outros valores importantes para esses camponeses de Pedra Lisa. Há uma existência camponesa cheia de particularidades, e, desse modo, o camponês existe também pelo religioso e por um conjunto de práticas que se inscrevem no território a partir do religioso.

Como exemplo, na Pedra Lisa ainda há o costume de benzer a vaca, quando ela adoece. Por ser ela a responsável direto pela condição financeira, por intermédio do leite, todo o cuidado é necessário para evitar a redução da produção. Antes de aplicar medicamentos químicos, uma das famílias ainda recorre a remédios caseiros e até mesmo à benzeção[102].

Em um determinado dia de pesquisa, após os homens realizarem a retirada de bernes na pata de uma das vacas, desencadeou uma hemorragia intensa, e a camponesa resolveu o problema com a reza que aprendeu com os antepassados. Ela foi para o curral onde estava o animal ferido, sozinha, fez as orações necessárias e, em alguns minutos, o fluxo do sangue foi diminuindo. Horas depois, estava estancado.

---

[100] I Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[101] Idem.
[102] Os camponeses possuem muita fé em Deus e nos santos, no Caso da Pedra Lisa, destaca-se a devoção aos Santos reis. Por conta disso, a tradição da benzeção continua até os dias de hoje, acreditando que muitos dos problemas resolvidos, sobretudo doenças, são frutos dessas rezas e pedidos de bênçãos.

Assim, o camponês existe pelo religioso e pelas festas e, quando não há festa em Pedra Lisa, ele vai buscar em outras comunidades ou na festa da padroeira na cidade. Para um dos camponeses, a festa:

> É o momento de encontro das famílias, o lazer, e segue uma tradição, que indeus que eu vim pra cá existia. Tinha o pessoal que era capitão de Folia de Santos Reis, sempre existia, todo ano existia [...]. E sempre tinha a fogueira de São João, tinha festa se Santos Reis, bailes nas fazendas[103]. [...] faz parte da vida e faz parte do lazer, que a pessoa também não véve só do trabalho. Acredito que tem que ter um lazer, reuní, encontrá os amigos, festejá, tomá um pinguinha de engenho [...] aquele que gosta, sempre dentro das medida, nada com exagero, fais uma galinhada, enfim, faz, reuni pra fazê pamonha de milho verde [...] traz muito aconchego pra família (Informação verbal[104]).

Mas ele existe também nos jogos, de futebol ou de truco; na música e na dança da qual ele é protagonista, tanto na catira e na Folia de Reis. Dessa forma, não se têm apenas questões econômicas, mas elementos relacionados ao espaço e ao tempo de sua existência no lugar. Assim, essas práticas são também estratégias que garantem a sua permanência no lugar.

2.4. Paisagens culturais: conteúdos e imaginários

Analisando o Cerrado, a partir das relações socioculturais, observa-se que o modo de vida e a produção realizada em pequena escala manifestavam-se na paisagem. Seguramente, tratava-se de visão fundamentada em saberes que se objetivavam no vivido. Faziam parte dos enlaces sociais e iam garantindo o uso dos recursos necessários para viver nos lugares rurais. Dos usos do Cerrado, surgia uma paisagem ímpar, resultante de convivência equilibrada e, portanto, determinada ou mediada pelas necessidades das pessoas e na relação com o próprio Cerrado.

Ao analisar, atualmente, as alterações da produção dos meios de vida dos camponeses de Pedra Lisa, bem como das suas práticas sociais, foi possível entender o processo que está posto, no tocante à permanência dos seus territórios e modos de vida metamorfoseados, que alteram também a paisagem em sua forma física e cultural.

---

[103] Dessas três categorias de festas, a de Santos Reis e a do baile sempre existiram e estão sendo mantidas até os dias de hoje. A fogueira de São João, como uma festa aberta a todos da comunidade, foi retomada esse ano, com o propósito de continuar nos anos seguintes.

[104] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

As mudanças na paisagem natural e cultural promovidas pelo capital e pelo Estado, por intermédio da modernização da agricultura, hoje, com o avanço tecnológico e com as grandes lavouras de cana-de-açúcar, promovem mutações substanciais nas formas e relações de produção e novas ressignificações das formas existentes. Entretanto, como já descrito anteriormente com experiências, em Pedra Lisa, há sempre práticas residuais no espaço rural revalorizando relações, usos e costumes tradicionais, que também deixam marcas no imaginário dos sujeitos.

Desse modo, desde que a modernização do campo chegou ao Município de Quirinópolis, nas décadas de 1960, 1970, Pedra Lisa vem sofrendo interferências nos modos de vida e de organização espacial e nas atividades da comunidade. São condições impostas pela dinâmica reprodutiva do capital, ao mesmo tempo em que mutações e adaptações também mostram possibilidades de reinvenção dos modos de vida camponesa. Outros veem como consequências das políticas públicas. O problema foi do governo, diz um produtor de gado e fornecedor de cana de Pedra Lisa.

> O pequeno não consegue ficar na roça e vende, todos vão para cidade, vai ficando mais ruim, vai ficando pouca gente. O pequeno vive, mas tem que trabalhar em outro lugar, na cidade ou em outras fazendas. Antes da usina o povo já tinha vazado quais tudo, mais ou menos doze anos atrás [...] (Informação verbal[105]).

Por mais que na Sub-região Pedra Lisa a migração tenha sido menos intensa que outras sub-regiões do município, para essas famílias, a saída dos camponeses proprietários, arrendatários, ou trabalhadores, promoveu estranhamento e desconforto para os que ficaram.

Por mais que esse produtor tenha razão, o “quase tudo” revela que nem todos foram embora de Pedra Lisa. Por mais que seja verdade que muitos migraram para a cidade, é também verdade que muitas famílias ainda permanecem (64 no total). Por isso, não podemos concordar com a ideia de homogeneização do espaço. Quando problematizamos as relações existentes nesse espaço, são reveladas as heterogeneidades que se escondem na aparência. Por isso, a paisagem é uma categoria de análise geográfica importante para compreender o que está por traz

[105] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

dessas aparências. Ela revela que o capital não é capaz de exercer o domínio total sobre o espaço rural, conforme o discurso que se veicula.

Sabe-se que os camponeses locais têm uma relação de convivência muito estreita com os elementos naturais do Cerrado, ou seja, assim como as empresas rurais tem interesses em transformá-los em capital, também eles têm interesses em continuar apropriando-se dos recursos naturais sob a lógica de reprodução de sua existência e dos seus modos de vida. Se tomarmos apenas três dos recursos naturais, percebemos que dois deles foram os que mais atraíram as agroindústrias da cana de álcool para essa região, mas que, por outro lado, são vitais para os camponeses. Assim, podemos apontar:

1) A vegetação – Cerrado – além de ser o elemento predominante na composição da paisagem, é também a intermediação do contato da população rural com a fauna. É parte do sistema alimentar e, sobretudo, da sabedoria medicinal popular cerradeira. Assim, o desmatamento e a implantação de uma monocultura significam, antes de tudo, para essa população, a perda de seus remédios, dos animais e de sua alimentação complementar.

2) A água – rios e córregos – é fonte de vida, que fornece alimentos – sobretudo o peixe – proporciona beleza visual e sonora, rega o solo e refresca o ambiente. Ai está a gênese do lazer em Pedra Lisa, que tem fartura em pequenos cursos d'água e nascentes, pois o rio é lazer. Em muitos casos, o rio é parte do terreiro de casa. A derrubada da vegetação e a remoção do solo significam mais que assoreamento e poluição dos recursos hídricos, significa retirar uma das fontes de vida mais importantes para uma população rural que a tem por excelência. Por isso, Martins e Cleps Junior (2012, p. 8) afirmam que os "rios e Veredas tornam-se referências, casas de moradas e espaços ideais para a territorialização humana".

3) O solo é o recurso que lhes fornece alimento, ora natural, pela da vegetação nativa, ora ainda pela plantação de outras espécies de alimentos necessários à sobrevivência humana. Esse foi um dos primeiros recursos naturais que se transformaram em mercadoria (a terra), provendo, quando da ocupação do capital, a desterritorialização de populações locais.

Podemos destacar, nessa questão, o caráter desigual do desenvolvimento. No uso do espaço, observamos, no mínimo, duas lógicas distintas. São formas de

ver e conceber o Cerrado e seus recursos disponíveis: a lógica camponesa, baseada na ética e na família, buscando o uso do espaço para reproduzir a sua existência; e a do agronegócio, visando ao lucro, por intermédio da apropriação desses recursos que são transformados em mercadorias, para recuperar os seus capitais investidos. No lugar Pedra Lisa, também vivem camponeses que, de certo modo, conseguem permanecer incorporando tecnologias e reinventando "tradições" para se manterem no processo produtivo e na produção da ética e da moral camponesa.

As características desses camponeses constituem contributos para a formação de paisagens culturais impressas a partir dos usos dos recursos naturais que não se resumem apenas na vegetação, recursos hídricos e solos apresentados, mas também nos elementos climáticos, nos tipos de relevo, na fauna, na forma de produzir alimentos, dentre outros.

Aziz Ab'Saber compreende que a paisagem é uma herança deixada pelas comunidades, em todos os sentidos da palavra: "herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivos dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades" (AB'SABER, 2001, p. 9).

Isso significa, para os camponeses de Pedra Lisa, que viver nesse lugar representa, além de receber o patrimônio familiar e valores humanos de seus antepassados, também dar continuidade e potencialidade às formas de existências das famílias ali estabelecidas, parentes ou não, haja vista que a convivência entre seus membros é medida por uma sociabilidade camponesa nutrida em relacionamentos de ajuda mútua. De acordo com um deles, "já tô nessa luta [produção de leite], já há muitos anos, média de cinquenta, cinquenta e cinco anos, lutando, porque a gente gosta [...], e pretendo ficá mais uns vinte anos ainda, se Deus quizé". Entretanto, não negamos que conflitos entre eles possam existir.

A paisagem, de acordo com Almeida (2008), é parte integrante do meio ambiente que ao ser apropriado e transformado pelo homem, reconfigura o lugar, que passa a possuir seus próprios significados e simbolismos. Em Pedra Lisa, as práticas sociais indicam formas com que os camponeses foram se apropriando do espaço e dos recursos naturais, integrando-os ao seu sistema cultural, constituindo-se em patrimônios sociais, históricos e culturais. É comum ter água passando, na forma de rego d'água, nos terreiros da casa, como também é possível encontrar pequenas nascentes nos terreiros, que escorrem pela estrada, até encontrarem um

direcionamento para o Córrego Pedra Lisa (Fotografia 24a). Em uma das propriedades, há várias pequenas nascentes, sendo consideradas uma riqueza pelo proprietário (Fotografia 24b).

> Acho que é uma riqueza tê água, porque nunca, tem muitos anos, teve uma época que faltô água ali, mas, agora, graças a Deus, tem uns vinte e tantos anos que a água é abundante, tem muita. Ajuda porque se não tive água o gado num produz leite (Informação verbal[106]).



a **b**

Fotografia 24: Pequenas nascentes ao longo do Córrego Pedra Lisa. A foto b ilustra uma nascente dentro do terreiro de uma residência. É comum a água escorrer de dentro dos terreiros e na estrada no período das chuvas.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Almeida, ao discutir as paisagens e as identidades territoriais, utiliza-se da denominação "etnoterritorialidade do sertanejo do sertão brasileiro", para caracterizar os povos cerradeiros e caatingueiros, ou seja, homens de habitat dos biomas do Cerrado e da Caatinga, sendo que essa dimensão sertaneja constitui-se como uma das essências da cultura brasileira (ALMEIDA, 2008). O conceito de Povos Cerradeiros foi elaborado por Mendonça, da seguinte forma:

> Refere-se às classes sociais que historicamente viveram nas áreas de Cerrado constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais experienciando formas materiais e imateriais de trabalho, denotando relações sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais. Atualmente se configuram nos *trabalhadores da terra*, camponeses e demais trabalhadores que lutam pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital (MENDONÇA, 2004, p.29).

[106] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Desse modo, ao examinar o conceito apresentado por Mendonça (2004), a denominação Povos Cerradeiros pode ser atribuída também aos camponeses da Pedra Lisa, por serem homens e mulheres do Cerrado, com as características expostas por ele por meio das formas de uso e exploração da terra, das relações com o meio natural, das relações sociais de produção e de trabalho, que constituem seus modos de vida e suas expressões culturais.

É necessário, a partir dessas reflexões, compreender as transformações nas paisagens e nas gentes do Cerrado de Pedra Lisa. Para Santos (2008b), o emprego de tecnologias promove novas carências de tempo e, para percebê-las, procuramos observar as práticas sociais que cada grupo desenvolve no vivido. São os saberes dos usos dos recursos necessários, para viver no lugar, que foram sendo substituídos por uma produção em que o camponês tem que corresponder à demanda do mercado.

Os elementos identitários são, portanto, importantes na análise do território e da paisagem, por tratar-se de usos e costumes dos camponeses de Pedra Lisa, em seu contexto cultural e histórico. Parafraseando Corrêa (2003, p. 178), “a paisagem constitui ‘parte do conjunto compartilhado de ideias, memórias e sentimentos que une uma população’”.

É bom lembrar que a paisagem rural do Cerrado rural tem formações que atravessam décadas e, por vezes, séculos. São construções que contêm conteúdos humanos e que, para entender as especificidades do lugar, é preciso levar em conta as lógicas e as temporalidades sociais que se traduzem em territorialidades.

Convém frisar que essas mesmas territorialidades se modificaram ao longo do tempo em que modernidades tecnológicas foram aparecendo, por intermédio dos sujeitos sintagmáticos, como é o caso das agroindústrias da cana, que agem para reproduzir os seus capitais. No entanto, entendemos que essas transformações ocorridas no espaço não eliminaram o camponês de Pedra Lisa, e nele, observamos ressignificações que produziram novas práticas e novos vínculos territoriais constituídos no espaço rural quirinopolino.

Trabalhar com um universo escondido implica considerar que a relação dos camponeses com o Cerrado é histórica, expressando seus conteúdos culturais nos lugares. Formadas por trabalhadores, produtores e proprietários rurais, as famílias foram construindo relações coletivas e fazendo surgir a Comunidade Pedra Lisa e seus patrimônios culturais materiais e imateriais. Nessas condições, certamente,

existem diversos fenômenos no âmbito das suas representações sociais, que garantem a existência desses camponeses como sujeitos desse lugar.

Os utensílios, as “traias”, a casa, enfim, todos os elementos de uma cultura são símbolos que ficaram na memória cultural dos camponeses. Não deixam com que a simbologia dos modos de vida das gerações que as vivenciaram fique esquecida, repassando-a para gerações futuras que não as conheceram de perto. Os símbolos da simplicidade da vida caipira representam ainda a amizade, a solidariedade e a partilha, prática cotidiana dessas famílias.

Dentre as práticas sociais, a amizade é vista como uma das mais importantes para a ética camponesa. “Pedra Lisa é um pessoal muito solidário, muito unido, todos ajudam”, relata uma camponesa. O estar bem com todos da comunidade, de ajudar, ser solidário, visitar, festar e rezar com os vizinhos e parentes são manifestações de uma sociabilidade do modo de vida caipira de outros tempos e que, de forma ressignificada, chegam até os dias atuais. Por isso, uma das práticas do cotidiano são as visitas aos vizinhos.

> Visitá pra vê como é que tá o povo, se eles tá doente, se num tá, se tá ino tudo bem. Isso que nóis fais. Recebo visita e muito. [Também] é muito bom os encontro religioso. [...] ai a gente reza, pede pra abençoá a família da gente, as veis se tivé doente a gente pede pra abençoá. Acho muito bom (Informação verbal[107]).

As comunidades camponesas, a partir de seus contextos históricos, enriquecem-se de valores socioculturais, formando uma paisagem cultural de representações e conteúdos, uma paisagem caipira, para usar o termo de Candido (1979). E foram esses símbolos, parte das identidades culturais, que criaram as paisagens da comunidade em estudo, tornando-a um lugar de vivência, de existência e de interação entre os camponeses com seu meio.

Os simbolismos do meio rural da Microrregião Quirinópolis, conforme Souza, Souza e Santos (2009, p. 14), compõem o patrimônio imaterial, constituindo-se “como manifestações das identidades da comunidade [...]”, apresentando variados símbolos para a comunidade. As capelas locais, por exemplo, “representam a religiosidade da comunidade e demarcam um lugar sagrado para onde as pessoas se dirigem para fazer suas orações”.

[107] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

É tradição, na Comunidade Pedra Lisa, além da reza “permanente” do terço uma vez por semana, nos períodos adequados, fazer as Novenas de Natal e os encontros em família da Campanha da Fraternidade da igreja católica. Esses encontros terminam com a “via sacra”, uma procissão com 14 paradas representando o percurso de Jesus, da condenação até a crucificação e ressurreição, conforme fotografia 25.



Fotografia 25: Via Sacra realizada na Comunidade Pedra Lisa. Como em todos os anos, em 2001, foi encerrado a Novena do Natal com a procissão da Via Sacra com a presença de muitas das famílias que acompanharam os nove dias de reza.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

> Nós temos também em pedra Lisa, o grupo religioso e esse grupo religioso a gente fala Círculo Bíblico, e então a gente se reúne uma veis na semana pra, quando é tempo, assim, de Novena de Natal, da campanha da fraternidade, a gente faz a campanha, né? E quando não é, a gente reza um terço ou faz algum outro tipo de oração, sempre, assim, que o momento pede [...] Todo meis, na segunda quinta feira a gente tem a missa.[...] nas datas também, assim, comemorativas de algum santo, assim, a gente sempre tá fazeno uma novena praquele santo, tá rezano especialmente um terço em louvor daquele santo (Informação verbal[108]).

É importante para esse grupo se afirmar como integrantes da Igreja Católica, por isso, a celebração da missa ao menos uma vez no mês na comunidade. Mas também é oportuno que estejam conectados às celebrações temáticas da igreja e, nesse caso, as Novenas de Natal e da Campanha da Fraternidade contribuem para dar essa identidade ao grupo religioso. Quando a igreja celebra determinado tema

[108] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

em todo o Brasil, a Comunidade Pedra Lisa também está refletindo e discutindo o mesmo tema.

Essa identidade dos camponeses de Pedra Lisa com a prática religiosa reforça as outras práticas sociais dessas famílias, visto que funcionam como obrigação e prazer ao mesmo tempo. As pessoas reúnem-se para rezar e para nutrirem-se do sagrado, mas também da sociabilidade e da vitalidade das suas crenças e da própria existência, dando sustentação à vida no lugar. Há uma reciprocidade entre as pessoas, no sentido de umas darem força às outras e de umas se comprometerem com as necessidades, as mais diversas, das outras.

As identidades, nos Cerrados, constroem-se de forma própria, são resultados das relações entre as gentes e o meio. Os modos de vida e de produção dos camponeses de Pedra Lisa proporcionam a construção de saberes e fazeres que, ao mesmo tempo em que são simples, tornam-se complexos. A sociabilidade da vida se materializa nas relações sociais que lhes permitem a satisfação das necessidades básicas. Não importa a rusticidade da vida, pois os resultados derivam da cumplicidade das pessoas com as tarefas cotidianas e também das festas e das rezas, até porque os modos de vida não se resumem apenas nas questões produtivas, mas também nos valores éticos, na moral e outros elementos da cultura de um grupo social.

A contribuição da complexidade se dá pelo fato de que, diante das mutações do espaço, há tensões, promovidas pelos desencontros da própria comunidade e proporcionadas pelos agentes sintagmáticos que chegam ao lugar com propósitos diferentes. Mas são os valores humanos e culturais do grupo social camponês que fazem com que as famílias de produtores de leite em Pedra Lisa permaneçam nesse lugar.

Em Pedra Lisa, esses valores humanos são nutridos pelos costumes que se estabelecem na relação com a terra. Conforme o pensamento de Woortmann (1990, p. 12), a terra, mesmo não sendo objeto de trabalho, ganha expressão de moralidade, “não em sua exterioridade como fator de produção, mas como algo pensado e repensado no contexto de valorações éticas. Vê-se a terra [...] como patrimônio da família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor”.

Estar morando na terra, para o camponês de Pedra Lisa, tem vários significados. É a herança de todo o trabalho realizado pelo pai: “pra mim, é coisa

que meu pai dexô, então eu acho que se ele sacrificô pra deixa pra gente, que era o gosto dele, ai eu tenho dó de vendê ou então arrendá pra cana"[109]. Essa fala representa a vitalidade que o lugar oferece à vida e que precisa ser preservada e valorizada.

Essa discussão é interessante porque, no lugar pesquisado, encontram-se tradições ressignificadas, reinventadas e, seguramente, estamos diante de um processo que envolve sistemas produtivos e modos de vida que vão sendo atravessados, alcançados, mas não totalmente capturados pela produção dominante. Esse fenômeno cria novas formas de produção que são reeditadas, buscando adaptar as necessidades econômicas para garantir a existência camponesa. Entretanto, é na elaboração de novos valores humanos que está a essência dessa existência.

São recriações a partir de valores que já existiam, sobretudo, no que se refere ao religioso e ao ético e moral, tornando-os iguais perante a comunidade, mesmo sabendo da diferença financeira e de tamanho das propriedades. Trabalhar com essa compreensão de pensamento implica pensar que os camponeses do Cerrado foram constituindo comunidades e fazendo surgir seus patrimônios culturais materiais e imateriais. Nessas condições, certamente, emergem diversos fenômenos no âmbito das suas representações sociais.

Em Pedra Lisa, ainda hoje se encontram equipamentos ou construções característicos das décadas de 1960/1970. Como fazia o Zé Major, ao consertar e fazer porteiras para o chiqueiro de sua propriedade, com instrumentos básicos, como o martelo, serrote, pregos, alicate de pressão, arco de serrinha, arco de pua, parafusos e dobradiças. Esses dois últimos, assim como a madeira, outrora retirados de outras partes da propriedade e guardados há um bom tempo, à espera da próxima necessidade de usá-los.

O chiqueiro, para confinar porcos de engorda, é bastante rústico, nas formas de meados do século passado, no que se refere aos cercados com madeira, bem como ao telhado de tipo colonial (Fotografia 26). O camponês, além de produtor de leite, é também, dentre outros, o carpinteiro da propriedade.

[109] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



Fotografia 26: Chiqueiro rústico para engorda de porcos. Essa forma de construção é muito comum na comunidade, por se tratar de práticas conhecidas por eles e por não precisarem de estruturas mais resistentes, visto que os porcos não apresentarem ameaças de escapar.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Enquanto trabalhava, contava os fatos que ocorreram na região recentemente. Contava como fora a festa da chegada dos Santos Reis, como se preocuparam com quem iria assumir a bandeira e ser o próximo festeiro[110], e também como estava a produção de leite e de porcos. Dentre a conversa, sobrou tempo para uma paradinha, para mostrar as ovelhas e os porcos criados no pasto (Fotografia 27), e, ainda, para tomar uma dose de cachaça antes de voltar ao trabalho de carpintaria no chiqueiro.

Essa forma de criação de porcos é semelhante à de gado bovino e caprino. Ou seja, são colocados no pasto para que eles mesmos procurem alimentos e caminhem para complementar sua alimentação e estabelecer um crescimento mais saudável. Embora na foto visualize-se uma cerca de arame farpado, ela é estabelecida mais para que os animais de maior porte (porque não impedem os leitões) não adentrem no terreiro da casa.

De acordo com o camponês, “o porco solto ele sempre cria mais sadio, porque come um coco e, que sempre tem né? Coco macaúba, essas coisas assim, e não é fechado [...] então cria mais sadio. [...] tem o porco que as veis é de mangueiro [chiqueiro]”. Entretanto, em outro ambiente, há o porco de mangueiro (chiqueiro), criado em confinamento para a engorda.

[110] Festeiro é o responsável pela festa, pela arrecadação das prendas para a festa, quem prepara os alimentos, quem convida as pessoas que irão ajudar no abate dos animais, na limpeza, organização e enfeite do local e do altar.



Fotografia 27: Porca e filhotes criados no pasto. Embora tenha arame farpado na foto, esse é um instrumento de proteção para que animais de maior porte (gado[111]), não adentrem do terreiro da casa. Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

São práticas sociais que indicam que certas habilidades permanecem. Alguns elementos da cultura estão sendo usados, pois estavam guardados. São elementos constantes de uma lógica que revela a condição do camponês e que ajuda a compreendê-lo nos seus modos de vida. Pensam e agem diferente do homem da cidade, diferente do homem que é regido pelas relações sociais capitalistas. No caso da devoção aos Santos Reis, os camponeses descrevem como algo imprescindível para a vida, individual ou em comunidade.

> Eu falo que é da cultura mesmo. Eu, quando nasci, já tinha essas festas de Santos Reis, eu cresci veno essa devoção. Vejo, assim, que muitas pessoas recebem o milagre [...]. Vem da tradição que a gente vai seguino e veno, que as pessoas realmente recebem uma graça. É por isso que todos nós somos apegados com Santos Reis (informação verbal[112]).

Há décadas conviviam com formas de organização do espaço e da sociedade diferentes dessa época, utilizavam-se de instrumentos artesanais como tuia de taboca (jacá grande), para armazenar os excedentes da produção de feijão[113]. Esse era batido para soltar o pó que evitava caruncho. O arroz era empilhado na roça, no formato de tipo triângulo. Plantavam milho e hortaliças, criavam porcos e galinhas, assim como aproveitavam a produção de ovos. Essas últimas práticas ainda estão presentes em várias residências de Pedra Lisa, principalmente a horta, o pomar e a

[111] Compreendendo gado bovino, gado caprino e gado equino
[112] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[113] Cada tuia cabeiam 100 latas de feijão com casca, chamado de “munha”.

criação de galinhas: [Tem] galinha, tem, tem frutas [...], tem bananeira, caju, mandioca, maracujá [...]”[114].

Esses camponeses apontam que, quando chegaram à região, a cobertura vegetal era o Cerrado nativo, denominado, por Santos (2002), como primeira natureza. Para Woortmann e Woortmann (1997), a relação entre camponês e natureza não acontece apenas de forma física, automática, mas é carregada de simbolismo. Eles a concebem como uma natureza cognitiva e simbolicamente apreendida. Por outro lado, ele se insere dentro do processo de relações sociais que transforma essa natureza.

De acordo com esses camponeses, naquele tempo, comiam-se muitos frutos do Cerrado, como coco do cerrado, mangaba, curriola, murici, gabiroba. Até os pássaros comiam. O desmatamento era insignificante. Depois, veio o pasto, juntamente com a produção de cereais e grãos em escala mercadológica, iniciando com arroz e o milho, até que, no espaço do Cerrado, entra em cena outra lógica, a do agronegócio, em que, junto ao novo arranjo produtivo, vem também um arsenal tecnológico muito grande, substituindo aquela lógica construída comunitariamente há décadas.

Oliveira (2012, p. 1) faz uma leitura dessa substituição a partir do processo de territorialização, que, em determinados lugares, era antes constituída “pela pecuária e por outros cultivos, mas, devido ao poder dos grandes empresários canavieiros, vem sendo substituída por uma nova territorialidade, a dos grandes canaviais e unidades processadoras”.

Também há mudanças naquelas fundamentações e práticas clássicas do campesinato, em que se produziam alimentos para o consumo e reprodução da base familiar, com propriedade própria ou no sistema de arrendamento ou parcerias, com venda apenas do excedente de sua produção para o comércio local, e com uma relação comercial com esse mesmo comércio para a aquisição das mercadorias não produzidas na unidade familiar. A relação da renda da terra passa não apenas pelo arrendamento da propriedade, mas, sobretudo, pela apropriação da riqueza gerada pela terra, sendo, atualmente, ressignificada pelas agroindústrias da cana, nos locais onde ocorreu a expansão dessa atividade.

[114] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Os camponeses de Pedra Lisa, vindos dessa época, aos poucos, foram adaptando-se para produzir leite que passava a ser comercializado com os laticínios da cidade. Os ovos e as criações que, antes, eram apenas para o autoconsumo nas refeições da família, vão sendo direcionados ao mercado local. Vão entrando na lógica do mercado ou a lógica camponesa vai entrando no mercado. Para os produtores de leite, significou uma oportunidade de participar do mercado de trabalho, entretanto, também sentem o subjugo por parte das empresas que compram o leite.

> É meu ganha pão, praticamente. [...] é mei custoso, né? O leite eles [empresa que compra o leite] baxô demais o leite. E tudo que é, nessa época memo, que tudo que fais produzi o leite tá em alta, a ração, é o sal é, se fô pô um mineral, também bom, tá em alta. Ai é mei difícil, e é mais difícil produzi leite, porque sem pasto é diferente, porque na época da tratação [período seco], é diferente [...], com aração. Não é igual na época das águas, qualqué pastim que sai, fais produzi um leite, né? Mesmo que num seja em grande volume, mais produz (Informação verbal[115]).

Nessas condições, em época de seca, quando o preço do leite, na fase final do processo, geralmente, sofre uma alta, os preços pagos para os produtores baixam, ao mesmo tempo em que os gastos, para manter a produção, têm uma elevação considerável, por conta dos complementos alimentares, uma vez que o pasto se torna insuficiente.

Se os preços sobem para o consumidor e os laticínios pagam menos aos produtores, a indústria tem um aumento na margem dos lucros. Em contrapartida, os produtores, muitas vezes, precisam complementar os custos da produção com outras fontes de renda, a aposentadoria, muitas vezes. De acordo com Leal (2009), no caso de pequenas propriedades, mediante um contrato legal com uma agroindústria, o camponês repassa parte da renda da terra ao capitalista. A esse fenômeno dá-se o nome de “sujeição da renda da terra” ao capital, que também ocorre a partir do arrendamento da terra para a produção canavieira.

[115] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

2.5. As tensões que decorrem do arrendamento

No caso do Sul Goiano, com a expansão da cana-de-açúcar, a prática do arrendamento tem sido constante, principalmente das médias e grandes propriedades, mas que também podem incorporar as pequenas. De acordo com Leal e Almeida (2005, p. 10), esse processo é visto como estratégia de monopolização do capital. “O capital monopolista não compra terras devido ao alto custo, no entanto, garante, pelo arrendamento, a monopolização do território e a apropriação da renda da terra, à espera de uma oportunidade para a territorialização”, ou seja, a compra das terras, quando a tensão sobre o valor da terra já tiver diminuído.

Conforme Camelini (2011), os primeiros arrendamentos em Quirinópolis foram realizados nas terras de práticas agrícolas em que existiam soja e plantações de milho, portanto, estas já se encontravam trabalhadas para o plantio. Essas terras foram incorporadas em grande parte pela Agroindústria São Francisco, por ter se instalado primeiro. A tabela 8 apresenta dados da redução desses e demais produções agrícolas no município.

Pelos números apresentados, em 2010, houve redução da área plantada de soja, 20.000 hectares, com produção de 60.000 toneladas, sendo que, em 2004, chegou a 50.000 hectares. Essa queda se deve ao cultivo da cana-de-açúcar nesse ano, iniciando a moagem em 2006, na agroindústria São Francisco. Em 2006, a moagem foi de 360.000 toneladas em uma área plantada de 4.000 hectares, chegando, em 2010, a 4.950.000 toneladas em 55.000 hectares (EMATER/PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS, 2011), conforme tabela 8.

Tabela 8: Redução de área para produção agrícola tradicional para implantação da cana-de-açúcar em Quirinópolis (em hectares)

Produto	2001	2004	2006	2010
Algodão	150	198	0	0
Arroz	500	700	1.000	150
Milho	14.800	6.500	7.000	3.500
Soja	22.700	50.000	25.000	20.000
Sorgo	2.556	3.000	3.000	1.400
Cana-de-açúcar	0	0	4.000	55.000

Fonte: Emater/Quirinópolis, 2011

O milho, considerado produto de exportação, também registrou queda de produção, reduzindo de 58.756 toneladas, em 2001, para 25.200, em 2010, numa redução também de área de 14.800 para 3.500 hectares no mesmo período. Quanto ao efetivo bovino, a redução de 2003 para 2009 não foi expressiva, partindo de 366.582 para 333.882 cabeças. A produção leiteira cresceu de 26.880.000 litros, em 2006, para 54.250.000, em 2010. Em compensação, a produção do arroz que era de 500 hectares, produzindo 900 toneladas, em 2001, subindo para 1.000 hectares com 2000 toneladas, em 2006, caiu para apenas 150 hectares, com produção de 360 toneladas, em 2010 (EMATER/PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS, 2011).

Em seguida, com a instalação da agroindústria Boa Vista, “por falta de alternativas”, segundo Camelini, já que boa parte das terras de agricultura estavam ocupadas pela cana-de-açúcar da outra usina, agregou grande parte das áreas com pastagens. “Restaram pastagens, que não puderam ser utilizadas pela pecuária” pela intensidade da má gestão do solo ao longo de décadas (CAMELINI, 2011, p. 89).

De acordo com o autor, a remuneração dos arrendamentos praticada, em Quirinópolis, é bem superior aos contratos do Estado de São Paulo, conforme tabela 9[116], mas garante que isso tem justificativa:

> [...] Em média, com R$ 1.100,00 anuais por hectare, valor um tanto superior aos praticados em São Paulo até 2008, [...] o que, provavelmente, se justifica pela concorrência com culturas previamente instaladas, existência de outra usina nas proximidades e pelos contratos estarem na primeira vigência, dentro do ciclo inicial de cinco anos da planta. Certamente, após este período, a renovação implicará numa negociação mais difícil, à qual o produtor será forçado a ceder por falta de opções (CAMELINI, 2011, p.90).

Tabela 9: Comparação de remuneração anual média pelo hectare arrendado para o plantio de cana em Quirinópolis e em alguns municípios de São Paulo

MUNICÍPIO	2006	2008
Quirinópolis		1.100,00
Barretos	920,66	646,69
Jaboticabal	979,34	681,82
Ribeirão Preto	826,45	630,17
Fernandópolis	537,19	462,81
Pres. Prudente	413,22	354,34
Marília	382,23	330,58

Fonte: IEA/CAMELINI, 2011. Adaptação de SOUZA, Edevaldo A. (2012)

[116] A tabela elaborada por Camelini (2011, p. 91), em sua Dissertação de Mestrado, está mais completa. Trouxemos apenas alguns exemplares para comparação com o Município de Quirinópolis.

A diferença de remuneração por hectare entre Quirinópolis e municípios do Estado de São Paulo é muito grande, quase o dobro do valor, e a justificativa mais convincente, dentre as apresentadas por Camelini para esse fato, é a primeira vigência do contrato, visto que muitos arrendamentos ainda estão no primeiro ciclo, outros no início do segundo. Sempre, no início da introdução de grandes investimentos a um determinado lugar ou região, é necessário criar uma opinião pública favorável ao empreendimento. A questão é que não há garantias de que, nos contratos dos ciclos futuros, esses valores continuarão tão atrativos, podendo despencar até atingir os valores apresentados aos municípios de São Paulo.

Na Comunidade Pedra Lisa, o arrendamento não é muito recorrente para essa finalidade, visto que as propriedades e a produção são pequenas. No entanto ali também existe essa relação de contrato com a terra, sobretudo, dos proprietários que já saíram do lugar, migrando para a cidade de Quirinópolis. Alugam suas terras a outros produtores de gado, de Pedra Lisa ou não.

Atualmente, tem-se apresentado a esses camponeses, outra modalidade de arrendamento, feito por parte de uma pessoa jurídica, a Agroindústria Nova Fronteira, para a produção de cana-de-açúcar. Contratos esses que não são anuais, e sim por ciclos, que podem chegar a até dez anos. Um dos proprietários, que arrendou parte de suas terras para a agroindústria da cana, explica como o fez e que é mais lucrativo ser fornecedor[117] do que arrendar:

> Eu fiz um ciclo, cinco ano. Pode renová, pode fazê o que quizé. Esse meu tá venceno esse ano, mas tem direito de cortá mais um ano. Eles até falô que ia me entregá, [...] ai agora eles resolveu, vai cortá ela mais um ano. [...] eu vô plantá por conta agora [na forma de fornecedor], já tem uma área por conta. É bem melhor, porque dá bem mais, dá duas veis a mais (Informação verbal[118]).

Entretanto, embora a proximidade das terras dessa comunidade com a agroindústria da cana seja grande, ainda são persistentes na atividade leiteira, não entrando nas propostas de venda ou arrendamento, feitas pela empresa[119], assim como ocorrido em União de Minas, no Triângulo Mineiro, segundo entrevista a um camponês realizada por Santos (2009, p. 15):

---

[117] O produtor é dono da produção e vende para a agroindústria.
[118] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[119] A exceção de oito proprietários de arrendaram para agroindústria ou são fornecedores de cana para esta.

> No começo, parecia um negócio bom fazê arrendamento... Então, muita gente alugou um pedaço ou tudo que tinha (...) ficô assim iludido. Ilusão do dinheiro fácil (...) depois foram vendo que não era bem assim (...). A gente que tem pouco chão não entra nessa. Então o jeito é continuar lidando com as nossas coisas, com um leitinho (...) gadinho e melhorando a renda da gente (Informação verbal[120]).

Bertero, adentrando na questão da renda da terra, enfatiza que os conflitos entre a pequena propriedade e o capital estão, prioritariamente, no objetivo e necessidade deste em gerar lucro, “quer através da exploração do trabalho dos despossuídos, quer através da sua venda por altos preços. Além disso, o monopólio capitalista da terra assegura ao seu detentor o direito a um rendimento próprio, a renda da terra” (BERTERO, 2009, p. 4).

Martins (1983) adverte que não se pode confundir a terra com o capital. Essa passa a ser uma mercadoria, contudo, não se constitui como capital, como se faz com outros meios de produção. Tendo a terra se transformado em mercadoria (mercado de terras), ao passar a ser explorada com a finalidade de atender ao mercado, outros elementos passam a ser estudados e aplicados no processo de produção rural. Dentre eles, a expropriação pela renda da terra.

A renda, para Ricardo, é “parte do produto da terra que é paga ao seu proprietário pelo uso dos poderes originais e indestrutíveis do solo” (CURY 1983, p. 33). Para Adam Smith, é “um pagamento de transferência da classe de capitalistas à classe de senhores de terra, pelas propriedades 'originais e indestrutíveis' do solo”. Borchardt (1982) escreve que a renda não é mais o lucro, é a forma em que se exprime o sobretrabalho não pago. Marx escreve que “rente es la parte de la tierra que se paga al landlord [terrateniente] por el use delas original and indestructible powers del suelo” (MARX, 1984).

Smith (1974) considera que a renda, como preço pago pela utilização da terra, é a mais elevada possível, de modo que o rendeiro possa pagar, dadas as características da terra. No caso de pequenas propriedades arrendadas, a partir de um contrato legal com uma agroindústria, de acordo com Leal (2009), o camponês, ao mesmo tempo em que não perde o vínculo de propriedade da terra, perde o direito de utilização dela no prazo legal do contrato de arrendamento.

> Neste processo de sujeição da renda da terra ao capital monopolista [o camponês], perde o direito de uso sobre sua propriedade, deixando a terra à mercê do capital e de suas técnicas produtivas. Decorrente a isso legitima

[120] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

> a terra como mercadoria, visto que receberá uma fração da renda da terra como aluguel ficando o restante com o usineiro, situação esta possibilitada por meio do contrato de arrendamento (LEAL, 2009, p. 12).

Ao analisar o processo de arrendamento de terras, Leal e Almeida escrevem que esse é um ato comum em Mirandópolis/SP, praticado pela Agroindústria ALCOMIRA. Essa "sujeição da renda da terra é promovida legalmente através de contratos de arrendamentos de terra por parte da usina de álcool e açúcar ALCOMIRA junto aos camponeses" (LEAL e ALMEIDA, 2005, p.14).

Esse processo é visto como estratégia de monopolização e não de territorialização do capital. Essa lógica do capital monopolista não é de comprar terras, "devido ao alto custo, no entanto, garante, pelo arrendamento, a monopolização do território e a apropriação da renda da terra, à espera de uma oportunidade para a territorialização", ou seja, a compra das terras (LEAL e ALMEIDA, 2005, p.10).

> A maioria da matéria-prima que tal agroindústria necessita não é produzida em suas terras, e sim nas terras de pequenos agricultores, que, por necessidade de subsistir no campo, se vê [*sic*] diante da necessidade de arrendar sua terra a esta agroindústria. Quando o camponês arrenda suas terras por meio de um contrato legal, ele acaba repassando uma fração da renda da terra ao usineiro, portanto, estamos diante da sujeição da renda da terra ao capital monopolista da usina (LEAL e ALMEIDA, 2005, p. 8).

Essa estratégia é muito comum onde o capital pretende instalar-se. Em muitos casos (e o capital canavieiro tem investido dessa forma), de início, quando o preço da terra se eleva pela própria expectativa de "desenvolvimento" anunciado pelo investimento de capital das agroindústrias da cana (esse fenômeno ocorreu no município de Quirinópolis), o arrendamento predomina[121]. Depois de certo tempo, quando os preços da terra já se estabilizaram, e os proprietários de terras, grandes, médios e, sobretudo os camponeses, estão reféns desse capital, é o momento de investirem na compra das terras. Primeiro, sujeitam a renda da terra pelo arrendamento, depois, pela compra da terra.

Esse tipo de contrato tem sido uma ação constante, praticadas pelas agroindústrias da cana, em Quirinópolis, em muitas sub-regiões do município. Entretanto, em Pedra Lisa, ainda há uma negação a esse tipo de contrato. Não há negação do arrendamento com a terra, visto que sempre houve essa ação para a

[121] Assim como o fornecimento, ou seja, proprietários produzem a cana e vendem à agroindústria. A ordem parece ser não comprar terras no início das atividades.

pecuária de corte ou leiteira, mas, especificamente, para a lavoura de cana-de-açúcar essa prática ainda é incipiente, apenas quatro pequenas propriedades aderiram a esse contrato.

> [O arrendamento] do gado, o pasto é um salário cada cinco alqueire de pasto. Nós alugamos [...], ali cinco ano, um salário cada alqueire. [...] toda vida teve [arrendamento de pasto]. Agora tá mei a mei, né? A metade [das terras arrendadas] tá com cana, a metade tá com gado (Informação Verbal[122]).

De forma geral, no município, observa-se que vender não é o mais recorrente, sendo que a preferência tem sido o arrendamento, objetivando não perder a propriedade formal das suas terras, assim como já apresentado, o interesse da empresa, nesse momento de preços alterados e conturbados, não é pela compra.

De acordo com a Aprocana [123], para a agroindústria da cana, qualquer propriedade que quiser arrendar será bem-vinda, pode ser de 50 mil ou 5 hectares. Esse depoimento pode significar que, se as agroindústrias da cana não dispuserem de terras suficientes para a demanda da produção de cana, a pressão para o arrendamento das pequenas propriedades pode intensificar-se, sobretudo quando a comunidade, constituída por pequenas propriedades, está muito próxima à usina.

Em Pedra Lisa, a renda da terra para a lavoura canavieira direcionada à produção de etanol existe, todavia, os camponeses não estão sendo afetados diretamente. De acordo com eles, não arrendam para a atividade canavieira principalmente pelo tamanho da propriedade.

> Porque é pequeno, então, pra quem é fazendeiro, ai compensa, mas pra mim num compensa porque é tudo é [...], tem os carreadô, tem as parte que num planta porque tem água, né? Então, num compensa [...] tá na nascente, tem as minas que formam o Córrego Pedra Lisa, então é onde sobra muito pôco onde possa plantá (Informação Verbal[124]).

Indiretamente, podem ser afetados, se pensarmos que o imaginário deles vá vincular-se às propostas de arrendamentos feitas pela empresa ou outros fornecedores de cana. No entanto, é preciso compreender que essa renda da terra também tensiona o território camponês, mas são tensões que podem ser resolvidas investindo em tecnologias, como o resfriador de leite, para a continuidade da sua existência no lugar.

---

[122] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[123] Entrevista realizada, pelo autor em 2011.
[124] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

De fato, dentre as quatro pequenas propriedades arrendadas para cana, em Pedra Lisa, há uma de apenas 1,5 alqueires, que, em 2012, assinou contrato de arrendamento com a Agroindústria Boa Vista. Embora ainda não tenha sido plantada cana nessa terra, o proprietário já recebe mensalmente pelo arrendamento. A leitura que se pode fazer desse fato é que o interesse da empresa em se apropriar dessa pequena área, descontínua da extensão de cana, pode ser para incentivar (ou forçar) outros pequenos proprietários, contíguos ou próximos, a aderir a essa relação de arrendamento[125].

A questão torna-se complexa quando camponeses, ainda que individualmente, decidem recusar as ofertas de compra de suas parcelas. De acordo com um camponês, a razão pode ser por dois motivos:

> Acho que um pôco é medo, né? E tem muita gente que gosta também de movimentá com gado, tirá um leite, otros mexe com gado de corte, cria e recria, tem otros também. Acho que foi bom, porque, prum lado é bom que tem assim, tem vários jeitos das pessoas, tem uns mexendo com gado, otros com cana, as veis, talveis se todo mundo tivesse arrendado, as veis o valor da cana era mais barato, né? Eu acho que a hora que eles [agroindústria da cana] atingi a mete deles, eles num vão pagá esse preço que eles tão pagano (Informação verbal[126]).

Seguindo o raciocínio do camponês produtor de leite, há a preocupação, no futuro, de como se encerraria um arrendamento com dezenas de pequenas propriedades. Preocupação com as condições financeiras de um novo arrendamento que será estabelecido, assim como as perspectivas socioeconômicas para os ex-produtores expropriados de sua própria terra, que terão suas benfeitorias patrimoniais destruídas (casas, cercas, mangueiro, pomar, dentre outras).

De qualquer forma, se em outras sub-regiões do município, como a Limeira, já houve muitos arrendamentos e vendas de pequenas propriedades, nesse caso, a tensão recai sobre apenas uma ou outra família de camponeses que acabam ficando sozinhos e ilhados no mar de cana (Fotografia 28).

Na Sub-região Pedra Lisa, embora faça divisa com a Limeira, ainda predominam as recusas para contratos de lavouras canavieiras. Portanto, se nela existem camponeses ilhados, naquela ainda não. É bom lembrar que essa prática de arrendamento sempre existiu nas áreas de Cerrado e, por conseguinte, também no Município de Quirinópolis, tanto para a atividade agrícola, como, principalmente,

[125] De fato, em dezembro de 2011, parte das terras da propriedade vizinha também foi arrendada.
[126] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

para a pecuária. Entretanto, com o estabelecimento dessa nova modalidade de atividade e de arrendamento, algumas considerações precisam ser feitas.



Fotografia 28: Pequena propriedade de 9,6 ha. Na Sub-região Limeira, ilhada pela lavoura de cana-de-açúcar. A cana-de-açúcar foi plantada nos quatro lados da divisa com essa propriedade.
Fonte: Campo/FREITAS, Hamilton B. de e SOUZA, Edevaldo A., 2008

Em primeiro lugar, nenhum dos proprietários conhecia a atividade canavieira para ter parâmetros de decisão no momento de estabelecer um contrato de arrendamento ou de venda. Em segundo, surge uma forma diferente de contrato, não mais com o produtor rural local, mas com um sujeito social constituído juridicamente. Em terceiro lugar, são contratos a longo prazo, estabelecidos entre sete, oito ou até dez anos, conforme o ciclo reprodutivo da cana.

Em quarto lugar, para a produção da cana, todas as benfeitorias são retiradas do lugar, incluindo cercas e residências, o que acarretará alto custo para construí-las novamente, caso o proprietário não renove o contrato com a usina e deseje retomar a produção. Em quinto lugar, é importante destacar que quem arrenda a terra, nesse caso, a agroindústria, vai investir capital e tecnologias modernas no solo, o que não ocorria nos arrendamentos locais para a criação de gado. Seguramente, por essas características, é que o maior produtor de cana na comunidade não o fez pela modalidade de arrendamento.

> A atividade de fornecer é melhor que a de arrendamento, porque rende mais, mas deixando bem claro que o arrendamento não é um negócio ruim também não. Pela qualidade do nosso solo, pela produção que rende noutra atividade, eu acho que a cana continua ainda em primeiro lugar ainda de rendimento. Eu acho que dá [mais que o gado] porque não tem problema de seca, não tem morte de capim, porque aqui, uma reforma de pasto é muito

> caro e então, às vezes acontece um ano seco e um capim novo de dois anos, você tem que reformar de novo e o custo é alto. O gado não supre essa, esse rendimento pra tá reformano pasto constante [...] (Informação verbal[127]).

Além da relação de arrendamento, há também os fornecedores e, de acordo com a Aprocana, 43 dos 60 fornecedores estão organizados na associação, cujo objetivo é juntar forças para produzir com menos custos. Fornecedor é o termo utilizado para os proprietários que optaram por não arrendar nem vender suas terras, mas eles próprios produzirem a cana e venderem a produção à agroindústria. A Aprocana presta serviços técnicos a esses produtores, contando com dois veículos e monitores que fiscalizam todo o processo de cana que é esmagada.

No momento da entrevista, havia avaliações contraditórias quanto à satisfação dos proprietários que aderiram à nova atividade, tanto na condição de fornecedores como de arrendatários. Comparado com outras atividades, é um bom negócio, atesta o representante da Aprocana, e não há interesse, por parte dos fornecedores, em abandonar a cultura da cana.

Para o técnico, o cultivo e todo o processo de produção da cana são recentes e há produtores que ainda não entenderam bem o negócio, mas procuram entender. Entretanto, o STR afirma que cerca de 40% dos grandes produtores que migraram para cana-de-açúcar já se mostram contrariados. Quem arrendou já teve, em dois anos, queda de 10% nos lucros, isso denota que, nos sete anos, a queda poderá ficar em torno dos 70%, conclui o presidente do STR. Um dos representantes de entidades argumentou que, na verdade, estamos diante de uma cultura do ócio. Outros também disseram que quem “arrenda a terra [significa] ficar só na sinuca na cidade”[128].

Entendemos, portanto, que há contradições nessas avaliações. Seguramente, porque haja diversidades de interesses, nutridos por lógicas específicas que acabam diferenciando ações entre os entrevistados. O fato é que os dois médios proprietários que já produzem cana há cinco anos, não se arrependeram, seja como arrendatário, seja como fornecedor.

Para o representante da Agrovale, aqueles que não arrendam terras têm, no “Projeto Tanque Cheio”[129], a possibilidade de obter renda e ficar na terra. Esse projeto

---

[127] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[128] Entrevistas realizadas pelo autor, com representantes de entidades jurídicas e com camponeses de Quirinópolis em 2008.
[129] Nos dias atuais, este projeto não está mais sob a coordenação da Agrovale e mudou o nome para “Casa da Abelha”.

gera renda, mas também mais trabalho. Encher o tanque implica ter mais cuidados com os animais e, especialmente, com a alimentação deles. Contudo a ação da cooperativa envolve atividades com as famílias que objetivam promover não apenas aperfeiçoamento das técnicas para o sucesso econômico, mas trabalhar com a auto estima dessas pessoas, possibilitando outras representações e ressignificações da condição humana.

Isso demonstra que os camponeses têm opções de produção, ou seja, o mercado de produtos agrários não se tornou exclusivista para a cana-de-açúcar. Tanto a Agrovale como a Prefeitura têm se preocupado em garantir aos camponeses e pequenos produtores rurais, condições para obter produtividade e comercialização de outros produtos, principalmente de alimentos. Assim, esses produtores têm relações, não apenas com representantes da administração municipal, mas também com outros empresários, entidades ou órgãos, com outras tecnologias e outros interesses que não a do agronegócio e do setor agrocombustível.

Entretanto, assim mesmo, as famílias relatam as dificuldades em permanecer nas propriedades.

> As pessoas acabam vendendo devido ao barulho, gente estranha, quebra constante de poste e da própria cerca e não adianta reclamar para os representantes da usina. Portanto, não é somente pelo dinheiro que os proprietários vendem, muitas vezes, é por não aguentar tanta pressão (Informação verbal[130]).

Dentre essas pressões psicológicas de que fala o camponês, destacam-se o mar de cana e a utilização, por parte das agroindústrias instaladas no município, de maturadores, a fim de alcançar produção em alta escala, o que tem poluído o ar, o solo e a água, causando danos à natureza e às plantações, o que reduz a sua produtividade e a qualidade. Os responsáveis por essas grandes empresas defendem-se, alegando estarem cumprindo à risca as prescrições de seus técnicos agrônomos, em obediência às exigências legais das leis ambientais, e que tais fatos não ocorrem.

O discurso, muitas vezes, faz parte da estratégia da agroindústria, para defender, evidentemente, a sua lógica de produção. A fiscalização por parte do Estado, que se mostra muito eficiente na responsabilidade dos financiamentos e produção de infraestrutura para o capital, torna-se ineficiente nessa tarefa. Por isso,

[130] Entrevista realizada, pelo autor, com camponeses próximos à cidade de Quirinópolis, em 2009.

a sociedade local nem sempre consegue comprovar se, realmente, o discurso é verdadeiro ou falso.

É importante perceber que os camponeses estão vivenciando uma situação de tensão, visto que o uso do espaço não envolve apenas a terra, mas também o ar, a água, a estrada, dentre outros elementos. Nesse caso, falta a presença do Estado para fiscalizar e assegurar se de fato está sendo observada a legislação, para, assim, tomar as medidas cabíveis. Como o Estado funciona sob pressão, cabe aos camponeses, que denunciam as transgressões ambientais, pressioná-lo para que o uso do espaço não os prejudique ainda mais. Nesse sentido, um camponês desabafa[131]:

> [A Prefeitura] não óia pra essa parte aqui. Já teve ocasião que pra nóis i pra cidade, cê tinha que dá uma volta grande, seno que aqui é pertim, né? Se ia arriscano num voltá porque encravava, aquela dificuldade. Estrada, nunca deu um apoio pra nóis aqui, fazê uma represa, essas coisas [...] (Informação verbal[132]).

Quanto às pressões realizadas pela atividade canavieira, esse mesmo produtor denuncia:

> Surgiu agora uma mosca braba. Ela acaba com o gado. Logo aqui, pertim ali, já surgiu ela. Os produtor de leite num tem nem jeito de tirá o leite mais. E fala com eles [usina], eles falam que não, que isso ai é por causa da podriquera, não sei o quê. Mas vei a cana, vei ela, e eles num dá satisfação nenhuma. [Não consegue tirar o leite] por causa da mosca que ataca demais, ismagrece que vira aquele trem esquisito (Informação verbal[133]).

A questão é que essa tensão passa pelo subjetivo, pelo psicológico das pessoas, como pode ser percebido pelos depoimentos. Uma das mulheres, em depoimento, dizia que "a usina vai acabar com isso [as relações de vizinhança]. Vai acabar com a Pedra Lisa[134]". Sempre que ouvem o avião do combate na cana, os camponeses já ficam tensos, alguns até desesperados. Houve depoimentos de camponeses afirmando que não gostariam nunca de sair dali, mas que, pelo que estavam vendo, muito em breve teriam que deixar o lugar. "A água pequena corre para a água grande, os camponeses

[131] Essa posição é contraditória, pois há outros que atestam que a comunidade recebe serviços da Prefeitura.
[132] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[133] Idem.
[134] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

acabam vendendo ou arrendando para a usina", dizia um camponês[135]. Camelini revela que:

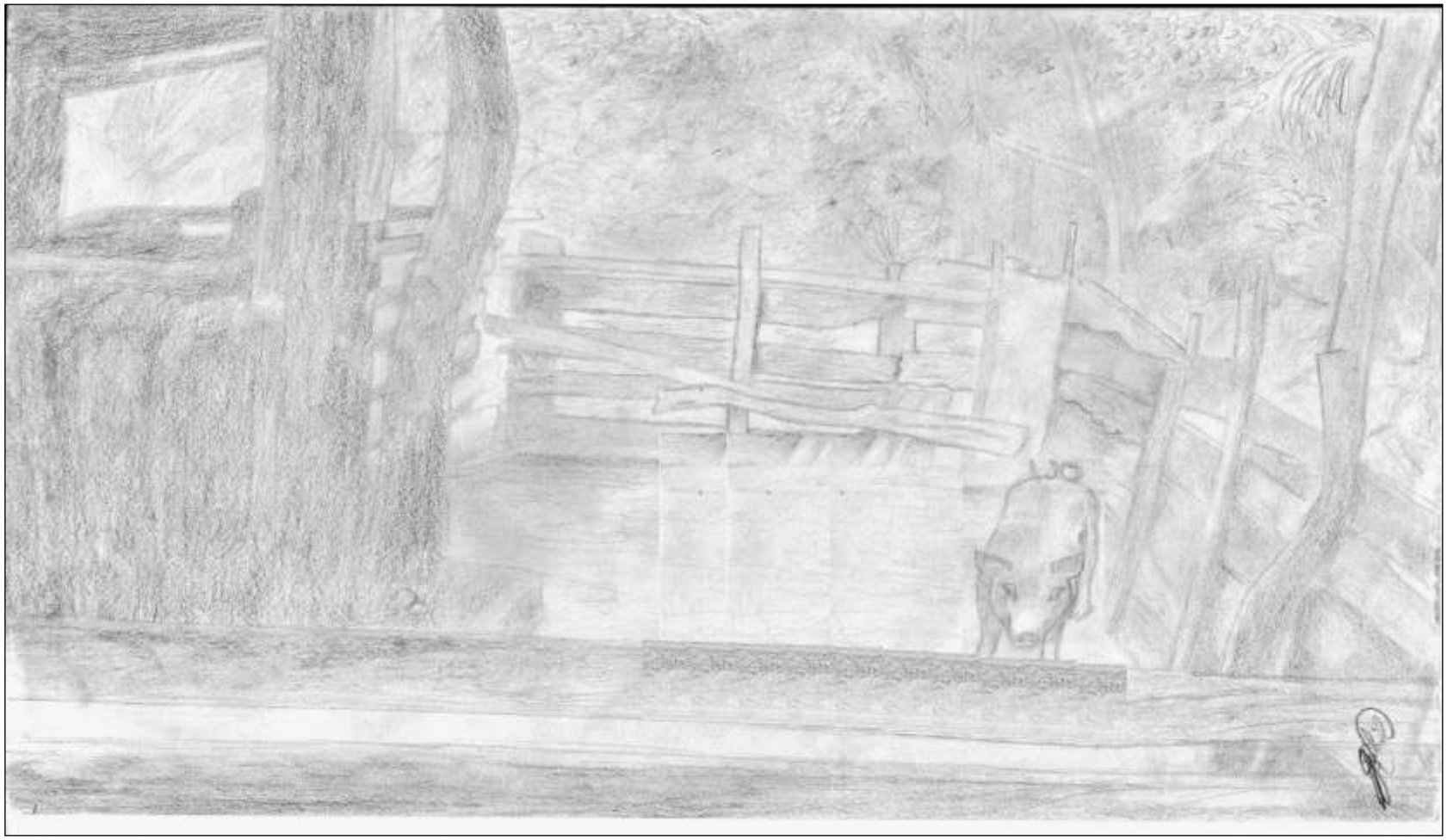
> [...] o tráfego de carretas pela área rural do município afetou gradativamente as estruturas de diversas casas. A poeira levantada resultou em sujeira constante e problemas de saúde [...]. (92). Ainda segundo os moradores, os canais de vinhaça geram odor insuportável, irritação de pele e mal estar [*sic*], enquanto o bagaço, apodrecendo nos pátios, se torna um criadouro de larvas. O veneno utilizado no controle de pragas é responsável pelo surgimento de casos de câncer, o que já foi alvo de ações judiciais (CAMELINI, 2011, p. 92).

Com todas as problemáticas e tensões, os camponeses de Pedra Lisa têm preferência na continuidade de suas atividades locais. Das falas, surgem os argumentos mais fortes para essa decisão, destacando-se o prazer em trabalhar com o gado e de produzir leite e também o fato de terem consciência do risco de, futuramente, ao voltar para terra, não mais ter condições de refazer o que foi desfeito. Na verdade, esse esquema de arrendamento é uma estratégia do capital em manter a propriedade alienada, evitando o retorno do proprietário.

Em Pedra Lisa, observa-se, por meio das falas, dos atos e expressões, vários sentimentos de pertença que os camponeses possuem com o lugar. Suas práticas sociais e suas representações espaciais acabam gerando uma manifestação das suas territorialidades, criadas sobre tensões postas a partir de lógicas diferentes, indicando especificidades humanas do lugar Pedra Lisa.

Desse modo, reafirmamos que as modificações não ocorrem apenas na superfície. Elas são profundas, mas, em Pedra Lisa, não se apagam dos sentimentos e das representações dos camponeses.

[135] Idem.



Desenho da fotografia 31, página 175. Autoria: Gabriel Lucas de Souza Ribas

CAPÍTULO 3

3. OS CAMPONESES E O AGRONEGÓCIO: AS DIFERENTES TEMPORALIDADES E LÓGICAS SOCIAIS NO LUGAR PEDRA LISA

> As reflexões [...] revelaram a face escondida do agronegócio, particularmente a do etanol no Brasil: problemas ambientais, sociais e laborais, cuja extensão ainda não se conhece na sua totalidade (Serviço Pastoral dos Migrantes, 2008:17).

3.1. No espaço da cana, o lugar Pedra Lisa e a lógica camponesa

O processo de reocupação do Cerrado tem incitado conflitos e convivências de lógicas sociais divergentes, no tocante às relações econômicas e culturais, ressignificando espaços, modos de produção, festas e relações familiares. No entanto, o uso do espaço evidencia que o desenvolvimento é desigual e, nesse processo, consegue-se observar as desigualdades, as diferenças, as lógicas e temporalidades sociais tensionando o uso do espaço. Todavia, o espaço não pode ser visto apenas na perspectiva do econômico e, nessa perspectiva, percebe-se a existência camponesa.

Na lógica camponesa, há elementos tão importantes quanto o econômico, como as experiências culturais que promovem sociabilidades entre pessoas. É evidente que os fatores econômicos pesam sobre esses grupos humanos, visto que os grupos hegemônicos estabelecem suas metas nos lugares, como as agroindústrias da cana e os frigoríficos em Pedra Lisa.

Entretanto, tais modificações vêm de outras décadas, já apresentadas nos primeiros capítulos, quando as monoculturas da soja e do milho foram atividades agrícolas de maior contribuição, na Mesorregião Sul Goiano, para a reconfiguração territorial no Cerrado. Com a reocupação das terras, promoveu-se a formação de novos territórios, assim como a transformação dos modos de vida, a partir das alterações nas tradições e culturas. É bom lembrar, porém, que, embora venha favorecendo a balança comercial, a atividade agropecuária comercial também tensiona as práticas sociais desses camponeses.

Dessa forma, os modos de vida camponeses metamorfoseiam-se, criando novas condições de existência. Para Brandão (2009 p. 47), “[...] os bens da terra são produzidos observando uma mescla de tecnologias patrimoniais (nada aponta que a

venda de enxadas tenha diminuído no mercado brasileiro) e tecnologias modernas importadas".

Diante disso, apresentamos, neste capítulo, uma discussão a respeito das diferentes lógicas sociais que alteram as paisagens e os processos de territorialização, o que significa compreender as tensões no próprio modo de vida camponês de Pedra Lisa. Analisamos as relações das lógicas do capital e a dos sujeitos locais, assim como o papel do Estado.

Para compreender o processo de reestruturação econômica que metamorfoseia as relações socioculturais e ressignificam os modos de vida, foi necessário estudar o lugar, por isso, inserimo-nos no lugar Pedra Lisa. O reconhecimento do que existe é um passo para a compreensão da realidade, visto que o mundo, na era da informação, encontra-se em todos os lugares, e as transformações que ocorrem no espaço mundial aí se manifestam. Contudo, também, no lugar, evidenciam-se o particular, as diferenças, o singular. Para Carlos (1996), o lugar constitui-se na base da reprodução da vida, podendo ser entendido a partir da tríade habitante-identidade-lugar.

Estudar a categoria lugar, como apresentam Motta e Paiva (2010), constitui-se em importante aporte para a compreensão do processo de reestruturação econômica e das transformações nas relações socioeconômicas e socioculturais, que ressignificam modos de vida e promovem modificações no lugar, reinventando as especificidades das relações sociais em Pedra Lisa. Essas relações resultam de rearranjos dentro de um processo de modificação que lhes permitiu a incorporação de elementos do moderno, não descaracterizando o que é tradição[136] para esses camponeses.

Santos (1988, p.25) afirma que "cada lugar tem sua história, seus homens e sua capacidade de se organizar e pensar alternativas para si". Desta forma, as interferências que podem ser regionais, nacionais e até internacionais, se expressam e se evidenciam no particular, de forma diversa, específica.

A desconstrução de um determinado espaço condiciona a reconstrução do lugar. O lugar aparece como a materialização das formas e funções, a partir das relações entre sujeitos e objetos, que constroem e reconstroem o território, a paisagem e o próprio espaço. Essa reconstrução ocorre a partir do aparecimento de

[136] Neste ponto, é importante lembrar que tratamos sempre de tradições reinventadas.

novas funções que são adaptadas para enfrentar as novas necessidades. Essa ressignificação passa, consequentemente, pelas estruturas culturais das famílias camponesas de Pedra Lisa, assim como de seus territórios. “Antes eu trabaiava de empregado, [...] ai eu larguei de trabaiá pra ele e comecei a tirá aquele leitim lá. Ai a muié recebeu uma herancinha e eu comprei mais um pedacinho lá [...]. É bão demais vivê aqui”.

Em Pedra Lisa, portanto, os camponeses adaptam formas para cumprirem novas funções, visando acompanhar o movimento que a sociedade, direcionada pelo processo capitalista, vai indicando. Por isso, não se utilizam mais do monjolo, porque o arroz agora pode ser comprado no supermercado pronto para o consumo. Por isso, a carroça, deixa de ser instrumento de transporte para grande parte das famílias, porque as estradas melhoradas e as facilidades de aquisição de veículos automotores lhes deram possibilidades.

Desse modo, também os foliões de Santos Reis não precisam mais andar à pé de uma propriedade à outra, pois esses arranjos proporcionam que eles também recorram aos veículos disponíveis e, nesse caso, assim como faz o capital, que utiliza-se de recursos do Estado, eles também passam a reivindicar do município, o direito de valer-se de dos recursos públicos, nesse caso, as komb's de transporte dos estudantes rurais. “Hoje tá andano de carro[...]. Hoje ficô longe, antigamente as casa era tudo pertim, hoje as casa é tudo longe. A pé acho que num tem nem, num tem jeito mais [...]. Hoje tem que sê no carro mesmo, a pé num vai não”[137].

Essas possibilidades vitalizam sua existência e redirecionam as funções dos seus conteúdos culturais que se transformam em estratégias de permanecer no lugar e continuar produzindo para o mercado, e para os meios de vida. De acordo com Carlos (1996, p. 29), “o lugar é produto das relações humanas entre o homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos”. Assim sendo, o homem passa a ser o sujeito e produtor do espaço, implicando um modo de produzir, pensar e sentir. Assim, a produção do lugar está veiculada, indissociavelmente, à produção da vida.

Santos (2008a, p. 108) afirma que “a tradição e o comunitário chegam mesmo a apresentar alguma resistência às imposições tecnológicas do mercado”, no entanto,

[137] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

prossegue explicando que “também é preciso reconhecer a dificuldade de se opor, sempre, aos efeitos socioeconômicos que as migrações de pessoas e capitais introduzem nos contextos locais”. Com essas migrações expostas, vêm também processos e equipamentos tecnológicos e, é evidente, em Pedra Lisa, que o camponês precisa dessas técnicas para garantir sua existência, como, por exemplo, o tanque para resfriar e conservar o leite, garantindo a qualidade exigida pelo mercado (Fotografia 29).



a **b**

Fotografia 29: a) Transporte do leite em carrinho de mão, do curral até o tanque de resfriamento; b) uma das pequenas associações de tanque de resfriamento de leite em Pedra Lisa.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

O lugar, como ponto de entrelaçamento de diferentes lógicas e em diferentes escalas, revela-se nas especificidades sociais, como também nas interferências que vêm de fora, assim como pelos distintos interesses internos dos próprios camponeses. No lugar estudado, as relações sociais expõem essas especificidades nos acordos tácitos que se estabelecem entre camponeses e entre eles e a agroindústria da cana, como o uso e apropriação da estrada para a logística da produção canavieira.

Contudo, em Pedra Lisa, as divergências sobre a atividade canavieira podem ilustrar os conflitos de uns e a satisfação de outros, com relação às consequências que esta vem causando. Para uns, ficam as reclamações de quebra de cercas pelas máquinas em operação, da poeira levantada pelos maquinários e levadas pelo vento até os pastos e casas, ou ainda os problemas ambientais. “Se cumprissem o que

eles falam quando vêm pra arrendá essas terras pra, até que ajudaria, seria bom, mas a gente num tá veno isso”[138].

Para outros, o emprego dos filhos, que passam a ter salários e um bom plano de saúde, pode recompensar as perdas. “Eu falo que miorô demais pro povo, miorô cem por cento pra todo mundo, porque num falta serviço em lugá nenhum, nem no campo e nem na cidade [...]”[139].

Por isso, o entendimento de que o processo que poderia ser de eliminação dos camponeses produtores camponeses, não consegue destruí-los, contribuindo, isso sim, para que aflorem especificidades culturais, potencializando outros vínculos territoriais. Parte-se, portanto, do pressuposto de que os camponeses produtores de leite em Pedra Lisa, mesmo com ressignificações, continuam o seu processo de existir.

É importante lembrar que as transformações que vêm ocorrendo em Pedra Lisa e em Quirinópolis não são apenas desse início de século. Há uma velocidade acentuada, nesse momento, mas, desde a chamada modernização da agricultura, nas décadas de 1970, já apresentadas nos capítulos 1 e 2, os modos de produção e, por conseguinte, os modos de vida estão sendo transformados.

Mas também é preciso dar ênfase a esta atual fase da expansão da agroindústria da cana, visto que é neste período que mudanças substanciais estão ocorrendo. No que se refere à questões econômicas, sociais e culturais, há mudanças recentes, pelo surgimento de novas formas de produção agrícola.

Nos estudos de Woortmann (1990), em outro espaço e em outro tempo, ele aponta que os camponeses franceses, organizados pela Casa-Tronco, ao assimilarem o pensamento da terra como patrimônio, essa se sobrepõe ao indivíduo, fazendo dele um prisioneiro daquela. Também Shanin (1988) descreve que a ocupação produtiva de uma família camponesa consiste em tarefas intensas e inter-relacionadas em um nível de especialização relativamente baixo, que são apreendidas pela transferência de pais para filhos, sendo que o jovem aprende o trabalho observando e fazendo igual ao pai, como expressa a fotografia 30, de um pai ensinando ao filho como se processa a ordenha manual. Santos e Kinn (2009, p. 65) entendem que “cabe aos pais fornecer aos seus filhos [...] os conteúdos e as formas que, no

[138] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[139] Idem.

cotidiano, realizam-se, articulam-se, ou se confrontam entre grupos sociais, cuja função é a de promover sociabilidades a partir do vivido [...]".



Fotografia 30: Pai ensinando ao filho como se ordenha uma vaca. O ofício dos pais é ensinado aos filhos que, até certa idade são receptíveis ao trabalho no sítio.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Entretanto, em Pedra Lisa, há uma relação da terra-patrimônio com outras circunstâncias. Mesmo que os pais ainda consigam permanecer na comunidade camponesa, parte da família, particularmente os filhos, tam se desagregado desse patrimônio, terra e família, para buscar, pela necessidade econômica, uma renda fora da propriedade dos pais, em fazendas vizinhas ou na cidade, principalmente trabalhando nas agroindústrias. Ou seja, as pequenas propriedades não estão sendo capazes de sustentar os filhos após passarem para idade jovem/adulta e, dessa forma, o aprendizado nem sempre é feito com os pais, como esclarece Shanin (1988).

Woortmann entende que cada vez mais fica difícil construir herdeiros no campo, visto que os filhos(as) estão deixando de se casar com os rapazes e moças do campo e procurando as citadinas, isso quando eles mesmos já não migram para as cidades antes mesmo de se casarem.

Desse modo, complementa o autor, "a crise se instala, sobretudo, quando ele se recusa a continuar pertencendo a terra, isto é, quando começa a se perceber como indivíduo" (WOORTMANN, 1990, p. 55). Essa percepção do indivíduo, negando o coletivo, é parte do aprendizado pela relação com as práticas sociais

urbanas. Em Pedra Lisa, essa crise se acentua em razão do incentivo dos próprios pais para que os filhos se mudem para a cidade em busca de empregos.

Um casal já de idade relata, com tristeza, que, na família da parte do esposo, os irmãos começaram a deixar o lugar. Contaram eles que tinham a mãe e os irmãos dele morando em Pedra Lisa, no lugar chamado Córrego do Bebedouro, mas, com o tempo e com a morte da mãe, os filhos foram vendendo suas parcelas da propriedade dividida por herança, e migrando para a cidade, ficando apenas ele e mais dois irmãos. Até mesmo os filhos desse casal (são dois), já estão residindo, estudando e trabalhando na cidade. A questão é que a propriedade é pequena e não consegue custear os filhos depois de adultos, visto que eles precisam ter uma profissão e sua própria renda. Para isso, é necessário os filhos deixarem o lugar, mas os pais ficam para garantir a apropriação desse espaço.

Duas camponesas que hoje vivem sozinhas nas suas propriedades, como não têm mais idade para o trabalho na produção do leite, tiveram que se adequar à nova realidade. As duas se aposentaram, e com a renda têm a garantia da manutenção das necessidades vitais. Uma delas, parando com a produção leiteira, vive somente com a aposentadoria e, para não viver sozinha o resto da vida, ela conta emocionada que, logo após a saída da Folia de Reis de sua casa, no dia 25 de dezembro de 2011, se apegou a Santos Reis para trazer o filho, esposa e os netos para morar junto dela.

> Minha nora e minha neta tá aqui junto comigo, e meu neto. Tá aqui junto comigo, aqui na minha casa. E é a Santos Reis que eu agradeço, todos os dias agradecendo a eles [...]. Eu tenho até a bandeirinha ali, da imagem dele, tá ali no quarto. Eu tenho muita fé com Santos Reis e a Virgem Maria [...], é a proteção que eu tenho, divina aqui [...]. Eu vivo aqui in deus de noventa [1990], quase que só, agora não, que agora eu tenho meu filho, minha nora, meus netos aqui, sempre junto comigo [...] (Informação verbal[140]).

A outra senhora, que mantém a produção do leite, conta com dois funcionários permanentes para o trabalho. No período das águas, ela consegue pagar os trabalhadores e os medicamentos do gado, sendo que, em alguns meses, ainda sobra um pouco. A aposentadoria supre o restante das despesas mensais. No entanto, nos meses de seca, a renda do leite paga apenas os custos da produção, composto pelos salários dos dois funcionários, a medicação e o complemento

[140] Entrevista realizada, em dezembro de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

alimentar do gado. Nesse período, tem mês que ainda precisa retirar parte da aposentadoria para cobrir o restante das despesas da produção, quando a venda do leite não é suficiente.

> [...] é o jeito de mantê a [...], porque se num tivesse o leite pra mim pagá os funcionários, num tinha como mantê isso aqui, né? Aqui é piquininim, mais só por causa da ração, num tem como um sozim fazê [o trabalho], tem que cortá cana e tudo. [Pago] um salário e mei pra cada, sai do leite. Tem veiz que falta um pôco, mais a maioria é que dá. [...] as veis, por exemplo, ai se falta do leite, a gente tem a aposentadoria, no caso, as despesas da casa, mas assim, pra pagá os funcionários [...] o leite dá, na época da seca. Na época das águas até que ainda sobra um pôco. Aqui em casa sempre é dois, porque tira leite no outro pedacinho de terra, ai, por causa de peso do latão [...], é difícil pra pessoa levantá, pô no resfriadô. Mas agora eu quero vê se diminuo, fico só com um (Informação verbal[141]).

Para Carlos (1996), o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, a partir dos sentidos e dos passos dos seus habitantes. E ainda o espaço imediato das relações cotidianas, as relações de vizinhança, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, dentre outros. Criam-se laços profundos de relações cotidianas, por intermédio do percurso reconhecido de uma prática vivida e reconhecida em pequenos atos corriqueiros. É fundamental entender esse lugar, Pedra Lisa, inserido no Cerrado, como patrimônio da vida, visto que as famílias que ali vivem, ou as que viveram, estabeleceram seus valores, construíram seus símbolos, lapidaram seus sonhos e registraram suas marcas.

A constituição, em um grupo social, de sentimentos afetivos com o espaço e os elementos físicos e antrópicos anexado a esse, resulta em laços de identidade, não apenas entre os sujeitos, mas deles com o meio em que vivem. Essa experiência do vivido no espaço caracteriza o lugar que pode ser no espaço rural, da mesma forma como apresenta Carlos (1996)[142], com exemplos do urbano, qual seja a casa, a estrada, a paisagem composta pela pastagem, reserva florestal e riacho, e até mesmo todo o território de uma comunidade.

Segundo Motta e Paiva (2010), os lugares “respondem de forma singular diante das interferências que podem ser regionais, nacionais e até internacionais, e as manifestações do que é universal se expressam e se evidenciam no particular, de forma diversa, específica”.

---

[141] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[142] Embora os exemplos de Carlos referem-se ao espaço urbano, não se distanciam dos espaços rurais citados.

Os autores Motta e Paiva (2010) entendem, também, o homem como sujeito e produtor do espaço, que assim, possibilita que ele estabeleça um modo de produzir, pensar e sentir, veiculando a produção do lugar à produção da vida, indissociavelmente. Carlos (1996, p.29) comunga com tal pensamento, entendendo que “o lugar é produto das relações humanas entre o homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos” (CARLOS, 1996, p. 29).

Para a autora, o lugar apresenta probabilidades de se pensar o viver e o habitar, usos e costumes, processos e apropriação do espaço. A cultura e a história do lugar, os valores, as relações de trabalho e produção e os hábitos alimentares, trata-se de uma construção histórica, em diferentes temporalidades, cuja materialização no lugar os torna repletos de significados, proporcionando aos seus habitantes se reconhecem nele e lhe imprimirem uma identidade. Cruz (2007) arremata afirmando ser, a identidade, um processo que está sempre em construção.

De acordo com esse autor, o lugar é produto e produtor dos dramas e modos de vida, uma referência identitária para a sua população, envolvendo, ao mesmo tempo, o domínio funcional, afinidades e afetividades e, na relação de domínio e apropriação, entre o vivido e o concebido, constrói-se a consciência de pertencimento (CRUZ, 2007). Por essa, razão Hall (2006) aponta que as identidades são posições construídas a partir de lugares, portanto, é preciso valorizar mais a dimensão espacial, como referência em sua dimensão físico-natural e simbólica, necessária na formação da identidade e diferença.

É importante também ver o lugar na relação ou em conexão ao global. Esse, segundo Carlos (1996), se produz na articulação contraditória entre o mundial e a especificidade do particular. Neste, vive-se e articula-se o cotidiano, mas também é nele que se materializa concretamente a globalização. Pedra Lisa, por mais que seja um lugar, em escala espacial muito pequena, está conectada ao global. Não apenas pela televisão e antena parabólica, não apenas pelo celular e internet, mas, principalmente, pelas incorporações aos seus modos de vida, de uma cultura que não é local e que, em uma escala maior, tem se materializado em um conjunto muito grande de lugares, como as comunidades Pedra Lisa, Guariroba e Limeira.

Convém comentar um fato interessante, na escala sociocultural, ocorrido na festa de aniversário de quinze anos de uma filha de camponeses. A festa foi organizada de acordo com os padrões de um baile de debutantes, conforme a

cultura urbana já incorporada pela população de Quirinópolis como prática importada. É certo que alguns detalhes acabam revelando as práticas dos modos de vida camponesa, como o jantar e o baile, típicos das festas do lugar.

Como exemplo, na escala socioprodutiva e comercial, o lugar Pedra Lisa está conectado ao global pelo fato de estar dentro de uma área estabelecida pelas atividades das agroindústrias da cana e de produção de gado de corte para os frigoríficos que exportam carne. Ambos, por intermédio de planejamentos do agronegócio.

Conforme Carlos, o lugar pode ser pensado, ainda, por meio “dos entrelaçamentos impostos pela divisão (espacial) do trabalho, articulado e determinado pela totalidade espacial”. Dessa forma, a autora entende que o lugar “não é uma forma autônoma dotada de vida própria, uma vez que sua reprodução se acha vinculada ao caráter social e histórico da produção do espaço geográfico global [...]” (CARLOS, 1996, p. 33).

Entretanto, em Pedra Lisa, encontram-se especificidades que são próprias do lugar e com todos esses pensamentos teóricos e fatores concretos apresentados, entende-se, pela pesquisa realizada, que os camponeses existem, estão lá, no seu lugar, com o seu território, mesmo diante de todas as adversidades, tensões e até mesmo tentações financeiras advindas das propostas de compra das suas terras. Conforme suas próprias palavras: “Vender alguns venderam até por um bom dinheiro, R$ 300.000,00 dois alqueires, mas por enquanto continuo aqui porque sou feliz neste local e não me acostumaria na cidade[143]”.

A lógica camponesa extrapola a questão do valor financeiro da terra. Ela tem um valor cultural que não encontra paralelo com o fator econômico. A propriedade, e tudo o que nela há, tem uma relação simbólica direta com a história da família. Foram os pais que trabalharam para conquistar esse patrimônio e deixaram-no como herança para os filhos. Esses se sentem na obrigação moral e ética de dar continuidade à atividade dos pais, de preservar o patrimônio construído, e de ensinar aos filhos esses mesmos valores que receberam, mesmo com incorporações de novas práticas e de novos produtos.

O modo de vida desse camponês é complexo e nele o antigo e o novo convivem em um mesmo espaço. A moto substitui o cavalo e a carroça, e a antena

[143] Entrevista realizada, em 2010m pelo autor, com um camponês.

parabólica que o conecta ao mundo está em seu quintal, contrastando diretamente com sua casa simples, o tanque de resfriamento contradiz o curral e o chiqueiro (Fotografia 31) rústicos, sendo possível identificar, nessas paisagens, as rugosidades discutidas por Santos (2002).



Fotografia 31: Chiqueiro rústico numa das propriedades de Pedra Lisa, para engorda consumo e comercialização de porcos. Normalmente, os chiqueiros são pequenos, sendo raros alguns maiores como esse.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

A antena parabólica, para seu entretenimento à noite, e a antena de celular, para o contato com outros espaços, garantem a esse sujeito uma conexão com o mundo e a cultura urbana. Com relação à necessidade da comunicação rápida por intermédio do celular, uma camponesa assim se expressou: “tem hora que a gente precisa de comunicá com os amigos, ai nóis tem, né? [...] de vez em quando tava faiano que tava com problema na antena da Claro, aí eles fez reforma, ai agora tá normal”[144].

No lugar, os camponeses também produzem seus meios de vida. No caso da criação de porcos, eles mantêm a sua autonomia alimentar e comercializam um produto que ninguém possui, a não ser o produtor rural, em específico, o camponês.

Contudo, também registram ameaças. O lugar na fazenda, onde há festas camponesas, especialmente folias de Reis e catira[145], pode estar ameaçado com a

[144] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[145] Os grupos de catira nos espaços rurais já não existem mais, apenas grupos mesclados entre moradores do campo e da cidade. Estes últimos também viviam no campo quando iniciou as

expansão da cana-de-açúcar, em Quirinópolis, declaram os camponeses. Há quem considere fator positivo a chegada da atividade canavieira, mas, para outras pessoas, foi ruim, principalmente por verem vizinhos se mudarem, por ver suas plantações adoecerem por conta dos maturadores. Dos que já venderam ou arrendaram as terras para plantio de cana-de-açúcar, alguns dizem que foi um bom negócio, mas outros já falam que perderam, lamentando o fato de não terem arrendado para soja, pois poderiam ter mais lucro.

Para os que permanecem com a produção de leite (Fotografia 32), como próprio das características camponesas, as propriedades apresentam aquilo que lhes permite segurança e soberania alimentar[146]. Criação de animais (porcos e galinhas) bem próximos à casa, diversidade de árvores frutíferas, plantas medicinais, uma pequena reserva florestal (Fotografia 33) e, principalmente, o gado leiteiro para venda do leite.



Fotografia 32: Produção do leite em uma propriedade que não utiliza curral para ordenha. Com um banquinho de uma perna amarrada na cintura e um balde, o camponês realiza a ordenha na porta da casa por não possuir mais o curral.
Fonte: Trabalho de campo, Abril de 2011. Foto do autor.

atividades da dança. Quanto à Folia de Santos Reis, além de um grupo na cidade, ainda se encontra vários na área rural, como é o caso da Folia de Santos Reis de Pedra Lisa.

[146] O conceito de Soberania Alimentar foi apresentado pela Via Campesina, que a define como o direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados e acessíveis, sendo produzidos de forma sustentável e ecológica, garantindo o direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo. De acordo com o MST, ela consiste em dar aos camponeses condições dignas para viver e produzir alimentos saudáveis, que não estão contaminados por agrotóxicos e cujas sementes são as crioulas tradicionais dos povos, e não transgênicas.



Fotografia 33: Produção para economia de consumo. Essa propriedade tem uma variedade grande de produtos alimentares no terreiro da residência.
Fonte: Trabalho de campo, Abril de 2011. Foto do autor.

A comercialização do leite assegura uma renda contínua, uma entrada mensal de dinheiro para cobrir os custos do trabalho e da propriedade. Entretanto as outras atividades enunciadas acima, juntamente com as práticas religiosas e das festas, criam as condições de existência ética e moral desses camponeses.

Observa-se, a partir desta análise, que várias lógicas estão postas em Pedra Lisa, revelando saberes e fazeres diferentes, interesses diversos e discursos antagônicos entre os vários grupos sociais e entre os próprios camponeses. A lógica, como uma categoria de análise da ciência do pensamento ou do raciocínio, permite a esses sujeitos acreditarem e defenderem seus pensamentos como conhecimentos verdadeiros. As diferentes lógicas sociais podem ser entendidas como distintas orientações que motivam as ações dos atores ou grupos sociais que atuam num determinado espaço.

Por isso, também entre os produtores de leite de Pedra Lisa, há diferentes opiniões e ações com relação à expansão e aproximação da cana-de-açúcar. Há os que estão totalmente insatisfeitos com essa proximidade, há os que têm boa receptividade e já estão plantando cana em sua propriedade, e os que não deixaram sua atividade leiteira, mas, ao mesmo tempo, não veem problemas com quem passou a desenvolver e plantar a cana-de-açúcar.

São argumentos que se assentam na ideia de que a verdade de ações é determinada pela sua forma lógica e, nesse sentido, em mundo social específico, combinam-se e tencionam-se diferentes lógicas de ação. Até porque o que está

posto não está em apenas plantar cana ou produzir leite, há, também, a produção de gado de corte, a produção de alimentos para o consumo, as atividades simbólicas e sagradas, e nessas, manifestam-se trocas de opiniões, gostos, vontades, ideias, discussão política ou outros conteúdos do cotidiano das práticas e da vida social na coletividade do lugar.

Esses elementos revelam que esses camponeses não foram eliminados do lugar pelos fenômenos globais, eles continuam lá. Entretanto, nem eles, nem suas práticas sociais, nem mesmo o lugar continuam os mesmos. No lugar Pedra Lisa, as mudanças não são totais, são parciais, pois colocam à mostra aquilo que permanece como irredutível da cultura camponesa. Esses conteúdos potencializam as vitalidades dos modos de vida ressignificados como possibilidades de existência camponesa.

Entretanto, em depoimentos, os camponeses enfatizam que as dificuldades se agravaram com a chegada dessa grande lavoura próxima às suas propriedades. Um dos camponeses relatou que a chegada da agroindústria e da monocultura de cana prejudicou as atividades das pequenas propriedades.

Segundo ele, pelo fato de suas propriedades estarem próximas da cana e da agroindústria, as vespinhas[147], produzidas em laboratório para controle de praga na cana, têm atacado o gado e outras criações. “[...] eu fui numa [reunião] lá no sindicato sobre esse trem, fui lá pra vê se eles ia protege os produtor, né? Não. Só dano palestra, que isso ai já existia muito tempo, essa mosca, mas nóis num sabia dela, né? Existia, mas nóis num via”[148]. Também o combate aéreo com venenos prejudica o pomar, provocando a morte das plantas, além de contaminar as águas dos mananciais e córregos.

A nascente do Córrego Pedra Lisa, com vegetação ciliar bem preservada, está a cerca de 50 metros de distância da cana-de-açúcar de uma das médias propriedades, vertente acima, o mesmo ocorrendo com o dos Macacos (Fotografia 34) e Bebedouro, ou seja, os produtos químicos (venenos e maturadores) aspergidos na cana descem por escoamento superficial e subsuperficial levando à contaminação dessas nascentes.

[147] São pequenos insetos criados em laboratório e soltos no canavial como controle biológico da broca, uma praga que ataca a cana-de-açúcar. Segundo os camponeses, esses insetos incomodam as vacas irritando-as no momento da ordenha, ocasionando redução na quantidade de leite retirado.
[148] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



a **b**

Fotografia 34: Nascentes com plantação de cana-de-açúcar em seu entorno. a) Nascente do Córrego Pedra Lisa; b) Nascente do Córrego dos Macacos, estão ameaçados pela prática de manejo do solo com plantação de cana. O mesmo ocorre com o Córrego do Bebedouro.
Fonte: Trabalho de campo, Abril de 2011. Foto do autor.

O camponês reclamou também do barulho da caldeira, que é muito forte quando em funcionamento, e que se houve das residências, por conta dessa proximidade. De Pedra Lisa, é possível ver o canavial e a agroindústria ao longe (Fotografia 35). Essas situações revelam estranhamentos que são apresentados cotidianamente aos camponeses de Pedra Lisa



Fotografia 35: Foto da Nova Fronteira, registrada de dentro de Pedra Lisa. Confirma a proximidade que essa agroindústria tem com as propriedades de Pedra Lisa.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Na verdade, os problemas que surgem com a presença de uma atividade externa e de grande extensão, como a canavieira, dificilmente serão resolvidos pela empresa responsável. Cabem aos camponeses buscar estratégias de convivência com essa nova realidade e adaptar novas formas de trabalhar a terra, as plantações ou o rebanho. Por isso, como meio de fugir desses problemas, alguns preferiram vender ou arrendar suas terras e migrar para a cidade.

No lugar, alguns desses camponeses não são proprietários, mas arrendatários ou com outras formas de relação. Dentre essas, a mais comum é quando o proprietário cede o sítio para o camponês trabalhar e, em contrapartida, ele se compromete com a manutenção deste. De acordo com Corrêa (1996), para o conceito de território, não há necessidade, *a priori*, de que esse seja o proprietário da terra, estar e usar o espaço lhe possibilita vínculos territoriais.

No âmbito das relações sociais, a cooperação por afinidades revela embates que resultam da divergência nas formas de agir e pensar inerentes à cultura e aos processos de produção e reprodução do território, pois é nesse espaço do vivido que o conflito entre modos de vida divergentes se materializa (CRUZ, 2008, p. 590). Esse fenômeno evidencia que o lugar, além do ponto de encontro, de maneira relacional, é também contrastivo, de conflitos e de desencontros sociais, culturais, étnicos e espaciais, na opinião de Santos (2008a e b). Isso reforça a ideia de que há lógicas distintas, que se entrelaçam também entre as gentes do lugar.

Enfim, Pedra Lisa é o lugar onde as diferentes temporalidades e as diferentes lógicas sociais produzem coexistências, de elementos materiais e imateriais. São conteúdos diversos que precisam ser vivenciados por pensamentos e interesses distintos. É preciso esclarecer que coexistência não significa não haver conflitos no lugar. A convivência de ideias e interesses distintos cria problemas entre eles, no entanto, conseguem administrá-los de forma a não comprometer as relações e as sociabilidades. Na verdade, são as mutações do espaço que criam essas contradições, que precisam ser enfrentadas.

3.2. As distintas temporalidades sociais camponesas do lugar Pedra Lisa

Pensar o camponês do lugar Pedra Lisa revela algumas características do camponês centenário, que Candido (1979) e Brandão (2009) descrevem como caipira, e leva-nos à necessidade de entendê-lo a partir das lógicas que definem seu ritmo de vida e trabalho, assim como os seus comportamentos sociais. O camponês de Pedra Lisa é diferente daquele clássico apresentado por esses autores, ou seja, passou por mutações específicas relativas à reocupação do Cerrado.

Candido (1979) apresenta como embrião da cultura dos povos tradicionais do Cerrado o termo caipira, no texto em que comenta a espacialização da Capitania Paulista até a região central do País:

> Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia parte das Capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos [...] (CANDIDO, 1979, p. 79).

Não cabe aqui o debate do conceito de campesinato, no que se refere aos embates teóricos travados durante décadas, com estabelecimentos de critérios conflituosos para definir se determinada classe social seria de camponês ou agricultor familiar. Esse é, sobretudo, um debate mais político, no que tange ao desenvolvimento ou enfrentamento do sistema capitalista, além do que há, para alguns teóricos, um entendimento de superação dessa discussão.

Para Silva e Almeida (2009), debater sobre o campesinato na atualidade não significa considerá-lo a partir de suas estruturas históricas, nas quais as atividades eram quase exclusivas para o interior da propriedade. O debate agora prossegue em função do avanço das técnicas e das exigências do mercado moderno, constituindo em um “novo camponês”, influenciado pelos padrões produtivos e de consumo de seu tempo. Entretanto, para Silva e Almeida, é “um camponês que ainda se encontra dependente da auto exploração da força de trabalho familiar para continuar existindo e para preservar sua unidade produtiva” (SILVA e ALMEIDA, 2009, p. 7).

Segundo Mendonça (2002, p. 231), o que temos é, de um lado, “empresas rurais e agroindústrias altamente produtivas e tecnificadas” e, de outro, convivendo com aquelas, pequenas e médias propriedades familiares tecnificadas, ou não, com predomínio de mão de obra familiar para desenvolver várias atividades, basicamente

agrícola e pecuária. A convivência com a tecnificação recria o campesinato. Se há um novo camponês, há também novas relações que o envolvem, ou seja, há necessidades de novas relações com a propriedade rural, com o mercado, não nos esquecendo das relações socioculturais, que também sofrem mutações.

Assim, segundo esse autor, os “trabalhadores da terra” são capazes de se (re)organizar frente às novas condições de produção”. Acrescenta que “as mudanças nas relações sociais são essenciais para se compreender o “novo rural”, principalmente a questão da produção familiar, e do “novo campesinato” brasileiro. (MENDONÇA, 2002, p. 232).

Entretanto, feitas essas considerações, retomamos o conceito de modos de vida dos camponeses, para encontrar e compreender as distintas temporalidades que ainda estão presentes, como resultados modificados de estratégias de existência social. Para Woortmann (1990), não se pode pensar em terra sem pensar a família e o trabalho, assim como também não se pensa o trabalho sem interligá-lo à terra e à família. As experiências de vida, num processo histórico de reprodução da vida, contribuem para a observação das paisagens e territorialidades, que revelam práticas sociais com características camponesas.

Buscar, na essência do modo de vida camponesa, em sua prática de atividade econômica, as explicações para a sua existência são de fundamental importância para o debate das dinâmicas territoriais no Cerrado. Essa essência constitui-se nas experiências dos sujeitos com o espaço, com o lugar e com seus territórios estabelecidos a partir de suas relações culturais de uma vida simples, com o resultado de seu trabalho e das relações sociais que os envolvem.

Cruz (2008), em sua pesquisa em assentamentos de reforma agrária, aponta o sujeito, independentemente de rotulações teóricas, como aquele que produz e reproduz a vida no território. Afirma, também, que as contradições se manifestam a partir de sua cultura materializada no território do assentamento. Isso nos revela que em um grupo social, podemos ter variados modos de vida, mesmo que com traços semelhantes.

Essa discussão interessa-nos como comparativo à nossa pesquisa, visto que os camponeses de Pedra Lisa se apresentam como sujeitos, diante de um processo que envolve sistemas produtivos e modos de vida que vão sendo atravessados, alcançados e capturados pela produção dominante. O agronegócio transforma o território camponês

que, de acordo com Chaveiro (2008), continua com seu campo vazio de pessoas[149] [espaço sem cidadão, segundo Santos (1987)], mas produtivo para atender às expectativas de remuneração dos capitais e investimentos. Agora, suas paisagens são uníssonas, padronizadas, mas ele é um território da desigualdade social, conclui o autor.

O estudo dos modos de vida, para a compreensão dos embates produzidos nos processos de territorialização, torna-se fundamental, destaca Cruz (2008). São territorialidades produzidas a partir do vivido com expressões de um conteúdo cultural próprio de modos de vida divergentes. Enfatiza, ainda, o autor, que é necessário compreender que as territorialidades ocorrem a partir das habilidades em se trabalhar na terra e, portanto, a produção agrícola e agropecuária constitui-se como elemento fundante do processo de territorialização.

Como expressa Silva (2010), desde o final do século XIX, quando surgiu o povoado de Quirinópolis, até os anos 1970, "prevalecia a prática dos cultivos tradicionais[150], que coexistiam com áreas de pastagens naturais praticadas em locais remanescentes do Cerrado, prevalecendo a agricultura familiar". Não apenas as práticas de cultivos, mas também as práticas sociais e culturais, morais e religiosas, eram repassados por gerações. Uma das tarefas básicas e indispensáveis a todos era o aprendizado das técnicas, dos ciclos da natureza, dos valores humanos que, de certa forma, foram reinventados nas suas práticas sociais.

Nessa época, segue a autora, uma das formas mais utilizadas para "transmitir informações aos mais jovens eram os causos populares[151], que permanecem como prática social, e são repassados a partir das lembranças presentes nas memórias das pessoas mais velhas da comunidade". Finaliza escrevendo que essa população, desde os princípios do século XX, morava nas fazendas do município de Quirinópolis. São sensibilidades de rememoração que reproduzem a experiência do vivido (SILVA, 2010, p. 201).

Diegues (1998) comenta que esses camponeses desenvolveram relações com os recursos naturais suficientes para o estabelecimento de "grande

[149] É bem verdade que essa afirmação pode ser perigosa, pois é como se desconhecêssemos as gentes que ainda estão no campo, o que, caracteriza os multiterritórios no Cerrado. Chaveiro quer expressar apenas a predominância da monocultura que retira o homem do campo.
[150] Neste trabalho, preferimos tratar de cultivos locais, pelo fato de que o que era tradicional já não o é mais pelo próprio movimento e pelas mutações do espaço.
[151] Causos eram as histórias ou estórias contadas de pais para filhos. Um dos momentos mais fortes era ao anoitecer, quando toda a família se reunia para ouvir os causos.

dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica, como sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra" (DIEGUES, 1998, p.14).

Como descreve Souza (2005, p. 88), o camponês constitui-se como "figura do matuto que extrai da terra tudo o que a vida lhes solicita, para existir. Por vezes, são discriminados, tidos como preguiçosos e atrasados, sem serem compreendidos pelos valores de rusticidade, de simplicidade, de solidariedade e de respeito [com as humanidades rurais] com os seres animais e vegetais". É bom lembrar que esse sujeito não é lembrança do passado. Ele ainda existe, mesmo que suas práticas sociais e seus costumes tenham sofrido algum tipo de modificação. Recomenda-se, também, lembrar que essa relação de solidariedade e de respeito, por vezes, é interrompida por mudanças de interesses no próprio grupo.

Em Pedra Lisa, é ainda comum a prática solidária entre os camponeses. Há uma obrigação de ir a algum velório de algum membro da família do lugar, mesmo que o funeral seja realizado na cidade, para passar a noite e, às vezes, seguir o cortejo junto com a família; de participar das festas promovidas por qualquer uma das famílias; ajudar algum camponês que esteja passando por dificuldades, financeiras ou de trabalho nos cuidados do gado ou mesmo doméstico. Um exemplo dessa ajuda ocorreu quando a esposa de um camponês esteve doente com depressão e as mulheres da comunidade a ampararam nas tarefas domésticas diárias até o momento em que ela recuperou a saúde.

Para o homem e a mulher camponeses, apresentados por Candido (1979), não se faz necessário ter uma jornada exaustiva de trabalho, por se tratar de uma cultura que valoriza momentos de lazer e descanso e a contemplação do meio em que vivem. Dessa forma, não há necessidade de excedentes e de acúmulo, apenas o indispensável para a vida. Eles não precisam trabalhar oito horas por dia, nem mesmo todos os dias da semana, apenas o necessário para dar conta dos afazeres traçados e, assim, garantir a sobrevivência da família camponesa.

Candido (1979) apresenta a experiência de um camponês da década de 1950, quando o ritmo de trabalho era mais lento e as necessidades de equipamentos domésticos eram menores, e quando a lavoura era a atividade prioritária na propriedade. Em se tratando de produção para o mercado, a agricultura

é mais flexível que a atividade leiteira, sendo essa a realidade da produção em Pedra Lisa.

Brandão descreve que, para as "[...] comunidades regionais tradicionais camponesas semi-isoladas, [...] o tempo ainda é mais 'comida' do que 'dinheiro'" (BRANDÃO, 2009, p. 43). Concordando com isso, Oliveira (1990) relata que não há rigidez na jornada diária de trabalho do camponês como há na relação de trabalho capitalista. A necessidade de trabalho, para a família camponesa, vai depender da época do ano e do tipo de produção; afirma Oliveira (1990, p. 71):

> Combinam-se períodos de pouco trabalho (muito tempo livre, quando então o camponês pode desempenhar um trabalho acessório ou produzir instrumentos de trabalho, como também desfrutar de um bom lazer) e períodos de trabalho intenso (quando muitas vezes nem mesmo o nascer e o pôr-do-sol são limites naturais da jornada de trabalho).

Em Pedra Lisa, já no século XXI, essa realidade mudou. Não temos mais o mesmo camponês apresentado por Oliveira, Brandão e Candido. Atualmente, eles precisam trabalhar todos os dias, até porque, como enunciado, a produção leiteira exige muito mais que a lavoura. O trato do gado tem que ser diário, não se pode deixar de tratar por um dia sequer, mesmo aos domingos e feriados.

Nos meses de chuvas, entre dezembro a março[152], o pasto é suficiente para a alimentação do gado, não sendo necessárias algumas atividades desenvolvidas no tempo seco. Por conta disso, aliado ao fato de que alguns produtos alimentares são produzidos em sua propriedade, sobra tempo para outras práticas cotidianas, como o momento do descanso, a visita aos vizinhos e compadres, a contemplação do meio em que vivem, e a pesca (mais uma vez, a importância do rio, pois a pesca também é lazer).

Entretanto o trabalho se torna mais árduo no período da seca, entre julho a outubro[153], quando os camponeses precisam complementar a alimentação do gado nos cochos, a base de ração e, principalmente, de cana triturada ou silagem. Nesse período, o tempo livre se torna mais escasso.

Desse modo, o gado precisa comer, e o leite precisa ser tirado todos os dias. Quando as tarefas são apenas em sua propriedade, após a ordenha e o trato dos animais, é possível certa autonomia com relação ao tempo e aos outros serviços

[152] Em 2012 e 2013 as chuvas atrasaram muito, iniciando praticamente no mês de fevereiro.
[153] Dependendo do ano, a seca pode iniciar mais cedo, em junho, ou terminar mais tarde, em novembro.

que podem esperar ou reacumular. Isso evidencia que o camponês que trabalha apenas em sua propriedade tem melhor condição de administrar o seu tempo e liberar parte dele para outras atividades de lazer ou de tarefas na cidade. No entanto, quando estão trabalhando como diaristas, essa autonomia é reduzida, haja vista que assumem compromissos de tarefas diárias e têm horários a cumprir.

As práticas sociais estabelecidas, as tecnologias, os mitos, e as linguagens, vão sendo apropriados e se transformam em pertenças dos grupos sociais. O termo pertença torna-se fundamental para a análise das relações humanas, na definição do conceito de modos de vida e das territorializações. A partir da análise do estilo de vida, Bourdin (2001) coloca a pertença ao local como uma das relações que devem estar no centro das preocupações contemporâneas. É necessário, nesse caso, entender que o pertencimento sempre está aberto, o que denota que depende do tempo e do espaço, como abertura.

Os elementos socioculturais proporcionam o sentimento de pertença do território, provido de vínculos sociais, resultado da ressignificação dos sentidos, dos saberes e fazeres para utilizar o próprio espaço. Até mesmo os camponeses que já saíram da comunidade e estão residindo na cidade levam consigo os traços culturais desse lugar. Isso ninguém tira, e eles sempre voltam para as festas de Pedra Lisa, com sentimento ainda de pertencimento a esse território.

A dimensão da história no contexto da territorialização (dimensão espaçotemporalidade) se realiza na prática cotidiana dos grupos que estabelecem vínculos com os de dentro e os de fora, os “nós” e os “outros”, que, dentro do plano do vivido, sentido, percebido e concebido, produz o conhecido e o reconhecido.

Na organização social, a divisão do trabalho, principalmente envolvendo o gênero, também era muito bem definida, sem oposição entre tarefas. Shanin (1988, p. 19) descreve que “la rigidez y la división sexual de los roles vuelve obligatorio el trabajo femenino tanto como al masculino, en cada explotación familiar y hace del matrimonio una condición necesaria del campesinato”.

Conta Brandão (2009, p. 55), falando dos Achuar, que “[...] entre a caça, a pesca e a agricultura, as relações homem-mulher são mais de complementariedade do que de oposição. [...] Homens e mulheres realizam a sua parte de trabalho de uma mesma atividade”. Complementa afirmando que:

> Não há outra atividade camponesa em que a complementariedade diferenciada seja tão visível quanto a pecuária leiteira. [...] eu imaginava que

> o limite do trabalho feminino com os animais era o mangueiro dos porcos, onde homens e mulheres se dividem entre tarefas de cuidado muito próximas. Mas o mesmo princípio estende-se ao trato do gado, cuja importância para a economia dos sítios [...] é muito maior do que a de todos os outros animais [...] (BRANDÃO, 2009. p. 62).

As afirmações de Shanin e Brandão podem ser percebidas em algumas práticas sociais dos camponeses de Pedra Lisa. Ainda nos dias de hoje, vários casais dividem as tarefas, na forma de complementariedade, da lida com o gado leiteiro. Marido e mulher iniciam o trabalho de madrugada. No curral, encontram-se, de um lado, o marido apartando os bezerros, "piando as vacas"[154] e tirando o leite, do outro, a esposa, desenvolvendo a mesma tarefa (Fotografia 36).



Fotografia 36: Casal de camponeses na tarefa de ordenha manual. A lida com o gado, incluindo a ordenha, é realizada pelo casal.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Entretanto, uma pequena divisão do trabalho precisa ser estabelecida e Brandão (2009) entende que ela se faz conforme as necessidades da família e que as características são comuns a todas elas.

> No rancho caipira mais tradicional, precariamente dividido internamente e com frequência requisitado para ser também o lugar de guarda das colheitas do trabalho, maridos e esposas, homens e mulheres da casa, trazem para dentro dela o próprio trabalho. Ali, enquanto as mulheres multiplicam 'os serviços da casa', os homens reparam instrumentos, processam algum alimento, antes de passá-lo ao domínio da cozinha, [...] tratam de algum animal enfermo (BRANDÃO, 2009, p. 54-55).

[154] Ato de amarrar as patas traseiras e o rabo da vaca para imobilizá-la, evitando agitação e coices. O bezerro também é amarrado na pata dianteira, evitando que perturbe o trabalho da ordenha, conforme fotografia 35.

Tarefas mais pesadas e mais brutas são realizadas apenas pelos homens. Brandão (2009, p. 62) acrescenta que todo o trabalho do trato dos pastos e do cuidado do gado é essencial ou preferencialmente masculino. Vimos que cabe aos homens a sequência dos ofícios “brutos” com o gado e outros animais de grande porte (cavalos e burros). O trabalho de doma, de transporte, de castração, de curar feridas e pragas, e até mesmo de matar e sacrificar, ainda é, na divisão do trabalho, reservado aos homens (Fotografia 37).



Fotografia 37: Trabalho com o trato do gado, realizado pelos homens. Dia de cuidar das feridas e mochar bezerros, trabalho realizado em mutirão, por se tratar de uma tarefa mais pesada.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

O autor pontua, ainda, que, para as mulheres da casa, esposas e filhas, foram desenvolvidas outras tarefas, tanto na casa, como no sítio. “Elas ‘ajudam’ os maridos no curral, cuidam dos bezerros novos e tratam deles em caso de doença. Participam da ordenha das vacas, respondem pela higiene do mangueiro [...] e realizam tratamentos mais delicados nos animais [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 62). Também em Pedra Lisa, elas realizam essas tarefas em conjunto com os maridos e também cuidam do trato dos porcos e galinhas e das tarefas domésticas.

Esse conteúdo revela que aquela abordagem camponesa, já bastante debatida e desgastada pelas ciências (incluindo a Geografia) e pela sociedade, ainda na visão da velha dicotomia agricultura arcaica *versus* moderna, no sentido de a segunda fazer emergir a extinção da primeira, aos poucos, vai cedendo espaço, na ciência, para estudos e discursos da percepção, análise e concepção de um

campesinato que não apenas existe na modernidade, mas, sobretudo, se transformou com ela.

O camponês modificado “requer um olhar especial, ou seja, calcado na concepção das novas relações estabelecidas. Santos (2008a, p. 136) revela que entre as metamorfoses econômicas impostas aos camponeses, descobriu-se, “no elemento humano que vai viver essa homogeneização das lavouras no Cerrado, as origens dos meios de vida de sua tradição camponesa, em que produzir os meios de vida implicava o acesso à terra”. Isso dá garantias para que se analisem essas transformações também sob aspectos de usos e costumes, de tradições e práticas sociais reinventadas.

Nesse sentido, Mendonça (2002 e 2004), numa visão marxista, a partir da Geografia do Trabalho; Santos (2008a e 2008b) e Almeida (2008), com análises voltadas para a Geografia Cultural, contribuem para o entendimento desse novo camponês.

Pelo fato de existirem outras lógicas, temporais e espaciais, sobrepostas no Cerrado brasileiro, torna-se fundamental compreender como se enfrentam ou se complementam. Em Pedra Lisa, existem várias lógicas sociais, e é nesse processo que podemos compreender a eficácia da existência camponesa.

São consequências da lógica produtiva do agronegócio com práticas e instituições que reforçam as lógicas do individualismo e da obsessão pelo acúmulo do dinheiro. Entretanto, entendemos que, no lugar estudado, essas práticas estão presentes, mas que, de certa forma, são quebradas ou enfraquecidas por outras lógicas camponesas que foram historicamente instituídas pelas famílias.

Dentre essas, destacam-se a moral, a ética e a necessidade do encontro, da convivência mútua e do respeito. Contra o individualismo, as rezas são práticas fundamentais que os nutre com a sociabilização. Os encontros em família, para as rezas e as visitas aos vizinhos, fortalecem o pensamento de que uns precisam dos outros. Woortmann (1990, p. 26) escreve que é “nas comunidades camponesas que se organizam pelos princípios do parentesco, tal como no sítio [...], as necessidades de trabalho durante o pico são satisfeitas através da reciprocidade [...]”. Isso que dizer que tanto para algumas atividades no trabalho quanto para outras, como no preparo de uma festa, é possível reduzir os esforços humanos e financeiros, pela lógica da reciprocidade.

Em Pedra Lisa, como as famílias são constituídas por parentes e amigos, a reciprocidade é uma característica predominante. Um camponês que não tem parentesco na comunidade expressa que a relação dele com os vizinhos pode ser comparada com a de parente. “Eu tô aqui indeus de 1967 [...]. Eu convivo com eles como se fosse parente mesmo”. É importante dizer que, de acordo com Woortmann (1995), o parentesco é caracterizado por três relações básicas: a relação de filiação, a relação conjugal e a relação de *siblingship*[155]

Nesses encontros, em que recebem as reflexões bíblicas e as doutrinas da igreja, esses sujeitos compreendem que o respeito é o “combustível” para que a comunidade possa ser vivenciada como extensão da família. De acordo com os camponeses, “a convivência nossa dos grandes com os pequenos, aqui pra nóis é, num tem diferença não, acho que todo mundo é [...] tudo igual mesmo. Só sobre dinheiro que a gente num tem igual eles, mas convive com eles, é a mesma coisa de qualquer um. Aqui pra nóis é[156]”.

O encontro acontece nas rezas, mas também nos poucos mutirões que ainda existem; nas festas; nos jogos ou treinos de futebol (Fotografia 38), nas cavalgadas; na venda do Zé Major, para uma rodada de conversa nutrida com cerveja e cachaça; e nos relacionamentos entre vizinhos. Essas práticas são importantes porque reestabelecem a sociabilidade, o respeito mútuo, e fortalecem os conceitos éticos e morais das famílias de Pedra Lisa.

Quanto ao respeito, ele é constituído pela lógica da igualdade e da hierarquia. A primeira, pelo fato de que, na convivência cotidiana, não há diferença religiosa, racial, social, de parentesco ou de gênero entre eles, todos devem ser respeitados. “Eu num tenho [...] parente de sangue [em Pedra Lisa], mas eu tenho uma consideração muito grande por eles e acredito que eles por mim, porque eu entro em qualquer casa deles ai, pela porta da cozinha[157]. Tenho uma liberdade muito grande em todas as casas”[158].

---

[155] *siblingship* refere-se a casamentos dentro de uma mesma família. Para uma leitura completa a respeito do conceito de parentesco, ler o texto de Ellen Woortmann “Herdeiros, parentes e compadres”, de 1995.

[156] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[157] Entrar pela porta da cozinha significa ser alguém muito íntimo da família, que dispensa a formalidade de esperar que alguém da casa venha o receber pela porta da frente.

[158] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



Fotografia 38: Treino misto, entre jogadores de Pedra Lisa e de outros times. Normalmente, os treinos são mistos pelo fato de nem todos os jogadores do time de Pedra Lisa estarem disponíveis, devido aos compromissos profissionais.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2012. Foto do autor.

Na hierarquia canponesa, ensina-se, desde criança, a respeitar os mais velhos, pedir a bênção, e entender que o respeito é um patrimônio a ser preservado para a vida toda. Esse camponês que não têm parentesco com nenhuma das famílias de Pedra Lisa, explicou o sentido das crianças tomarem as bênçãos dele:

> Isso é uma tradição da família aqui. Como eu vim pra cá muito novo, rapaizim com dezesseis ano, aprendi com a convivência deles. É uma tradição do avô deles, os mais antigos, as crianças fala bênção dos mais velhos. Então, muitas veis eu, até aquela criança que não me fala bênça, eu forço, até procuro fazê que ela aprende a tomá bênça, inclusive foi essa menina mesmo. Eu já chegava e falava pra elas "Deus abençoe". Elas aprendeu a me falá bênça. É um sinal de respeito e um sinal de continuá a tradição que existia nessa região (Informação verbal[159]).

Heidrich nos auxilia a compreender o fato de ter famílias em Pedra Lisa que não fazem parte do parentesco e nem sempre o espaço de tempo em que se inseriram no grupo é tão longo, mesmo assim, sentem-se parte desse grupo. Usam da mesma forma o espaço e contribuem na recriação das práticas sociais, do território e do lugar.

Em Pedra Lisa, os que não fazem parte de nenhum parentesco não se sentem isolados, pois se sentem como parte das famílias ali presentes. A relação é recíproca e bem saudável. "Trata eles [os não parentes], a mesma coisa de família

[159] Idem.

mesmo. Eles é muito bãozim, o povo vizim aqui de casa. A gente vai lá, rezá na casa deles também".

A moral ética, juntamente com a religiosidade, é uma das lógicas mais importantes para sustentar os modos de vida camponesa. São os motores da educação das crianças e são os niveladores da conduta dos adultos. Para as crianças, sempre é ensinado o que é certo e o que não se pode fazer, baseado nessa lógica, por isso, para os camponeses, é importante que a criança inicie no trabalho (de ajuda à mãe ou ao pai) ainda em idade infantil, para aprender o ofício dos pais[160], dentro de uma lógica baseada na ética, na moral e no respeito. Por isso, é também importante participar das atividades da igreja, popular e oficial[161], para aprender, os ensinamentos religiosos, que vêm ao encontro da moral e da ética cristã.

Aos adultos, após anos de aprendizado com os pais e com os mais velhos, é o momento de ensinar os filhos, pela palavra, pelas histórias contadas, mas, principalmente, pela vivência e pelas ações. Por isso, o respeito, a sociabilidade, o coletivo, a religiosidade e a honestidade são elementos vitais também entre os adultos. Inclusive, é comum entre eles a prática da compra de mercadorias à vista, para não se preocuparem depois se vão ter o dinheiro para pagar, porque ter o "nome limpo" é uma questão de honra.

Entretanto, por mais que a sociabilidade e a coletividade ainda tenham peso na comunidade, a lógica da posse e da propriedade privada também está presente. "A estrada é nossa", dizia um camponês, ao questionar a forma como a agroindústria da cana a tem utilizado, contestando a possibilidade de que a posse dela seja repassada à agroindústria. Também, por mais que a convivência seja saudável entre todos, dentro de cada propriedade e de cada família, quem estabelece as regras são os proprietários, quem "manda" são os pais.

A lógica da produção camponesa no lugar, também contraria a lógica de produção do agronegócio. A moral e a ética camponesa não permitem que a relação

[160] O trabalho aqui tem a conotação do valor social, tendo na família, uma base de trabalho microcooperativo, em que a pessoa aprende desde criança, o valor moral e social do trabalho. Por isso, não há a preocupação com a proibição do trabalho infantil exigido pela lei (extraído da arguição do Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos na banca de qualificação em setembro de 2012).

[161] Igreja popular é aquela constituída por pessoas da própria comunidade, com uma ou mais liderança que, segundo Brandão (2007) realiza a mediação com a igreja oficial e que estabelecem algumas rezas sem a necessidade da presença de um padre ou diácono. Igreja oficial é estabelecida por meio de dogmas e doutrinas sociais e eclesiais a partir, dentre outras, das celebrações das missas e do oferecimento dos sacramentos.

com o trabalho tenha interesses exclusivamente econômicos, ou seja, de acumulação do capital. É por isso que Woortmann (1995) enfatiza, na sua pesquisa, que “com parente não se neguceia”. Para os camponeses, produzir na terra tem significados maiores que apenas comercialização. É a garantia da reprodução e satisfação da vida em todas as instâncias.

Devido e esse pensamento, a festa torna-se uma das práticas sempre relacionadas à produção. Assim, a devoção aos Santos Reis é para pedir proteção ao terreiro, quando se oferecem galinhas para a festa, ou ao pasto, quando se oferece vaca ou bezerro. Ou, ainda, quando se aplicam remédios a uma vaca doente, mas também a benzem, para que Deus, por intermédio dos santos, a cure, e, não raro, muitas vezes, acreditam que foi mais a reza e não o remédio que proporcionou a cura. Do contrário, não teriam reproduzido essa prática.

Nessa lógica, camponesa da produção, cabem os elementos vindos da tradição e também os que vieram com a modernidade. Nem sempre há conflitos. Por exemplo, é comum utilizar ambos ao mesmo tempo, como preparar a alimentação no fogão a gás e no de lenha, se considerarmos que a refeição é o sustento do trabalho realizado pelo trabalhador. Às vezes, na preparação da mesma refeição, eles utilizam os dois fogões.

Também ocorre a substituição de um instrumento de trabalho por outro, como a carroça pelo carro, e essa ação tem uma ou mais lógicas para o rendimento da produção. Ao comprar um carro, preferem não financiá-lo e, para não ficar devendo, vendem-se uns bezerros e algumas vacas. Entretanto, o objetivo principal nessa lógica, além das facilidades que o carro vai trazer para os afazeres do cotidiano, está na economia para a produção: “é sobre cê economizá um pasto dum animal que vai puxá a carroça, né? Cê vai passá pro carro, já melhora muito pra, vamo supô, no lugá dum cavalo põe uma vaca ou duas, né? Já ajuda muito”[162].

A lógica do camponês, portanto, é a de que não fazendo compras à prestação, não trará preocupações futuras e, o equipamento adquirido vai lhe trazer retorno, recuperando o gado que dispôs para a compra e, sobretudo, porque, nas contas, está computada a economia de pasto, ao substituir um cavalo por duas vacas.

[162] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Na questão da produção, há que se considerar que o Município de Quirinópolis ainda registra uma considerável produção de leite, haja vista que, com 319.500 cabeças de gado, sendo 31.500 vacas ordenhadas, produziu em 2011, 50.550 litros de leite (IBGE, 2011). Nesse caso, Pedra Lisa contribui com o índice do município no que se refere a esse produto que compõe a cesta básica alimentar dos brasileiros. O leite produzido nessa comunidade é, predominantemente, direcionado para a Agrovale, que processa o produto em embalagens e derivados diversos para serem comercializados. Além desse, a Italac e o Laticínio de derivados Rio Preto são também coletores dessa produção.

Na questão da religião, é fato que ela sempre exerceu um papel fundante na vida das comunidades camponesas. Os camponeses católicos têm uma ligação direta com o sagrado, no sentido de estender todos os aspectos da vida na devoção a algum santo. Um dado curioso, em Pedra Lisa, é que há apenas duas religiões presentes, a católica, representando a maioria, e a espírita, embora os espíritas não a considerem como uma religião e sim uma doutrina[163]. Não havia nenhuma família evangélica nesse lugar, entre os anos de 2010 e 2012, período da pesquisa de campo[164].

Pela lógica da igreja católica oficial[165], é inadmissível a convivência religiosa dessas duas doutrinas. No entanto, o que se observa, na prática da religiosidade popular de Pedra Lisa, sobretudo nos encontros de famílias (o terço, as novenas e as companhas da fraternidade), é a participação de alguns membros espíritas rezando junto com os católicos[166]. São lógicas populares e locais, que extrapolam as lógicas da igreja oficial, instituídas em escala global.

Nesse sentido, de acordo com Gusfield (1967), o catolicismo e o protestantismo são religiões cristãs e cada uma possui lógicas diferenciadas e, até mesmo na igreja católica, as distintas ordens monásticas expressam uma catolicidade com diversidade de valores. Se analisarmos as lógicas oficiais das religiões, há uma diversificação de valores morais e éticos dessas com as praticadas

[163] Como não tem sacerdotes, dogmas e rituais, não é uma religião, entretanto, tem consequências ético-morais.
[164] Esteve presente, em 2011, apenas uma família evangélica, que comprou uma pequena propriedade, mas alguns meses depois venderam e retornaram para a cidade.
[165] Ou religião dominante, como cita Brandão (2007), intermediada nas comunidades camponesas por agentes e trocas de serviços. No caso de Pedra Lisa, os diáconos são os agentes que realizam os serviços de batizados e casamentos.
[166] Além dos passes que os católicos iam tomar, entendidos por eles como benzeção, quando o médium da comunidade ainda era vivo.

entre camponeses de confissões opostas. Para Gusfield, a importância da diversidade religiosa:

> É que ela fornece princípios para legitimar um vasto conjunto de formas alternativas de comportamento. Este ponto tem sido bastante convincente feito no recente debate do desenvolvimento econômico e dos valores culturais na Índia. Nem o comportamento da religião popular, nem os ensinamentos das escrituras são desprovidos de bases morais para as motivações materialistas ou para busca disciplinada e racional da riqueza. (GUSFIELD, 1967, p. 354).

Outro contraste entre lógicas na religiosidade se estabelece na razão de poucas pessoas participarem das missas celebradas uma vez ao mês. Um dos motivos é com relação ao horário (17 horas), momento em que os homens estão terminando as tarefas diárias nos sítios. Entretanto, outro motivo, até mais forte, de acordo com uma das coordenadoras do grupo de reza, é porque há casais que não são casados no religioso e que não se sentem bem nessas celebrações, pelo fato de a igreja oficial condenar esse tipo de união. “[...] muitos deixam de ir devido a [...], eles achá que não tá do jeito que a igreja qué, e sempre o padre dá, faz as homilias e sempre, né? Então eles [...] às vezes são até católicos, mas não vão por esse motivo”[167].

No entanto, em Pedra Lisa, as reações se concretizam nas possibilidades de continuarem existindo, como camponeses, no lugar. Estabelecem sua existência dentro das suas lógicas, mas também conseguem dialogar com as lógicas externas que chegam ao lugar.

O fato de permanecerem com a atividade leiteira já é uma reação ao planejamento do setor agrocombustível, que gostaria de ter todas as terras da Comunidade Pedra Lisa como parte integrante da sua área produtiva. Essa reação implica perceber que há camponeses que não querem substituir a pastagem e a atividade leiteira pelo arrendamento para a lavoura de cana-de-açúcar.

Utilizar-se de algumas infraestruturas trazidas pelo agronegócio[168] ou não, é também uma forma de reagirem, usando ao seu favor o próprio lugar. A estrada melhorada para a atividade canavieira e o tanque de resfriamento para aprimorar a qualidade do leite são exemplos concretos dessa reação.

---

[167] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[168] Não apenas da cana, mas também da soja e da pecuária.

3.3. A lógica do agrocombustível: a nova frente do agronegócio[169]

A lógica capitalista, nas três últimas décadas do século XX, instituiu importantes transformações no espaço agrário do Brasil, com a implantação, na década de 1970, das políticas econômicas de inserção nas regiões do Cerrado, introdução e intensificação da mecanização e insumos agrícolas, a partir de tecnologias modernas.

No final dos anos 1970 e nos anos 1980, ocorreu uma importante ascensão na produção de produtos comerciais (o agronegócio[170] como as *commoditys* – ou commodities, no português – de milho e soja, mas também a cana), em detrimento da produção de produtos alimentares básicos, como o arroz e o feijão (agricultura alimentar prioritária nas produções camponesas), com queda acentuada. Como expressa Moreno (2007, p. 58), "ao radicalizar o modelo de integração da agricultura nos moldes do sistema que temos hoje, a opção pela agroenergia [...] ameaça hipotecar definitivamente as premissas da soberania alimentar [...]".

A atividade canavieira, para produção do agrocombustível veicular, chegou em Pedra Lisa em meados da década de 2000. Com muita desconfiança e receio, os camponeses desse lugar tiveram aversão a essa nova atividade. Quando técnicos da Agroindústria Nova Fronteira (Boa Vista na época) visitaram os sítios da comunidade, propondo o arrendamento[171] para a produção da cana, predominaram as recusas de qualquer oferta.

No início das atividades em terras vizinhas, o emprego de tecnologias e manejo de controle de pragas a que não estavam habituados, bem como do sistema de retirada de água dos córregos para irrigação, resultou em uma fase de reclamações e denúncias pelo fato de se sentirem prejudicados em suas atividades.

Com o passar do tempo, pela convivência com os trabalhos dos maquinários (colheitadeira, carretas, tratores), identificação das espécies vegetais que não são

---

[169] Extraído de um dos subtítulos que Moreno deu ao seu texto publicado em 2007 "Agroenergia: a nova frente do agronegócio", que estamos tomando emprestados, porém, devidamente anexado nas referências bibliográficas deste texto (MORENO, 2007, p. 47).

[170] Agronegócio é uma tradução do *agribusiness,* termo este que, segundo Silva (2008), aparece pela primeira vez em 1957, por dois economistas estadunidenses da Universidade de Harvard, Ray Goldberg e John Davis.

[171] Esse tipo de arrendamento refere-se ao proprietário que arrenda (aluga) o uso da sua terra para a produção canavieira, a partir de um contrato por um período que varia de cinco a dez anos, conforme ciclo estabelecido.

mais possíveis de produzir em seus sítios (mamão, laranja e acerola, por exemplo), e o fato de esse lugar ser bem servido por cursos d'água, iniciou-se um período de tolerâncias. É bem verdade que há conflitos e tensões (já apresentadas anteriormente), mas é fato também que oito propriedades já estão produzindo cana, e que alguns depoimentos dos camponeses indicam que, mesmo não aderindo a essa produção, não questionam quem se decide por isso. "Se não é bom para mim, pode ser bom para eles[172]".

Se a grande lavoura canavieira chegou a Pedra Lisa e ao Município de Quirinópolis, é também porque chegou no sul de Goiás. Na verdade, o centro-sul brasileiro tem despertado a atenção de investidores do setor agrocombustível, por apresentar regiões que não requerem grandes investimentos financeiros, haja vista serem áreas destinadas à pastagem e ao cultivo de outras lavouras, além de terras a preços acessíveis e terrenos planos, com um grande potencial hídrico. No centro do País, o Estado de Goiás tem se tornado destaque, apresentando um aumento considerável de agroindústrias da cana, que detêm sua gestão do plantio ao processo industrial.

No entanto, sabe-se que a produção de uma agroindústria instalada em um determinado local, conforme Camelini (2011, p. 5), "está inserida num planejamento bem mais abrangente, regido por interesses que não são locais". São centros de controle em escala nacional e até internacional, que comandam todo o processo a partir dos vários pontos e nós da rede produtiva e comercial.

Esse controle, "de forma semelhante às corporações brasileiras, não possuem comprometimento algum com os interesses nacionais, regionais ou locais e reagem somente às movimentações do mercado, utilizando o território brasileiro como recurso" (CAMELINI, 2011, p. 6). No caso da produção de agrocombustível, são grupos do Estado de São Paulo que possuem o controle das atividades canavieiras no Estado de Goiás. Em Quirinópolis, são os Grupos São Martinho de Pradópolis e São João de Araras, ambos do Estado de São Paulo.

> No território brasileiro, por exemplo, há um centro de comando claramente estabelecido no estado de São Paulo, onde se encontram muitos dos grupos usineiros que atualmente expandem seu alcance sobre outras porções do território brasileiro, mormente o Cerrado. De São Paulo partem as diretrizes, metas e padrões que devem ser seguidos pelas demais unidades, bem como a força de trabalho qualificada, necessária inicialmente para assegurar o enquadramento nos atuais parâmetros produtivos. É deste

[172] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

> modo que uma filosofia de trabalho se espalha de maneira relativamente uniforme pelo território, com o mínimo de adaptações locais (CAMELINI, 2011, p. 5).

A partir de critérios mundiais de sustentabilidade, fontes renováveis de energia se tornaram a problemática atual dos governos e, em decorrência disso, o Brasil viu, no cultivo da cana-de-açúcar, sua válvula de escape. A verticalização do setor agrocombustível decorre, primeiramente, conforme a World Wide Fund for Nature (WWF, 2008), da substituição dos recursos fósseis, como, no caso, o petróleo, por fontes do agrocombustível; da viabilidade no mercado interno e externo das *commodities* açúcar e álcool; do aumento do setor automobilístico, principalmente a partir dos veículos *Flex Fuel*; do cumprimento à legislação regulamentada pelo Protocolo de Quioto.

Embora a produção de cana-de-açúcar, representada pelo capital canavieiro, ainda não seja considerada por todos como *commodities*, sabe-se que o processo é o mesmo. Também funciona na forma de complexo ou cadeia agroindustrial, extrapola as porteiras das fazendas, antes e depois da produção agrícola, e termina em um processo industrial; além disso, o produto final do processo é vendido com antecedência, nos moldes das *commodities*.

Acompanhando o aumento do mercado de automóveis *flex fuel*, neste início de século XXI, a cana-de-açúcar é a cultura que se apropria de grande parte das terras, dos recursos naturais, do espaço, do trabalho, do tempo, assim como dos espaços e logísticas da monocultura da soja, do milho e da pecuária extensiva. Os gráficos 8 e 9 ilustram bem o avanço dessa monocultura e da produção do etanol e açúcar no Estado de Goiás, e o gráfico 10 apresenta a microrregião de Quirinópolis como uma das que mais cresce no estado.

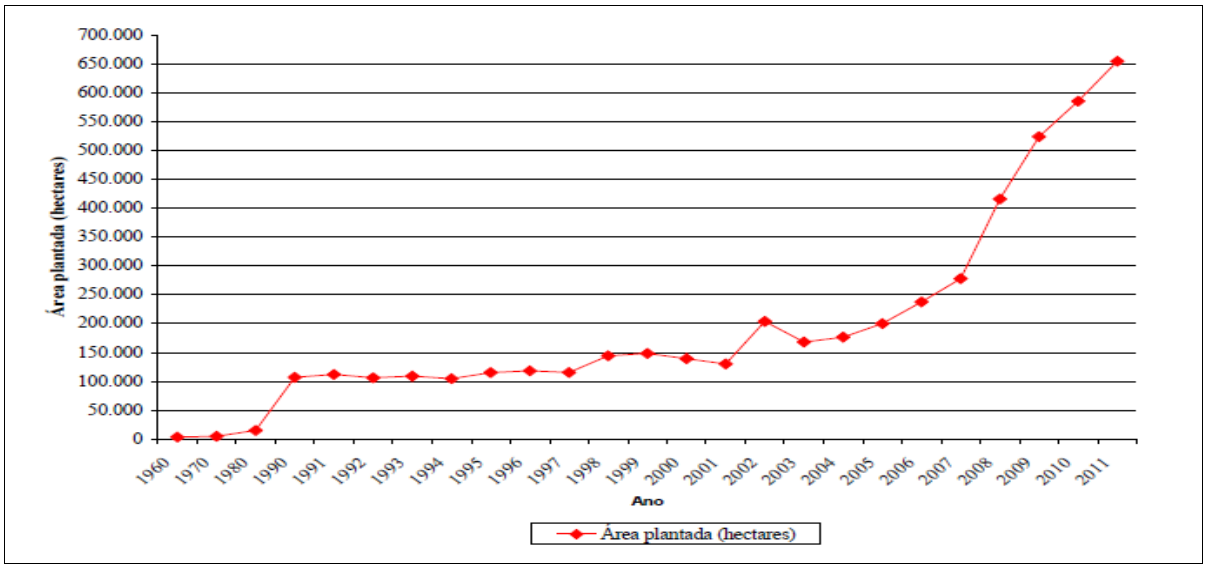


Gráfico 8: Evolução da área plantada com cana-de-açúcar no Estado de Goiás – 1960-2011
Fonte: IBGE/BUNDE, 2011

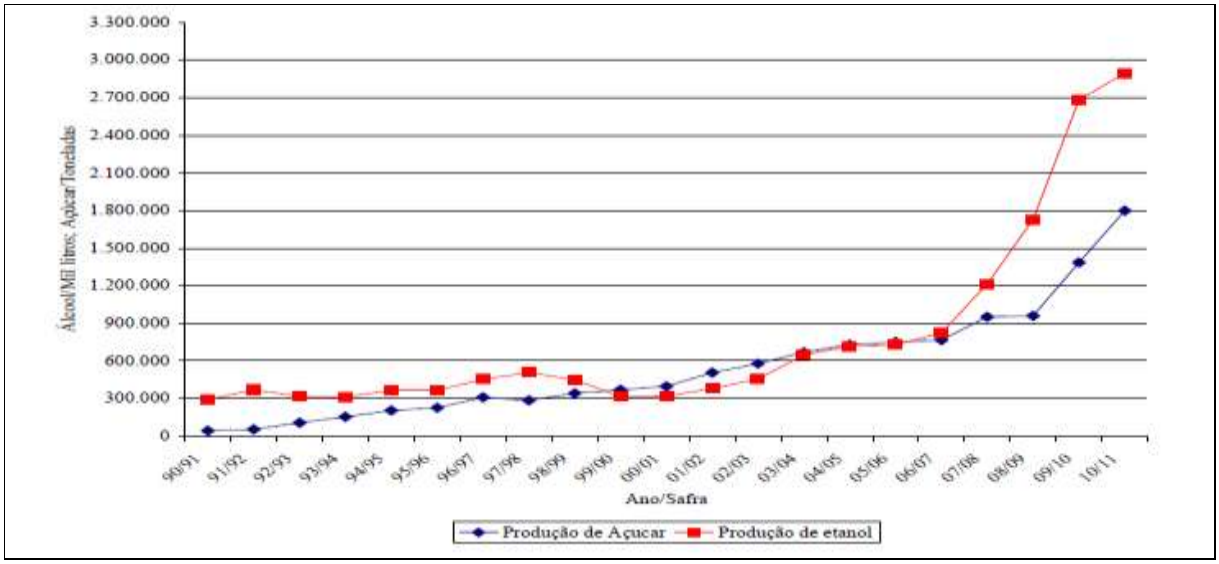


Gráfico 9: Evolução da produção de etanol e de açúcar no Estado de Goiás – Safra 1990/91-2010/11
Fonte: BUNDE, 2011

Pelos dados de Bunde, a área de plantação de cana-de-açúcar das cinco microrregiões soma 86% de toda a cana plantada no estado, sendo que a microrregião Quirinópolis representa 16%. Nota-se que, “exceto Ceres as outras são localizadas na Mesorregião Sul Goiana, ou seja, 71%, com quatro das seis microrregiões” (BUNDE, 2011, p. 128). Conforme o autor, “[...] até o ano de 2005, a plantação de cana na microrregião de Quirinópolis era praticamente inexistente”, mas, na safra 2009/2010, já apresentava mais de 30 mil hectares com a monocultura (Mapa 9). Conforme o gráfico 10, o número dessa expansão de área na microrregião, saindo de zero em 2005, passou de 80 mil hectares em 2009.

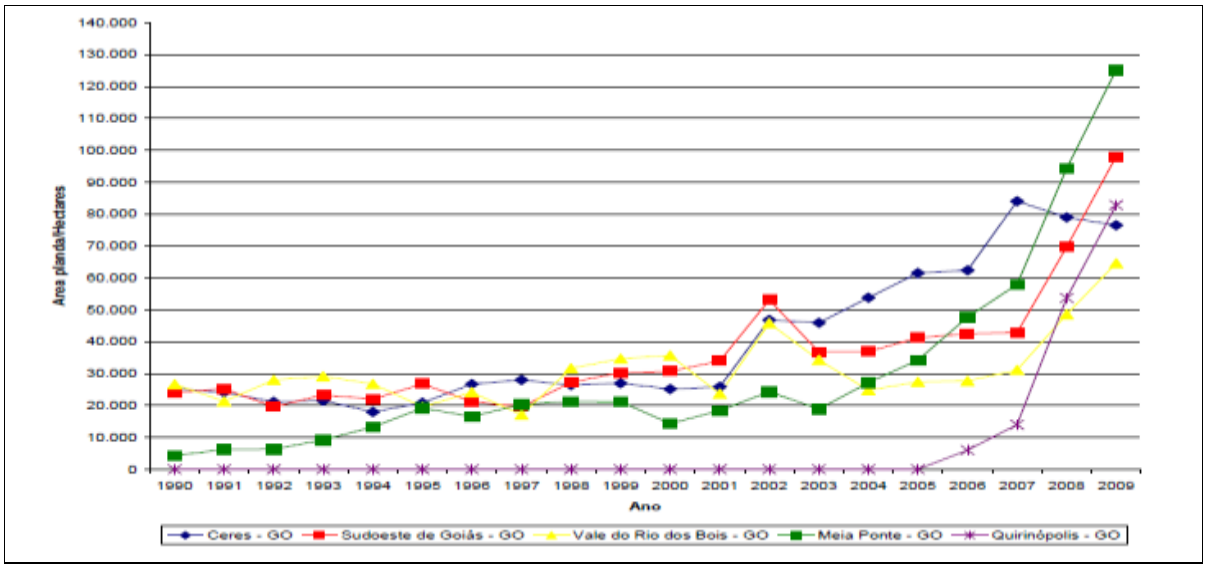
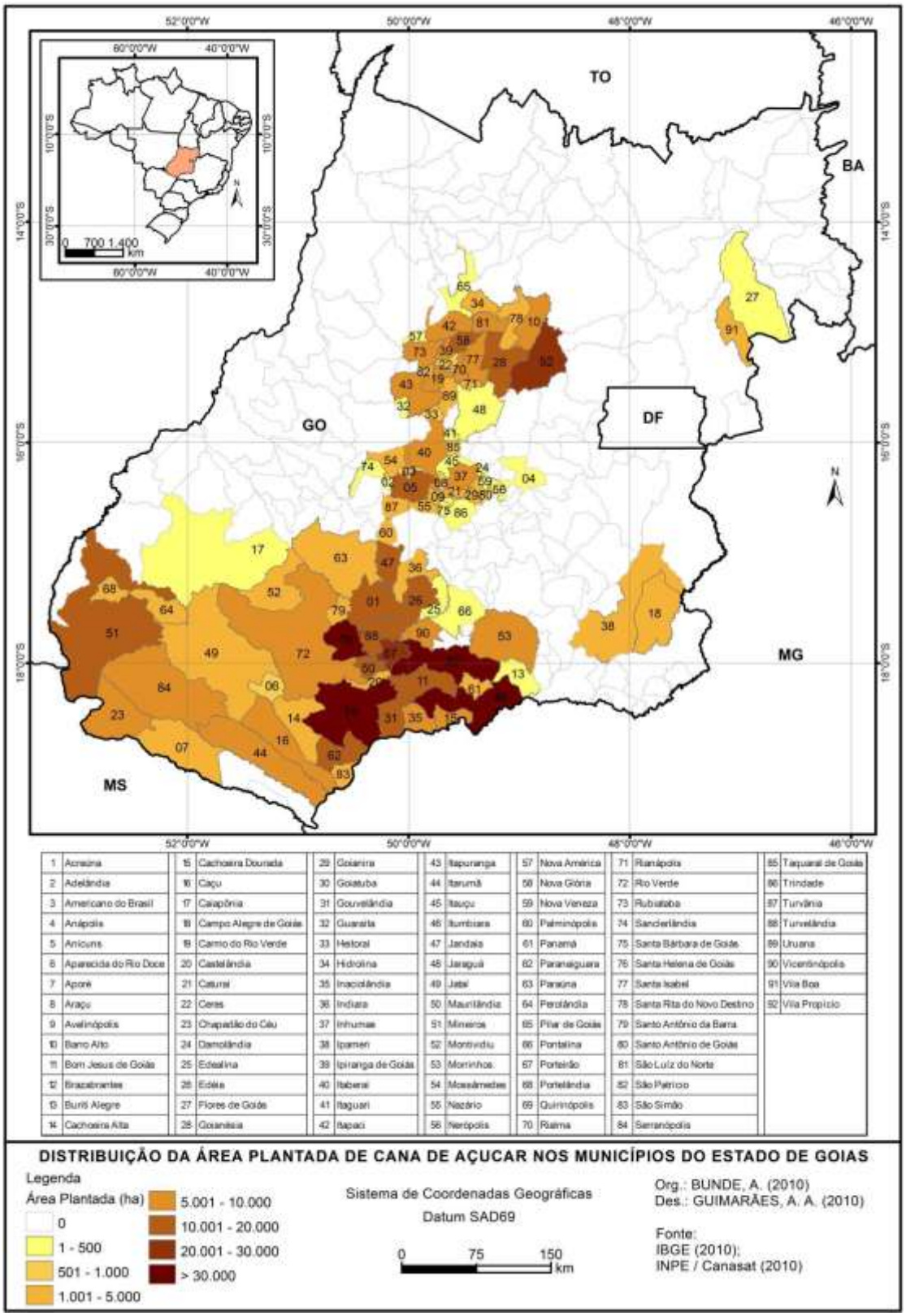


Gráfico 10: Evolução da área plantada (em hectares) com cana-de-açúcar nas Microrregiões de Quirinópolis, Meia Ponte, Sudoeste, Vale do Rio dos Bois e Ceres – 1990-2009
Fonte: IBGE/BUNDE, 2011

Nessa apropriação e territorialização do capital, dialeticamente, estão, de um lado, os donos das agroindústrias, de outro, donos das terras, dentre os quais apenas uma pequena parcela é também dos industriais. Mais uma prova do desenvolvimento desigual, visto que há várias lógicas e interesses postos no lugar.

Estamos, portanto, diante do desenvolvimento desigual, pelo qual o capital planeja o desenvolvimento produtivo num determinado lugar, mas que o desenvolvimento do lugar fica apenas nos argumentos do discurso, seja do capital, seja do Estado, seja de determinada parcela da população. Contudo, esse "desigual" tende a não aparecer, fica escondido e ausente nos discursos.

Camelini, ao apresentar a satisfação do comércio quirinopolino com om dinamismo por que passa a cidade, levanta a preocupação de que "[...] uma eventual crise do setor sucroenergético seria desastrosa para o comércio local, uma situação inimaginável, já que a visão da maioria dos moradores é de que há uma relação permanente estabelecida, uma sensação de segurança altamente questionável" (CAMELINI, 2011, p. 94). Afirma o autor (2011, p. 100), que "é possível entrever com relativa facilidade que o desenvolvimento deste município ocorre inteiramente condicionado às atividades agrícolas e agroindustriais relacionadas ao setor sucroenergético".



Mapa 9: Distribuição da área plantada de cana-de-açúcar em Goiás
Fonte: BUNDE, 2011

São preocupações que se estendem a outros setores da economia do município, na cidade e no espaço rural, quanto ao discurso de desenvolvimento. Há de fato um desenvolvimento do lugar e da região? O que significa de fato esse desenvolvimento para Pedra Lisa a médio e longo prazo? Deixarem de existir as pequenas propriedades ou deixarem de produzir leite para produzir cana-de-açúcar é de fato desenvolvimento para esses camponeses? As respostas são variadas e divergentes, conforme a lógica social e produtiva de cada um que se interesse em respondê-las. Entretanto, apenas com o acontecer prático dos sujeitos envolvido no processo é que essas inquietações poderão ser avaliadas.

Na avaliação de Camelini e Castilho, em entrevista concedida à Isabel Gardenal (2011), do Jornal da Unicamp[173], Quirinópolis está sob uma relação contraditória, em que, por um lado gera uma competitividade representada por um produto valorizado no mercado, como o etanol, mas, ao mesmo tempo, promove uma série de implicações negativas, resultantes da extrema especialização regional produtiva. De acordo com os entrevistados, o município fica "sujeito a uma condição de vulnerabilidade territorial, isto é, uma série de fragilizações econômicas, sociais e ambientais decorrentes da produção sucroenergética" (GARDENAL, 2011).

Conforme Kinn (2010, p. 42), o lugar que se desenvolve desigualmente torna-se diferente de outros lugares, imprime particularidades, podendo manter suas próprias temporalidades e lógicas sociais diferenciadas[174]. Martins (1993) contribui ao afirmar que o desenvolvimento desigual é um descompasso entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social.

Dessa forma, não podemos analisar o esse fenômeno, que impõe contradições em Pedra Lisa, apenas pelos aspectos econômicos, ou seja, há uma desigualdade de valores socioculturais e socioprodutivos, pautados nas lógicas de cada segmento instalado no lugar. A dos produtores de leite, com suas práticas sociais, e a dos industriais e seus representantes, com seus interesses claros da acumulação ampliada do capital.

No Estado de Goiás, de acordo com Silva e Peixinho (2012), nos últimos cinco anos, houve rápida expansão das grandes lavouras de cana-de-açúcar,

[173] Entrevista concedida à Gardenal para o Jornal da Unicamp de 26 de setembro a 2 de outubro de 2011, intitulado "Cana-de-açúcar invade o Cerrado"

[174] Mesmo sob o modo de produção capitalista, essas comunidades camponesas são expressões concretas da heterogeneidade do espaço. Isso denota que o lugar, ou os lugares das comunidades camponesas, mesmo nas suas diferenças e particularidades, não deixam de ser partes integrantes do espaço social e de viver na relação com o mundo as suas próprias contradições (KINN,2010, p. 42).

tornando-se o segundo estado em produção de etanol do país e terceiro produtor em áreas. A atividade agrocombustível está se expandindo, segundo Castro *et al.* (2007), não apenas no Sul Goiano, onde está inserida a Comunidade Pedra Lisa, mas também em outras mesorregiões goianas. Para Oliveira:

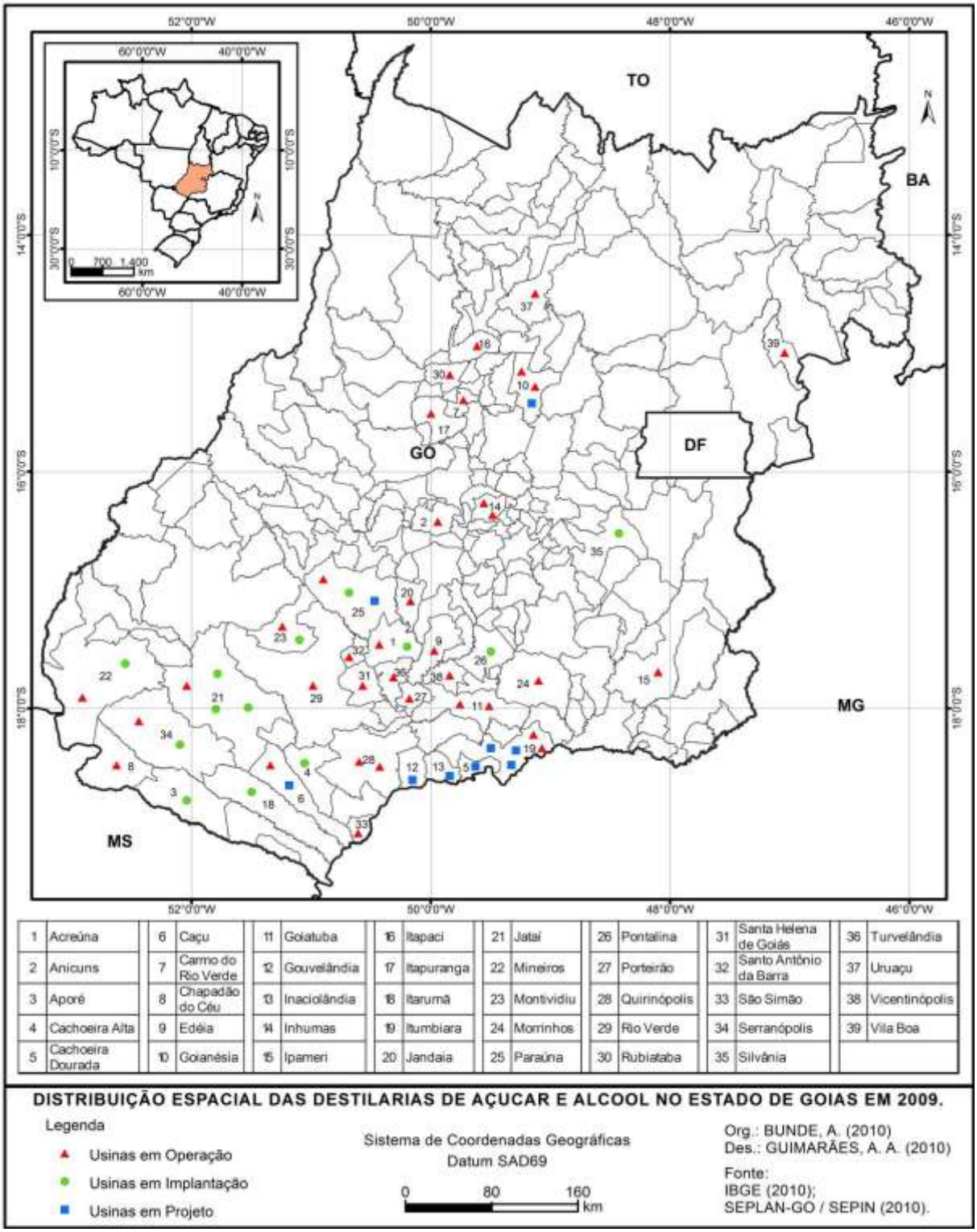
> O incremento tecnológico no âmbito das empresas do setor canavieiro, conduziu ao aumento da produtividade tanto da matéria-prima como dos sistemas de colheita, carregamento e transporte [...] das formas de gestão e controle do processo de produção ligado, diretamente, aos novos referenciais tecnológicos e ambientais, tais como a [...] mecanização do corte da cana [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 16).

Para essa autora apoiada em outra obra sua, de 2006, o capital, movido pela lógica da acumulação, "[...] destrói, cria e recria espaços numa dinâmica marcada por avanços e retrocessos, que refletem o ambiente competitivo e contraditório próprio da natureza do sistema" (OLIVEIRA, 2009, p.18).

Em 2005, eram menos de 20 agroindústrias da cana no estado de Goiás; em 2006, já eram 34 com mais quatro em fase final de licenciamento. No ano de 2007, o Estado contava com 100 agroindústrias, das quais 74 concentravam-se no Sul Goiano. Das cem, 48 estavam em operação ou em implantação e 52 em análise, em cadastro ou os dados não permitem defini-las, o que revela uma concentrada expansão em dois anos com crescimento de 100% no número de usinas, considerando-se apenas as que já estão em operação e implantação (CASTRO *et al*., 2007).

Segundo Bunde (2011), em uma pesquisa mais recente, esse número difere do apresentado por Castro *et. al*. no ano de 2007. No Estado de Goiás, em 2009, as agroindústrias da cana apresentavam um total de 58 unidades processadoras, entre as que estão em operação, em implantação e em projeto. São 36 em operação em todo o estado, no ano de 2009. Bunde discorre que a expansão da cana-de-açúcar em Goiás (MAPA 10), vem seguindo a mesma lógica de expansão de área plantada ocorrida no Centro Sul do País. "Após o ano de 2004, quando, de 176.328 hectares plantados, saltou para 655.201 hectares, na safra 2010/2011" (BUNDE, 2011, p. 121).

A espacialização da monocultura da cana-de-açúcar, por intervenção do Estado nacional e estadual e do capital, impõe uma superioridade sobre as demais formas de ocupação do território, promovendo, como consequência, alterações significativas no modo de vida e nas relações de produção dos camponeses que ali viviam há décadas.



1	Acreúna	6	Caçu	11	Goiatuba	16	Itapaci	21	Jataí	26	Pontalina	31	Santa Helena de Goiás	36	Turvelândia
2	Anicuns	7	Carmo do Rio Verde	12	Gouvelândia	17	Itapuranga	22	Mineiros	27	Porteirão	32	Santo Antônio da Barra	37	Uruaçu
3	Aporé	8	Chapadão do Céu	13	Inaciolândia	18	Itarumã	23	Montividiu	28	Quirinópolis	33	São Simão	38	Vicentinópolis
4	Cachoeira Alta	9	Edéia	14	Inhumas	19	Itumbiara	24	Morrinhos	29	Rio Verde	34	Serranópolis	39	Vila Boa
5	Cachoeira Dourada	10	Goianésia	15	Ipameri	20	Jandaia	25	Paraúna	30	Rubiataba	35	Silvânia		

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS DESTILARIAS DE AÇUCAR E ALCOOL NO ESTADO DE GOIAS EM 2009.

Legenda
- Usinas em Operação
- Usinas em Implantação
- Usinas em Projeto

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SAD69

0 80 160 km

Org.: BUNDE, A. (2010)
Des.: GUIMARÃES, A. A. (2010)

Fonte:
IBGE (2010);
SEPLAN-GO / SEPIN (2010).

Mapa 10: Distribuição espacial das agroindústrias de açúcar e álcool em Goiás
Fonte: BUNDE,2011

A agricultura moderna tem vínculo direto com a tecnologia, portanto, introduz novas técnicas e formas de produção, cria novos sujeitos e novas formas de sociabilidades. Trata-se de uma lógica dominante baseada na razão técnico-científica.

A agroindústria da cana está focada na lógica da maximização dos lucros, por intermédio da expansão da capacidade de produção, para atender à lógica maior da acumulação ampliada do capital. Essa expansão é atendida pelo modelo de produção sem intervalos, com períodos ininterruptos, tanto diários como anuais.

Para isso, é necessária, também, a expansão da área plantada com cana-de-açúcar, e é em vista disso que, oito anos após a sua instalação, os empresários continuam ainda fazendo propostas aos proprietários rurais dentro do raio de interesse da empresa. Em vista disso, é que os camponeses de Pedra Lisa, mesmo sabendo que ainda são poucos os que aderiram à atividade, continuam apreensivos quanto ao futuro da sua produção, da sua propriedade e da comunidade, visto que, gradativamente, os produtores estão migrando para a cana.

Dentro dessa mesma lógica de ampliar a área, existem estratégias planejadas, especificamente, para atingir a meta estabelecida. Uma delas é a medição de propriedades, ou parte delas, sem compromisso por parte dos proprietários em arrendá-las. Os técnicos visitam algumas propriedades, pedem permissão para fazer as medidas sem compromisso. Depois de realizado o trabalho, informam a quantidade de terras, o custo do arrendamento e o valor que o produtor de leite poderá receber, caso ele aceite arrendar. Descreve Bunde (2011) que as empresas oferecem pagamento antecipado, para sugerir uma ilusão que muitas famílias não percebem. Foi o que aconteceu com um dos camponeses produtores de leite que arrendou parte de sua terra, quase nove alqueires, restando 19,5, equivalente a 94,38 ha, para pasto e reserva:

> Arrendei, tá com um ano, vai fazê um ano em dezembro. Quase nove alqueire. Os usineiro vinha, falava que era bão e coisa, eu num tava de ideia. Depois eles vei e pediu pra midi o chão, sem compromisso. Falei, uai, seno assim pode, que não me complica, né? Ai ele midiu, falô ó, esse taião aqui dá trinta e uns quebrado por ano. Era oito alqueire e tanto. Ai eu vi que tava mais mió que cria gado, porque ai, [...] recebe o dinheiro muntuado. Ai nóis conversô aqui, expliquei pra dona Ilma ai [esposa], e ela concordô. Por hora não, eu quero ir morano no lugá aqui [não pensando em arrendar mais área], que aqui inda dá pra mexê com um gadim, criá uns trem. Eu num tô cum ideia de pô mais não (Informação verbal[175]).

[175] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Nesse sentido, Bunde alerta para os perigos da renda fácil. “Em Goiás, em alguns casos, as famílias camponesas estão sendo iludidas pelas possibilidades de obtenção de renda fácil e, muitas vezes, acabam caindo nas falsas promessas apresentadas pelas empresas” (BUNDE, 2011, p. 164).

> [...] as famílias camponesas acabaram caindo devido ao discurso da empresa para sensibilizá-las. Como as falsas promessas vêm acompanhadas de um discurso bem elaborado, as famílias só percebem a armadilha na qual caíram quando começam a receber os pagamentos do arrendamento e quando não conseguem mais desenvolver nenhuma atividade produtiva em função dos impactos causados pelo monocultivo da cana.

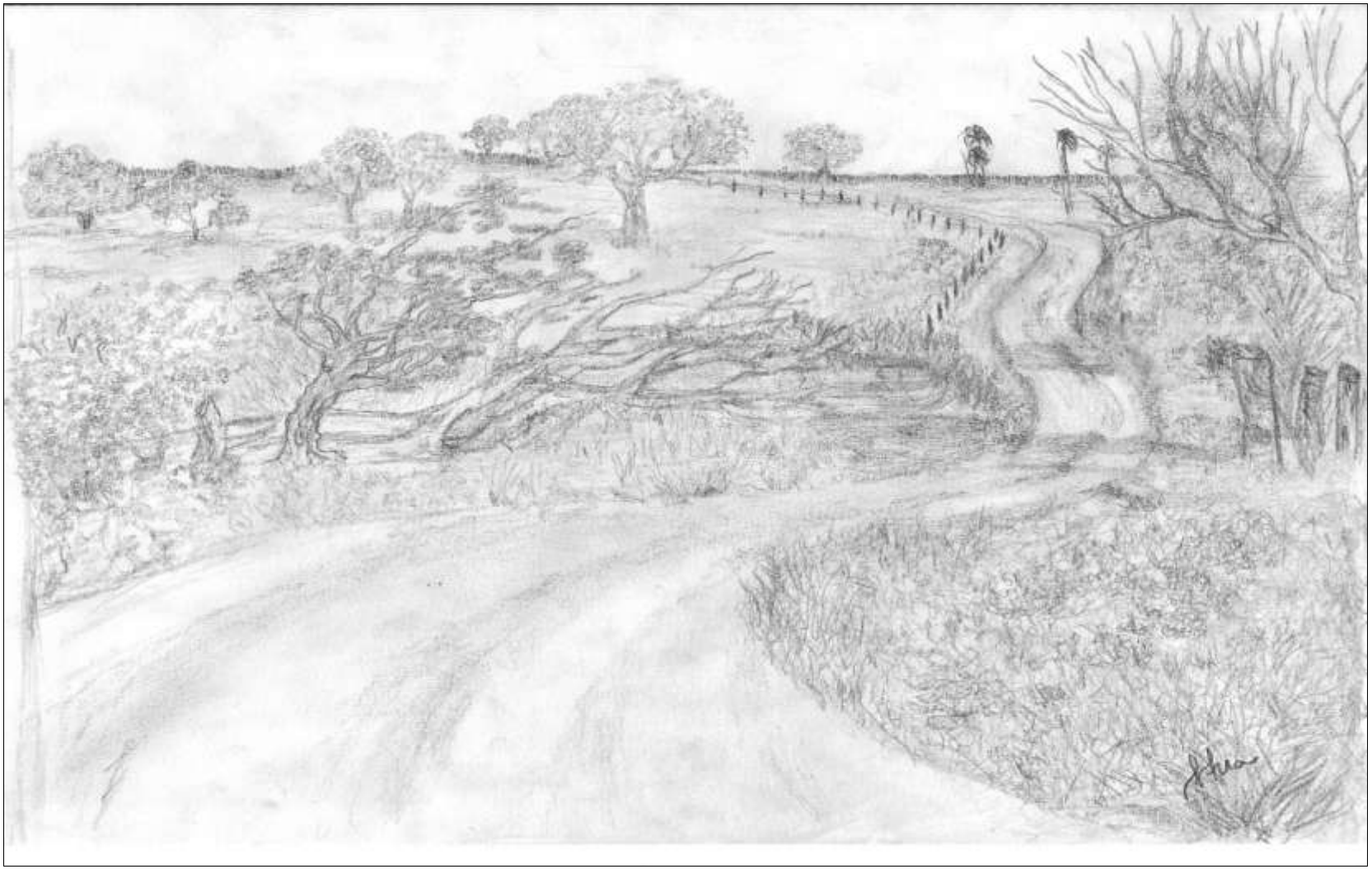
Essa visita dos técnicos da Nova Fronteira tem o único objetivo de insistir e incentivar o dono da terra ao arrendamento e, para garantir o convencimento, primeiro, mostram-se os números, deixando o produtor entusiasmado, visto que o montante do valor pago é alto, por ser de uma única vez ao ano, e nem todos os camponeses estão preparados para fazer a conta mensal. Dessa forma, eles têm conseguido transformar algumas pequenas propriedades em plantação de cana-de-açúcar.

Nas análises da pesquisa de Bunde, no Estado de Goiás, foi observada, certa frustação das famílias que, ao arrendar suas terras, acreditavam que a renda gerada proporcionasse melhoria na qualidade de vida da família. “Sem ter mais como produzir nem mesmo os alimentos para o seu próprio consumo e como a renda obtida com o arrendamento de suas terras é baixa, em vez de melhorar, sua qualidade de vida acabou piorando” (BUNDE, 2011, p. 166).

No entanto, assim como nessa comunidade, em sua pesquisa, Bunde (2011) encontrou famílias camponesas que se dizem satisfeitas com o arrendamento da terra para as agroindústrias da cana, ao mesmo tempo em que existem aquelas famílias que, mesmo com dificuldades, não se convenceram de que deveriam aderir ao arrendamento.

Em Pedra Lisa, ainda não há relato de camponeses insatisfeitos de terem arrendado a terra, pelo fato de estar ainda no primeiro ciclo, sendo prematura uma avaliação concreta sobre o assunto. Isso revela que, na avaliação da expansão canavieira, no município, as diferentes formas de agir e de reagir se evidenciam à medida que cada família estabelece suas formas de se relacionar com as mudanças no processo produtivo e, também, nas transformações do próprio território.

Contudo, falar da reação dos sujeitos envolvidos com o território sob lógicas diversas, num mesmo lugar, indica-nos a necessidade de analisar os comportamentos de cada camponês. É importante compreender, também, que, em Pedra Lisa, o fenômeno da desterritorialização não é relevante, uma vez que permanecem no lugar. É mais visível rompimentos com vínculos territoriais, ou seja, no território camponês, e as pequenas propriedades continuam, mesmo aquelas em que os proprietários foram embora. Na condição de arrendadas ou com novos donos, as territorialidades camponesas permanecem.



Desenho da fotografia 39, página 211. Autoria: Maria Aparecida de Souza

CAPÍTULO 4

4. PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E DE RESSIGNIFICAÇÕES DAS PRÁTICAS SOCIAIS CAMPONESAS DE PEDRA LISA

> ... Cada lugar ou região selecionados apresentam especificidades, particularidades e tradições produtivas de uso dos recursos físicos e humanos do Cerrado, que, praticamente, encontra-se refugiado a pequenos espaços e escalas (Jean Carlos V. Santos, 2009, p 7).

4.1. Territorializações e ressignificações de uma campesinidade

O espaço onde estão inseridos os camponeses de Pedra Lisa, carregado de formas culturais, está em acelerada transformação. Daí, a necessidade de lançar mão do conceito território, visto que esse espaço encontra-se em disputa pelos seus habitantes *versus* empresas modernas, que chegam, em especial, às agroindústrias da cana. No entanto o capital não consegue excluir esses camponeses, nem mesmo desfazer os vínculos desses sujeitos com seus territórios.

Para entendermos as mutações do espaço e de como se efetivam nos sujeitos locais, partimos do pressuposto de que é necessário identificar o território como espaço da ação, implicando reconhecer a atuação de diversos sujeitos, sobretudo, as empresas, o Estado e os agentes alóctones e autóctones de determinado lugar. Compreendendo os sujeitos, esperamos, de fato, decifrar os acontecimentos e desdobramentos dessas ações, que, além de contraditórias, são também relacionais, no sentido da coexistência e das redefinições. Por isso, as territorialidades camponesas e os vínculos dos seus modos de vida, com o lugar e com o território são as discussões centrais desta tese.

Diante disso, como bem salienta Cruz (2008, p. 592), esta pesquisa aponta para “um sujeito que produz e reproduz a vida no território, independente de rotulações teóricas que possam designá-lo”. Estão presentes, no processo, as contradições que se aprofundam, se modificam e que se solucionam, a partir de sua cultura materializada no território.

Em Pedra Lisa, percebemos que há os camponeses que avaliam positivamente a implantação do arrendamento e há os que veem muito mais

problemas do que vantagens, reagindo contra a proximidade dessa atividade com suas propriedades.

Também entendemos serem complexas e diferentes as lógicas pelas quais o capital se articula com o lugar. Os frigoríficos e os laticínios, com os quais os camponeses mantêm vínculos comerciais, estão presentes na comunidade. Quanto ao setor agrocombustível, os camponeses de Pedra Lisa muito pouco se relacionam com a atividade canavieira. Entretanto é esse setor que, atualmente, tem promovido mudanças nos comportamentos, expressadas, sobretudo, nas práticas sociais desses sujeitos.

Neste capítulo, abordamos as territorializações e as ressignificações em Pedra Lisa. Consideramos que o território camponês foi abalado pela presença e ação do setor agrocombustível, por isso, as estruturas se revelam dinâmicas. As estruturas de produção ainda familiares e das instituições camponesas, como a família, a igreja, a propriedade da terra, a festa, continuam, ainda que metamorfoseadas.

Os vínculos territoriais, instituídos em temporalidades sociais distintas são constantemente reinventados e ressignificados. Como expressa uma camponesa, a respeito da terra e da família: “a terra pra mim é tudo. Num vendo meu pedacinho de terra por nada desse mundo. [...] meu pai dexô pra mim, aí eu num posso vendê meu chãozim não, meu chãozim é tudo pra mim”[176].

> Pra mim, família é tudo. Tem que sê muito unido um com o outro, né? Se num tivé a família, como é que a gente vai fazê, né? [...] eu sempre falo pros meus filhos, a gente nunca se desapara, larga a família prum lado, tem que tê a família junto [...]. Papai e mamãe, antes deles morrê, eles falava: [...] tem que sê sempre unido, nunca fica brigano cos irmãos, [...] tem que caçá a paz (Informação verbal[177]).

Os vínculos territoriais, de acordo com Heidrich (2012, p. 31), “são resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida”. Desse modo, as práticas sociais relacionadas com o passado, mas reinventadas no cotidiano dos camponeses de Pedra Lisa, potencializam a produção leiteira e propiciam alternativas para os meios de locomoção e transportes do leite.

Para os que ficam em Pedra Lisa, e não são poucos, há sempre um pensamento predominante: “a gente sente assim, porque foi nascido e criado, parece que tem um amor na região, na propriedadinha da gente. Eu me sinto bem. Muita gente sai pra fora,

---

[176] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[177] Idem.

parece que a gente num acha uns lugá igual é o da gente, então, eu sinto muito bem"[178].

As ações podem também ser representadas por relações com as externalidades, aponta Heidrich, por intermédio de âmbitos da integração socioespacial, e essa podemos exemplificar com as formas de reutilização, por parte dos camponeses, das estradas apropriadas pelo capital, em Pedra Lisa. A fotografia 39 revela bem essa questão, apresentando a captura da estrada principal da Pedra Lisa, agora, com uma nova funcionalidade.



Fotografia 39: Apropriação, por parte do setor agrocombustível, da estrada de entrada à Pedra Lisa. Essa represa foi ampliada pelo fato de que a empresa precisou elevar a altura e a largura da estrada para se adequar aos maquinários pesados que por ali trafegassem.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor.

Saquet corrobora ao afirmar que "as estradas estão no seio da formação e gestão do território, da sua des-organização e controle pelos agentes do capital, pelo Estado [...]". Desse modo, sempre vai haver, de acordo com o autor, "maior complexidade das territorialidades e temporalidades", materializadas pelo uso das estradas, formando redes de ligações "(i)materiais, mediando a distribuição e o consumo e, por conseguinte, a produção, a mobilidade da força de trabalho e a comunicação das informações [...]" (SAQUET, 2011, p. 84).

A estrada no espaço rural é um elemento fundamental para a organização do espaço, do trabalho, da sociabilização e da vida. As ressignificações, em Pedra Lisa, alcançam as estradas, que passam a ter outras funções, estabelecidas pelo setor

[178] Idem.

agrocombustível, ao mesmo tempo em que criam desencontros no processo de atender às necessidades dos produtores de leite. Agora, a estrada é também trafegada pelos grandes caminhões dos usineiros (Fotografia 40)



Fotografia 40: Utilização da estrada principal da Comunidade Pedra Lisa pela agroindústria Nova Fronteira. Via estratégica para passagem dos maquinários da atividade com a lavoura canavieira.

Para Faria e Santos (2008), no lugar onde pesquisaram, o encontro com o outro ou com práticas sociais de fora gerou trocas e misturas simbólicas, que resultaram em tensões múltiplas e pertencimentos, comprometendo a permanência dos vínculos sociais do grupo com o território. No caso de Pedra Lisa, essas tensões não são suficientes para que o grupo perca os seus vínculos territoriais, ao contrário, promovem ressignificações das pertenças e reinvenções das práticas sociais, fortalecendo o território camponês.

> Referente a fulia de reis, ela vem de tradição, desde a gente criança. Sempre teve, num dá pra fala de Pedra Lisa sem fala de fulia de reis. Então, sempre tinha, o Tii Cabra (Tio Cabra) com seus [...] toda a tradição trazida lá de minas [Minas Gerais]. [...] eu guardo dentro do meu coração, e nesse sentido é que a fulia de reis tá no meu sangue [...]. O mês de dezembro se comemora o nascimento do Menino Jesus, e já a fulia de reis [...] Bechior, Gaspar e Baltazar, que é os santos reis [...] e o trabaio deles é a visita do Menino Jesus. Então pra mi, isso é uma emoção [...] (Informação verbal[179]).

Não dá para falar em Pedra Lisa sem falar das festas profanas e sagradas, como a Folia de Reis, comentada pelo entrevistado, e pelos pagodes[180]; sem falar

[179] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[180] Os tradicionais bailes rurais são chamados de pagodes pelas famílias do espaço rural do Município de Quirinópolis.

das rezas; dos jogos de futebol; dos compromissos assumidos entre vizinhos e parentes. São práticas extremamente ligadas ao território camponês e que vitalizam o lugar escolhido por eles para valorizar e preservar a vida.

Também Martins e Cleps Junior (2012), pesquisando camponeses veredeiros, encontraram um território simbólico e funcional como base de “representação das identidades” e como “concretização de um modo de vida”. Na visão dos autores, são “acumulações de experiências espaços temporais construídas a partir da relação entre homens e sua reprodução junto à natureza” (MARTINS e CLEPS JUNIOR, 2012, p. 135).

Por outro lado, assim como na investigação desses autores, em nossa pesquisa, também podemos afirmar que o território, como argumentam Faria e Santos (2008, p. 26), “teria a função de sustentação das práticas humanas, pois demonstram enraizamentos”. Mendonça e Thomaz Júnior (2011) escrevem que a relação entre os camponeses e a territorialidade é construída na defesa dos territórios de vida.

O conceito de ressignificação parte da ideia de atribuição de novos significados aos processos sociais, por intermédio de mudanças de compreensão da sociedade. Quando o significado de uma determinada prática se modifica, há uma tendência de que as respostas e comportamentos das pessoas também se modifiquem.

Essa mudança ocorre mediante do aparecimento de novas funções, que, em grande parte, contribuem para que os camponeses de Pedra Lisa estabeleçam adaptações às formas de outros tempos, para, assim, proceder no sentido da criação de novos projetos, ressignificando, também, as funções da propriedade familiar, das técnicas, das sociabilidades. A ressignificação passa, consequentemente, pelas estruturas culturais das famílias e do território ou dos territórios.

Para Silva (2008, p. 75), a “ressignificação consiste na capacidade do ser humano de, a partir da reflexão acerca de um acontecimento outrora vivenciado, atribuir-lhe significados, ora distintos da significação realizada na época, ora reafirmando-os”. Portanto, a ressignificação é circunstancial.

O sujeito utiliza os aprendizados repassados socialmente, de uma forma diferente, nova, “adaptada à situação com a qual se depara e que, por alguma razão, requisitou aquele aprendizado adquirido no passado”. A autora acrescenta

ainda que, além disso, “a ressignificação é um processo que permite ao indivíduo atribuir novos sentidos a uma experiência passada, trazendo consequências para a forma como se situa diante da sua história” (SILVA, 2008, p. 78).

O Cerrado, patrimônio vital, como palco das ressignificações e reconstruções do lugar, conforme Chaveiro e Castilho (2010) evidencia, em Pedra Lisa, ocorrência das reinvenções, visto que as metamorfoses das práticas sociais e do cotidiano das famílias fazem emergir, como consequência, mudanças no espaço vivido pesquisado. Ainda é fundamental compreender esse lugar, inserido no Cerrado, como patrimônio da vida, visto que as famílias que ali vivem, ou as que viveram, estabeleceram seus valores humanos, construíram seus símbolos, lapidaram seus sonhos e registraram suas marcas.

A festa de Santos Reis também foi ressignificada, no que se refere ao giro pela comunidade e à chegada, em janeiro. A utilização de Komb’s para o transporte dos foliões garante agilidade no percurso, para atender ao maior número de residências visitadas pelos foliões da bandeira. No dia da chegada, utilizam-se aparelhos eletrônicos com microfones, assim como tendas para acomodar as pessoas[181]. Como conquista da comunidade, o festeiro e os demais organizadores conseguem, na Prefeitura, que o poder público disponibilize os veículos e as tendas, assim como a contratação da aparelhagem de som.

A utilização do som eletrônico também é importante, visto que de três a cinco mil pessoas, dependendo do tempo meteorológico, sempre acompanham essa festa. A cerveja, que antes era gratuita, agora, é vendida[182] pelo proprietário da venda, como forma de formar fundos e ampliar a contribuição para a manutenção da estrutura montada em sua propriedade, que recebe quase todos os tipos de festa coletiva da comunidade. Isso denota que, para algumas atividades de lazer, a participação é livre e gratuita (como ludicidade), mas, para outras, há um preço a ser pago, em dinheiro ou em trabalho (como nas festas). Nesse caso, são valores que são arrecadados e que são pagos para manter as estruturas comunitárias do lazer[183].

Kinn (2010, p. 111), numa situação semelhante em sua área de pesquisa, compreende que um restaurante, em uma área turística, pode não cobrar a entrada

[181] Esse é um período de chuvas na região.
[182] A exceção do refrigerante.
[183] Extraído da arguição do professor Dr. Jean Carlos Vieira Santos na banca de qualificação em setembro de 2012.

no local, mas possui um “desejo de reproduzir a lógica da propriedade privada enquanto espaço para obtenção de renda/lucro”, pela venda de produtos em seu estabelecimento. Nesse sentido, prossegue a autora, “há como uma conotação diferenciada da propriedade camponesa”. Isso demonstra que, em Pedra Lisa, em uma festa coletiva, a dos Santos Reis, tem-se, dentro dela, a prática da comercialização privada de parte daquilo que está sendo consumido.

Quanto às criações domésticas, os camponeses precisaram de novos métodos e práticas para mantê-las em seus terreiros. A criação de caprinos e suínos soltos, por exemplo, não é mais possível assim como, o cuidado com o “gado pulador de cerca” deve ser dobrado. Para levar o gado de uma área de pastagem para outra, também é complicado, pois, caso eles entrem nos canaviais, além de prejudicar a lavoura, torna-se muito difícil encontrá-los.

A presença da grande lavoura de cana, além de ressignificar a produção, impõe outros custos aos camponeses. A cerca precisou de mais fios de arame, os cabritos e ovelhas precisam ser mais bem monitorados, os pastos próximos às estradas, no período da seca, ficam empoeirados não sendo consumidos pelo gado.

4.2. As várias dimensões do território de Pedra Lisa

Metodologicamente, a proposta de debater as ideias sobre território, no contexto das transformações ocorridas no Cerrado, a partir do processo de “modernização e tecnificação da agricultura”, remete-nos à perspectiva de discutir como a expansão do agronegócio transforma, assim como o lugar, também o território ocupado pelos camponeses. Também, interessou-nos saber como os processos de territorialização, definidos por Raffestin (1993), assim como as vertentes do território – jurídico-política, econômica e cultural(ista) – apresentadas por Haesbaert (1997), podem manifestar-se no lugar recém reocupado pela produção dos agrocombustíveis.

Analisando as representações do espaço percebido, concebido e vivido, procuramos analisar as múltiplas dimensões do espaço, que se transforma em territórios, por meio das práticas sociais estabelecidas no cotidiano dos camponeses. Por isso, entendemos que a categoria de análise geográfica território,

apropriando-se do conceito proposto por Haesbaert (1997), do território cultural(ista), incorpora a dimensão simbólica e identitária dos grupos que o constituem.

Essa dimensão do território assemelha-se ao que escreve Duarte (2008) sobre o estreito relacionamento entre as categorias território e lugar, analisando-os como espaço de identidades, por meio de "diferentes leituras, que partem de dinâmicas territoriais em múltiplas estâncias: econômicas, políticas e culturais" (DUARTE, 2008, p. 186-187).

Desse modo, tanto o lugar quanto o território são caracterizados pelas práticas socioculturais, pelos processos materiais e imateriais. Contudo são também espaços de conflitos, de desencontros, promovidos pelas relações de poder, mas essas relações oferecem possibilidades de desconstruções e reconstruções contínuas, que, certamente, vão materializando-se em processos e relações que intervêm nos vínculos territoriais.

Essas desconstruções e reconstruções são sentidas na área pesquisada pelos próprios sujeitos da pesquisa, que as identificam quando falam das mudanças, destacando as que são sentidas nas identidades socioculturais, como a dança de catira, as montarias e a corrida de cavalo, assim como o time de futebol.

Como escrevem Martins e Cleps Junior (2012), "o território é indissociavelmente material e imaterial. Mas é na apropriação do material que o imaterial é forjado". Dessa forma, a relação desse conceito com os de modos de vida contribuiu para a compreensão das territorialidades em Pedra Lisa e como as mutações vão ocorrendo.

No lugar Pedra Lisa, as dimensões simbólicas e culturais transformam-se no território, a partir de uma identidade própria criada pelos seus habitantes que o apropriam, não necessariamente como propriedade, mas como ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais. Uma das representações culturais mais importantes em Pedra Lisa é a Folia de Santos Reis. Para eles, "o significado da festa de Santos Reis é uma coisa que a gente, é de coisa antiga, né? Que a gente, que vem dos avô da gente. Então, a gente acha uma felicidade, assim boa que a gente, já é de família, né?".[184]

Esse mesmo camponês, como outros, por mais que procure ter boas perspectivas quanto ao futuro das festas em Pedra Lisa, também não pode deixar de

[184] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

pensar na possibilidade de a cana-de-açúcar assumir toda a atividade no lugar. “Enquanto a cana tá só dos dois lados, a gente ainda tá guentano, mas se, a hora que fechá os quatro lado, ai num vai sê fácil a gente morá aqui mais, porque no mei da cana num é muito fácil não”.

Embora Haesbaert afirme que “toda identidade só se torna ativamente presente na consciência e na cultura de sujeitos e de um povo quando eles se veem ameaçados a perdê-la” (HAESBAERT, 1988, p. 78), em Pedra Lisa, mesmo observando que, sob a ameaça da expansão da cana na área dessa comunidade, os moradores revelam ainda mais o sentimento de pertencimento, valorizando a identidade cultural e produtiva do lugar.

Em Pedra Lisa, compreende-se que as práticas socioculturais decorrem de ajustes e ressignificações em que os elementos do passado e do presente se apresentam como possibilidades sociais de existência camponesas. Esses ajustes indicam uma das estratégias para a garantia da permanência na atividade leiteira e para o cumprimento das obrigações financeiras com fornecedores de insumos para a produção. São estratégias que asseguram as atividades ressignificadas e aparecem como uma construção socioprodutiva que se especifica no lugar.

Uma das famílias, por exemplo, no início da pesquisa, tinha apenas uma moto com carreta para o transporte do leite, ao final, em 2012, já a havia vendido e comprado um veículo Fiat Uno e, agora, faz o mesmo trabalho e ainda outras atividades que com a moto não era possível. Esse tipo de veículo, para os camponeses, transportam: “[...] ração, é sal, faz a fera, trais nele. O que precisa de trazê, trais. O que cubé ai dentro vem. Passeia [...]”[185].

Para os camponeses, a vida nem sempre se constrói do que se acumula materialmente para ser usado no futuro. Viver, para eles, tem o significado de apreciar cada momento. Isso está retratado na fala de um camponês:

> Eu tô feliz de morá na fazenda[186]. Eu acho que é um descanso, muitas veis é o homi tê o momento de consegui tê alguma coisa na vida. [...] porque, muitas veis a gente dexa de ganhá numa parte, mas ganha em outra, que é no lazer, no sossego, na tranquilidade, no sono a noite. Então, eu acredito que eu tô teno muito lucro em morá aqui (Informação verbal[187]).

[185] Idem.
[186] Entende-se “morar no sítio”.
[187] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

É como se canta em “Tocando em Frente”, de Almir Satter e Renato Teixeira: “Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha, ir tocando em frente, como um velho boiadeiro levando a boiada eu vou tocando os dias, pela longa estrada eu vou [...]”. Assim, para esses sujeitos, o que é vital para reprodução da vida tem valor imensurável, algo que parte da sociedade é incapaz de compreender, exatamente porque isso não gera a reprodução do capital.

Kinn (2010) entende que essas famílias, em seu cotidiano, obedecem a um projeto de vida. A ideia apresentada é de que:

> [...] a administração do tempo é uma questão importante no projeto de vida dos camponeses, a administração da força do trabalho empregada, da mão de obra familiar disponível é também organizada na perspectiva de atender a todos os compromissos assumidos pela família (KINN, 2010, p. 99).

Às vezes, algumas estratégias de reprodução dos camponeses são necessárias para a garantia da existência desse projeto de vida. Por exemplo, ao mesmo tempo em que necessitam cuidar do gado para a produção e venda de leite, apenas com a mão de obra familiar, também ocorre de precisarem assalariar-se como diarista para complementar a renda. Sobretudo no período de seca, quando boa parte da renda é revertida na produção.

Mendonça e Thomaz Júnior (2011, p. 37), em suas pesquisas, também encontraram essa situação: “é comum na área de pesquisa alguns parentes (membros da família) trabalharem em atividades não agrícolas – pedreiros e ajudantes da construção civil, operários, [...] para a aquisição de produtos essenciais na manutenção das atividades na terra”.

Mas também ocorre o inverso. Famílias que já não têm força de trabalho suficiente, como é o caso de casais de idade avançada, terem que contratar mão de obra para a continuidade da atividade leiteira.

> Cada um tem, seu pedaço é piqueno, né? Num tem como pô empregado, é a gente mesmo que tira [leite]. Só o leite num dá, a dispesa é muita, que tem o remédio. Mais na seca, nas água até dá, mas no tempo da seca, cê tem que comprá ração. O leite vai só pra pagá ração. Porque cê não pode dexá, que sinão o gado morre, né? (Informação verbal[188]).

[188] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Santos (2008b, p. 153) avança na discussão, assinalando as contradições de um camponês que entra no mercado de trabalho, sem, contudo, incorporar todos os valores e lógicas capitalistas:

> Mais do que transformações da sua condição social de produção, há, nas transformações, conquistas e perdas que se desenvolvem na perspectiva da geração de situações contraditórias. Isso significa que transformar-se em empresário não significa tornar-se partidário de uma razão puramente capitalista, mas trata-se de assumir significações culturais conduzidas por novas racionalidades. [...] as novas condições e produção “abrem as portas” para um modo de vida onde as condições de produção estão-lhe permitindo conquistas, sobretudo econômicas [...].

Kinn (2010) entende que o projeto de vida da família camponesa não é ter tempo exclusivamente para a produção de mercado, embora ela também aja na perspectiva da realização de ganhos que remunerem os investimentos, mas também porque possibilita o consumo dos produtos industrializados. Por projeto de vida, a autora entende ser esse uma manifestação de possibilidades, ou um projeto de campesinidade. Para Woortmann (1990), a integração da produção camponesa no mercado não significa, necessariamente, uma redução da campesinidade.

Foi possível perceber, na pesquisa de inserção ao campo, estando presente nas festas, nas rezas e convivendo com algumas famílias em seu cotidiano, que o mais importante é obter, no trabalho, a possibilidade de honrar com os compromissos assumidos, sejam eles financeiros; de segurança alimentar; do sagrado; ético; e da reprodução da existência do sujeito e da família. Tendo garantido a ética em todas as suas atividades, pode festejar com a consciência tranquila, seja ela festa sagrada ou profana.

Com relação à alimentação, em todas as refeições servidas coletivamente nas rezas e, sobretudo, nas festas, o que se observou foi fartura, não apenas em quantidade, como também em variedades e, principalmente, a representação da refeição nos encontros das famílias que se reúnem para rezar, mas que o costume os faz oferecer a alegria e a boa recepção, representada no alimento posto à mesa.

> [...] eu acho que isso também é duma cultura que a gente tem aqui, de toda veis que vai na casa, a gente qué oferecê ao meno um cafezinho. [...] a gente dexa bem claro pras pessoas que vai entrá na comunidade que isso [...], se a gente fô e tivé uma água, pra nóis é a mesma coisa de tê tido um lanche. A gente tá ino ali pra rezá [...]. então acho que é da cultura da gente querê tá agradando uma pessoa que naquele momento ali, é uma casa de oração, mais também é uma visita [...] (Informação verbal[189]).

[189] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Candido (1979), ao estudar as sociedades inseridas na Mata Atlântica, considera que, culturalmente, elas desenvolveram tradições e costumes a partir das necessidades e recursos disponíveis nesse ambiente. O autor argumenta que as sociedades se caracterizam, antes de tudo, pela natureza das necessidades de seus grupos e os recursos de que dispõem para satisfazê-la.

Desse modo, no lugar Pedra Lisa, os recursos disponíveis são usados pelos camponeses. Para a festa de Reis, por exemplo, há doações de novilhas, porcos, galinhas, todos criados na propriedade. Os que recebem a bandeira acreditam que, contribuindo com a festa, os Santos Reis agradecem e protegem essa família. “É fé, né? É fé nos Santos Reis. O sujeito que tem fé nos Santos Reis aqui, recebe ela [a bandeira] e faiz a doação, né? Eu acho que ai mais é fé mesmo, e a tradição, que toda vida tem, né? Já vem dos avô [...][190]. Algumas raras doações são em dinheiro para se comprar o que não é possível produzir no lugar, o arroz, macarrão e os temperos são os mais comuns.

Os recursos naturais e sociais constituem-se na garantida da manutenção dos meios de vida desse grupo social. Com base na espacialização de suas representações e construções históricas, chega-se à compreensão do território. Essa categoria de análise e os vínculos desta com as práticas sociais camponesas são fundamentais para compreender essa comunidade.

4.3. A dimensão dos vínculos territoriais de Pedra Lisa na existência camponesa

Entender o território como espaço da ação implica reconhecer a ação de diversos sujeitos presentes em um determinado espaço. Assim, compreender os desdobramentos dessas reações possibilita-nos analisá-los a partir das suas relações, no sentido da coexistência e das redefinições.

Para Raffestin, é importante apreender bem os conceitos. Ele considera que o espaço vem antes do território, ou seja, o segundo se forma a partir do primeiro. É, portando, “resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que

[190] Idem.

realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator 'territorializa' o espaço" (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

A palavra território, de acordo com Haesbaert (1997), deriva do latim "*territoirum*", que é derivado de terra (pedaço de terra apropriada) que Lobato Corrêa (1996) define como pertencimento (a terra pertence a alguém), não necessariamente como propriedade, mas com caráter de apropriação. Ou ainda, conforme define Andrade (1996), a consciência de sua participação e sentimento de territorialidade. Mas os conceitos de território e territorialidade não são sinônimos.

Para autores, como Raffestin (1993) e Fernandes (2005), o território é constituído por meio das relações de poder postas sobre o espaço. Fernandes (2005, p.4) discute o território como espaço apropriado por uma "determinada relação social que o produz e o mantém por intermédio de uma forma de poder", sendo, portanto, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. É um espaço de conflitualidades. São, no pensamento do autor, essas relações sociais que transformam o espaço em território, sendo "o espaço um *a priori* e o território um *a posteriori"* (FERNANDES, 2005).

Esse teórico enfatiza que é preciso esclarecer que o "espaço social está contido no espaço geográfico, criado originalmente pela natureza e transformado continuamente pelas relações sociais, que produzem diversos outros tipos de espaços materiais e imateriais", assim como os aspectos econômicos, políticos, culturais e os ciberespaços (FERNANDES, 2005, p.3). Dessa forma, segundo o autor, a partir dessas relações, que envolvem o poder, produz-se um espaço geográfico e/ou social específico, o território, propriamente dito.

É no espaço e no território que as relações sociais se realizam, produzindo espaços e territórios contraditórios, solidários e também conflitivos, ou seja, são essas relações marcadas pela contradição, que ajudam a entender o território em sua multidimensionalidade. Afirma o autor que tanto sua existência como a sua destruição serão determinadas "pelas relações sociais que dão movimento ao espaço" (FERNANDES, 2005). Para Saquet:

> Pesquisadores geógrafos, "[...] a partir do espaço como conceito e categoria de análise, às vezes, conjugado com o território, constroem elaborações teórico-metodológicas que marcam a Geografia brasileira e continuam influenciando muitos geógrafos que trabalham com diferentes especificidade desta ciência, reconhecendo relações espaço-temporais e sociais-naturais de maneira renovada, reflexiva, crítica e propositiva. [...] a partir da perspectiva elaborada por Claude Raffestin, argumenta em favor da

> multidimensionalidade do poder para desmascarar e explicar os conflitos que acontecem em todos os níveis relacionais da vida em sociedade". (SAQUET, 2011, p. 35).

Ao analisar o território, enquanto esses e outros pensadores evidenciam mais as relações de poder, Haesbaert o compreende a partir não só do domínio e controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação incorporando a dimensão simbólica e identitária dos grupos que o constituem (HAESBAERT, 1997), ressaltando o fator humano da identidade social. Em seu livro "Territórios alternativos", o autor descreve sobre essa utilização da dimensão simbólica do território, como fruto de uma apropriação simbólica, a partir de identidades territoriais que os grupos sociais ali estabelecidos desenvolvem no espaço vivido (HAESBAERT, 2006, p. 120).

Embora entendamos que as relações de poder, observadas mais pela dimensão política e econômica do território, como enfatizam Raffestin e Fernandes, estejam presentes em Pedra Lisa, neste estudo demos mais ênfase à dimensão da identidade territorial que, a partir do método fenomenológico, se manifesta de forma evidente. A dimensão territorial da festa, por exemplo, para os moradores do lugar, é uma atividade que representa vida e existência dessas famílias.

> Pra mim tem uma grande utilidade, porque eu tenho, deus dos nove ano eu cumpanho a folia e toda vida a família minha gosta de folia, e pra região também, que é um [...] uma tradição, é um costume, e tá com aquela companherada também é muito bom, né? A festa também é muito boa. [...] na festa tem muito divertimento, tem dança, tem janta, tem o terço que a gente reza. Eu bato pandero e canto (Informação verbal[191]).

Quanto à territorialidade, segundo Raffestin (1993), é estabelecida por meio de um sistema baseado nas ações desenvolvidas pela sociedade, com atividades individuais ou por grupos sociais, sobre o uso e o controle território, dentro da teoria relacional espaço-tempo.

Saquet (2011) percebe a territorialidade como um fenômeno que é relacional e dinâmico, possuindo caráter (i)material. Desse modo, é multidimensional e inseparável da vida em sociedade. Por (i)materialidade esse autor entende que seja uma relação "espiritual, social e natural a um só tempo e significa desejos, aspirações, influências, apropriações, relações socioespaciais, [...] técnicas, famílias, [...] trabalhos, redes, desencontros, encontros, conflitos [...]"(SAQUET, 2011, p. 87).

[191] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Multidimensionalidade é representativo de várias dimensões sociais do território, os arranjos que os sujeitos vão estabelecendo para defendê-lo. Nesse caso:

> As dimensões sociais do território (economia, política e cultura) estão no mesmo nível. Porém, ora uma(s), ora outra(s) dimensão(sões), em cada lugar e momento e/ou período histórico, pode(m) predominar diante das demais. O que muda e/ou permanece, para cada relação espaço-tempo, é o arranjo territorial, através das formas espaciais, das relações e dos significados que esse arranjo assume (SAQUET, 2011, p. 88).

Para Saquet (2011), a vida, e por conta disso também o território, é multidimensional, em virtude das temporalidades e das territorialidades que estão relacionadas e sobrepostas, contínuas ou ininterruptas, em cada relação espaço-tempo.

Nesse caso, a territorialização do capital, a partir do setor agrocombustível, desencadeia mudanças nos vínculos territoriais dos sujeitos do lugar e, nesse movimento, pode haver, em condições específicas, o surgimento de territórios ressignificados. Kinn (2010) pondera que a ressignificação parte da essência do modo de vida camponês que, para se realizar e continuar existindo, ressignifica parte de sua própria história. Heidrich (2012, p. 28) corrobora bem essa questão, ao afirmar que “o sentimento de pertencimento e a consciência territorial passam a ser ressignificados a partir da intercessão entre territorialidade local e as escalas mais abrangentes”.

Observa-se, no lugar estudado, um processo de mutações no espaço e no lugar, promovendo reações camponesas que ressignificam seus modos de vida, assim como mudam também os vínculos que os sujeitos têm com o território, por meio das práticas sociais. Esses vínculos territoriais, assim como as práticas sociais, indicam a permanência modificada desse camponês de Pedra Lisa, em que, na avaliação deles, há consequências boas, mas, também, problemas surgem em decorrência dessas mutações no espaço.

Mediante o que retrata Heidrich (2012) sobre a consciência entre territorialidade local e outras escalas, a empregabilidade que surgiu com a agroindústria da cana possibilita ao camponês se relacionar, por intermédio do assalariamento (que pode ser dele próprio ou dos filhos), ou a partir do

arrendamento da terra, com um novo modelo de produção, novas relações de trabalho e compreensão dos novos usos da terra[192].

Nesse processo, têm-se ainda mutações na cultura das pessoas que vivem no lugar. Ao tratar das tradições inventadas, Hobsbawm (1997) faz uma classificação em três categorias, sendo a primeira, as que legitimam a coesão social ou condições de admissão de um grupo; a segunda, as que legitimam instituições, status e autoridades; e a terceira, as de socialização e inculcação de ideias, valores e padrões de comportamento.

Por mais que esse autor entenda que a primeira prevaleceu sobre as demais, esclarece que as outras são derivadas da identificação com as comunidades ou instituições. Nesse sentido, concordamos com ele, visto que, em Pedra Lisa, essa identificação se vincula aos valores mais importantes para as famílias que se estabelecem na sociabilidade, nos saberes fazeres e no comportamento ético e moral, constituindo elementos fundamentais para a construção do território camponês.

Entretanto o território é, também, conforme Fernandes (2005), “uma fração do espaço geográfico e ou de outros espaços materiais ou imateriais”, sendo que, no interior destes espaços, “há diferentes territórios, constituindo o que Haesbaert (2004), denominou de multiterritorialidades” (FERNANDES, 2005, p.4). Em Pedra Lisa, não são as multiterritorialidades, mas os vínculos territoriais que redefinem o território camponês, exatamente porque, nesses vínculos, estão relacionadas aos sujeitos, suas práticas sociais e culturais, sua dimensão simbólica e imaginária, com o território.

Haesbaert (2005, p. 6790) enfatiza que não temos mais espaços e identidades homogêneas, fechadas, e também não são puramente simbólicas ou funcionais, ou seja, a singularidade dos lugares se deve a uma (re)combinação do simbólico e funcional mediado por influências de diversas partes do mundo.

As relações exercidas sobre o espaço-território, nos dias atuais, revelam complexidades sob o modo de produção capitalista. O território de Pedra Lisa foi dinamizado e, com base em novas necessidades de circulação de pessoas, informações/comunicações e mercadorias, as transformações no cotidiano delas também se alteraram sensivelmente.

[192] Ou novos usos do território, numa análise acadêmica.

Essas alterações no território, em grande parte, são proporcionadas pelas novas tecnologias empregadas e, para os produtores, têm constituído mudanças importantes para a facilitação do trabalho cotidiano. Para eles, utilizar tecnologias novas: “é muito bom. Cê vê, nóis andava era tudo a pé, nóis andava a pé, o se não a cavalo, e agora até um carrim véi já tem. Nóis passeia, nóis puxa leite nele quando nóis tá notro lugá, nóis fais de tudo, fais compra”[193].

Bordo *et. al.* (2004) consideram que, conforme o movimento da sociedade, a partir dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, o território pode adotar espacialidades particulares. Santos (1988, p. 77) concorda em que as formas podem, “durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes”.

Em Pedra Lisa, entendemos que não temos a mesma paisagem nem a mesma configuração territorial. Ela está em mutação por ser dinâmica, por acompanhar o movimento da sociedade e dos sujeitos sociais que as criam e recriam. Nessa comunidade, a paisagem não é mais a mesma e o território já se modificou. Por outro lado, é evidente que ainda observamos a paisagem e o território camponês nesse lugar.

> Eu percebo, no negativo, é na parte do desmatamento, das nascentes tá seno prejudicadas. A gente, quereno ou não, a cana tá fazeno isso, porque tá tem o desmatamento, assim, quase que em massa, num tem mais as reservas, a gente tá seno prejudicado. [...] eu fico muito apreensiva com o futuro, porque a gente ouve falá coisa que, aonde tem muito, vai plantano cana, depois já muda tudo. Então a gente num queria isso pra região. Mas eu num posso ir contra a evolução, né? [...] (Informação verbal[194]).

Essa apreensão dos moradores de Pedra Lisa aparece mais com os exemplos da paisagem física, mas, no cotidiano, nas conversas entre eles, percebe-se que a paisagem cultural está embutida nessas preocupações. Ou seja, a atividade canavieira, tomando áreas das pequenas propriedades da comunidade, além de desmatar o restante de reserva, de secar os mananciais, dentre outros, coloca em risco também a continuidade das festas, das rezas, do time de futebol e da produção da cachaça de Pedra Lisa.

---

[193] Idem.
[194] Idem.

A apropriação de um determinado espaço constitui-se a partir do momento em que o indivíduo ou grupo o representa para si e para os outros. Como espaço da ação, numa relação triangular, a relação com o território é uma relação mediadora entre os sujeitos sociais (RAFFESTIN, 1993).

A relação identidade-território toma a forma de um processo em movimento, que se constitui ao longo do tempo, tendo como principal elemento o sentido de pertencimento do homem, aqui entendido como sujeito ou grupo social, com o seu espaço de vivência. Esse sentimento de pertencer ao espaço em que se vive, de conceber o espaço como *locus* das práticas, onde se tem o enraizamento, cujas origens estão relacionadas a uma complexa trama social, expressada e manifestada em formas de sociabilidade, em Pedra Lisa, é que dá a esse espaço o caráter de território.

> Aqui é muito bom [...]. Pra mim mudá daqui num sei não, só se num tivé jeito mesmo. Há! Eu acho bom demais morá em fazenda [...]. Sinto bem. Nóis usa o motor de moer [...], fazê os porvii, que era do meu pai, [...] nóis tem roda d'água [...] lá embaxo, debaxo da represa [...], usa até hoje. [...] aqui nóis tem as festas de Santos Reis, nóis temos reuniões de oração semanal, ali no Zé Major tem o baile, [...] jogos (Informação verbal[195]).

Dessa forma, atribui-se ao território elementos da cultura dos camponeses ali territorializados. E, nesse território, a presença de todos os elementos citados pela camponesa nos indica as multidimensionalidades que se revelam nas práticas sociais e religiosas de Pedra Lisa. Na verdade, é a incorporação da dimensão simbólica expressa por Haesbaert (1997), quando apresenta o conceito do território cultural(ista), e nos concede observar um hibridismo entre a cultura daquele camponês e o espaço em que vive, a partir da incorporação da dimensão simbólica impressa no território. Contudo temos consciência que aí também estão embutidos os conflitos que evidenciam as relações de poder.

Estendendo esse hibridismo à incorporação de elementos modernos, temos as ressignificações e reinvenções das práticas sociais, o que, para Mendonça (2004, p. 173), é uma "espécie de *hibridagem*, resultante da imposição das inovações técnicas e tecnológicas e da força da tradição, produzindo diferentes singularidades".

> O território como uma construção histórica, com mudanças e permanências, agrega a (i)materialidade, isto é, além das formas, compreende os vários elementos subjetivos – pensamentos, ações, valores e crenças – que orientam condutas e são responsáveis pela organização territorial. Nesse caso, o território é dotado de simbologias, signos, códigos, como

[195] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

> verdadeiros aportes culturais responsáveis pela materialização da identidade (NETO e SAQUET, 2010, p. 8).

Em Pedra Lisa, consideramos que os aspectos culturais são importantes para os camponeses viverem no lugar, visto que, nas práticas sociais dos camponeses, há uma valoração da fé, da reinvenção dos costumes e tradições, e do apego à festa, e tudo isso está contido em seu território. Para Woortmann (1990), "o apego à tradição pode ser o meio de sobreviver à grande transformação [...]", mas não quer dizer que os camponeses ainda vivam a tradição, ela está em constante reelaboração. Complementa Woortmann que a tradição "não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro".

Até mesmo os que saíram do lugar, indo morar na cidade ou em outra sub-região do município, voltam a Pedra Lisa, sempre que surge alguma oportunidade, principalmente para as festas. "Os que foi e os que vei, todos pessoas boas, né? Então tá tudo bem. Eles foi nascido e criado junto com nóis, então, o momento que eles tem uma folga lá, eles tá aqui. Não faia de jeito nenhum"[196].

Mas também é observada a preocupação e busca da realização financeira, no que se refere a cumprir com os compromissos assumidos e de sempre ter uma sobra para adquirirem confortos que a modernidade oferece, como, comprar e manter um celular. Para eles o celular tornou-se fundamental: "o celular é bom, né? A gente fala longe. A gente tá precisano de falá na cidade, a gente liga, fala: o quê que ocê tá fazeno, pergunta, que cê vai fazê hoje? Nada? Então vem pra cá comê uma carninha"[197].

Comer, sinônimo de refeição, é uma das práticas mais usuais entre eles, sobretudo, ao receber visitas, mas também nas atividades coletivas. Receber uma visita da cidade significa, muitas vezes, receber um ex-vizinho, ou ex-morador de Pedra Lisa, e a festa ou refeição tem que acontecer, para que a recepção àquela pessoa ou família seja completa.

Também, em escala menor, encontram-se os aspectos políticos de práticas de controle do poder administrativo municipal, assim como as questões jurídicas que são exercidas como compromisso ético e moral dos sujeitos do lugar. Essas também estão presentes na construção do território camponês.

---

[196] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[197] Idem.

Também há, em Pedra Lisa, as desigualdades sociais, resultado do desenvolvimento desigual[198]. Há os que possuem mais de 100 hectares e os que têm menos de dois. Há os que conquistaram condições financeiras para comprar um carro e os que ainda utilizam apenas tratores ou carroças, evidenciando um período de tempo lento na comunidade. Há os que produzem mais de 100 litros de leite/dia e os que tiram apenas 10, por possuírem apenas duas ou três vacas de leite.

No entanto os laços culturais os identificam como gente do mesmo lugar. Como sujeitos com uma identidade coletiva uniforme. Entendem, eles, que essa convivência significa respeito mútuo. “Aqui é família, né? O que tá aqui, igual o Jauto aí que tem essa terra grande aí, já tem quarenta ano que tá aí, é mesma coisa que sê família. Então é, eu vejo é isso aí, é a amizade deusde antigamente, né? Aqui, a região aqui é desse tipo[199]”.

Dessa forma, para compreender o território como espaço da ação, é necessário reconhecer a ação de diversos atores sintagmáticos, conforme apresenta Raffestin (1993), que, no caso dos camponeses que estão no lugar, são aqueles que criam e recriam vínculos territoriais no lugar Pedra Lisa. É como afirma Heidrich (2010), que os vínculos que um determinado grupo social estabelece com seu território são resultados de uma história, e que permanecer nesse território por muito tempo, de modo continuado e repetido, compreendendo a história da qual ele participa, cria vínculos que ligam o indivíduo ao grupo e ao espaço de convivência e uso.

Morelli (2010), que pesquisou a Comunidade Caiçara compreendeu esses vínculos relacionados aos sentimentos com o lugar e com a tradição:

> A identificação do sentimento de pertencimento ao lugar, e os valores baseados na tradição que o grupo possui, possibilita afirmar que, apesar da mudança de várias ordens sociais terem atingido o seu modo de vida, o grupo consegue viver a condição caiçara, sendo que as estratégias e os arranjos sociais foram eficientes para mantê-los no lugar (MORELLI, 2010, p. 143).

Por outro lado, Santos e Souza (2009) percebem que um grupo social não vivencia passivamente a cultura (portanto, também o território), consistindo num

[198]Haesbaert (1997), ao pesquisar e dissertar sobre o gauchismo e a nordestinidade, levanta elementos culturais (língua, religião, etnia, folclore, culinária) que formam uma identidade regional e, mesmo com desigualdades sociais, se identificam como pertencentes a um mesmo território, mesmo que distante geograficamente, mas identificado culturalmente com os valores regionais presentes em sua memória.

[199] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

processo de constituí-lo, ou seja, “eles reagem àquilo que lhes é proposto ou se pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer [...]” (SANTOS e SOUZA, 2009, p. 57). Isso explica por que os processos que modelam paisagem e redefinem territórios são dinâmicos e nem sempre precisam que sejam sujeitos alóctones a promover a ação.

Almeida (2008, p. 58) escreve que “o território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural”. Portanto, com tantas transformações ocorridas, perde-se parte desse território que mantém os homens unidos no pensamento cultural. Há práticas e tradições que se reduzem a um pequeno grupo em Pedra Lisa. As danças de catira, por exemplo, reduzem-se a um grupo constituído de cinco camponeses de Pedra Lisa e três que moram na cidade de Quirinópolis, antigos moradores de Pedra Lisa, mas são integrantes de idade já bem avançada.

> É que a gente sempre gostô de pulá, fazê a catira. Num é que eu acho que é importante assim pra, de futuro num é? Só memo pra diverti, porque a gente já tem tradição que vei vino, e gosta. [...] da catira do meu pai, ela deu de mudá, porque nóis tinha largado, tinha esquecido, porque ele morreu, né? Até que rumô outro puxadô de parma. A dele já mudô da do meu pai, mais nóis acumpanhô a do outro, é o que nóis segue [...]. Já o recortado, já é do lado do meu pai, o jeito do pisado [...] (Informação verbal[200]).

Com relação à educação, várias mudanças também ocorreram. Dentre elas, a extinção da escola rural de Pedra Lisa. Há mais de trinta anos não existe mais, assim como as várias atividades de integração escolar e da comunidade. Exemplo disso é a festa junina, que não é mais praticada como tradição no lugar[201]. Por questões de planejamento das políticas públicas da administração municipal, visando à redução de custos, várias escolas rurais foram fechadas e os alunos delas começaram a ser transportados para as escolas urbanas[202].

> Era melhor quando tinha a escola aqui, os pais ficava muito mais tranquilo, não tinha, hoje os filhos saem, os pais, enquanto eles num retornam eles não, [...] eu vejo a preocupação deles. [...] se atrasô cinco minutos, os pais

[200] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[201][201] Em 2012 essa festa foi retomada, sendo organizada na Venda Zé Major.
[202] Poderíamos aqui levantar outra questão importante para a cultura camponesa de Pedra Lisa, a Educação no/do campo. Na cidade o ensino é voltado para a cultura urbana, formando os filhos dos camponeses para rejeitar essa nomenclatura, colocando-a como sinônimo de miséria e atraso. Também são formados para não terem projetos de vida de retorno às atividades no campo, mas essa discussão seria outra tese. Para uma leitura sobre o tema, ver SOUZA (2010) “Geografia e Educação no campo”.

> já fica assim, apavorados, né? Porque é um, embora a gente num queria, mas é um perigo constante, esses menino na rodovia. Então, quando era aqui, era bem melhor (Informação verbal[203]).

Dessa forma, os vínculos territoriais em Pedra Lisa não são apenas espaciais, são, também, culturais. Há uma mudança na lógica social dos sujeitos envolvidos, haja vista que a lógica dos camponeses é a de valorizar o enraizamento do modo de vida no território. Modo de vida esse que, na comunidade em estudo, muitas vezes, é relacional ao coletivo, havendo momentos de individualidade, mas com laços profundos no comunitário. Os camponeses sentem a ausência do coletivo, o que Woortmann (1995) chama de valores aéticos representados pela mercantilização. Embora haja ainda algumas práticas coletivas, eles dizem que antes eram muitas e que, hoje, tendem ao individual.

> Hoje tá mais individual, porque minguô o povo [...]. Eu acho que hoje tem [...] 30% do povo que tinha aqui, eu acho que se tivé tem 30%, as veis nem isso. [...] porque ai antigamente era muita gente, casa pertim uma da outra, agora num tem mais, é longe (Informação Verbal[204]).

Essa diminuição populacional de Pedra Lisa, de que fala o camponês, teve início nos anos 1960, 1970, e foi intensificada nessa última década. Em ambos os períodos, a migração foi provocada pela prática de monoculturas e consequente modernização da produção no campo. Quando uma variável se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelecem outras. É a chegada do estranho, como descreve Martins (1993).

São sistemas de produções e populações estranhas, portanto, lógicas diferentes, chegando ao lugar, sobrepondo-se aos usos e costumes dos povos locais, em um mesmo espaço. Resultam em metamorfose dos modos de vida, pelas novas relações sociais que impõem novos ritmos e relações com o lugar.

A pesquisa participativa, em Pedra Lisa, revelou as diversidades e também as reações dos camponeses para conviver e/ou superar os desencontros promovidos pelas novas tecnologias. No lugar, as relações sociais redefinem as paisagens e, de acordo com as necessidades, ocorrem adaptações às novas investidas do capital e do Estado. Há uma diversidade de possibilidades de exploração do território, na ordem econômica, na ordem simbólica, e na ordem do pertencimento.

---

[203] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[204] Idem.

Por isso, algumas incorporações tecnológicas são indispensáveis para os camponeses. A aquisição de tanques de resfriamento passa a ser obrigatória por ser um dos critérios estabelecidos pelos laticínios para a compra do leite produzido com melhor qualidade. Nesse caso, a questão financeira da compra e instalação é resolvida pela coletividade [205]. De acordo com um camponês produtor de leite, "o tanque de resfriamento representa que dá qualidade ao leite, aí dá um preço a mais"[206]. De acordo com um entrevistado, o tanque melhorou o preço do leite: "melhorô no preço de leite pra nóis. No latão nóis intregava, e pagava baratinho. E nóis pois o tanque, ai passamo a recebê mais. Porque a entrega do leite resfriado, é mais caro, dá uma qualidade boa"[207].

Se Heidrich (2010, p. 8) assegura que a "territorialidade que alguns vivem pode se diferenciar da territorialidade de outros, pois vai depender do meio a que se tem acesso, se ele é pouco ou muito denso de tecnologia e de bens econômicos", torna-se evidente que o Município de Quirinópolis e, como consequência, Pedra Lisa, que eram pouco densos de tecnologias e de bens econômicos, agora, ao passar por um processo de concentração tecnológica, têm suas territorialidades modificadas. Um produtor de gado de corte e fornecedor de cana-de-açúcar fala dessas mudanças: "a mudança aqui foi a cana, né? [...] a mudança aqui apareceu depois da, fincô a usina aqui. Até a usina rastô muita gente pra dentro da cidade, que pro sujeito trabaiá nela, ele tem que tá morano lá. [...] a mudança que teve foi essa"[208].

Por mais que esse morador de Pedra Lisa avalie como "um presente" a vinda da usina de álcool, pelo fato de ter gerado muito emprego, também reconhece que as mudanças, analisando o futuro, trarão como consequências o abandono do lugar:

> [...] com o espaço de tempo, porque aí vai o povo, a tendência é ino tudo pra cidade. Eu acho que daqui dez ano é muito difícil achá gente aqui na roça. Eu acho que é bom, [...] mas eu num gosto muito da cidade não, mais vai ino, ficá sozim também desanima, ele caba ino, né? (Informação verbal[209]).

Heidrich (2010) afirma que, em função das desigualdades, partes dos grupos sociais de uma sociedade local, ao se conectar com outras redes, estabelecem

---

[205] Há os tanques adquiridos por um único produtor, mas também há os que se associaram para comprá-lo em grupos de produtores de leite.
[206] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[207] Idem.
[208] Idem.
[209] Idem.

vínculos mais fortes em âmbito global, distanciando-se da territorialidade local, pouco se envolvendo com as demandas coletivas locais. Em situação oposta, parte permanece mais compromissada com as ofertas do lugar em que vivem.

Contudo a lógica capitalista como dominante não é capaz de homogeneizar todos os espaços. Os camponeses que não estão inseridos no processo produtivo dominado pelo capital encontram estratégias para existir. Elas podem ser observadas, nesse espaço, mediante de diferentes usos do território, onde são trabalhadas outras formas de produzir na terra, e conviver com os recursos naturais de modo menos predatório que as do capital.

Isso tudo denota que a fragmentação dos conteúdos sociais locais, os dilaceramentos das relações que compõem os modos de vida, as práticas que se revelam temporalmente como fundamentais na vida dos camponeses, podem estar explicitadas nas diversas formas de organização dos produtores e na forte influência desses para reivindicarem seus direitos de permanecer no lugar. Por esse motivo, é que estamos investigando a realidade das famílias camponesas em Pedra Lisa, sua produtividade e comercialização, seu espaço vivido e concebido, as tendências e alternativas para permanência, para entendermos o território.

O interesse em estudar os vínculos territoriais como processo, tendo como foco as relações e práticas socioculturais, origina-se do pressuposto que elas devem ser entendidas como parte de ações e reações de grupos sociais, evidenciando a questão do uso do espaço pelos camponeses.

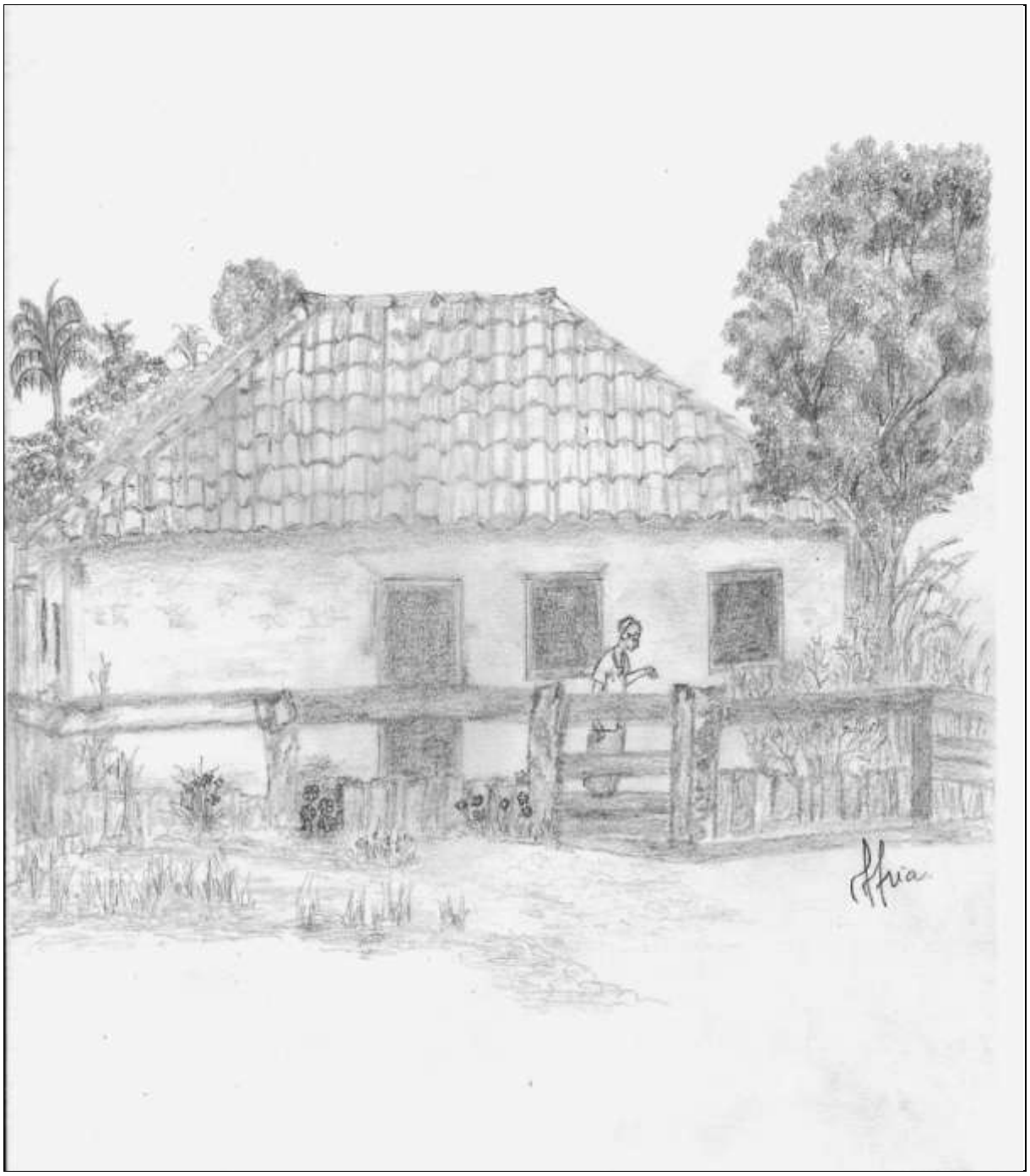
Nessa óptica, teremos que enfrentar a incompatibilidade de valores sociais no interior dos próprios grupos de produtores, pois é preciso considerar as diferentes lógicas sociais, os distanciamentos geográficos e os obstáculos infraestruturais que o setor agrocombustível impõe a esses grupos, principalmente em relação à produção de leite, às suas identidades, às manifestações e representações no território. Essas lógicas que chegam ao lugar causam mudanças até mesmo nas relações culturais: “trouxe e traz [mudanças], porque hoje, as veis, vamo supô, a gente marca uma festa aqui, o próprio fii da gente, meu mesmo, só vei depois que saiu do serviço. Então, muita gente que qué vim e num tem como vim por causa do serviço”[210].

[210] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Com a modernização do campo e, mais recentemente, a chegada da agroindústria da cana, por conta dos filhos, muitas famílias foram para a cidade trabalhar e/ou estudar. Esse fenômeno causou alívio para os pais, pelo fato de não terem condições de sustentá-los no pequeno sítio na fase adulta, mas, ao mesmo tempo, trouxe a angústia de se separar dos filhos e, sobretudo, de não ter perspectivas para a continuidade do trabalho no sítio deixado pelos pais. Também há a ausência deles nas festas, que eram tão presentes, antes dos filhos se empregarem nas agroindústrias da cana.

O camponês de Pedra Lisa conhece bem suas instituições, e também as relações sociais com o Cerrado, afinal, são décadas de aprendizado. A importância de o camponês conhecer bem esse bioma lhe permite, na atividade agrícola e na de criação do gado, estabelecer estratégias de reinvenções das práticas socioculturais, como forma de se reconhecer nelas. Assim, tanto no lazer, quando na forma de produção, na utilização dos saberes e fazeres, eles desenvolveram estratégias que resultam do conhecimento do ciclo da natureza e as utilidades medicinais[211].

[211] Do jatobá, por exemplo, pode-se fazer o remédio para anemia, a partir da casca; ou o angico que pode ser feito xarope para cura de tosse e gripe; o chapéu de couro que se utiliza para a cura de reumatismo.



Desenho da fotografia 51, página 261. Autoria: Maria Aparecida de Souza

CAPÍTULO 5

5. ESTRATÉGIAS CAMPONESAS E A MODERNIDADE DO SETOR AGROCOMBUSTÍVEL EM PEDRA LISA

> Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha, ir tocando em frente, como um velho boiadeiro levando a boiada, eu vou tocando os dias, pela longa estrada eu vou (Tocando em Frente: Almir. Satter e Renato Teixeira).

5.1. As estratégias para a existência camponesa no lugar Pedra Lisa

Atualmente, escrever a respeito da modernização nos remete, no âmbito da produção econômica, a trazer o modelo da flexibilização e do agronegócio para o debate. Esses dois modelos estão presentes, com muita força, no processo produtivo no campo, e têm, em seus sujeitos hegemônicos, o capital e o Estado, a representatividade de uma nova postura impositiva às relações sociais e culturais no espaço rural. Em Pedra Lisa, isso faz emergir reconfigurações espaciais, ressignificação e recriação de territórios.

Para o conhecimento e entendimento das metamorfoses dos produtores de leite de Pedra Lisa, bem como de suas identidades, a pesquisa empírica buscou, nas entrevistas e vivências, explorar as formas e os conteúdos culturais que ligam esses sujeitos ao uso do espaço, o que possibilitou analisar as suas formas de existir no lugar, criando e recriando, em Pedra Lisa, seus territórios.

Para se chegarmos aos modos de vida desses camponeses, objetivamos conhecer o lugar, as estratégias e os arranjos socioprodutivos existentes, para verificar como o espaço foi construído e como o território se (re)configura diante do modelo de produção flexibilizada e da reprodução ampliada do capital no Cerrado, sobretudo, do setor agrocombustível.

Como as estratégias não são estáticas, compreendemos que elas sofreram metamorfoses, e isso contribui para entender as novas relações e novas práticas sociais que os camponeses estabelecem com o uso do espaço. Em Pedra Lisa, as estratégias socioprodutivas, ou seja, as identidades são também reconstruídas no espaço e podem se transformar em algo novo. Isso demonstra que esse camponês,

tensionado pela atividade canavieira, altera não só a forma de produzir com a pecuária de leite, mas também o uso do Cerrado para a produção dos meios de vida.

Modos de vida constitui a categoria de análise central para esta discussão e, para isso, a Geografia Cultural contemporânea, apoiando-se na concepção da Geografia como ciência da sociedade, que coloca o homem no centro de suas análises, contribui para entender as experiências humanas com a natureza, com o ambiente, com o seu espaço e consigo mesmo.

Neste capítulo, estudamos a maneira como o camponês de Pedra Lisa se relaciona, transforma, apropria-se desse espaço para satisfazer suas necessidades, seus gostos, e aspirações. Nesse propósito, procuramos compreender como o camponês age e se redefine constantemente; e a sua postura na sua relação simbólica com o lugar, afetiva e cultural com o espaço vivido.

Tudo isso nos levou a analisar as estratégias que os camponeses de Pedra Lisa traçaram para usar, a seu favor, o espaço e, por meio dos dos conhecimentos e habilidades camponesas, as novas práticas produtivas e os novos usos de sociabilidade para continuar existindo no lugar.

Cabe, aqui, avançar no entendimento de como, a partir do lugar, os camponeses reagiram diante das imposições vindas com a modernidade, criando e recriando seus modos de produção e modos de vida, e como foram estabelecendo, no lugar, suas estratégias socioprodutivas.

De acordo com Santos (2002), “a produção de novos conhecimentos e técnicas, [é] produto direto da interposição de culturas diferenciadas – com o somatório daquilo que anteriormente existia”. Por esse motivo, é que não há, necessariamente, uma negação por parte dos camponeses locais no uso da modernidade.

Os camponeses utilizam os elementos modernos para facilitar a própria reprodução da vida, às vezes, até mesmo para reestruturar a sua existência. Na avaliação dos produtores de leite, o emprego de tecnologias contribuiu muito na produção do leite. “Foi muito bom, porque facilitô demais, ficô bem mais fácil hoje em dia. Nos ano anterior era mais custoso, mais difícil. [...] as estradas melhorô, hoje tem um trator do vizim, cê pega emprestado, puxa uma cana, né?”[212]. Essas

[212] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

facilidades analisadas pelo produtor significam menos esforço físico e também mais tempo para trabalhar em outra atividade, em seu próprio sítio, ou como diarista.

No processo de produção camponesa, em Pedra Lisa, acumulam-se diferentes temporalidades sociais, redefinem-se formas, reelabora-se o antigo (a ressignificação da paisagem), resultado de processos sociais com cores, sons e cheiros característicos, ou seja, a paisagem vista como processos amplos indica movimento, constituído de transformações abruptas, mas também de ressignificações culturais. Por isso, entende-se que as estratégias camponesas, em Pedra Lisa, são mais presentes, para a manutenção e recriação dos modos de vida e, portanto, muito ricos para a compreensão da existência camponesa nos cercos do setor agrocombustível.

Nessa perspectiva, Santos (2008a) avalia que é necessário fazer o reconhecimento de diferenças produtivas e socioeconômicas e, pelo fato de se manifestar como uma imposição, têm surgido tentativas de invenção de novas identidades.

A partir da modernidade, ao implantar o modelo de modernização da agropecuária e do território, quer com produção de cana, quer de outra atividade, a sociedade incorreu em uma noção equivocada do que seja “tradicional”, considerando-o como um modo de vida arcaico e atrasado. Essas visões precisam ser debatidas, objetivando avultar essas diferenças, não no sentido pejorativo, mas das estratégias camponesas para sua existência.

Estamos diante de um processo que envolve sistemas produtivos e modos de vida que vão sendo atravessados, alcançados e capturados pela lógica dominante, pois, conforme Chaveiro (2008), a palavra “Cerrado” ganha aura de nobreza com expressões como “Capital do Cerrado”, que se traduzem como ecos de uma forte representação. São estratégias do setor dominante, com as quais, segundo o autor, o agronegócio transforma a paisagem cerradeira numa perspectiva economicista. Esse bioma, antes, era representado como precário e atrasado, agora como “produtivo, urbanizado, modernizado e integrado ao mundo econômico, ele é destruído, desrespeitado e ressignificado pela ideologia capitalista que levanta a voz para defendê-lo” (CHAVEIRO, 2008, p. 88).

As transformações tecnológicas podem nos ajudar a entender como as identidades no Cerrado vão se reproduzindo. É uma questão de rediscuti-las no espaço e, portanto, é um trabalho de Geografia tratar a identidade, ou seja, o

geógrafo tem, como desafio, compreender que os pertencimentos e enraizamentos se efetivam na perspectiva do lugar que se ocupa no Cerrado, mesmo com a incorporação de tecnologias modernas.

Por isso, procuramos estudar as mutações socioculturais em Pedra Lisa, bem como os novos vínculos que esses produtores vão estabelecer com o lugar. Desse modo, chamam a atenção as formas modernas de produção e também de consumo. Afirma Brandão que "o que trocamos nos diferentes tempos-espaços dos diversos mercados possíveis, são símbolos e significados, valores e sentidos de vida [...]" (BRANDÃO, 2009, p. 47).

Para identificar as estratégias, foi necessário investigar como essas se manifestam e quais as relações que os camponeses de Pedra Lisa ainda estabelecem com os seus costumes e tradições, mesmo que ressignificados, e também com as novas tecnologias. Nessa perspectiva, ao analisar o processo de incorporação de técnicas modernas em Pedra Lisa, compreendemos que, ao fazer emergir arranjos produtivos que incluem outras práticas na pecuária leiteira, não destruíram, *a priori,* suas capacidades de criar e de organizar saídas produtivas. Ao contrário, contribuíram para o afloramento das práticas sociais potencializadas, assim como os vínculos territoriais provenientes destes.

O mercado de leite, ao exigir qualidade para estabelecimento dos preços pagos aos produtores, impõe que esses tenham, em suas propriedades, tanques de resfriamento. Como esse tem um custo além da capacidade financeira de uma família camponesa, para os que não tiveram condições de tê-lo como propriedade particular, como arranjo socioprodutivo, usou-se a estratégia da compra coletiva, associação[213] de um grupo de produtores. "[O tanque de resfriamento] nóis pagô à prestação, lá direto da Agrovale. Comprô ele foi seis pessoas que comprô, seis produtô de leite"[214].

Dessa forma, eles transportam o leite retirado de seu rebanho, diariamente, para a propriedade onde o tanque está instalado. A vantagem é que a empresa que

[213] Além dessa associação não oficial para compra do tanque de resfriamento, embora não haja em Pedra Lisa uma organização social constituída, algumas outras ações políticas coletivas ou individuais podem ser observadas. Negociações com o prefeito de Quirinópolis para atender a uma demanda coletiva ou individual, as discussões sobre temas sociais nos encontros de Novena de Natal e Campanha da Fraternidade, a as discussões políticas nos períodos de campanha eleitoral, dentre outras.

[214] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

compra não precisa ir buscar muito cedo e pode até deixar acumular dois dias para depois buscar.

Para facilitar o transporte de uma propriedade a outra, os camponeses têm também incorporados ao processo produtivo veículos motorizados. Como o custo também é alto, e não lhes convém a associação para a compra desse bem, aqueles que não têm recursos financeiros suficientes, como não querem utilizar as vantagens dos financiamentos, usam a estratégia de vender alguns bezerros e/ou vacas, para a compra do veículo. “O carro nóis tinha umas vaquinha, vendeu e comprô”[215].

Nessa estratégia de compra à vista, um camponês entrevistado, em 2009, por Kinn (2010, p. 101) afirmou: “a gente pensa em possuir outras máquinas e equipamento, mas [...] isso pode ser uma coisa que a gente pode perdê o controle [...]. Então vai adquirindo aquilo que é muito necessário [...]”.

Há ainda outra estratégia para aqueles camponeses que não querem aderir ao tanque de resfriamento. Em abril de 2011, estavam entregando o leite a R$ 0,50 o litro[216], em temperatura ambiente, para o laticínio Rio Preto. Essa empresa se localiza na área rural, na Sub-região Viradouro, e produz apenas derivados do leite, sendo o queijo muçarela[217] seu principal produto. O laticínio busca o produto na propriedade.

Além das estratégias para vencer as exigências do mercado moderno, há também os arranjos produtivos que aparecem para enfrentar o período da seca, sempre, todos os anos, entre junho e novembro, com ênfase nos meses de agosto a outubro. São várias as estratégias de manejo[218] com o gado, incluindo a silagem, a cana triturada, o complemento com ração e sal industrializados, todos pelo método de abastecimento alimentar no cocho.

No período das águas, além do pasto, é adicionado ao gado apenas o sal mineral e sal branco. A perda na quantidade e qualidade da produção de leite é

[215] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[216] Os outros laticínios que pegam o leite resfriado, como Agrovale e Italac, no mês de Abril de 2011, estava pagando na faixa de R$ 0,70 o litro.

[217] De acordo com a UOL Vestibular, essa palavra tem origem italiana “**mozzarella”**, originando no nosso idioma a palavra “**mozarela”**, que desta derivou para “**muçarela**” com cedilha. É inadequado ao padrão culto da língua escrever mussarela, com dois esses.

[218] Manejo é a ação de conjugar as atividades manuais com a tecnologia ou conhecimentos avançados, com o objetivo de definir ou traçar decisões a serem tomadas em um sistema de produção agropecuário. Estratégia é o conjunto de ações fundamentais e os planos traçados para alcançar resultados esperados.

considerável, mas se deixassem o gado apenas no pasto, que já não tem capim suficiente, a redução seria ainda muito maior.

A silagem é uma estratégia dos produtores de leite para complemento da alimentação das vacas no período de estiagem. É um produto mais barato, feito por eles mesmos, à base de cana, ou milho moídos[219], adicionando o BioMax Cana[220], um produto para garantir a conservação da cana (Fotografia 41).



a **b**

Fotografia 41: Trato do gado com silagem. a) estoque de silagem já em fase final; b) os camponeses transportam a silagem para abastecer os cochos de alimentação do gado, constituindo em mais uma das tarefas compartilhadas pelo casal.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

> A silagem, nóis corta a cana, montôa e mói na máquina, na siladera, e montôa lá e joga o produto, pra num dexá ela perdê, pisôa e tampa cum plástico. [O biocana] põe no regradô, e toda camada que cê põe uma carreta [de cana moída], cê passa, móia ela. Ai vem outra camada e cê torna a moiá de novo, ai a cana num perde, ela num azeda. Ai [...] pisôa e tampa, ai dexa curti, uns vinte dias já tá no tipo de dá pro gado comê (Informação verbal[221]).

A diferença básica da silagem com a trituração da cana consiste em que a segunda é triturada todos os dias, na quantidade certa de o gado comer naquele dia, para não estragar, visto que não se coloca o produto conservante. “É igual [à silagem], só tem que no motor cê tritura e põe na hora no cocho, né? Num fica

[219] A silagem com milho é mais forte em nutrientes, porém a produção é mais cara que a da cana. Por isso, eles preferem fazer com a cana mesmo.
[220] BioMax Cana é um inoculante biológico que assegura a acidificação da silagem de cana-de-açúcar, evita perdas de matéria seca e garante a proteção do material contra ataques de agentes externos. Sua aplicação promove a estabilidade da silagem e aumenta sua digestibilidade.
[221] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

curtindo. Ai é todo dia"[222].Geralmente, é realizada no próprio canavial (Fotografia 42), pequena área de plantio destinado à alimentação do gado no período de seca, com trabalho familiar ou com contrato temporário, de um funcionário, para essa tarefa.

> Nas água nóis só usa o sal mesmo e o pasto e o remédio para combatê o carrapato, né? [...] a ração não precisa de dá nas águas. Na seca tem que usá ração, porque se num usá, o gado enfraquece. [...] esse ano eu vô jogá a cana intera, num quero mexê com silagem não (Informação verbal[223]).

No caso da propriedade ilustrada pelas fotografias 42 e 43, há um funcionário permanente que vem da cidade todos os dias, de segunda a sábado, pelo fato de a proprietária já ser aposentada e estar sozinha.



Fotografia 42: Camponeses triturando cana e abastecendo os cochos para acrescentar na ração do gado. O trabalho, no período da seca, é intenso e só termina quando não há cana. Entretanto, se a seca for prolongada, é preciso comprar cana dos vizinhos e continuar o processo.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

A estratégia é bem montada para aproveitar o tempo de trabalho. Posicionam a carreta do trator na saída do triturador e conectam o trator ao motor do triturador para o seu funcionamento. Conforme a cana vai sendo triturada, vai caindo diretamente na carreta e, quando cheia, todo o processo é desfeito, o trator é conectado na carreta novamente e a cana triturada é levada para o cocho dos animais.

---

[222] Idem.
[223] Idem



Fotografia 43: Trabalho composto de trituração de cana e adubação do solo. Camponeses intercalam o trabalho de trituração e transporte de cana triturada com o de transporte e adubação, com esterco, o solo onde terá a rebrota do canavial
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

Após descarregar a carga, carrega-se a carreta com esterco retirado do curral, já amontoado anteriormente, para ser espalhado no solo, como adubação para a rebrota do canavial cortado (Fotografia 43). E assim dá-se continuidade ao processo até que terminem as tarefas da trituração da cana e da adubação do solo.

> A gente [...] aproveita o mesmo serviço. Cê vai triturá a cana, leva, põe no cocho. O esterco já tá amontoado, a gente põe na carreta [de trator], trais e joga na cana. É o adubo principal que nóis põe na cana. Já aproveita, tritura outra viagem de cana e volta põe no cocho, torna a enchê a carreta de esterco e torna vim e jogá na cana (Informação verbal[224]).

Os arranjos e estratégias camponesas que foram produzidas nas reações e recriações produtivas, políticas e culturais, reinventando as práticas sociais a partir das relações com o mercado, remetem-nos a pensar, também, nos usos dos espaços e nas transformações desses usos em momentos distintos. Dispensa-se atenção especial à identificação dos sujeitos envolvidos, espaço/temporalmente, no processo de ocupação do solo, buscando entender os ganhos e perdas dentro do processo relacional das transformações socioculturais, a partir das transformações econômicas e políticas impostas ao lugar.

Compreendidas essas interações entre os sujeitos do lugar, chega-se aos desdobramentos dessas ações, as quais não são, necessariamente, contraditórias ou excludentes, mas relacionais, no sentido da coexistência e das redefinições. Essas

[224] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

famílias que permanecem no campo, convivendo com as grandes lavouras modernas, estão sujeitas a problemas e consequências desagradáveis e reagem de forma diferenciada, conforme a situação e o momento, por intermédio dos arranjos e estratégias produtivas para a permanência no lugar, reforçando a sociabilidade camponesa.

Com relação às mudanças físicas do lugar, há divergências quanto à contribuição das lavouras de cana-de-açúcar. Para um fornecedor de cana-de-açúcar, ela contribuirá de forma positiva para um clima mais agradável, para a preservação dos mananciais e para o retorno dos animais silvestres.

> A região aqui, não fazia frii [frio] do jeito que feis esse ano, que aqui feis frii esse ano já, e mesmo tá fazeno até hoje. Então, quando fincô a usina aqui, um sujeito que conhece o, conhece muita parte do mundo, ele falô. Falô que aqui, a região ia chovê mais, ia fazê mais frii, ia cai neblina, ia cai garôa. E esse ano já caiu neblina, já teve garôa e já, nenhum tinha. Diz que quando era tudo mato, diz que tinha, os mais véi lembra disso. Agora lá vai voltano [...]. Já caiu geada em algum lugá ai, e isso tinha acabado, né? Então eu acho que a cana vai contribui muito ai na natureza (Informação verbal[225]).

Por outro lado, pelos mesmos fenômenos climáticos atípicos para a região, há outros entendimentos, como expressa uma produtora de leite. “Eu acho assim, [...] o clima ficô mais quente, porque a chuva tá mais escassa agora, num tá choveno como chovia antes. O tempo frii também tá mais frii, antes num era tão frio. Agora esse ano feis frii demais”. Entretanto, por não ser muito conhecedora das reações climáticas, a produtora de leite prefere ponderar: “mais eu num sei se isso vem já da cultura da cana, ô se é porque mesmo o tempo trais mudança, né? [...] falam que a cana trais chuva, isso aí eu num sei, porque é uma cultura que a gente num conhece, né?”

O que podemos apreender dessa questão é que, tendo aceitado trabalhar com lavoura de cana-de-açúcar ou não, todos estão fazendo leituras dos acontecimentos e das mudanças que estão ocorrendo, mesmo que essas não estejam diretamente ligadas à nova prática agrícola, recém-chegada. Uns avaliam a favor, outros contra os impactos causados. O fato é que essa atividade está movimentando a vida na comunidade.

Considera-se fundamental o papel da cultura, a partir do modo de vida, ou das tradições e costumes na existência camponesa. Remete-nos às lógicas e

[225] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

temporalidades sociais, inclusive aos saberes e fazeres, como uma saída para compreensão da realidade. Assimilar, por exemplo, a relação do camponês com o uso do espaço.

Conforme Kinn (2010), os produtores camponeses, com base no seu modo de vida, têm, no lugar, as práticas sociais e representações que criam estratégias de uso do espaço, de forma a conceber os meios de defender seu território. É preciso ponderar que eles não vão recusar a técnica, as tecnologias, contudo, isso não significa uma transição para outro estágio ou para outro modo de vida. A sociabilidade camponesa permanece a partir de novas práticas sociais.

5.2. As estratégias contidas nas sociabilidades camponesas

O debate aqui apresentado, não tem a intenção de defender o estancamento do sistema produtivo capitalista modernizado e globalizado. Até porque os camponeses também são susceptíveis aos produtos tecnológicos de produção e de consumo e aderem às práticas da modernidade, mesmo para se firmarem como sujeito, e isso é evidente em Pedra Lisa. Trata-se apenas de comprovar que parte das práticas sociais na comunidade ainda existe nessa modernidade, ou seja, há famílias e grupos sociais que continuam combinando, em distintas proporções, suas habilidades com as novas tecnologias.

Desse modo, não existe uma homogeneização do processo produtivo moderno, já que outras atividades estão imbricadas, no entanto, elas estão clivadas pela modernidade. E é aqui que a riqueza do modo de vida camponês torna-se importante e necessita ser analisada com mais detalhes, uma vez que a sua existência pode ser observada pelo movimento da história. História que lhes possibilitou construir relações e práticas sociais onde a sociabilidade, nutrida pela reciprocidade, moral e pela ética camponesa, potencializa sua campesinidade, ao mesmo tempo em que lhes permite incorporar o que a sociedade idealiza como moderno.

A sociabilidade camponesa, de acordo com Lopes (1995), entendida como as relações estabelecidas entre todos os elementos de um mesmo grupo social, propicia-nos pensar que as festas coletivas, existentes em Pedra Lisa, alimentam

não apenas os laços de sociabilidade entre os camponeses da própria comunidade, mas também desses com os de outras comunidades próximas e até mesmo da cidade de Quirinópolis. A todos, desse grupo ou de outros, oferece-se a participação nas festas e nas rezas, com abundância de alimentos, danças e alegrias. O relacionamento entre as famílias de Pedra Lisa sempre foi saudável, assim como delas com as pessoas de fora da comunidade.

> Eu vejo que é boa também, porque sempre que a gente precisa de alguma ajuda, alguma coisa, pra divulga alguma coisa, eles não medem esforços pra tá ajudano a gente, e assim também é o acontece com a gente também, quando eles precisa, que a gente sabe que eles tão precisano, ou mesmo quando eles pede uma ajuda, a gente num tem problema nenhum de tá relacionano com as otras comunidades não (Informação verbal[226]).

Assim como a festa, a alimentação é outro elemento nas práticas sociais camponesas que nutrem a sociabilidade desses sujeitos. No campo realizado, isso foi muito presente, visto que todas as rezas de terço terminam com um jantar ou, ao menos, um lanche reforçado é oferecido. Em todas as festas, há uma abundância de alimentos.

A responsável pela cozinha e cardápio das festas da chegada de Santos Reis detalha a organização e preparação alimentar: "[...] aqui eles põe as vazia de comida, põe macarronada, mandioca, carne cheia, carne de leitoa, molho e feijão tropeiro que eles falam. [...] põe a maria isabel, galinhada, e lá, naquele canto é o café, ai eu é que faço o café a noite intera"[227].

Em quase todas as casas visitadas, uma refeição é oferecida ou se preocupam se o pesquisador já se alimentou. Quando não há como oferecer alimentação, pela questão do horário ou outro motivo, um café, com algum acompanhamento, é servido[228].

A festa e a religiosidade são estratégias que contribuem para mantê-los como grupo social e, sobretudo, reafirmá-los como camponeses que defendem seu território, seus valores socioculturais e a continuidade no processo socioprodutivo. Cria-se nova sociabilidade, como afirmam Nogueira e Suzuki (2012, p. 3), ao escrever que "essas práticas e estratégias são pensadas para que possam desnudar

[226] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[227] Idem.
[228] Conhecido como "café medroso", porque vem acompanhado.

as representações sociais no cotidiano dos sujeitos envolvidos no processo da nova sociabilidade [...]".

Depois de muitos anos sem a festa do arraial[229], ou festa de São João, como alguns a denominam, no ano de 2012, reativaram-na. Pode ser sentida a satisfação quando contam sobre a realização dessa festa. "[...] a gente teve a festa, o arraiá aqui, dia 21 passado [julho], que o povo dimirô, achô bom demais, que é uma coisa que fazia muitos ano que nóis num tinha, que tinha parado. Aí a gente, então reativô de novo, essa festa, essa quadrilha [...][230].

Metamorfoses importantes ocorrem de forma gradativa ou de forma mais abrupta, conforme as estratégias vão sendo estabelecidas entre as práticas tradicionais e as modernas. Nos modos de produção de leite a substituição das carroças por motos e carros para entrega do leite (Fotografia 44) e os medicamentos e a alimentação incorporada ao trato do gado, foram conquistas e aprendizados importantes.



Fotografia 44: camponês produtor de leite utilizando moto e carreta para transporte do leite. Em 2012, esse camponês conseguiu vender a moto e comprar um veículo Fiat Uno para facilitar e ampliar o transporte do leite e da família.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor.

A incorporação dos medicamentos químicos é importante porque ajuda os camponeses a não sofrer prejuízos com mortes de gado ou mesmo de diminuição da produção leiteira por conta de doenças nas vacas. "O que usa é mais o, pra dá o

[229] A Festa do arraial, também chamada de Festa Junina, é composta de muitos pratos sagados e doces, fogueira e dança da quadrilha.
[230] Idem.

combate, o colosso e tem também o, aplica o vermífugo. [...] se num usá, o carrapato toma conta, adoece"[231]. Entretanto, na relação dos camponeses com o Cerrado, há também a prática do uso de ervas medicinais, ou remédios caseiros como são mais conhecidos, e muitos deles também são aplicados no gado.

Também as mudanças nos modos de vida são evidentes: o tempo livre, no intervalo de um ofício e outro, que, outrora, poderia servir para uma soneca, mesmo que no próprio local da tarefa, essa agora o disputa com a televisão; as meninas, que antes utilizavam cartas de amor, para se declarar aos seus pretendentes, escondidas dos pais, agora o fazem via celular; O gado, que percorria a pé os percursos necessários para transferências de pastos ou por motivos de venda, agora é transportado em caminhões-gaiola; as Folias de Santos Reis, que percorriam a pé entre uma casa (propriedade) e outra, agora o fazem de Komb's, cedidas pela Prefeitura (Fotografia 45).

> Primeramente ia no pé [...], a gente saia aqui, distante mesmo era no pé. Agora já tem a condução, tem os meios da gente andá, né? Facilita, porque de primero até num era tanto, porque tinha muita gente e as casas toda pertim, e agora já é mais difícil, porque chega num lugá, num tem ninguém, tem que andá distante. Então, nesse ponto ai, eu creio que ficô mais fácil (Informação verbal[232]).



Fotografia 45: Komb's da Prefeitura de Quirinópolis utilizada para transporte da Folia de Reis de Pedra Lisa para a realização do giro. Nos últimos anos a Prefeitura tem disponibilizados esses veículos, mas, em anos anteriores, era preciso alugar os veículos para o transporte dos foliões.
Fonte: Trabalho de Campo, dezembro de 2011. Foto do autor.

[231] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[232] Idem.

Desse modo, a utilização de veículos automotores para a locomoção dos foliões, além de facilitar a jornada desses devotos, ainda a agiliza, possibilitando a visita em maior número de casas. Uma maior quantidade de visitas é importante por dois motivos: o primeiro, pela necessidade que os devotos têm de receber, em sua casa, a bandeira dos Santos Reis. Caso a companhia não passe em alguma das casas que já tem tradição de recebê-la, é razão para ficar magoado; o segundo motivo é pela maior quantidade de arrecadação das ofertas (ou esmolas, como é chamado pelos foliões), visto que a quantidade de pessoas que participam da festa da chegada é muito grande, e a alimentação tem que ser suficiente para estar disponível a noite toda.

Além da festa, outros aspectos imateriais se destacam numa comunidade camponesa, apresentando uma paisagem ímpar. Segundo Chaveiro e Castilho (2010, p. 9), a partir da "ligação do monjolo com a bica, o ritmo compassado das batidas do pilão, os trieirinhos no imenso pomar, a mangueira, a goiabeira, os meandros dos córregos, os chapadões, os buritis elegantes". Embora muitos deles estejam presentes apenas no imaginário, outros tantos ainda estão preservados na paisagem da Comunidade Pedra Lisa. Também as relações subjetivas dos sujeitos, "o mutirão, a marca, o terço da roça, a novena para chover, [...] e outros tantos gradientes dos ambientes do cerrado – montam paisagens belas" (CHAVEIRO e CASTILHO, 2010, p. 9).

Entre os camponeses de Pedra Lisa, o passado é venerado e os símbolos são valorizados, porque remetem à memória das experiências de vida, contêm as tradições produzidas por gerações, e os modos de vida de uma comunidade que se constituiu há muito tempo e que aprenderam a lidar com o tempo e o espaço.

É necessário compreender a importância que toda essa representação tem para o vivido dos camponeses de Pedra lisa. A relação entre o velho e o novo potencializa esses modos de vida representados pelas práticas sociais e produtivas camponesas, valorizando-os, como saberes e fazeres, como religião, festas, devoções e, principalmente, como trabalho. Os símbolos são (re)valorizados, porque representam as experiências de vida, contêm as tradições elaboradas por gerações e os modos de vida de uma comunidade que se constituiu há muito tempo e que aprendeu a lidar com o tempo e o espaço.

A representação da divindade na vida dessas famílias de camponeses possibilita uma relação entre elas e os santos, materializada pela devoção. "A

devoção é muito boa. A gente tá muito, assim, apertado mesmo, pensa: agora num vô dá conta de fazê isso, ai apega com, bastante, Deus e Nossa Senhora. Pra Deus nada é impossível, [...] se tive fé em Deus, vai pra frente"[233]. Essa é uma das certezas que os camponeses tem no lugar. Se vão continuar ali, ou se terão de desocupar o espaço para a cana, eles não sabem, mas sabem que, se eles estiverem com a divindade, representada em Deus, em Nossa Senhora ou em Santos Reis, eles estarão protegidos. E isso lhes assegura a existência.

Entendemos que o lazer é outra importante estratégia dos camponeses do lugar, visto que esses momentos possibilitam o lúdico e as sociabilidades, além de lhes garantir trocas de saberes, informações e procedimentos, inclusive produtivos. Entendendo que essas atividades necessitam de tempo livre dos camponeses para a sua realização, é bom lembrar que há períodos, sobretudo no tempo da seca, em que o trabalho é intenso e não sobra tempo para outras atividades. Mas quando isso é possível, a boa utilização do tempo livre também se converte em lazer e são momentos importantes para a existência desses sujeitos.

Portanto, conhecer esse patrimônio e trazê-lo para análise, significa envolver a diversidade sociocultural existente no espaço. Significa o Estado entender e elaborar políticas públicas que contemplem a diversidade cultural, para valorização e preservação dessas diversidades. Conforme Silva e Peixinho (2012, p. 99), o Estado "age a serviço do capital, [e] realiza as suas ações na intenção de permitir ganhos cada vez mais significativos para o capital aplicado".

Camelini (2011, p. 56), argumenta que a lógica que tem sido empregada é a de que o Estado "opera sobre o território, buscando atender aos interesses da população e, ao mesmo tempo, satisfazer as condições impostas pelas corporações para continuar investindo no país, uma condição conflitante [...]", mas, na verdade, diante deste novo arranjo do capital, em particular, o agrocombustível, "o Estado assume novo papel e as corporações passam a ter importância diferenciada em comparação a outros períodos" (CAMELINI, 2011, p. 57).

Ainda assim, com o Estado potencializando as relações economicistas de privilegiadas atividades econômicas, os camponeses de Pedra Lisa encontram formas de existência e constroem possibilidades para exercerem a sua

[233] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

campesinidade e se utilizarem daquilo que o capital industrial e agroindustrial oferece no mercado.

5.3. As práticas sociais em Pedra Lisa

Como já foi enunciado, o lugar, assim como o território e a paisagem, só podem ser construído pelas práticas sociais presentes na relação dos grupos sociais. Assim, algumas das características da Comunidade Pedra Lisa ou deixaram de existir ou foram estrategicamente modificadas.

No campo, observamos algumas dessas práticas sócias tidas como estratégias: a) a produção de alimentos para o sustento e a reprodução da base familiar; b) a utilização de ervas medicinais para cura de enfermidades; c) a venda, no comércio local, do excedente de sua produção; e a relação com esse mesmo comércio para a aquisição das mercadorias não produzidas no lugar; d) o jeito peculiar de organizar a casa, o terreiro e o pomar, atualmente prejudicados pelos venenos aspergidos nas lavouras de cana; e) o mutirão em momentos de aperto na lida do trabalho; f) a partilha da produção; festas comunitárias e religiosas, como as tradicionais festas de São João, Santo Antônio e São Pedro e a Folia de Santos Reis, assim como a dança de catira; g) a apropriação de algumas estruturas do capital canavieiro como facilitadoras do trabalho cotidiano; h) A Venda do Zé Major, como o elo da vida com o território e com as práticas socioculturais.

São estratégias organizadas com o objetivo de propiciar alternativas de existência no lugar, bem como a permanência das famílias camponesas nesse lugar. Estratégias essas que serão detalhadas a seguir, objetivando apresentar os conteúdos da vida camponesa em Pedra Lisa, para evidenciar a sua dinamicidade perante as adversidades.

a) A produção de alimentos para economia de consumo e reprodução da base familiar

Os camponeses assumem uma condição de reprodução dos sujeitos, que conseguem existir no sistema capitalista, mesmo não negando algumas de suas práticas sociais não capitalistas. Eles seguem produzindo alimentos, continuam com a relação de trabalho familiar, com algumas práticas e equipamentos do passado,

mas que se inscrevem em outras circunstâncias. Isso os certifica como sujeitos do lugar Pedra Lisa.

Contudo, para se assumirem como sujeitos do lugar, eles precisam usar de estratégias que lhes assegurem como camponeses, assumindo novos rearranjos por conta das relações com o capital, com as tecnologias modernas, com o Estado.

Portanto, a produção de alimentos não é mais apenas para a economia de consumo. É óbvio que parte dessa produção é destinada ao sustento familiar, mas, agora, o camponês direciona sua produção de leite para a comercialização[234] e, com a troca da mercadoria por dinheiro, compra o necessário para o consumo semanal ou mensal. Desse modo, outros produtos cultivados na propriedade amenizam as despesas com o supermercado e outros comércios onde vai adquirir mercadorias.

Dentre os problemas relatados, o que mais causa danos a essa produção de consumo, de acordo com os camponeses de Pedra Lisa, são as práticas de aspersão de produtos por avião, empregado pela agroindústria da cana, com a utilização de grandes quantidades de produtos agrotóxicos e maturadores, a fim de obterem produção em alta escala. No entanto, para os que têm como prática social a pequena produção alimentar para o consumo, isso não os impede de continuar produzindo.

Essa prática tem poluído o ar, o solo e a água, causando danos à natureza, afetando suas roças, pomares e outras plantações. Algumas frutas e ramas já não produzem mais, como mamão (Fotografia 46a), laranja (Fotografia 46b), acerola, mexerica, abóbora, mandioca, plantas medicinais e de jardins. Também as vespinhas, utilizadas como combate biológico na cana, atacam o gado, e os medicamentos não apresentam a mesma eficiência, visto terem criado resistência.

Segundo um camponês que produz somente para o consumo, o mamoeiro dá uma carga boa, os mamões vão crescendo e, depois, vão engruvinhando[235], amarelando e aparecendo pontos enferrujados e começam a cair antes do tempo. O problema, seguiu ele na entrevista, é que estamos cercados pela cana, “no Major tem cana, aqui tem cana, não tenho nada contra, cada um tem sua função, mas tá ficando ruim pra nós”, conclui.

---

[234] O leite, prioritariamente, mas também derivados deste e outros produtos como frutas, ovos, rapaduras, cachaça, dentre outros.

[235] Engruvinhado significa amassado, amarrotado, amachucado, enrugado. No caso do mamão, ele fica com esse aspecto de enrugamento, disforme e com pequenos pontos de perfuração de onde escorre o leite do fruto.

> Meu filho falô que quando a usina viesse, nossos córgos que mais pegava nossos lambari, pexim, ia acabá tudo, e ai tai por prova. Mamão, acerola, nossas plantação, lá invai, destruindo tudo, lá invai inutilizano, não quer produzir mais. Através do combate da usina, laranja, tudo lá invai acabano, não produz igual era antigamente (Informação verbal[236]).



a **b**

Fotografia 46: Frutas apresentam doenças na Comunidade Pedra Lisa. (a e b: mamão e laranjas com doenças). São várias as propriedades que apresentam algum tipo de problemas nas plantações e nas frutas depois que se iniciou a atividade canavieira em grande escala na região.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Além da produção alimentar, o capim para o gado também acaba afetado, associado à poeira levantada nas estradas pelas carretas e, nas áreas em preparação do solo, pelas máquinas agrícolas, e, depois, levada para a área de pastagem mais próxima. Com poeira no capim, o gado não come. Não há como comprovar, mas tem camponeses preocupados e já comentaram os efeitos na produção leiteira.

> Prejudica, porque no lugá que dá aquela puera forte, o gado num come o capim, fica sujo ele num come. [...] é geralmente umas berada duns cinquenta, cem metros berano a estrada, fica sujo o pasto [...]. E aquilo fica lá, enquanto num chove pra moiá, pra lavá, ele. Quando chove elas [vacas] vai comê (Informação verbal[237]).

Esses fatos têm reduzido a produtividade e, sobretudo, qualidade dos alimentos que os camponeses produzem (ou produziam) em seus sítios. Atividades que incluem as hortaliças, as roças, as criações de porcos e galinhas, a produção de

[236] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[237] Idem.

queijo e a produção de leite, sendo este último a produção principal, que entregam para algumas das empresas de laticínios do município. Essa descrição ainda revela uma paisagem característica de um território camponês de Pedra Lisa, visto a diversificação de atividades na propriedade.

Diante desses fatos, observa-se que, estrategicamente, ainda conseguem se rearranjar para dar continuidade ao processo de produzir e de existir no lugar e no território camponês. Diante das adversidades postas, continuam produzindo leite, armazenando nos tanques de resfriamentos, entregando aos laticínios da cidade de Quirinópolis[238], e, com o dinheiro da venda do leite, que, em abril de 2011, estava em torno de R$ 0,70, compram, na cidade, o que não foi produzido na propriedade, incluindo bens de consumo, produtos da modernidade.

No entanto, para valorizar a renda, diminuindo custos com alimentação, estrategicamente, ainda mantêm o mínimo de produção alimentar[239] nos terreiros, escolhendo, por meio da observação, os produtos que não compensarão mais plantar, porque os combates na cana, com aviões, continuarão a prejudicar a produção.

b) As práticas medicinais

A utilização das ervas medicinais é uma prática de tempos em que os medicamentos químicos eram mais inacessíveis para as populações rurais, visto que sempre estiveram longe das farmácias ou do médico na cidade e muito próximos às ervas do Cerrado. Esses conhecimentos sempre foram passados por gerações, e ficam guardados para serem usados no momento de uma enfermidade. São como que uma herança dos saberes e fazeres guardados pelas famílias.

São dezenas de plantas que curam e que os camponeses sabem utilizar para vencer suas enfermidades. São os saberes e fazeres desses camponeses com profundos conhecimentos de Pedra Lisa, que servem de fundamentos para compreendermos as suas territorialidades. “Eu conheço é o angico, jatobá, pra fazê

[238] Lembrando que há poucos produtores de leite que preferem receber menos pelo litro de leite para entregar em temperatura ambiente para o Laticínio Rio Preto, que fabrica apenas derivados do leite.
[239] Embora tenham sido encontradas propriedades que não apresentam nada ou muito pouco de produção alimentar básica no terreiro.

xarope, sempre pra problema de gripe. E tem essas otras do Cerrado também, tem a quininha, que eles falam [...], quina é pra gente, dá apetite na gente [...]"[240].

Embora não haja raizeiro nessa comunidade, o saber fazer remédios caseiros, usando ervas medicinais, é muito presente. Para Borges e Almeida, "os raizeiros(as) têm um importante papel a desempenhar ao potencializar seus conhecimentos populares sobre plantas medicinais do Cerrado, numa atividade sistemática de produção de medicamentos e remédios" (BORGES e ALMEIDA, 2012, p. 2).

No entanto é uma herança que pode ser socializada com outras pessoas, ou seja, sempre se ensinam as receitas para os filhos, para pessoas de outras famílias, de outras comunidades. Uma das receitas, para quem está gripado, foi repassada como forma dessa sociabilização:

> A gente queima açúcar com a folha de manga, mexerica, limão e laranja, e ai a entrecasca do angico. Depois que essas foia foi queimada, cê põe lá e fais o chá e apura, por causa do xarope. É pra despeitorá, pra gripe. Ele é um remédio que cê coloca assim, ao mel, na hora de tomá aquele xaropim (Informação verbal[241]).

É por esses saberes guardados para serem usados nos momentos adequados é que o lugar, o território e os modos de vida são transformados sim, mas não extintos, pois a terra, o gado, a vida silvestre, enfim, o cotidiano da roça e o imaginário, também redefinidos, continuam lá. É a memória da terra que testemunha um território que ainda existe em algumas das práticas do lugar, e em um lugar constituído por pequenas propriedades, a riqueza dos saberes e fazeres guardados é ainda maior, conforme o depoimento de um camponês, ao relembrar quando tinha muito mais casas e vizinhos em Pedra Lisa. "Aonde é pequena propriedade sempre tem mais gente, porque quando é grande propriedade, ainda mais hoje que tá virano tudo cana, então é, a região fica sem gente"[242].

Há uma inquietação em Pedra Lisa que não depende do camponês, nem mesmo da comunidade. É com o fato de o Cerrado estar sendo gradativamente substituído por lavouras e pastagens para fins de produção comercial. Com isso, compromete-se o saber-fazer próprio das famílias camponesas quanto ao conhecimento medicinal do Cerrado para a cura de várias enfermidades.

---

[240] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[241] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[242] Idem.

Como quase não há mais a vegetação do Cerrado, os saberes tradicionais tendem a desaparecer, pois a escassez de frutos, que complementavam o saber alimentar, e as variadas ervas que nutriam as práticas medicinais dos camponeses do Cerrado, evidencia-se com a expansão, em larga escala, do agronegócio. A quase eliminação do anjico (*Anadenthera falcata*), jaracatiá (*Jacaratia spinosa*), gabiroba ou guavira (*Campomanesia cambessedeana*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), goiabinha do Cerrado (*Psidium firmum Berg*), cajuzinho do Cerrado (*Anacardium othonianum*), mama cadela (*Brosimum Gaudichauii*), marmelo (*Cydonia oblonga Mill*), chapéu de couro (*Echinodorus grandiflorus*), sucupira (*Pterodon emarginatus*), quina (*Cinchona calysaia*), e outras árvores e arbustos do Cerrado comprometem em muito o saber fazer e os estudos desses conhecimentos do lugar, no lugar e para o lugar.

Com a redução da biodiversidade do Cerrado, e por consequência, a dificuldade da utilização do saber medicinal na Comunidade Pedra Lisa, por mais simples que seja a enfermidade, ficam dependentes dos medicamentos químicos e dos agentes de saúde que visitam as propriedades. São três as agentes de saúde responsáveis pela Sub-região Pedra Lisa. Duas dessas profissionais têm propriedades na comunidade e uma delas também visita os camponeses nas sub-regiões (Guariroba e Limeira). A terceira tem propriedade na Sub-região Alegre e sua área de atuação abrange, ainda, as famílias do Córrego Bebedouro que se localiza dentro da Sub-região Pedra Lisa.

A agente de saúde, ao visitar as casas, primeiro conversa sobre os fatos ocorridos no cotidiano. Depois, mede a pressão das pessoas, sobretudo aquelas que possuem idades mais avançadas; faz entrega de remédios e colhe as assinaturas nas fichas de visitação. Cercados pelas grandes lavouras, privados da biodiversidade do Cerrado e agora assistidos e tutelados pela medicina do mercado/Estado, esses sujeitos vão perdendo aos poucos a sabedoria adquirida nas suas práticas sociais.

De várias partes da Sub-região Pedra Lisa, ao observar a paisagem física, desprovida da vegetação do Cerrado, percebe-se a presença do agronegócio, sobretudo da produção do etanol (Fotografia 47). A produção do gado de corte, que necessita de uma área de pasto mais extensa, predomina na paisagem, tanto pela visualização do gado na paisagem, como, principalmente da plantação do capim. Embora prevaleça a pequena pecuária leiteira, alguns produtores em Pedra Lisa

estão incluídos nesse complexo de produção de carne para o mercado local e externo (dependendo para quem os vende), incluindo algumas pequenas propriedades.



Fotografia 47: Agroindústria Nova Fronteira. Ao fundo, as grandes chaminés das caldeiras que funcionam também para produzir energia elétrica.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril e Agosto de 2011. Foto do autor.

Nessa condição, o camponês perde espaços para continuar desenvolvendo seus conhecimentos, inclusive medicinais; a sociedade também perde, pois aquilo que existia desaparece com os seus sujeitos.

c) A venda do excedente da produção no comércio local e a relação com o comércio para a aquisição das mercadorias

Além do leite, que é produzido para comercialização, alguns produtos de Pedra Lisa também são vendidos na localidade ou na cidade, em forma de subproduto. No caso do leite, são produzidos queijos, requeijão e doce de leite. No caso da cana-de-açúcar, são comercializadas rapadura e cachaça. O dinheiro da venda desses produtos é incorporado à renda da família para aquisição de outras mercadorias.

Quanto ao processo de produção da rapadura, a produtora apresentou resumidamente o saber fazer em etapas do corte da cana até o consumo final: “corta a cana, mói ela lá, põe na tacha e ela vai apurano e formano a rapadura. Ai põe na forminha, esfria um tiquim e tá pronto”. Essa é a única família que ainda produz

rapadura em Pedra Lisa, e a produção tem como destino o consumo, comercializando apenas o excedente. “Nóis quais num comercializa, nóis produz pro gasto mesmo. [No ano passado vendeu na cidade] foi porque produziu mais. Vendeu na porta mesmo, a pessoa procurava e vendia”[243].

Em outros tempos, a produção de excedentes era maior e com mais variedades que atualmente. A farinha de mandioca e o polvilho são exemplos dessa produção. Dizia uma camponesa, já de idade avançada: “eu era dona de um mandiocal, eu fazia farinha, fazia polvilho, até que foi indo, eu fiquei doente, eu parei e não faço nada. Meu marido é que trabaia no meu lugar[244]”.

A rapadura era produzida não apenas em uma propriedade, como é atualmente, mas em várias delas. A produção da cachaça também era realizada em mais de uma propriedade.

> Começô em noventa e nove. [...] antigamente, quando eu era muleque, tinha um parente ai que fabricava, um tal de tii Toti [tio Toti]. Ai depois teve um cunhado meu que fabricô no Jauto ali uns tempo também, parô. O outro cunhado, que é o Tinin, também fabricô muito tempo, parô [...]. Com a minha é quatro. Meu pai era fazedô de rapadura. Teve vários lugá [...]. Esse tii Toti também já foi, teve o vô do Zé Major, foi fabricante de rapadura. Que eu tô lembrano é esses treis. Fabricava muita rapadura mesmo (Informação verbal[245]).

A produção da cachaça é processada em um alambique artesanal, localizado a cerca de 100 metros de distância da sede, na margem direita do Córrego dos Macacos, logo abaixo de uma represa construída por um barramento desse mesmo córrego. Logo abaixo da represa, aproveitando tubulação de escape dessa, há uma roda d’água que transporta água para a residência do camponês. Daí, a água segue através de um rego até o engenho, que enche um pequeno tanque utilizado para o resfriamento da serpentina[246]. Após essa água ser utilizada na fabricação da cachaça, ela volta para o córrego.

A cana é moída em um engenho movido à tração de um motor estacionário, que é acoplado ao trator, o mesmo que, antes dessa tarefa, foi buscar a cana, já cortada e amontoada (Fotografia 48a). Ao moer a cana, a garapa já é transportada via tubulação, para caixas d’água de 1000 litros, localizadas dentro de uma sala

[243] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[244] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[245] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[246] Tubulação de cobre, retorcido em forma de espiral em um espaço reduzido, que serve para conduzir o vapor alcoólico até o recipiente externo onde é depositada a cachaça.

reservada. Ali ela descansa por alguns dias enquanto se processa a fermentação (Fotografia 48b).



a **b**

Fotografia 48: Etapas da produção da cachaça de Pedra Lisa: a) corte da cana é manual com um ou dois cortadores contratados temporariamente; b) fermentação da garapa, após a moagem que é realizada por um dos cortadores de cana.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

O processo de fermentação é o primeiro a ser trabalhado e é um único fermento[247], chamado isca, por ano. "O processo aqui é, nóis mói o mii [milho], já põe nas caxas e já começa a pô a garapa [...] pro fermento. Ai, dentro de dois, treis dias, ai o Paulo vem mexê, ele tem o trem de midi, o termômetro, né? Nóis vai e põe mais até o fermento ficá pronto, ai já começa a fazê a pinga. É milho e cana [para o fermento]"[248].

Depois dessa etapa, ela é transferida para o alambique que está posicionado em cima de um forno à lenha (Fotografia 49a) para aquecer a garapa e promover a evaporação do álcool, que passa pela serpentina, em que há um compartimento com a água captada do córrego para o resfriamento. Ao sair da serpentina, ela é despejada em um tambor plástico, contendo um pano em sua superfície para que a cachaça seja coada. Dali, a cachaça é transportada manualmente para os tonéis

[247] Associação de água potável milho ou farelo de arroz ao caldo de cana para transformá-lo em em etanol, gás carbônico e compostos secundários, com graduação alcoólica, por meio da ação das leveduras (microrganismos fermentadores naturais que estão no ar). A sala de fermentação precisa ser arejada e manter a temperatura ambiente em 25°. Os recipientes onde a mistura fica por cerca de 24 horas, podem ser de madeira, aço inox, plástico ou cimento.
[248] Entrevista em agosto de 2012 pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

(Fotografia 49b), guardados em outro compartimento para descansar e/ou envelhecer.



a **b**

Fotografia 49: Segunda etapa da produção da cachaça: a) alambicagem para produção da cachaça, feita a partir de forno à lenha; b) armazenamento em tonéis que ficam em um cômodo reservado para esse fim. Parte desse armazenamento é localizado na residência do proprietário do alambique.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

Estando pronto o fermento, inicia-se o processo da alambicagem.

> Tem que cortá a cana, moê e o fermento tá zerado. Lá, cê joga ali dentro do alambique e já põe outra garapa nova lá dentro, ela já vai fermentá traveis, ai faia um dia, no outro torna alambicá traveis, e assim é direto. Faiz cem litro por dia, dá 3.200, 3.400 [por safra/ano] (Informação verbal[249]).

A cachaça de Pedra Lisa é produzida pela relação de trabalho familiar e por assalariamento de um ou dois camponeses do próprio lugar, tanto para o corte da cana, como para a fabricação do produto. A cachaça é bem comercializada na própria comunidade, mas também muito aceita na cidade e em outras regiões, embora com poucos consumidores conhecedores do produto. O proprietário do alambique avalia que a produção é muito mais pelo prazer e tradição, que pelo lucro na comercialização: “ali é pelo gosto, num dá muito lucro não. É porque, isso ai se vendesse e recebesse tudo até que dava um lucrim, [...] só que isso ai fica muito trem sem recebê. Por isso que é mei, num compensa muito. Tem que gostá mesmo pra mexê com isso, né?

[249] Idem.

O processamento da rapadura, embora seja muito parecido com o da cachaça, é ainda mais artesanal. A cana é moída manualmente (Fotografia 50a), a garapa é transportada para tachos que estão sobre fornos à lenha (Fotografia 50b), para o cozimento e, quando estiver no ponto, “bem apurada”, para utilizar um termo técnico local, é despejada nas formas já em tamanho padrão para comercialização, ou seja, em quadrados ou retângulos de cerca de 20 centímetros. Sua comercialização, quando a produção é maior, é predominantemente para consumidores da cidade.



Fotografia 50: Produção familiar de rapadura para consumo e mercado local. A única família que ainda produz rapadura em Pedra Lisa. A produção é realizada pelo proprietário com ajuda da esposa e da filha, no período em que não está na escola.
Fonte: Trabalho de Campo, Julho de 2011. Foto do autor.

O período de produção, tanto da cachaça como da rapadura, perdura entre julho a novembro. O mês de início é mais fácil planejar, o de término vai depender da disponibilidade da cana. Acabou o canavial, terminou a produção. Às vezes, para não terminar muito cedo, compram cana de outros vizinhos, normalmente, de propriedades médias ou grandes, visto que a cana dos camponeses produtores de leite é sempre o suficiente para o complemento alimentar do seu gado, sobretudo, as vacas de leite. Quanto à mão de obra, utilizada na produção da rapadura, é familiar: “Eu e meu marido, [...] quando ela [a filha] tá lá ela ajuda. As pessoa que vai lá também as veis ajuda um pôco também”[250].

O “fazer” artesanalmente o queijo e o requeijão, a cachaça e a rapadura, representa três necessidades básicas do camponês de Pedra Lisa. Uma delas é

[250] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

comercializar ao menos parte da produção e melhorar a renda familiar[251]. A segunda refere-se ao complemento do consumo familiar que, de certa forma, está ligada à primeira, visto que produzir alimentos para a família economiza recursos, pois se evita comprar boa parte de seus viveres. A terceira, e seguramente a mais importante, é a vitalização de um saber fazer histórico que os acompanha desde tempos passados e que não pode cair no esquecimento, sob pena de desaparecer.

d) A organização da casa, do terreiro e do pomar

As casas dos camponeses de Pedra Lisa são, em geral, simples, as paredes de alvenaria ou de concreto em placas de muro, coberta com telhas de cerâmica, e algumas delas, as mais antigas, são sustentadas por vigas de madeiras nobres que, como passar do tempo, a partir das reformas e ampliações, vão ganhando outras feições (Fotografia 51 e 52).



Fotografia 51: Casa rústica às margens do Córrego Pedra Lisa. Residência de uma senhora aposentada que, por muito tempo, esteve sozinha, mas em 2012 recebeu o filho a nora e os netos que vieram morar com ela.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

[251] Nesse caso, a comercialização é realizada na propriedade, ou o produto é levado para uma determinada residência na cidade que já tem uma clientela estabelecida. Não há, por parte dos camponeses de Pedra Lisa, a utilização do espaço da feira livre para comercialização de seus produtos artesanais.



Fotografia 52: Casa simples de um dos camponeses de leite da Comunidade Pedra Lisa. O automóvel serve para transporte de mercadorias e da família.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

O terreiro é caracterizado por uma parte, próximo a casa, muito bem limpo, sem mato e, a uma distância aproximada de vinte metros, encontram-se plantas, constituídas por gramado, plantas medicinais ou jardins e o pomar ou outras árvores típicas do Cerrado.

Nesse ambiente, é comum encontrar, ao longo do dia, animais de criação como cães, gatos e galinhas (Fotografia 53). Estrategicamente, para reduzir esforços no trato dos porcos, procura-se construir o chiqueiro não muito distante da residência, normalmente, dentro desse espaço do terreiro.



Fotografia 53: Terreiro típico dos camponeses da Comunidade Pedra Lisa. Muitos animais de criação, principalmente galinhas e frangos que são alimentados duas vezes ao dia, de manhã e à tardezinha.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

O espaço do pomar é uma extensão do terreiro que recebe variados tipos de fruteiros, sendo os mais encontrados, a bananeira, o limoeiro e a laranjeira. É muito comum também uma pequena roça de abacaxi, dividindo espaço com o mandiocal, o aboboral e uma pequena horta. É evidente que não é em todas as propriedades que se encontram essas características do pomar e da roça, visto que muitos já se habituaram a comprar toda a alimentação nos supermercados da cidade. São também muito comuns os regos d'água nos terreiros próximos às cozinhas das propriedades, auxiliando as donas de casa em várias atividades.

e) O mutirão em momentos de aperto na lida do trabalho

O mutirão sempre foi uma das práticas e estratégias para cumprir tarefas que dependem de maior esforço de mão de obra. Para produção, para construção ou manutenção de cerca ou de residência, os vizinhos sempre se ajudaram. Entretanto, na atualidade, essa prática está cada vez mais rara, por vários motivos, mas o mais recorrente em Pedra Lisa, apontado pelos camponeses produtores de leite, é que já não há mais pessoas disponíveis para os trabalhos locais, como havia antes da chegada da produção canavieira.

> É que a família que morava aqui, tudo mudô, né? Mudaram pra cidade, porque trabalham na usina. Lá o salário é melhor, tem sempre plano de saúde, coisa que a gente num pode [...], igual eu, por exemplo, num tenho condição de dá um plano de saúde, a renda, porque, a renda é poquinha, né? Meu chão é pequeno [...] (informação verbal[252]).

Um camponês, em entrevista, conta como era o mutirão, para abate e partilha de carne, em outros tempos. Hoje, essa relação de sociabilização mudou, assim como as pessoas mudaram, tanto como práticas sociais, como na questão de localização.

> Tinha nosso vizim lá do outro lado, nóis matava um porco, matava uma vaca, eles vinha, ajudava nóis em tudo. Quando eles lá precisava, nóis ia, socorria. Pegou, mudou, achou que ia melhorar, parece que foi é muito pior, ficou foi muitos meses desempregados e sem sabê pra onde ia, até que enfim, colocô [foi empregado]. Mas vai embora, dexa nóis aqui, e nóis vamo vivendo aqui por enquanto até [...] (Informação verbal[253]).

[252] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[253] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Por conta dessas mudanças, para as pequenas produções, particularmente, a leiteira, por ser o predomínio dessa categoria no município, torna-se difícil encontrar pessoas que queiram trabalhar como assalariado, visto que os estímulos das contratações estão voltados para a produção do etanol e açúcar. Nessas grandes empresas, existem vagas tanto no campo como na agroindústria. Dessa forma, atualmente, está difícil arrumar trabalhadores para a pequena lavoura de hortaliças e milho, ou vaqueiro (tirador de leite) para a lida com o gado.

Mesmo com as adversidades, ainda é possível encontrar momentos de trabalho em conjunto, nos moldes do mutirão, visto que estabelecem um círculo de trabalhos nas propriedades dos participantes, passando por todas. Os mais comuns dessas tarefas são: silagem, trituração de cana e a tarefa de mochar bezerros.

f) A partilha da produção e as festas comunitárias e religiosas

Não obstante, algumas atividades culturais e religiosas permanecem na Sub-região Pedra Lisa, assim como também em outras sub-regiões. Conservam-se parte das tradições, como a Folia de Santos Reis, as rezas, algumas festas tidas como profanas e as formas de organização do trabalho. Entretanto ressignificações interpostas pelos processos da modernidade já podem ser sentidas também nessas atividades.

Desse modo, dentre as estratégias para a sua existência, e até mesmo para que antigos moradores sempre retornem à Pedra Lisa, estão as festas profanas e as sagradas[254], especialmente as rezas semanais e as festas da religião popular, como o terço, a novena e as folias de reis[255] (Fotografia 54a). Wedig e Menasche (2009, p. 2) entendem que “os rituais festivos e religiosos falam da organização social de uma comunidade rural[256] e [...], [é preciso] entender como esses rituais são constitutivos da sociabilidade camponesa”.

Dentre as festas profanas, destacam-se os pagodes, o futebol e os rodeios. Os encontros de cunho religioso acontecem a cada semana em uma casa diferente,

[254] O sagrado e o profano não estão separados. Na festa de Santos Reis, por exemplo, enquanto acontecem os ritos sagrados, a bebida já está sendo vendida e consumida. Após a reza, inicia-se o baile.
[255] Folia, de acordo com Mendes (2006), significa uma festa com ritmo rápido e festivo. Normalmente, um grupo de pessoas sai cantando, tocando instrumentos e dançando, em devoção a algum santo.
[256] Tratada neste trabalho como comunidade camponesa

marcando um ritual que, de tão importante, se revela como acordo tácito que se renova sempre ao final de cada reza.

> [...] já é assim, uma tradição. Então as pessoas tem essa religião, essa fé, já da cultura. Então eles, assim, eu acho muito importante, todo mundo gosta de participar, porque a gente, assim, dá uma oportunidade maior de tá, ficá mais esclarecido sobre a bíblia, que é, as veis é coisa que a gente, tem pessoas que num tem condição de fazê em casa sozinho, né? (Informação verbal[257]).

Desse modo, os encontros para as rezas e até mesmo para as festas são uma extensão da casa, da família. Trata-se de um evento de sociabilização desses sujeitos. É a partir delas que eles podem se encontrar, num estado de alegria (Fotografia 54b), para, além de dançar, também conversar, beber cerveja ou cachaça, namorar (no caso dos jovens) e mesmo fazer negócios. São momentos de lazer transformados em arranjos que organizam e redefinem a vida cotidiana, que reforçam os vínculos territoriais.



a **b**

Fotografia 54: a) Folia de Santos Reis de Pedra Lisa em 2010; b) Festa de aniversário no barracão da Venda do Zé Major. Todas as festas realizadas na Venda do Zé Major terminam com o baile, inclusive as religiosas.
Fonte: a) Arquivo particular: MEDEIROS, Angélica A., 2010; b) Trabalho de Campo, Setembro de 2011. Foto do autor.

Nos encontros dos círculos bíblicos em Pedra Lisa, há um ritual na chegada das famílias. Os homens vão se agrupando de um lado e as mulheres de outro do ambiente, enquanto esperam o início da reza. Juntam-se quando esta é iniciada e

[257] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

voltam à separação logo após o término das atividades. De acordo com as pessoas que frequentam o grupo, esse ritual é espontâneo, não era percebido por eles e, na sua avaliação, tem um sentido de ser.

Os homens têm assuntos que interessam mais a eles, e o mesmo ocorrem com as mulheres, e esse é um ótimo momento da sociabilidade e análise também da vida cotidiana, ou para "colocar as conversas em dia", como expressam eles. Para eles, esse momento de conversa é diferente daquele que se desenrola no dia a dia, é especial. "É diferente um pôco que aquele dia que tá todo mundo junto ali, que o dia a dia cê topa só mais um. Aí, quando é lá na reza, tem muitos, as veis tem uma turma duns déis, ai, conversa muita coisa, né? É bão. Tem que tê o prazo pra batê o papo, né?"[258].

A festa é e sempre foi uma necessidade para os camponeses de Pedra Lisa. Para rezar, precisam da festa, mesmo que seja apenas um jantar. Para trabalhar, precisam dela, para descansar, para comemorar. Para fazer reuniões, uma festa sempre é organizada.

> Eu tenho fé muito grande que [a festa em Pedra Lisa] num vai acabá que só vai pra frente, que a gente tá unino, já vai, já tamo até quereno fazê uma [...] festa pra arrecadá fundos, pra tá reformano a nossa capelinha, pra que ela passa mesmo a sê uma igreja. Então acho que pra nóis aqui da comunidade é uma coisa muito boa, eu acho que num vai acabá não, e vai sê, no futuro, vai sê melhor (Informação verbal[259]).

Santos e Kinn (2009) compreendem a dimensão do religioso como sendo "práticas sociais, mediadas pela reciprocidade [que] revelam uma moral que se encontra presente nas relações sociais". De acordo com os autores, essas obrigações revelam uma sociabilidade forçada, para garantir o compromisso e o envolvimento de todos. Ao se preparar uma festa, por exemplo, a participação dos sujeitos implicava:

> Uma forma de demonstração de envolvimento com as coisas da comunidade. A reciprocidade era uma construção social que representava uma troca necessária, uma sociabilidade forçada, imposta socialmente, em que os sujeitos sociais se viam obrigados a participar dos eventos. Desse modo, a reciprocidade funcionava como um compromisso comunitário que se ajustava às imposições sociais e funcionava como resposta à troca obrigatória e aos compromissos sociais de cada pessoa, para com o grupo social (SANTOS e KINN, 2009, p. 62).

[258] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[259] Idem.

Alguns guardam, em seu imaginário, tanto as formas, quanto os cheiros, sons e cores que as festas proporcionavam no passado. Falam da saudade das festas juninas e quadrilhas que havia em Pedra Lisa, organizadas pela escola rural (Fotografia 55), das danças de catira, tão apreciada por todos da comunidade, e também da cidade.



Fotografia 55: Festa Junina quando ainda existia a Escola Municipal Rural Pedra Lisa. A escola era enfeitada com bandeirinhas e os participantes se vestiam a caráter para a dança da quadrilha.
Fonte: Arquivo particular, ALMEIDA, Maria Aparecida B., s.d.

Por ser a festa uma das instituições camponesas de muita importância, foi incorporando as novidades trazidas pela modernidade: “[...] naquele tempo não tinha som, num tinha aparelho, era só mesmo com violão, um pandero, uma sonfona, então vei evoluino, hoje, tem um som pra tocá, mas antigamente era um baile [...] mais simples, mais rústico”. Conta, outro morador, que a festa é uma tradição: “deusde pequeno eu lembro da festa de Reis, parece que nunca, todo ano tem a festa de Reis. Quando num tinha aqui na região, mas tinha notros lugá. Mas aqui agora tá teno no Zé Major. Fez o barracão, né? Todo ano tem ali. Aí nóis, sempre tem aquela devoção com Santos Reis, todo ano nóis ajuda”[260]. São as mutações da festa.

As festas de São João ainda são realizadas todos os anos no dia 23 de junho[261]. Acendem fogueira, fazem a reza do terço (Fotografia 56), alguns batizados de fogueira, alimentação farta e muita alegria.

[260] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[261] O dia de São João é 24 de junho, mas as pessoas gostam de festejar e rezar é na véspera, dia 23.



a **b**

Fotografia 56: Festa de São João em Pedra Lisa: a) fogueira acesa para que os participantes se sintam convidados a se aquecerem e alguns aproveitam para batizar os filhos; b) reza do terço semanal nas casas.
Fonte: a) Arquivo particular: MEDEIROS, Angélica A., Junho de 2011; b) Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Nesse ano de 2012, retomaram a organização da festa de São João na Venda do Zé Major, incluindo nas atividades da fogueira e reza do terço, as barracas de alimentos típicos das festas juninas, a dança da quadrilha e a cavalgada[262] (Fotografia 57). Sobre esse retorno, uma camponesa assim se expressou:

> Eu acho assim, que todos nós ficamos muito alegre, porque todo mundo participô, todo mundo achô muito bom [...] resgatar a cultura que já teve por muitos anos, e que devido alguns fatores teve uma paralisada, mas que agora eu achei muito bom e creio que vai continuar e quero que isso aconteça (Informação verbal[263]).

Diante das dificuldades apresentadas, as rezas e a folia de reis, ainda com forte presença em Pedra Lisa, são vistas como estratégias de segurança para as intempéries do dia a dia, mas também sentem que elas podem estar ameaçadas, não propriamente à extinção, mas à mudanças substanciais.

[262] Quirinópolis ainda tem característica forte de montarias e, por conta disso, é tradição realizar as cavalgadas. Uma caminhada a cavalo, alguns montam em bois, com horário, saída e chegada pré-determinados, com vestes a caráter e ao som de berrantes. Essa modalidade não é típica de Festa de São João, mas como é muito apreciada em Pedra Lisa, também fez parte da programação.
[263] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



a **b**

Fotografia 57: Festa de São João em Pedra Lisa em julho de 2012 com: a) dança da quadrilha; e b) cavalgada. Essa festa, mesmo estando paralisada por alguns anos, chamou a atenção da população da cidade, tanto é verdade que até fotografaram e postaram na internet.
Fonte: Portal Midia.tv[264], 2012

Nogueira, para compreender a dicotomia da permanência e mutações da Folia de Reis em Pedra Lisa, provavelmente, a mais antiga do município, afirma ser necessário "analisar a dicotomia e também a aproximação que existe entre tradição e modernidade dentro dos diversos rituais e práticas que estão inclusos dentro do processo da Folia de Reis". Prossegue destacando que "é preciso compreendê-las e contextualizá-las dentro de todo o contexto regional, uma vez que estas estão inseridas no contexto comunitário" (NOGUEIRA, 2011, p. 75). Sobre a Folia de Reis de Pedra Lisa, a autora assim descreve:

> Obrigatoriamente, a Folia de Reis tem seu início na noite de Natal. Os Foliões, seus familiares e a população da região (Pedra Lisa) se reúnem em um local determinado – no caso da região de Pedra Lisa o local de saída da Folia e da realização da Festa é sempre a Venda do Zé Major – para a oração do terço e também os rituais próprios de cantoria da Folia, bem como para a confraternização de Natal com o jantar, a dança e a bebida (NOGUEIRA, 2011, p. 75).

Numa das etapas do trabalho de campo, houve acompanhamento da saída da Folia de Reis de Pedra Lisa e Estrela do Oriente da cidade de Quirinópolis, na noite de Natal, para a apresentação dos rituais, seguida da reza do terço e do jantar. No dia 25, dia de Natal, já na execução do giro, de casa em casa, cantando e rezando, o trajeto ia se fazendo, até chegar a hora do almoço, preparado em uma das propriedades,

[264] Disponível em: <http://www.portalmidia.tv/index.php>.

combinado com antecedência, onde todos, da companhia e convidados, confraternizaram com os foliões.

Em entrevista, um dos foliões[265] apresenta o significado da Folia de Reis e da festa da chegada do folião e da bandeira.

> A Folia de Reis significa, quando os três reis magos do oriente foram visitar o Menino Deus em Belém, eles saíram no dia 25 de dezembro, à meia noite, e chegaram em casa no dia 6 de janeiro. Então quando eles chegaram na casa deles, fizeram aquela comemoração, aquela festa, aquela alegria por ter chegado em casa [...]. Então por isso surgiu a Folia de Reis. [...] é uma maneira da gente agradar os morador, porque a gente vai sai pedindo donativo, prenda para a festa, o pessoal faz a oferta, depois o pessoal vai festá, é uma ajuda que tá dando na festa. [...] o pessoal doa, fala é pros Santos Reis, não é pros Santos Reis é pro pessoal que vai lá, o pessoal mesmo vai desfrutar daquilo que os moradô contribuiu pra festa de Santos Reis (Informação verbal).

À medida que os vínculos culturais vão se destacando, encontros e desencontros vão se estabelecendo, e tem-se a consequente reconstrução dos territórios e das distintas territorialidades na Comunidade Pedra Lisa. Por isso, para essas famílias, é tão importante a devoção à Santos Reis ou a um outro santo.

> Os votos que nóis fais, se tivé assim, muito apertado, com doença, nóis fais a intenção, pros santos que a gente tem muita fé, [...] aí valida, a gente vai e cumpre o voto. Igual o eu irmão feis pra fia dele sai da UTI, pros Santos Reis e ele foi valido, né? Quer dizer que já saiu fora de perigo, né? (Informação verbal[266]).

Portanto, na busca da reocupação do espaço e da reestruturação dos processos produtivos pelo capital, estabelecem-se disputas e convivências de diferentes lógicas sociais, no tocante às relações econômicas e culturais, ressignificando espaços, modos de produção, festas, devoções.

g) A apropriação de estruturas do capital canavieiro

O emprego de tecnologias no cotidiano da vida e do trabalho fez emergir novas carências de tempo e, conforme Santos, para percebê-las, procurou-se observar as práticas sociais que cada grupo desenvolve no vivido (SANTOS, 2008b), para, assim, perceber o emprego de equipamentos de produção e

[265] Entrevista realizada, pelo autor, dia 25 de dezembro de 2011, na Comunidade Pedra Lisa. Esse folião tem deficiência visual e, mesmo assim, é o responsável pela afinação dos instrumentos.
[266] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

domésticos, que reduzem o tempo dos camponeses, como a máquina de lavar roupa, que possibilita liberar as mulheres para a lida com o gado.

Algumas das logísticas da produção do agrocombustível, proporcionadas pelas modernas tecnologias, vem ao encontro dos anseios dos camponeses. Assim como também o tanque de resfriamento de leite (Fotografia 58), a melhoria e a manutenção constante das estradas e mata-burros, que coincidem com maiores facilidades de aquisição de veículos, tanto para o transporte do leite, como para o acesso rápido à cidade e/ou outras localidades.



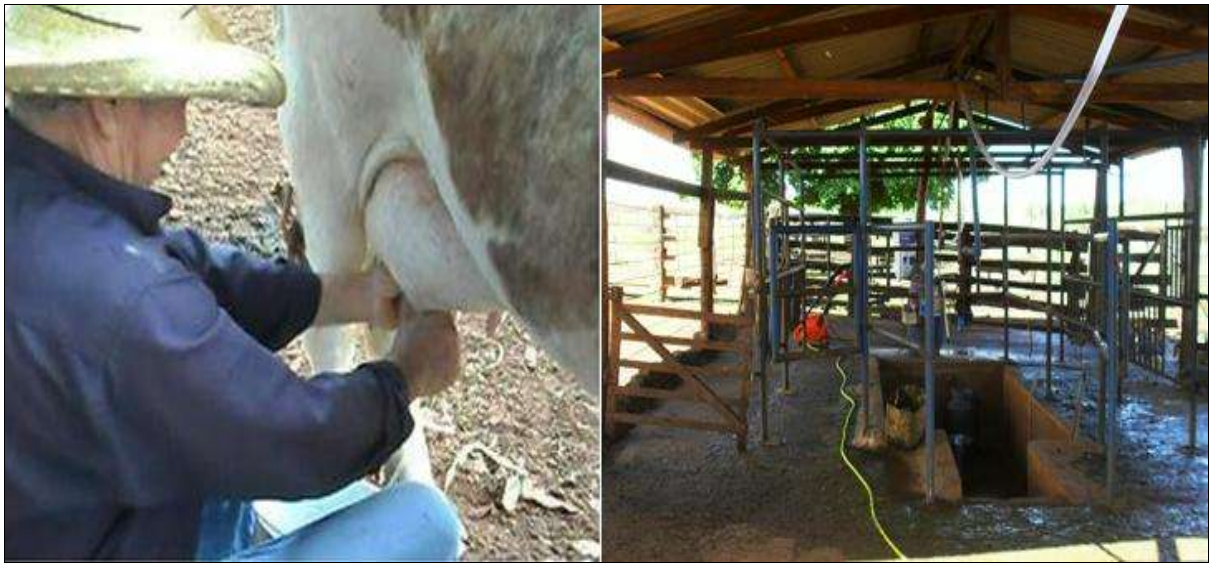
Fotografia 58: Coleta do leite armazenado em um dos tanques em Pedra Lisa. A coleta é de responsabilidade da empresa (laticínio) e o pagamento é realizado mensalmente.
Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2011. Foto do autor.

Brandão já apresentava essa relação ao escrever que, "[...] com a incorporação da luz elétrica [...] e dos meios de comunicação de massa, onde o 'assistir televisão' se associa e compete com o antigo costume de 'ouvir o rádio' [...]" (BRANDÃO, 2009, p. 47), os camponeses se apropriam de parte dessa modernidade. A necessidade de ter a televisão não substitui a prática do uso do rádio, até porque os produtores de leite levam-no consigo para o curral. Além de eles ouvirem as notícias e as músicas sertanejas, moderna ou de raízes, acreditam que a música acalma as vacas no momento da ordenha.

Em Pedra Lisa, as práticas da atividade leiteira não agregaram totalmente a modernidade, mas também não é mais como o modo de produção tradicional, ou seja, há um imbricamento entre as duas práticas, como a ordenha manual com utilização de um banquinho e balde, levado para tanques de resfriamento.

Isso tudo é feito com controle de qualidade expressa em litros de leite analisada pelo Ph[267] e refrigeração do leite. Portanto, há uma ressignificação das práticas camponesas e adaptação às práticas modernas. Do latão para o tanque, e deste ao laticínio, seguem-se as etapas: “nóis tira o leite, põe no latão, nóis côa ele e põe no resfriadô. Nóis tá vendeno pro Nenego[268] agora, a Agrovale tá muito ruim pra pagá. [...] ele falô que vai pagá 75 [centavos o litro], mesmo agora na seca, ele falô, né? É o primero meis ainda”.

A ordenha é realizada manualmente, tendo, o trabalhador, à sua disposição, um banquinho de uma só perna, amarrado à cintura, um balde (Fotografia 59a) para aparar o leite e os galões, mas todo o leite retirado para a comercialização é armazenado em tanques de resfriamento. Apenas uma das propriedades conta com ordenha mecânica (Fotografia 59b). Em geral, os currais são de formato mais rústico (Fotografia 60a), outros mais bem estruturados, com construção mais moderna (Fotografia 60b).



a **b**

Fotografia 59: Tipos de ordenha realizadas em Pedra Lisa: a) Ordenha manual com apetrechos rudimentares; b) Ordenha mecânica. Apenas uma das propriedades dessa comunidade possui essa tecnologia.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

No local, estão implicadas várias estratégias sociais que se materializam no lugar, no leite, e na existência do homem que produziu esse leite. Também estão no porco, nas galinhas, nos grãos, mas é com o leite que ele trabalha. Tudo isso cria

[267] Símbolo para a grandeza físico-química do potencial hidrogeniônico ou potencial hidrogênio iônico. É um índice que indica a acidez, neutralidade ou alcalinidade de um meio qualquer, também no leite.
[268] É o proprietário do laticínio de derivados Rio Preto.

outra situação, a existência dos camponeses de Pedra Lisa, mesmo diante de atividades dominantes desenvolvidas pelo agronegócio.



a **b**

Fotografia 60: a) currais de formato rústico; b) Parte de um curral mais moderno, sendo esse o mais comum na comunidade.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Essa existência implica contradizer a lógica do agronegócio, uma vez que as práticas socioprodutivas e socioculturais materializadas no lugar dão caráter à outra lógica, pautada na produção alimentar, nas atividades que, por vezes, necessitam do trabalho coletivo, nas experiências que vinculam o econômico ao sagrado e à natureza, ou na satisfação de trabalhar com aquilo que lhes oferece prazer. Enfim, são processos socioprodutivos e socioculturais que nutrem a permanência da sociabilidade, da ética e da moral camponesa.

h) *A Venda do Zé Major: o local que movimenta a vida no lugar Pedra Lisa*

Da Rodovia que liga Quirinópolis à Paranaiguara, a GO 164, aproximadamente, no quilômetro 20, assim como logo na entrada principal da Comunidade Pedra Lisa, avista-se a venda Zé Major, o lugar de elo da vida com o território e com as práticas socioculturais desta comunidade. Um local muito visitado por todos os moradores da comunidade, e de outras localidades do município.

O proprietário possui apenas 44 litros (2,66 ha) de terra e, mesmo assim, cedeu espaço para fazer o campo de futebol, assim como o barracão, que se transformaram em espaços coletivos. Nessa propriedade, além do campo de futebol e o barracão, que também funciona a venda ou boteco (Fotografia 61a), encontram-

se ainda outras estruturas com capacidade de atender até cinco mil pessoas: uma cozinha adequada para festas, com fornos permanentes construídos de tijolos e barro (Fotografia 61b), banheiros/vestiários e espaços para montagem de tendas e para estacionamentos. Nesse espaço, realizam-se bailes, jogos e treinos de futebol, reuniões de empresas como bancos e cooperativa, festas de reis, juninas, aniversários, e outros particulares, além de um pequeno espaço para rodeio, construído no ano de 2011 (Fotografia 62).



a **b**

Fotografia 61: Venda do Zé Major: a) barracão com mesa de sinuca e espaço com mesas para consumir, sendo costume dos homens e até mesmo família passarem parte dos finais de semana e feriados; b) fornos de barro, permanentes, para cozimento dos alimentos das festas realizadas no local.
Fonte: Trabalho de Campo, Maio de 2010. Foto do autor.



Fotografia 62: Espaço em construção para rodeio. Houve apenas um rodeio após a construção, mas a expectativas é de ter todos os anos.
Fonte: Trabalho de Campo, Agosto de 2011. Foto do autor.

Em entrevista com o proprietário, sobre a disponibilização de parte de sua pequena área para fins coletivos, ele explicou que a festa e os bailes são formas de lazer para a população local. É possível observar que ele se sente prazeroso em contribuir com a sociabilização das famílias. Também, segundo ele, é uma forma de renda para ele e a esposa, visto que, no barracão, ele instalou uma venda onde as pessoas sempre passam os finais de tarde ou os fins de semana. Sobre o campo de futebol, assim se expressou o Zé Major:

> [...] esse campo já tem muitos anos que tem aqui. Então, vamo supô, pra falá não, eu vô acabá com o campo, então, vai sê, num é que o pessoal vai te obrigá ocê num acabá, mas a gente num vai acabá com uma coisa que é um lazer [...], o que hoje o povo aqui da fazenda tem pra diverti, é o campo de futebol. Então, [...] isso aqui tem dia que a gente passa raiva né? Mas porque num é fácil, mas é um a coisa que tem hora que te distrai também né? [...] pode vê que tem muita gente que tá aqui de fora, vei pra trazê filho pra brincá, e tá tomano uma cervejinha enquanto tá treinano ai (Informação verbal[269]).

Esse espaço é fundamental para os encontros, individual ou familiar, que se concretizam nas festas; nos jogos ou treinos de futebol; nas cavalgadas, onde a venda é sempre o ponto de partida ou de chegada; em uma rodada de conversa nutrida com uma cachaça e/ou cervejinha. Tudo isso potencializa o lazer e a sociabilidade dos camponeses de Pedra Lisa. Até mesmo os dez dias em que o pesquisador ficou inserido na comunidade, o pouso foi realizado na cozinha do barracão da venda do Zé Major.

É nesse espaço também que as folias de reis, tanto de Pedra Lisa como a da cidade de Quirinópolis, têm sua saída, na noite de Natal, e a chegada, no dia de reis (de 05 para 06 de janeiro), onde celebram e festejam suas devoções. As famílias de Pedra Lisa e a população da cidade e de outras sub-regiões se reúnem na Venda do Zé Major, para os rituais de cantoria da Folia de Reis, para a reza do terço e também da janta e do baile. Em outros tempos, a festa de reis era realizada com tendas improvisadas de toldas com folhas de bacuri e buriti ou de lona. Nos dias de hoje, já tem esse barracão fixo, para todas as festas e para todos os anos, com toda a estrutura montada.

No ano de 2012, retomaram, neste local, a organização de uma festa que acontecia todos os anos na escola municipal de Pedra Lisa, mas que foi esquecida

[269] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

após o fechamento da escola. Trata-se da festa de São João, no modelo das festas juninas, com barracas de alimentos típicos, dança de quadrilha, cavalgada, incluindo as atividades da fogueira e da reza do terço.

Essas expressões da cultura, da religiosidade e de outras práticas socioculturais em Pedra Lisa encontra na Venda do Zé Major seu ponto de referência. Se, para muitas comunidades, a igreja ainda é esse espaço de ligação da vida cotidiana com as várias instituições camponesas, em Pedra Lisa, esse espaço é a Venda do Zé Major.

Essas estratégias de existência no lugar apresentam os conteúdos e as especificidades da existência camponesa em Pedra Lisa. Revela as relações que se estabelecem entre elas e os recursos naturais, potencializa a vida em coletividade e possibilita a esses camponeses se afirmarem na condição de grupo social, para o enfrentamento das tensões que estão sofrendo com o agronegócio em Pedra Lisa.



Desenho da fotografia 86a, página 315. Autoria: Gabriel Lucas de Souza Ribas e Maria Aparecida de Souza

CAPÍTULO 6

6. LUGARES E CONTEÚDOS CAMPONESES EMERGIDOS DAS TENSÕES COM O AGRONEGÓCIO EM PEDRA LISA

> Uma “cartografia da pessoa” haveria de entrever que cada um de nós habita e é habitado por espaços e lugares, terras e territórios, regiões e paisagens interiores. E, também ao construí-las criamos entre nós, interativa e socialmente, nossos sistemas de ações e de coisas, de signos, símbolos e palavras que conduzem em nossas diversas culturas os nossos saberes, nossos significados, nossas sensibilidades e nossas sociabilidades (Carlos R. Brandão, 2009:17).

6.1. As especificidades da existência camponesa em Pedra Lisa

O lugar Pedra Lisa, é composto por características marcantes de uma comunidade camponesa, com alto grau de parentesco[270], que se tornaram proprietários por herança (“tudo é parente. À beira do córgo é tudo família, parentes e amigos”[271]), onde algumas das práticas sociais, religiosas e produtivas ainda permanecem coletivas.

Carlos afirma que o lugar é “produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano vivido”. Isso garante a construção de uma rede de “significados e sentidos”, elaborados pela própria história e cultura da comunidade, produzindo a “identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida” (CARLOS, 1996, p.29).

Podemos dizer, então, que é no lugar fixado no espaço que as formas de relações acontecem de várias maneiras (CARLOS, 1996, p. 26), no caso de Pedra Lisa, pelas manifestações socioculturais, pelos modos de produção e pela forma de organização do espaço. É também no lugar em que os territórios são construídos, ressignificados e alterados.

---

[270] Em Pedra Lisa, há um alto grau de parentesco e, mesmo que haja famílias que tenham adquirido propriedades a partir da compra, o tempo de vida nessa comunidade estabeleceu fortes vínculos com o lugar e com as pessoas que já habitavam o lugar, fortalecidos, sobretudo, pelas relações vividas no campo religioso, nas festas, nas formas de produção e também nas relações de vizinhanças e compadrio. No decorrer do capítulo, trataremos do parentesco como uma especificidade dos vínculos territoriais.

[271] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Na verdade, o lugar continua o mesmo, o que muda é a sua dinâmica, sua interação, sua forma de produção e exploração, como, por exemplo, as tensões impostas ao local por intermédio de planejamentos nacional e até mesmo global da produção de etanol no espaço onde os conteúdos da produção são de gado leiteiro e de corte. Santos (2008a, p. 108) enfatiza ser importante “compreender o tipo de problema que a lógica dos grandes projetos introduz no reconhecimento de identidades para grupos migrantes e ‘tradicionais’ do Cerrado”.

De acordo com Carlos, “o cenário que dá sentido a tudo isso é a globalização, que, para a empresa, significa a abertura para o mercado externo, agindo num número maior possível de lugares e permitindo a movimentação rápida do dinheiro, que migra por todas as partes do planeta diuturnamente”. De acordo essa pensadora, “a produção se amplia à medida que as barreiras nacionais implodem. Essas mudanças invadem de modo inexorável a vida das pessoas. Para o homem comum significa a imposição de novos padrões de comportamento, novos valores, uma estética [...]” (CARLOS, 1996, p.173).

Santos entende que essa situação coloca outros contornos para analisarmos o problema das identidades e dos pertencimentos, como também reforça, em cada grupo, as suas particularidades socioeconômicas (SANTOS, 2008a, p. 111). Essas particularidades produzem territórios, mas o novo que chega também produz novos territórios, como (re)produz, ou (re)ordena os que já existiam no lugar Pedra Lisa.

Dessa forma, no lugar estudado, novos territórios são estabelecidos, representados pela ação do agronegócio da cana. Como o território camponês permanece, analisamos as suas práticas sociais e as mutações que surgem por meio dos vínculos com o lugar.

A partir do lugar, foi possível também enxergar as transformações socioculturais das famílias camponeses produtoras de leite de Pedra Lisa. Centramos as nossas atenções nas formas de organização do espaço vivido, da estruturação dos modos de vida e das relações com o fenômeno da modernidade tecnológica de produção, inseridas no lugar, transformando paisagens e territórios.

Logo na entrada da propriedade, é comum encontrar uma antena parabólica (Fotografia 63a), que contrasta com a casa simples e rústica. A televisão substitui o rádio. Na lida com o leite (Fotografia 63 b), encontramos algumas combinações. O rádio ainda está presente; e a moto e o carro não suprimiram totalmente a utilização da carroça (Fotografia 64).



a **b**

Fotografia 63: a) Antena parabólica contrastando com a casa rústica; b) a produção leiteira, com utilização de algumas práticas e costumes reinventados da tradição camponesa, como o emprego da música e dos noticiários no decorrer da ordenha manual.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.



Fotografia 64: Alguns camponeses que ainda não possuem veículos automotivos utilizam a carroça para transportar leite, bem como pessoas.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

As especificidades sociais, além de nos remeter ao lugar, permitiram apresentar as relações sociais e a sua relevância para ponderarmos a existência camponesa no espaço em mutação. A partir dessa categoria, considera-se que a produção do espaço é, ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções sociais dos lugares.

Explica Santos (1980) que as práticas tradicionais dos camponeses foram, ao longo dos anos, se metamorfoseando, dando novas possibilidades de técnicas produtivas e ressignificando modos de vida. Paulo Godoy (2004) descreve a ideia da produção do espaço como construção e desconstrução das formas e das funções econômicas, sociais e culturais dos lugares, incluindo, aqui, as relações entre sujeitos e objetos. Desse modo, em Pedra Lisa, as práticas sociais são deste momento, e são estabelecidas no cotidiano do trabalho, do lazer, e até mesmo no espaço do sagrado.

A sociabilidade camponesa concretiza o sentimento de pertencimento a um lugar ou território com hábitos característicos do grupo social ao qual pertence, tornando-o uma comunidade com uma cultura própria, práticas sociais comuns, num processo em que não há garantias de continuar existindo no lugar. Contudo, o avanço das grandes lavouras não tem inibido as iniciativas de reestabelecerem, por intermédio do religioso, as mediações para se relacionarem como coletividade.

Concordamos com o que afirmam Nogueira e Suzuki (2012), com relação à sociabilidade camponesa. De acordo com os autores, ela se constitui como uma "teia de relações estabelecida entre as famílias camponesas que dá ao grupo sua identidade, que se materializa no território".

Nesse sentido, essa sociabilidade é sentida em Pedra Lisa, visto que há um envolvimento de parte da comunidade nas tarefas coletivas. Por isso, a perspectiva é discutir como as instituições camponesas se vinculam com o seu território, que, mesmo clivado pelo moderno, permanece como uma das lógicas sociais que os identificam.

A condição social desses camponeses revela a importância que os encontros religiosos têm, para cumprir com os compromissos de cristão, para nutrir as relações entre eles e o sagrado, mas também para uma reflexão do trabalho, da convivência e ajuda mútua, dos problemas na produção, das agendas dos próximos dias, do lazer, das festas. Uma das mulheres da comunidade revela, em meio a risadas, que a conversa entre elas, nos momentos que antecedem as rezas, é regada pela novela: "nóis gosta demais da novela [...], ai nóis fica contando causo da novela, depois nóis inverga pela saúde, como é que tá o povo [...]"[272].

[272] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Compreendemos que a novela é o conteúdo inicial para descontrair, para comparar com a vida no lugar, mas que, em determinado momento, a vida real toma o lugar na conversa e o conteúdo passa a ser, também, o cotidiano da vida em Pedra Lisa. Essas relações, por vezes, são ressignificadas e ajudam a diluir as tensões postas no espaço e também os usos do próprio espaço.

Para Godoy, a desconstrução do espaço está baseada na concepção de que "a sociedade pós-moderna, ao mesmo tempo em que produz formas espaciais correspondentes, em um dado momento histórico, [...] também as dissolvem e as redefinem em sintonia com as novas necessidades sociais que emergem, por sua vez, em um dado momento para, em seguida, serem diluídas e transformadas" (GODOY, 2004, p.5). Entretanto essas necessidades novas não excluem, por completo, as práticas sociais existentes.

Pelo viés do pensamento de caráter evolutivo desigual das técnicas, entendemos que há encontros e desencontros entre tradição e modernidade e, segundo Santos, tais técnicas sempre se concretizam no lugar, ocorrendo a integração destas com a vida, e retirando-as de sua abstração empírica, atribuindo-lhes efetividade histórica (SANTOS, 1988).

Para os camponeses, é possível criar um movimento de reconstruir ou reinventar a tradição, por isso, não se encontram mais camponeses puros, mas uma campesinidade, de acordo com Woortmann (1990), e, para isso, ele precisa da dimensão da modernidade. No entanto continua o pesquisador enfatizando que é no apego ao lugar que os camponeses conseguem enfrentar as transformações impostas pela modernidade, pensamento esse que, em Pedra Lisa, se confirma.

> Inversamente, o apego à tradição pode ser o meio de sobreviver à grande transformação: manter-se como produtor familiar em meio ao processo mais geral de proletarização ou de empobrecimento. A tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro (WOORTMANN, 1990, p17).

O conhecimento e o entendimento das metamorfoses das práticas sociais dos camponeses de Pedra Lisa, bem como de seus conteúdos produtivos, revelam as formas e os resíduos sociais, que ligam esses sujeitos ao uso do espaço e, por isso, há práticas sociais que foram guardadas para serem aproveitadas nas atividades presentes.

São saberes guardados a que recorrem nos momentos oportunos e, quando usados se revelam em práticas sociais que podem ser vistas, ainda, como vitalidades dos sujeitos da comunidade estudada. Com relação às rezas, por exemplo:

> [...] tinha os terço, inclusive minha mãe era rezadera de terço, porque eu sô duma família católica [...] e ela ia longe pra rezá terço [...]. Inclusive até hoje tem isso. [...] tem o terço, tem um lanche [...], no tempo da quaresma tem tema a via-sacra [...]. Então, toda vida teve esse movimento lá e tá lá até hoje (Informação verbal[273]).

Desse modo, os saberes e fazeres estão sempre presentes nas práticas sociais desses camponeses, como irredutibilidades, visto a importância em manter, propagar e reinventar suas práticas socioculturais, como a dança da catira. Há um grupo na Pedra Lisa, mesclado com integrantes da cidade (ex-moradores de Pedra Lisa), mantendo viva essa tradição.

> Eu sou filho dum catirero. Mas hoje é uma sequência do catira que iniciou em nosso município na região de Pedra Lisa. Em 1918, meu pai vei de Minas Gerais, do município de Uberaba e comprou uma fazenda no município de Quirinópolis, na região Pedra Lisa. E lá surgiu o catira no tempo do meu pai e dos cumpanheros deles. [...] e eu, rapaz novo, me interessei em participá do grupo dos catireros, e isso lá invém de longos anos [...] e segue até hoje. A gente apresenta aonde é convidado (Informação verbal[274]).

Na filosofia, sempre sobra o não-filosófico, ou seja, o cotidiano e o lúdico. Aquilo que é prazeroso aos camponeses desenvolverem como atividades do dia a dia. Aquilo que, não necessariamente, é uma obrigação, mas um prazer, como a devoção aos Santos Reis, ou como a lida com o gado. O capitão da Folia de Reis de Pedra Lisa, por exemplo, se considera honrado por ter sido capitão dessa folia há 55 anos e se diz satisfeito em já ter alguém que pretende ocupar seu lugar, tão logo o deixe.

> Hoje, graças a Deus, sou um capitão de folia, eu me sinto muito honrado [...] e se um dia o Nego Tulica entregar esse cargo pra mim, aqui em Pedra Lisa, com muita honra, com muito gosto, muito carinho, eu quero abraçar de coração, esse cargo que ele possa me entregar. Porque realmente eu sou um folião, na folia eu faço de tudo: eu sou capitão, eu faço primeira voz, eu faço terceira voz,

[273] Entrevista realizada, pelo autor em 2009.
[274] Idem.

> eu faço quarta voz, eu faço quinta voz, eu toco viola, toco cavaquinho, toco violão, eu bato caixa também, [...] afino os instrumentos [...] (Informação verbal[275]).

Na esfera econômica, os camponeses que, mesmo acreditando que a cana dá uma renda maior que a do gado, não deixam esta atividade simplesmente porque o arrendamento de suas terras pode lhes permitir uma renda superior, mas porque a relação com a atividade também lhes dá prazer. Assim se expressou um camponês:

> Num arrendo não. A cana, diz que dá mais que o gado, mas eu gosto de tirá meu leitim, gosto de mexê com as criação, gosto de morá no sitio, aqui tem muitos vizim, todos vizim bão. Pará com o gado e pô cana, só se num tivé jeito mesmo, do contrário, eu continuo com o leite (Informação verbal[276]).

Nesse sentido, destaca-se o caso de um filho que, mesmo o pai tendo plantado cana-de-açúcar em parte de suas terras (87,12 hectares em suas terras e mais 87,12 hectares nas terras dos irmãos[277]) e arrendado outra parte para a mesma atividade, ele continua persistente na atividade da pequena produção de gado de corte, por acreditar que a pecuária de corte ainda proporciona mais lucro que o arrendamento para cana[278], mas também por motivos culturais, ou seja, cuidar do gado é o que ele gosta de fazer[279].

Por isso, o economicismo nem sempre é o regente da vida desses sujeitos. No lugar e no local, assim como na vida prática dos camponeses de Pedra Lisa, os resíduos emergem no individual, no singular e nas singularidades. Na ausência do Estado e das políticas públicas, em Pedra Lisa, compreendemos que são os camponeses quem organizam, por exemplo, seus sistemas de trocas que fazem acontecer a vida e a sua existência. Todavia, mesmo com a presença das imposições de várias ordens, há as singularidades, as particularidade, o jeito próprio de cada camponês responder às determinações do Estado, do mercado, do espaço.

---

[275] Entrevista realizada, dia 25 de dezembro de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[276] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[277] Pelo fato de os irmãos serem especiais ele administra os seus bens.
[278] Um caminhão de boi rende R$ 33.000,00 e, se arrendasse para cana, receberia R$ 12.000,00. Claro que a atividade com gado tem despesas, mesmo assim, o lucro é maior, arremata o camponês filho.
[279] O próprio pai também deixou uma parte menor de terras para continuar a lidar com gado (de corte e de leite), pelo menos por dois motivos: um para continuar morando em Pedra Lisa e ter alguma atividade para trabalhar; o outro pelo mesmo motivo anunciado pelo filho, ou seja, a prática da lida com o gado, como profissão a vida inteira, é muito forte para deixar. Entretanto, em entrevista em agosto de 2012, realizada pelo autor, ele declarou que está cada vez mais difícil trabalhar com gado, por conta dos baixos preços da arroba.

Na instância da estrutura comunitária, Igreja, escola, família, o tempo e as mediações do religioso, da cultura, representados pelos saberes e fazeres, assumem um movimento próprio, dialético, caracterizando as especificidades dos resíduos da Comunidade Pedra Lisa. As diferentes lógicas e temporalidades sociais permitem que esses sujeitos estruturem seu território, seu lugar, de acordo com suas necessidades e possibilidades. Assim, com toda estrutura montada para a produção da cana-de-açúcar, esses camponeses continuam produzindo leite em suas propriedades, porque o seu modo de vida lhes permite isso e os vitaliza, como essência da sua condição socioespacial.

Na religião, a vitalidade, o natural e o carnal aparecem como residual. O caráter religioso oportuniza, aos camponeses de Pedra Lisa, a medição na relação com a divindade, e essa relação vai, continuamente, reestabelecendo a ética camponesa. É essa ética que lhes garante a vitalidade e a irredutibilidade, sobretudo, no que se refere à honestidade, sinceridade e solidariedade das pessoas, segundo depoimento dos camponeses. Honestidade, inclusive, em pagar votos assumidos com os santos,

> Eu peguei [a bandeira[280]] porque eu tinha um voto a cumpri. E achei bom a festa, achei boa e num rependi porque peguei não [...] Foi na expectativa que eu esperava, deu muita gente mesmo. [...] as pessoas que me ajudô, agradeço também todas elas. Me ajudaram eu realizá esse voto que eu tinha (Informação verbal[281]).

Nas técnicas, o imaginário surge como a forma de usar os residuais que vêm de outros tempos, de outras experiências e de outro espaço. São também projetos de vida estabelecidos nos elementos imateriais, na subjetividade dos sujeitos e do grupo social que contribuem elementarmente com a reprodução do camponês no espaço em mutação. “Nóis usa a roda d’água porque ela serve água pra gente né? Aqui num é igual na cidade que a Prefeitura põe a água nas tornera das casas, então a gente mesmo é que tem que dá um jeito de buscá. Então a roda d’água facilita pra gente”. Há também o hibridismo das técnicas passadas com as mais modernas, como expressa uma produtora de leite:

> Agora ficô mais fácil com a tecnologia. A gente vende [o leite] pra Italac e o caminhão vem pegá aqui, ele sempre vei busca aqui. A gente usa o trator pra lida, faiz muito tempo que a gente usa o trator, mas a gente já possui o

[280] Significa aceitar o compromisso de ser o próximo festeiro da Folia de Reis
[281] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

> resfriadô aqui na propriedade, que é um jeito mais novo né? Mais moderno. E o caminhão vem buscá (Informação verbal[282]).

No que se refere às relações econômicas, é importante lembrar que o próprio sistema capitalista se nutre das contradições. Harvey esclarece que, "sem as possibilidades inerentes à expansão geográfica, à reorganização espacial e ao desenvolvimento geográfico desigual, o capitalismo há muito teria cessado de funcionar como sistema econômico-político" (HARVEY, 2000, p. 40).

Harvey (2000, p. 39) enfatiza, ainda, que o geógrafo mais perspicaz detecta de imediato, no manifesto de Marx, "que ele contém uma polêmica peculiarmente sua quanto ao papel das transformações geográficas, dos 'ajustes espaciais' de dos desenvolvimentos geográficos desiguais, na longa história da acumulação capitalista".

Entendemos, nesse sentido, que parte das contradições presentes em Pedra Lisa tem origem nesse desenvolvimento desigual e contraditório, próprio do capitalismo. Atualmente, a atividade canavieira se materializa em apenas oito propriedades, mas poderá chegar a um momento em que, de acordo com depoimento dos camponeses, poderão estar cercados pela cana e, mesmo contra a vontade, serão obrigados a aderir à monocultura, arrendando suas terras para essa atividade.

Nesse viés do pensamento de Harvey, a acumulação do capital é, e sempre foi, uma questão profundamente geográfica. Santos (2008b) complementa com a discussão da teoria do desenvolvimento desigual para pensar o desenvolvimento histórico da sociedade. Desse modo, defende que,

> [...] caso a sociedade capitalista estivesse promovendo a reocupação e revalorização do Cerrado sem esses desencontros, seria necessária uma revisão de muitos pressupostos teóricos, sobretudo dos clássicos, que se ocupam da questão do desenvolvimento desigual (SANTOS, 2008b, p. 226).

Outros autores, como Oliveira (1990), ponderam que o processo de desenvolvimento do modo capitalista de produção no território é desigual, contraditório e combinado. Para Santos e Silveira (2001), é uma regulação política do território, determinando um número cada vez maior de pessoas em um número cada vez menor de lugares, significando melhor a divisão do trabalho. Apresentam ainda, caso na especialização e planejamento de áreas por parte do capital não

[282] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

contenha maior fluidez e concentração tecnológica, o Estado como executor das condições necessárias para a instalação desses elementos.

Foi o que aconteceu no Sul Goiano e em Quirinópolis, assim como nos lugares do Centro Oeste com o planejamento para a implantação do capital agrário com a cana-de-açúcar, com a soja, com o eucalipto ou outra monocultura de exportação. Naves (2009, p. 25) afirma ser "dinâmicas estruturais que se territorializam de forma complexa e desigual". Para Teixeira *et al* (2011), o país ainda possui uma elevada concentração de renda e grandes desigualdades regionais.

> O processo de capitalização da produção rural desigual também é reflexo das políticas de investimento subsidiadas pelo governo, através de programas de crédito rural que davam incentivos à inovação técnica e tecnológica, ao aumento da produtividade e diminuição dos custos de produção e comercialização, estimulando a agricultura intensiva em capital e concentradora de renda (Teixeira *et. al.*, 2011, p. 158).

Para Santos, (2008b), o desenvolvimento desigual apresenta-se como uma discussão complexa, por ser atravessada por uma leitura economicista, mas comungando do pensamento de Kinn (2010, p. 18), compreende ser de fundamental importância considerar "o desenvolvimento desigual da sociedade para além de uma perspectiva economicista". Corrobora a tese de Almeida (2003, p. 322), ao escrever que "mesmo inseridos no mercado, os camponeses se orientam por referenciais morais nas suas relações de troca, situação que se defronta com a desigualdade da relação de troca na economia capitalista".

Também os camponeses de Pedra Lisa são nutridos por valores éticos e morais, fazendo com que todas as suas necessidades, incluindo as econômicas, estejam alicerçadas sob essas máximas. A sociabilidade e a reciprocidade camponesa, vinculadas às práticas comunitárias, são elementos primordiais para que o saber fazer e as práticas socioculturais sejam considerados tão importantes quanto as práticas socioprodutivas.

6.2. As práticas sociais locais nos territórios das festas e das rezas

Em Pedra Lisa, o passado é venerado e os símbolos são valorizados, porque indicam as experiências de vida, contêm os modos de vida de uma comunidade que

se constituiu há muito tempo e em que aprenderam a lidar com a natureza, administrando o tempo e o espaço.

Evidencia Santos que as identidades dos camponeses decorrem de suas reações aos efeitos da reocupação dos Cerrados, a partir da religiosidade. “O religioso faz emergir, entre os grupos sociais, uma clara demonstração de identidade territorial”. Este se constitui em “uma forma de neutralizar o sentimento de inferioridade, incerteza e estranhamento perante a redefinição dos valores e práticas sociais que se instalam em nome do desenvolvimento tecnológico e econômico do cerrado” (SANTOS, 2008a, p. 121).

O tempo das rezas continua. As mudanças nessas práticas sociais, por intermédio da introdução da lógica capitalista, não foram tão significantes. A religião funciona como forma de estruturação da pessoa e tem o papel de sustentar grupos e classes. As pessoas buscam-na, para justificar o que ocorre em suas vidas, como as angústias e as alegrias, a miséria e as oportunidades de bem-estar, dentre outras.

Uma das formas de religiosidade que têm função estruturadora em Pedra Lisa é o catolicismo popular. Existem duas religiões, a dominante e a dominada, sendo que a primeira refere-se à oficial, tida como verdadeira e inquestionável e a segunda são as rezas e festas religiosas populares.

Os camponeses do lugar estudado, além da missa, uma vez por mês, assumem as obrigações de católicos de procurar os “santos sacramentos”, sobretudo, o casamento e o batizado dos filhos, assim como a participação de eventos religiosos maiores da paróquia, realizados na cidade. Na comunidade, eles mesmos assumem a organização e o comando das atividades. Há quem “tire” as rezas de terço e novenas, há as pessoas que batizam seus filhos na fogueira, e os que organizam as rezas na Folia de Santos Reis.

Essas atividades reforçam os compromissos éticos e morais que os camponeses devotos de algum santo devem ter. Expressa Woortmann (1990) que os camponeses constroem sua ética camponesa, por isso, a certeza de que as territorialidades não estão baseadas apenas nos vínculos econômicos e materiais, mas também em outras atividades desses sujeitos constitutivas de uma ordem ética e moral própria e específica.

Há momentos em que as duas instâncias religiosas se unem, a organização da igreja oficial e a lógica da religiosidade popular. Em Pedra Lisa, nunca houve um prédio com as características de igreja, as missas, antigamente, eram celebradas no

barracão do Zé Major, depois, foram transferidas para a extinta escola, um salãozinho denominado por eles de “grupo”. Este ano, despertou-se o interesse em reformar esse salão, para dar manutenção na estrutura física, na pintura, e para ficar com formato de uma igreja.

> Nóis reza a missa uma veis no meis. Nossa igrejinha ali tá quais pronta e nóis vai arrumá ela [...], vai pintá ela, e fazê uma varanda, e fazê outra porta no rumo do cruzeiro. Nóis vai vendê umas comida pra recardá o dinheiro, pra fazê. Nóis vai fazê um baile [...] e nóis vai vendê a comida pra recardá os dinheiro pra fazê a nossa igrejinha pra nóis rezá lá (Informação verbal[283]).

Brandão (2007, p. 254-255) pontua que, quando se fala em religião popular, fala-se, com mais frequência, de religiões de mediação. “Ali é o lugar em que, mesmo quando a massa de fiéis é demograficamente subalterna, a mesa é ou tende a ser *erudita* ou, pelo menos, reprodutora dos valores de um comando *erudito* e colonialista à distância”. Explica o autor que os mediadores podem ser lideranças constituídas e aceitas pelo comando da igreja, ou serviços e devoções prestados por agentes sem títulos de ordem na frente do nome e com apelido no lugar de ambos.

Os dirigentes da religião popular são pessoas do próprio lugar, que, normalmente, são respeitados por todos, por ser uma pessoa séria com seus compromissos, pelo conhecimento que tem, pela dedicação que dispensa ao serviço e por ser um elo com a cúpula da igreja. No caso das missas mensais de Pedra Lisa, sempre é celebrada por um padre ou um diácono, mas as rezas do terço ou os grupos de novenas, que são semanais, são os próprios camponeses que dirigem e sempre tem o animador ou coordenador das atividades.

> [...] ajudo na liderança, num digo que sô uma líder, mas nós todas em comum, tomamos conta desse grupo [...], então sempre tem uma que substitui, e a gente é um grupo unido, quando um não tá, num é, num tá na liderança o outro tá, ou então nós todos juntos (Informação verbal[284]).

Em Pedra Lisa, assim como no município, uma das formas de rezas populares, mesmo as organizadas pela igreja oficial, são expressas em forma de festas. Para Silva e Silva (2010), em Quirinópolis, uma das festas que têm se destacado muito é a festa da padroeira da cidade, que tem origem que remonta há muitos anos, “mais especificamente à segunda metade do século XIX, quando

[283] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[284] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

alguns devotos veneravam a imagem de Nossa Senhora D'Abadia em uma pequena e rústica capela às margens do Córrego Capelinha (afluente do Rio das Pedras)". Para as autoras, como valorização dos hábitos, é fundamental "o sentimento de pertencer a alguma coisa e, principalmente, a preservação de valores e tradições" (SILVA e SILVA, 2010, p, 205).

As festas em devoção à Nossa Senhora D'Abadia ocorrem, além do dia 15 de agosto, dia de comemoração à Santa, também nos dias próximos que o precedem ou o sucedem, com momentos de devoção e louvor, incluindo missas, novenas e quermesse. Dessas atividades, a população rural engrossa a urbana nas manifestações da religiosidade e festividades, no qual as famílias da Comunidade Pedra Lisa sempre se fazem presentes.

Os encontros de cunho religioso acontecem a cada semana em uma casa diferente, marcando um ritual que de tão importante se revela como acordo tácito e que se renova sempre ao final de cada reza (Fotografia 65a). As famílias, ao participarem deste ritual, tomam parte em bom número de membros, embora o número maior de participantes seja constituído por membros da mesma família.

> A gente que já é da família, que já mora aqui, então a gente já tem ali aquela tradição, aquela cultura de tá em oração. E a gente sempre convida as pessoas que tão chegando, né? Ai tem alguns que já se identifica e quer ir, e já tem uns que as vezes num, as vezes num gostam ou preferem rezá em casa [...] (Informação verbal[285]).

No período da quaresma de 2011, marcado pela campanha da fraternidade (Fotografia 65b), o tema discutido foi a degradação ambiental, sobretudo a questão do aquecimento global, com o tema "Fraternidade e Vida no Planeta" e lema "A criação geme em dores de parto". Embora nem todos tenham o costume de entrar nas discussões nesses encontros de reflexão religiosa, sempre há aqueles que emitem opinião e se posicionam.

A preocupação dos camponeses com o ambiente denota que o aquecimento global, tema dessa Campanha da Fraternidade, também tem abrangência local. Mexe com a subjetividade das pessoas, havendo, inclusive, manifestações que expressam preocupações a respeito dos efeitos sobre a vida no lugar. Sem dúvida, uma temática muito próxima da Ciência Geográfica. Como não poderia deixar de ser, a posição dos camponeses gerou debates com argumentações que apontavam

[285] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

para contradições, principalmente no que se refere à introdução das grandes lavouras de cana-de-açúcar na região e suas implicações na vida das pessoas.

> Eles falaram que ia reflorestá assim, as nascentes e tudo. Isso num tá aconteceno, pelo menos aqui na nossa região ainda num vi não. Então, lá invai acabano mesmo. Num tem mais aquela proteção onde é as nascentes, porque aí vem aquelas enxurradas que, ai num tem nada pra cercá, vai tudo pros córgos [...] (Informação verbal[286]).



a **b**

Fotografia 65: Dois momentos de encontros na Comunidade Pedra Lisa: a) Encontro em Família para reflexão bíblica e rezas do terço; b) Encontro para reflexões da Campanha da Fraternidade.
Fonte: Trabalho de Campo, 2011. Foto do autor.

Normalmente, os encontros religiosos são semanais, todas as quintas feiras, com a reza do terço. Nos momentos de eventos mais marcantes do catolicismo, como as Novenas de Natal e o período da quaresma e a páscoa, por exemplo, são usadas, também como encontros para reflexão. Desse modo, foi possível observar as rezas, nos períodos da quaresma e procissão da via-sacra, (Fotografia 66).

Nos encontros nas casas, é costume o consumo de café. A garrafa térmica é usada para manter a bebida aquecida. Assim, antes mesmo de iniciar os rituais religiosos, os convidados degustam o café, enquanto conversam a respeito dos acontecimentos que cercam o cotidiano. Como de costume, ao chegar à casa onde se realiza o terço, os membros das famílias, após os cumprimentos se organizam para reproduzir uma cena com papéis demarcados. Nela, há uma espécie de segregação espacial espontânea, que se define pelo gênero. As mulheres se

[286] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

estabelecem em uma parte da casa, geralmente, na varanda, onde vai acontecer a reza, e os homens se juntam do outro lado do mesmo espaço.



Fotografia 66: Procissão da Via Sacra realizada em abril de 2011. Essa manifestação religiosa terminou com a reza do terço e com um jantar.
Fonte: Trabalho de Campo, 2011. Foto do autor.

Ao iniciar a reza, todos se ajeitam para continuarem o ritual, mas de forma fiel à separação de gênero. Ao término das orações, homens e mulheres retomam as conversas sempre em espaços separados. “Eu acho que é porque, na hora que a gente chega, já vai as muié pô a conversinha lá. Os homi já tem otros assuntos, né? Então na hora que começa, já tão logo ali, separados [...]”.Poucos são os momentos em que homens e mulheres se misturam, mesclando assuntos. Aparentemente, são estabelecidos diálogos com temas de interesse de cada gênero.

Com o encerramento da reza, a família anfitriã segue o costume de oferecer um jantar reforçado (Fotografia 67), ou ao menos um lanche com quitandas e doces. “Nóis falô assim ó, agora vamo vê um tempo pra nóis lanchá depois, né? [...] um dia vai uma janta, outro dia só uma quitanda. Costume. Mas se num quisé, também num precisa não. Já acostumou já. É bom comê alguma coisa diferente, né?”[287].

Nesses encontros, revela-se também uma rede social familiar constituída, predominantemente, por irmãos, primos, tios, dentre outros parentes. Sendo um encontro que reúne tradição e costume, o grupo social se encontra motivado pela religiosidade, reforçando a sociabilidade camponesa, os seus vínculos territoriais.

[287] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



Fotografia 67: Jantar servido após um dos encontros em família para reza do terço. É costume os donos da casa servirem uma refeição ou um lanche aos convidados para a reza.
Fonte: Trabalho de Campo, Maio de 2011. Foto do autor.

Quase que ao final do encontro, como uma forma de celebração, a cachaça, produzida na própria comunidade, por um dos proprietários participante das rezas, está servida. Todos se nutrem da fartura camponesa oferecida na janta, alguns degustam a cachaça ou o refrigerante. Como as bebidas são servidas durante o jantar, elas fazem parte da descontração e, nessa condição, todos prosseguem nas conversas nutridas pelo cotidiano.

Como produtores de leite e algumas lavouras agrícolas, esses encontros também servem para estabelecerem seus acordos e negociações necessárias para estender essa sociabilidade também à produção. Aos poucos, a aproximação dos gêneros começa a acontecer, fato que se explica pelo horário de ir embora, para o repouso merecido.

No âmbito do costume religioso dos membros da Comunidade Pedra Lisa, mensalmente, na segunda quinta feira de cada mês, há a celebração da missa. Nesse evento, com a presença do sacerdote ou diácono, tem-se pouca participação das pessoas (Fotografia 68 e 69). São encontros que diferem dos horários tradicionais das reuniões entre famílias, geralmente, à noite. Como a missa acontece às dezessete horas, em horário de trabalho camponês, essa situação tem ocasionando dificuldades de participação, sobretudo dos homens da comunidade.

> Eu pra mim pode sê o horário, né? Por exemplo, se dá certo do dia que ele tivé trabaiano, o cara num vai querê pará antes das cinco horas. [O horário de parada das atividades] aqui pra nós é cinco hora, ai num dá tempo de toma banho pra volta, né? (Informação verbal[288]).



Fotografia 68: Missa mensal na Comunidade Pedra Lisa, na extinta Escola Municipal (Grupo), parte interna. Quando o padre não pode comparecer, um diácono vem fazer a celebração da missa.
Fonte: Trabalho de Campo, Maio de 2011. Foto do autor.



Fotografia 69: Extinta Escola Municipal (Grupo), parte externa. Essa construção vai passar por uma reforma, com verbas levantadas na festa junina de 2012, realizada na Venda do Zé Major.
Fonte: Trabalho de Campo, Maio de 2011. Foto do autor.

A religiosidade camponesa, mesmo afetada, motiva reuniões. No convívio com a modernidade, com as influências que vem do mercado e do espaço, há, sem dúvida, mutações em uma série de hábitos e costumes dos homens e mulheres na Comunidade Pedra Lisa.

[288] Entrevista em agosto de 2012 pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

O encontro/desencontro do tradicional com o moderno, no que diz respeito às atividades produtivas, mas também dos equipamentos de consumo doméstico, promove tensões entre os saberes e fazeres desses sujeitos, que vão incorporando novos hábitos e novos conhecimentos, vindos das cidades e fetichizados nas mercadorias industriais que deveriam facilitar a vida cotidiana.

O modo de vida camponesa vai se revelando na vida doméstica, no lazer e na capacidade de coexistência entre o divino e o profano. Se já são raros os encontros de mutirões, ou traição[289], visando à ajuda recíproca na produção, há a ressignificação dos encontros religiosos. Na carência de tempo, as costumeiras visitas aos vizinhos[290] vão dando lugar para as práticas do religioso e, neste, o camponês vai inventado espaços para refletir sobre a vida em suas várias dimensões.

Santos (2008b, p. 57) reforça essa ideia, ao defender que os "modos de vida não se encontram isolados das influências do mercado, das velocidades do mundo moderno, das dessacralizações, mas apresentam suas particularidades em relação às racionalidades, religiosidades, às celebrações das suas 'conquistas' no cerrado". Por não estar isolado, torna-se passível de transformações. De acordo com Santos:

> Esses homens são metamorfoseados pelas imposições sociais advindas do processo de produção e reprodução capitalista, mas essas imposições têm seus limites, seus contornos, não são totais, no sentido de que não chegam a perpassar todos os momentos da vida, embora exista tal tendência. Os produtores, em grande medida, carregam sentimentos religiosos, modos de encarar e resolver problemas que vêm do passado. Mesmo que a transformação tecnológica os tenha ligado aos grandes mercados, não os distanciou, por completo, de alguns costumes, hábitos, da gratidão e da moral religiosa camponesa (SANTOS, 2008b, p. 58)

Woortmann (1990) apresenta a ética e moral camponesa, colocando em destaque a família como um dos pontos centrais da sua análise. Isso significa, prossegue o autor, que não centra sua análise "na produção de bens materiais pela família, mas com a produção cultural da família enquanto valor. Compreende que a transformação nas relações da campesinidade está também relacionada à economia de mercado e à proletarização". No entanto reafirma: "[...] o que me interessa, como

[289] É a mesma prática do mutirão, entretanto, o ajudado não é avisado, é pego de surpresa.
[290] Isso não quer dizer que não ocorrem mais as visitas, apenas que nem todos ainda têm esse costume.

já disse, são valores, isto é, subjetividades, mais dos que relações sociais objetivas" (WOORTMANN, 1990, p. 13).

Nas relações camponesas de Pedra Lisa, esses valores apontados por Woortmann saltam à vista. Há, sim, uma grande preocupação com o fator econômico, e isso é fundamental para cumprir com as obrigações financeiras, mas também é muito valorado o religioso, o festivo e outros aspectos da cultura, e esses valores se transformam em práticas reveladas como estratégias para os manterem num projeto de vida de campesinidade. A ética e a moral, conhecida pelos camponeses mais pelo termo "honestidade", faz do homem ou da mulher alguém em quem se pode confiar. "Eu acho que tem que tê honestidade e pagá as conta que a gente deve, né? [...] é ruim tê o nome sujo. Só que nóis num compra trem a prazo, com medo disso, nóis comprô só o tanque [de resfriamento à prazo] e descontava no leite já"[291].

A religiosidade também proporciona a existência de um mediador na Comunidade Pedra Lisa. Trata-se de um benzedor muito conhecido e querido por todos da comunidade, falecido em maio de 2011, logo após uma das etapas do trabalho de campo dessa pesquisa, que foi em abril de 2011. Era médium e abençoava pela imposição das mãos (dar passe) nas pessoas que se encontravam com problemas carnais ou espirituais.

Embora médium, todos recorriam a ele como benzedor, essa que é uma expressão da religião católica. Ele não se importava com essa terminologia, é a crença deles, dizia ele, segundo uma entrevistada também espírita. Isso demonstra que os problemas dogmáticos estão nas ordens institucionais, na religiosidade popular camponesa, católicos e espíritas vivenciam as mesmas práticas com terminologias diferentes.

Ainda há benzedeiras na comunidade, entretanto, com atuações mais no âmbito das famílias[292]. Estas pessoas benzem de quebrante, mordida de cobra, cobreiro, hemorragia, dores. Entretanto, só benzem crianças e animais. Sobre o repasse desse ofício, esclarece uma delas: "[...] por motivo de idade avançada,

[291] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa. Compraram o tanque de resfriamento na própria Cooperativa Agrovale, para quem vendem o leite. Por isso, já descontavam as parcelas no pagamento do leite.

[292] O argumento de ser uma prática somente dentro da família é porque não se sabe o que está no coração das pessoas que procuram a benzeção.

deve-se ensinar outras pessoas os ofícios da ‘benzeção’, entretanto, só pode repassar os conhecimentos à duas pessoas, do contrário, a bênção fica fraca”[293].

Na prática da benzeção, encontramos duas questões importantes. Uma delas está no âmbito da fé, de que algo superior, tendo os santos como intermediários, sempre estará protegendo as pessoas contra as adversidades da vida. A outra está na preocupação da continuidade desse dom que, quando o benzedor(a) está velho(a), deve ser repassado a outra pessoa mais jovem. Essa sociabilização do saber e da intimidade com o sagrado, tem critérios estabelecidos para evitar que a bênção se torne fraca, evidencia o receio de que as gerações futuras possam ficar desprotegidas da divindade.

6.3. A sociabilidade camponesa em Pedra Lisa

6.3.1. A sociabilidade camponesa nas especificidades da festa

As festas em Pedra Lisa são eventos presentes, e são momentos de que, praticamente, todas as famílias participam. Tem festas de aniversário[294] (Fotografia 70a), festas de São João e batizados na fogueira (Fotografia 70b), mas são os pagodes e a Folia de Reis as mais tradicionais.

As festas de pagodes são realizadas mensalmente no barracão da venda “Zé Major” em Pedra Lisa, e quando há bailes de pagode nas sub-regiões vizinhas, sobretudo na venda “Lá no Vaca”, muito próximo a essa comunidade, ou mesmo na cidade, muitas pessoas de Pedra Lisa vão lá festar. A festa muda com o passar do tempo, mas continua sendo a festa de Pedra Lisa. Antigamente, a festa da chegada da Folia de Reis era realizada nas fazendas.

---

[293] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa. Essas orações precisam ser copiadas e guardadas para quando for benzer, uma vez que são muito grandes e difíceis de decorar. É o caso da bênção contra mordida de cobra. O fato de ensinar a apenas duas pessoas, pode ter explicação na lógica camponesa, para que não se multipliquem tantos curandeiros e benzedores dentro de uma mesma comunidade.

[294] Em setembro de 2011, houve uma festa de aniversário de 15 anos, com toda a Comunidade Pedra Lisa, com a mesma organização de festas urbanas. Entretanto algumas ressignificações foram sentidas, como, por exemplo, logo na chegada, já houve a dança da valsa da debutante, e, em seguida, liberou para o jantar e para o baile, sem as demoras costumeiras na cidade. Outro fato importante foi que, durante o baile, alguns jovens, junto com a aniversariante levaram um carro para o campo de futebol, ligaram o som no estilo *rap* e curtiram seu som de preferência, enquanto os pais dançavam o baile (o pagode).

> Aonde ia sê realizada a festa, nóis escolhia um lugar na porta da sala da residência, da sede onde ia fazer a festa. Ai fazia aquela torda[295], fazia os banco, cortava madeira, na fazenda, e fazia os banco. Fincava as forquilhas, colocava aqueles paus assim, pro povo sentá, em volta, e cobria. Quer dizer, num moiava de maneira alguma [...] (Informação verbal[296]).



a **b**

Fotografia 70: Duas festas realizadas na Venda do Zé Major, uma religiosa, outra profana: a) Festa de aniversário de debutante (15 anos); b) Batizado na fogueira da festa de São João.
Fonte: Trabalho de Campo, Setembro de 2011. Foto do autor; b) Arquivo particular, Junho de 2011

Atualmente, as festas de Santos Reis, como outras, são realizadas na própria comunidade, na venda do Zé Major: "lá tem campo de futebol, tem um barracão de festas, [...] fez banheiro, vestiário, então, tá tudo organizadim"[297]. As Folias de Santos Reis também assumem, em Pedra Lisa, suas especificidades no Município de Quirinópolis, tendo várias delas espalhadas no espaço rural (Fotografia 71 a e b). Moraes *et al.* (2010) descrevem as festas das décadas de 1950/60, destacando, dentre elas, os famosos pagodes.

Trata-se de uma tradição nas fazendas, que, antigamente, funcionava como uma forma de reconhecer a importância dos encontros entre vizinhos, e as festas de Santos Reis eram comemoradas, como nos dias de hoje, na passagem dos dias cinco para seis do mês de janeiro. O jantar era preparado para cerca de 300 pessoas. "Todos saboreavam carne de vaca cheia, almôndega, arroz branco, feijão caldeado, mandioca e os doces eram de leite, queijo, mamão, cidra e também

[295] Uma tenda de lona.
[296] Entrevista realizada, em abril de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[297] Idem.

estavam presentes o biscoito de pagode, a brevidade, a broa de doce, o bolo de cará e outras variedades" (MORAES *et al.,* 2010, p. 225).



a **b**

Fotografia 71: Folia de Reis na cidade de Quirinópolis: a) uma de décadas anterior à 1970; b) outra em 1990, realizando o giro Quirinópolis. Essa duas fotos comprovam a tradição da Folia de Reis no município.
Fonte: a) REZENDE, Nilda Aparecida Pascoal s.d.; b) NOGUEIRA, Wanderléia, 2011.

Dentro das multidimensionalidades territoriais, as festas tornaram-se uma instituição camponesa importante para a convivialidade e sociabilidade, pois, pelas múltiplas temporalidades, nelas também vão ocorrendo mutações. Permite às famílias o encontro para compartilhar a alegria, a oração, a devoção e também as expectativas da vida futura. São diversos tipos de troca que podem ser processados enquanto celebram a chegada de Santos Reis, enquanto se fartam do alimento coletivo, enquanto dançam e socializam a cerveja e a conversa.

Para Saquet (2011, p. 61), "há múltiplas temporalidades em cada território, seja ele efetivado em nível de bairro, de rua, de 'comunidade' rural, de cidade, de município etc., todas relacionadas num movimento mais amplo e geral que é transmultiescalar e transterritorial". Isso evidencia que, num mesmo território, a percepção e vivência que um sujeito tem com o tempo não é a mesma para outras pessoas, assim como as suas práticas sociais são resultados de um hibridismo de tempos.

A festa representa práticas sociais e culturais implantadas em outros tempos, pelos pais e avós dos que, hoje, as assumem. Entretanto outros elementos foram

incorporados ao evento e, ao longo dos anos, os camponeses foram ajustando situações, determinadas ou disponibilizadas pelo movimento da organização social e espacial. Convém comentar que a festa dá possibilidade de criar e reinventar a sociabilidade do homem simples e permite-nos perceber as relações de vizinhanças, compadrio, que se insinuam com essa vitalidade camponesa.

As especificidades da festa, das rezas, dos jogos, dos mutirões, tanto para produção, como para preparar alimentos (fazer pamonha ou abater e preparar porcos), são estratégias e vitalidades que eles mantêm no lugar para continuarem existindo, assim como para os rearranjos produtivos.

Nogueira considera a Festa de Folia de Reis uma expressão política da localidade, por isso, é reconhecida como expressão popular (tradicional) ante as diversas permanências e transformações diante da modernidade. Afirma, ainda, que, "embora a Paróquia de Quirinópolis seja denominada de Nossa Senhora D'Abadia a devoção ao Santo Reis é tida como uma das mais importantes junto ao povo da localidade" (NOGUEIRA, 2011, p.28). Em depoimento, um folião assim expressou: "eu tenho muita fé com os magos do oriente, porque inclusive eu já recebi muitos milagres de Santos Reis, [...] eu comecei a andar [com a Folia de Reis], eu tinha 12 anos, eu tocava um cavaquinho. Hoje eu tô com [...] 56 anos e pra mim eu me sinto muito honrado por ser um folião[298]".

Dentre as expressões culturais mais fortes no município, destacam-se a Folia de Santos Reis, que foi até conteúdo de matéria de jornal local em dezembro de 2007 (Fotografia 72a) e a dança da Catira (Fotografia 72b). Ambos os grupos sempre são chamados para apresentações em diversos eventos da cidade, incluindo as realizações religiosas da paróquia.

Se, em meados do século XX, as festas eram preparadas para 300 pessoas, como descrevem Moraes *et. al.* (2010), nos dias de hoje, os participantes aumentaram em grande número, visto que, segundo os organizadores, cerca de quatro a cinco mil pessoas participam da festa de chegada das Folias de Reis. Presentes na festa de janeiro de 2011, num dia de muita chuva que atrapalhou a presença de um público maior, estiveram presentes cerca de três mil pessoas.

[298] Entrevista dia 25 de dezembro de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



Fotografia 72: a) Foto da Folia de Reis de Quirinópolis em matéria de um jornal local; b) apresentação do grupo de catira em um evento na cidade.
Fonte: Jornal O Giro, Jornal de Notícias, dezembro de 2007; b) Arquivo pessoal: RIBEIRO, Álvaro Alves, s.d.

É a festa da sociabilização, porque, para a chegada de Santos Reis, no dia 05 de janeiro (Fotografia 73a), além das famílias de Pedra Lisa, são convidadas também pessoas da cidade e de outras comunidades camponesas do município. As doações para a festa são coletadas na comunidade e, dependendo do ano, a folia anda na cidade e visita alguma outra comunidade entre dois a três dias apenas, significando que, praticamente, toda a arrecadação é realizada no lugar da festa. Todos se saciam e todos saem satisfeitos, com todos os momentos da festa.

As folias de Reis[299], segundo Mendes (2006, p.70), têm o objetivo de rememorar a caminhada que os magos realizaram em busca do Menino-Jesus, iniciando todos os anos no dia 24 de dezembro e terminando dia 06 de janeiro, dia de reis. Essa tradição veio para o Brasil como “instrumento de evangelização dos nativos e negros”, mas que, no decorrer dos anos, foram se reinventando e ressignificando com novos elementos produzidos pela expressão cultural do povo brasileiro.

A Prefeitura de Quirinópolis se encarregou de montar grandes tendas e providenciou a sua eletrificação, conforme fotografia 73b, para garantia da infraestrutura necessária para receber o público de Pedra Lisa, e os que vieram também da cidade e de outras sub-regiões do município. A alimentação é servida

[299] Mendes (2006) esclarece que, nas Escrituras Sagradas, não há referência ao número dos magos e nem mesmo que eram reis. Esse número pode ter sido atribuído aos três presentes citados na Bíblia. A elevação a reis foi dada pela própria tradição popular.

gratuitamente e a bebida é vendida pelo proprietário da venda, que providencia a quantidade de freezers necessários e pessoas para ajudá-lo. Por volta de dezessete horas, as pessoas começam a chegar e, por volta das dezenove, vinte horas, o lugar fica totalmente tomado por pessoas que participam total, ou parcialmente, das atividades.



a **b**

Fotografia 73: a) Chegada de duas Folias de Santos Reis na Venda Zé Major, em Pedra Lisa, em 2011; b) Tendas armadas pela Prefeitura para acolher o público da festa
Fonte: Trabalho de Campo, Janeiro de 2011. Foto do autor.

De acordo com o capitão da Folia de Reis de Pedra Lisa, a sua função é reunir os foliões, chegar nas casas, saudar a família, pedir a esmola, agradecer, para, depois, na chegada dos foliões, no dia 5 de janeiro, festejar e degustar as esmolas recebidas. Em algumas ocasiões, nas conversas e nas entrevistas, o Capitão revela a preocupação com a continuidade da folia, haja vista que a sua idade já se aproxima dos 80 anos e alguém precisa tomar seu lugar.

Desse modo, o Capitão da Folia de Reis de Pedra Lisa completou em, 22 de dezembro de 2011, 55 anos de festa, e como capitão, tem a preocupação em ensinar outros para que assumam o seu lugar.

> Essa folia agora tem muita gente que eu tô ensinando, agora, eu espero que tenha uma saída boa, porque, tudo é da família, em Pedra Lisa aqui, em Quirinópolis aqui, na região nossa. Em 56 eu saí com a primeira folia, agora fez 55 anos, tô muito satisfeito. Tô meio decadente [...] os oitenta anos tai, mas a gente tem que ter prazer na vida de ter andado todo esse tempo [...]. Em 56, eu casei dia 22, dia 25 eu deixei minha mulher em casa e

> fui pra folia, porque eu tenho muita fé com Santos Reis e tenho fé com a minha mulher também que eu vivo com ela até hoje (Informação verbal [300]).

Nos rituais da festa, primeiro, os foliões se encontram em uma casa a cerca de 500 metros do local onde as pessoas esperam pela chegada. De acordo com Guedes (2007): “As festas religiosas assim como qualquer outro ato religioso que teve origem no passado tem sua continuidade e tradição graças ao rito, pois existe uma estreita ligação entre religião, ao garantir a continuidade e imortalidade de uma crença, que é um ato de fé”.

Ao chegarem ao local da festa, posicionam-se em frente ao primeiro arco para dar início aos cantos sagrados. Após passarem os três arcos[301] (Fotografia 74a), chegam até o altar[302], todo enfeitado (Fotografia 74b), onde se encontra o presépio e outros santos de devoção particular. Ao chegarem ao altar, as bandeiras são ali colocadas. São dois foliões que se apresentam, juntos, em Pedra Lisa, a Folia de Reis Pedra Lisa e a Estrela do Oriente, da cidade de Quirinópolis. Quando uma termina sua chegada, iniciam-se os rituais da segunda.

Ao término dessa etapa, inicia-se o terço com partes rezadas e partes cantadas (Fotografia 75a), como as orações do Glória e da Salve Rainha. Em seguida, há o espaço para a devoção aos Santos Reis, onde alguns se ajoelham em frente à bandeira para orar, agradecer, beijá-la e se benzer (Fotografia 75b). Posteriormente, é servida a janta e, depois, o grande baile, mais conhecido como pagode.

É importante ressaltar que nem todos acompanham a parte sagrada da festa, pelo fato de não haver espaço para todos próximo ao altar, e também pelo interesse maior ser a festa profana que vem logo em seguida.

Quem assume a bandeira de Santos Reis, que, segundo Mendes (2006), simboliza o manto do Menino-Jesus, doado pela Virgem Maria aos Reis Magos, o faz para agradecer alguma graça recebida dos Santos. Para o festeiro[303] do ano de 2012, que assumiu o evento e organizou a festa da chegada dos Santos Reis, o fez em agradecimento pela graça de livrar sua filha da morte durante e após um parto cesariano que se complicou devido a um erro médico. O bebê nasceu saudável, e a

---

[300] Entrevista com o Capitão da Folia de Reis de Pedra Lisa, dia 25 de dezembro de 2011, realizada pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

[301] Conforme Mendes (2006), o primeiro arco representa o portão de Belém, por onde passaram os Reis Magos, o segundo representa a entrada ao local onde se encontrava o Menino-Jesus, e o terceiro a manjedoura onde o encontraram.

[302] É tradição montarem o altar em cima de um carro de boi que fica no local.

[303] A família de festeiros de 2010/2011 usou uma vestimenta especial e uma coroa na cabeça de todos os membros da família, inclusive as crianças.

mãe se recuperou em pouco tempo. Por isso, o pai cumpriu o voto e se tornou o próximo festeiro.



a **b**

Fotografia 74: a) Chegada da Folia de Reis Pedra Lisa e passagem pelo primeiro arco; b) altar preparado para a reza do terço, enfeitado sobre um carro de boi.
Fonte: Trabalho de Campo, Janeiro de 2011. Foto do autor.



a **b**

Fotografia 75: a) Terço rezado após a apresentação das Folias de Reis. A parte da “Salve Rainha” foi rezada cantada; b) pessoas se ajoelham para beijar a bandeira em devoção aos Santos Reis.
Fonte: Trabalho de Campo, Janeiro de 2011. Foto do autor.

No dia 24 de dezembro de 2011, à noite, foi o momento da saída da Folia de Reis. Concentraram-se na casa de costume, mas, dessa vez, os rituais iniciaram-se ali mesmo. Era o momento de cantar pedindo a bandeira para que ela os acompanhasse em todo o giro, os abençoando. Já com a bandeira, dirigiram-se para a Venda Zé Major, onde aconteceram novamente os festejos.

Ao chegarem lá, em frente ao altar, no carro de boi já enfeitado e com a imagem do Menino Jesus, Maria e José, colocaram as bandeiras (das duas Folias de Reis), prosseguindo com os rituais de cantoria, seguida do terço. Ao término do terço, como esclarece Mendes (2006), os foliões se posicionaram diante do presépio para adorá-lo, com suas músicas sagradas. Ao final de tudo, nada de baile. Todos precisavam dormir cedo, descansar, porque as tarefas do dia seguinte seriam longas e cansativas, assim como foi para os reis magos, quando partiram de seus países, no oriente, para descobrirem onde nascera o Salvador para saudá-lo com as boas vindas e presentes.

Os integrantes da Folia Estrela do Oriente foram dormir na cidade, os de Pedra Lisa ficaram (Fotografia 76). Até mesmo três integrantes desta folia, mais o festeiro que, atualmente, moram na cidade[304], ganharam pouso em uma das propriedades para que dormissem todos na comunidade. No outro dia, por volta das nove horas, iniciaram-se os trabalhos.



Fotografia 76: Integrantes da Folia de Reis de Pedra Lisa, composta em maioria por moradores da Comunidade Pedra Lisa. Os que são da cidade sempre tiveram um vínculo muito forte com a comunidade, até porque alguns são ex-moradores de Pedra Lisa.
Fonte: Trabalho de Campo, Dezembro de 2011. Foto do autor.

Em todas as casas que o folião chega a alegria é estampada no rosto dos que a recebem, todos estão à espera da visita da bandeira. Esse sentimento é tão forte que muitas pessoas, homens e mulheres de mais idade, choram, tamanha a

[304] Um dos integrantes é ex-proprietário de Pedra Lisa, um deles não tinha propriedade, mas, desde menino que os pais trabalhavam nas fazendas ali e dois ainda tem a propriedade, mas moram na cidade.

emoção de receber Santos Reis em sua casa, porque sentem que são os próprios Santos Reis que estão chegando para abençoar, para aliviar o peso das adversidades da vida, para proclamar que Deus está visitando este lar.

> Eu também gosto muito de fulia, toda vida gostei de fulia, nossa, as veis eles passava no vizim lá e nóis mandava um lá, falava, fala pra eles passá aqui, ai passava lá em casa, nóis, cada um dava a esmolinha dele pra vê só cantá. [...] mais que eu gosto, gosto demais [...] (Informação verbal[305]).

Nas casas onde os foliões chegam para servir pouso ou refeição, marcada com antecedência, são também recebidos com muita alegria. Primeiro, porque são vizinhos, amigos da comunidade, da lida cotidiana, e segundo, porque esses companheiros estão representando uma devoção e celebração à Santos Reis. As condições de pouso ou da refeição são simples, visto que a vida dessas famílias é simples, mas os foliões são bem servidos. Alimentam-se bem e dormem bem.

> Quase todo ano, depois que eu vim pra cá, já tá marcado que eles vem posá aqui, porque eu já fui fulião, então eles sabem que tem confiança, que é uma pessoa que gosta de fulia. Eles vêm jantá aqui e dorme aqui. [...] eu vô com eles até lá na portera da minha divisa, como se diz, eu recebo e faço a dispidida conforme a tradição e conforme a minha religião (Informação verbal[306]).

O trajeto é minuciosamente planejado, os instrumentos cuidadosamente afinados. Começam os cantos, o primeiro, pede licença e a esmola[307], o segundo agradece a esmola, conforme o que foi ofertado. Quando se oferta galinha, cantam pedindo bênçãos para o terreiro da casa, "[...], a esmola vinda do puleiro [...] Deus vai olhar o seu terreiro [...]"; quando ofertam bezerro ou vaca, pedem proteção ao pasto, "[...] Santos Reis vai proteger a sua invernada [...]".

Por mais que os produtores de leite reconheçam a eficiência da técnica e da ciência, ainda assim, acreditam que as forças divinas são mais fortes. Sem as bênçãos vindas da divindade, de nada adiantará ter recursos para comprar os produtos e técnicas de manejo do gado.

Caso a esmola seja em dinheiro, cantam pela prosperidade financeira. Em algumas casas, são várias pessoas da família que ofertam e todos recebem o agradecimento e o pedido de bênçãos, entoados pelo canto. Se mais de uma

[305] Entrevista realizada, em dezembro de 2011, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[306] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.
[307] Esmolas são as doações recebidas durante todo o giro, para garantia da grande festa do dia de Santos Reis. O responsável anota em uma caderneta todas as esmolas ofertadas e, as que foram entregues em dinheiro guardam-nas numa sacola personalizada que carrega a tiracolo.

pessoa da família oferece, preferem ser agradecidos coletivamente, todos os que ofereceram pegam na bandeira, enquanto cantam, caso seja individual, o canto e o ato de segurar a bandeira também serão individuais.

Aqui, está revelado que a questão não é meramente econômica, é um ato sagrado. Ofertar, pegar na bandeira, significa pedir bênçãos, pedir proteção. O fato de, na família, a esmola de todos ser oferecida individualmente, indica essa representação da relação pessoal com os santos. É verdade que, em alguns casos, é uma estratégia para que a companhia cante várias vezes dentro do seu lar.

No entanto a questão financeira da festa está entremeada nesse ato de devoção, ou seja, ao mesmo tempo em que há consciência dos custos da festa, que também irá participar ("A esmola, vamo supô, é, a pessoa sempre já dá, porque sabe que a festa é uma festa que fica muito cara"), o sujeito entende que a forma de ele conseguir as bênçãos dos Céus, por intermédio dos Reis Santos, é pelos versos entoados e, a cada canto, é preciso ofertar uma esmola.

Ao final, cantam a despedida, "[...] nós despede da bandeira, ela agora vai se embora [...]". E assim, partem para a próxima casa, que receberá a bandeira. Essa é sempre recebida virada para os donos da casa, porque está chegando, e canta um verso para essa recepção. Esse ritual demonstra que os Santos Reis pedem autorização para entrar na casa, e o que os recebe sabem que, junto deles, vêm as bênçãos. Eles estão esperando o convite para adentrarem e, quando isso ocorre, percorrem por todos os cômodos.

No caso do dono da casa "quisé dexá a bandera guardada, representa que Santos Reis tá lá dentro descansano. A folia convida pedindo a bandera, chamando os treis reis pra continuá a viagem"[308]. Se o devoto somente faz o giro dentro da casa, ela já retorna para os foliões, os Santos Reis já estão prontos para seguir. Somente quando ela vai embora é que é virada para a companhia e o público que a acompanha. Em sinal de devoção, alguns se ajoelham diante da bandeira, outros, beijam-na.

A religiosidade camponesa é nutrida de fé, temor e respeito ao sagrado. A representação que uma visita da bandeira, em casa, tem para uma família, é a garantia de que a vida, a família, a produção estarão seguras. Quando ela, a bandeira, não vem a uma determinada casa, os devotos mandam alguém avisar que

[308] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

estão esperando a visita dos foliões, porque esperam as bênçãos de Deus. Não receber os Santos Reis num determinado ano poderia significar estar sem a proteção divina naquele ano e, nesse caso, seria preciso procurar outras formas de receber essa proteção, fosse nas práticas da igreja oficial, fosse nas práticas populares de rezar.

No dia 25 de dezembro, dia de Natal, o almoço é oferecido pelo festeiro que convida outras famílias da comunidade, além dos familiares. A festa é grande. Ao chegar na casa, que já é parte do roteiro do dia, os foliões cantam pedindo almoço. Em seguida, guardam os instrumentos e todos vão se confraternizar (Fotografia 77). Após um merecido descanso, retomam os instrumentos, agradecem ao almoço (cantado) e retomam o roteiro do giro.

O giro de uma Folia de Reis é a “intenção de anunciá, em cada casa, o que aconteceu no passado [...] quando Jesus Cristo veio no mundo. Então, naquele momento que ela [folia] tá anunciano [...] o que aconteceu no passado, e também já pedindo oferta para a realização da festa de Santos Reis [...]”. Portanto, o giro tem a função de evangelizar de casa em casa, anunciando que o Menino Deus nasceu e que se deve devoção a ele.



Fotografia 77: Almoço de Natal oferecido pelos festeiros do ano (2010/2011). Um farto almoço e bebidas formam servidos aos foliões e amigos que acompanhavam o giro.
Fonte: Trabalho de Campo, Dezembro de 2011. Foto do autor.

As famílias já estão à espera da Folia, com um lanche ou ao menos um café coado na hora (Fotografia 78a e b), ao final das representações. Alguns oferecem até a cachaça (Fotografia 79), que o capitão, com muito jeito, controla para que

ninguém extrapole. E os foliões, enquanto esperam, lancham e descansam, vão conversando sobre os mais diversos assuntos.



a **b**

Fotografia 78: a) Degustação servida aos foliões quando das visitas nas casas em Pedra Lisa. O Capitão da Folia controla a dosagem para que ninguém exagere; b) camponesa de Pedra Lisa côa café para os foliões.
Fonte: Trabalho de Campo, Dezembro de 2011. Foto do autor.



Fotografia 79: Cachaça fabricada em Pedra Lisa, servida, com moderação, aos foliões.
Fonte: Trabalho de Campo, Dezembro de 2011. Foto do autor.

> [O significado dessa doação e da recepção] representa um sinal. A gente sabe que o santo, na verdade, não está ali, mas tá ali um retrato, tá ali só mesmo um símbolo, né? Mas representa o amor, a devoção dos católicos. A gente vai até na portera, eu vô ali e recebo a bandera, [...] ando com ela dentro da minha casa, nos cômodos da casa, ai a fulia canta me pedindo

> um auxílio, [...] pra fazê o jantar e a gente dá, eles agradece [...] (Informação verbal[309]).

A representação que o camponês entende como um sinal aponta que é preciso que haja um desprendimento para a ajuda ao outro, que, para viver em comunidade, ou coletividade, é necessário que se supere o individualismo. O festeiro assume a bandeira para cumprir algum voto atendido, mas ele não consegue organizar a festa sozinho, por isso, é realizada uma troca. Os Santos trazem as bênçãos, e o devoto ajuda na realização da festa, que é a representação da alegria, da produção, da fartura, indicando o objetivo que todos eles têm na vida.

No dia cinco de janeiro de 2012, à noite, novamente, é a festa da chegada dos Reis. Em alguns dias que antecedem a festa, vários preparativos são necessários. A contabilização das prendas ou esmolas, a compra dos mantimentos que não foram ganhos, os contatos e, se preciso, a contratação de profissionais para montagens de infraestruturas, como o som (a Prefeitura tem subsidiado boa arte desses serviços) e, nos dias quatro e cinco, o abate, a limpeza e corte (Fotografia 80a) dos animais (vacas, porcos e galinhas), a montagem dos fogões à lenha, feitos por metade de tambores (Fotografia 80b), alguns já são permanentes, construídos de tijolos e barro (Fotografia 81).



a **b**

Fotografia 80: Preparo dos alimentos para a festa de Reis de 2010/2011: a) Preparo e corte dos animais abatidos no sítio da família do festeiro; b) cozimentos e frituras realizados em fornos improvisados por metade de tambores.
Fonte: Trabalho de Campo, Janeiro de 2011. Foto do autor.

[309] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.



Fotografia 81: Fornos permanentes construídos de tijolos e barro, na venda do Zé Major para cozimento dos alimentos servidos nas festas de Santos Reis e outras festas maiores.
Fonte: Trabalho de Campo, Janeiro de 2011. Foto do autor.

O que é fundamental em toda a organização da festa é o compromisso e a reciprocidade dos que se dispõem a ajudar. O festeiro assume sem receio, porque sabe que sempre haverá pessoas prontas para ajudarem alguma parte da preparação, por isso, já inicia o ano, quando a bandeira é repassada a ele, com a confiança de que cumprirá como compromisso assumido. Tudo isso é vital para quem vive no lugar, precisando do outro e da reciprocidade do outro[310].

Desse modo, pensar nos modos de vida nos remete, ainda, a lembrar práticas sociais de outros tempos que dificilmente se mantêm na atualidade. A dança da catira é uma delas que, de uma forma bem particular, ainda se faz presente na Comunidade Pedra Lisa. Antigamente, existia um grupo de catira de Pedra Lisa, muito apreciada por todos, mas, após o decorrer do tempo, integrantes do grupo foram ficando idosos e falecendo, outros migrando para a cidade. Entretanto existem alguns grupos no município e, em um deles, há a participação de três camponeses da Sub-região Pedra Lisa que fazem parte de um desses grupos na cidade.

Ampliando as apresentações culturais da Comunidade Pedra Lisa, outra se destaca, embora seja mais recente. Pedra Lisa tem um time de futebol (Fotografia 82) e já conquistou vários troféus (Fotografia 83), disputando campeonatos locais. Jogos e campeonatos de futebol sempre estiveram presentes nas atividades de

[310] Woortmann afirma ser comum, em comunidades camponesas, a reciprocidade de parentesco, e, nesse caso, ele abrange o compadrio como uma forma de parentesco simbólico.

lazer, tanto da população urbana, como nas comunidades camponesas de Quirinópolis.



Fotografia 82: Time de futebol Pedra Lisa de outras épocas
Fonte: Arquivo Pessoal: ALMEIDA, José Geraldo, s.d.



Fotografia 83: Troféus conquistados pelo time Pedra Lisa são guardados na Venda do Zé Major, pelo fato do local ser muito visitado por todos e por ele ser o técnico do time.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Entretanto, conforme depoimento do treinador, o time encontra adversidades e um dos problemas mais graves é com relação ao elenco. Os jogadores antigos, pela questão da idade, já não tem se colocado mais à disposição do time principal, e os mais novos têm migrado para a cidade de Quirinópolis em busca de empregabilidade.

Dessa forma, os treinos têm sido prejudicados, visto que são poucos os que ainda habitam e trabalham nessa comunidade ou em sub-regiões vizinhas como a de Guariroba. Contudo, atualmente, o time continua disputando campeonatos (Fotografia 84 e 85a), levando o nome da Comunidade Pedra Lisa aos comentários esportivos. Até mesmo a torcida mais fiel comparece nos jogos (Fotografia 85b), principalmente quando o jogo é no campo do próprio time, na Venda Zé Major, na cidade ou em comunidades camponesas próximas.

Todavia esses jogos não podem ser visto apenas como práticas de lazer, são mais que isso, são parte da sociabilidade e das estratégias que os solidificam como sujeitos daquele lugar. O time faz o nome Pedra Lisa aparecer e se reafirmar enquanto um lugar de importância. Parte da comunidade acredita nisso, não apenas os jogadores, mas também outras pessoas, dentre estas, as mulheres que acompanham o time como torcedores, quando vão jogar em localidades próximas.



Fotografia 84: Partida de futebol disputada pela Pedra Lisa em abril de 2011, pelo campeonato municipal, realizado no Estádio Bichinho Vieira, na cidade de Quirinópolis.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Assim como o futebol de Pedra Lisa, também o sagrado, as brincadeiras tradicionais, os encontros de viola ou de truco, ou simplesmente a roda de amigos, em volta de uma boa conversa e uma boa cachaça (produzida no próprio lugar), são importantes para compreender a sociabilidade que se traduz em vínculos territoriais.



Fotografia 85: a) Atual time de futebol Pedra Lisa. Pose feita no intervalo do primeiro tempo do jogo; b) familiares e amigos torcedores vão ao estádio prestigiar o time.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Desse modo, o território camponês de Pedra Lisa não é constituído apenas pelo trabalho, pela produção ou por outras práticas meramente econômicas. O território camponês é definido, principalmente, pelas sociabilidades camponesas. A cultura dessas famílias e os elementos apontados acima são expressões fortes de vínculos com o território, com o modo de vida, concretizando especificidades da existência camponesa no lugar.

6.3.2. A sociabilidade camponesa nas organizações sociais

Em Pedra Lisa, as Identidades mesclam elementos naturais e antrópicos. A roda d'água, como já apresentado, é um dos instrumentos muito presente, devido à necessidade de levar água até as residências. Mas também os regos d'água proporcionam uma paisagem belíssima no terreiro de casa a correr pela bica (Fotografia 86a) que, com o frescor das sombras das árvores que existem, se complementa ambientando o local com um microclima agradável. Por outro lado, conteúdos como o monjolo e o carro de boi, que já fizeram parte da paisagem cultural camponesa por muitas décadas, em Pedra Lisa, atualmente, restam apenas dois de cada, sem a utilização para o qual foram construídos (Fotografia 86b).



a **b**

Fotografia 86: a) Uma das bicas d'água existentes em Pedra Lisa, passando pelo terreiro de uma residência; b) Carro de boi em desuso.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

No que se refere aos modos de vida locais, sente-se que algumas tradições são reinventadas. O que se observa é que, para algumas famílias camponesas de Pedra Lisa, não há a preocupação com equipamentos modernos, nem tampouco se preocupam com projetos de vida explicitamente capitalistas. Nesse sentido, Kinn (2010) compreende uma flexibilização da família camponesa que se adapta às condições existentes no lugar, para, por intermédio de seus saberes e habilidades, realizar seus projetos de vida.

De acordo com a autora, "[...] o movimento de territorialização do capital [...] afeta os projetos de vida das pessoas, aprendendo as suas ações peculiares, suas coerências na estruturação da vida no dia a dia, de forma ininterrupta, como é o vivido nesses lugares" e é por meio das habilidades e das suas estratégias "que os camponeses vão propondo e executando a continuação de projetos de vida que se vinculam com o espaço já vivido e em vivência, fazendo surgir uma nova identidade territorial" (KINN, 2010, p. 245; 138).

Desse modo, a Usina não lhes permite serem fornecedores de cana, nem eles o querem, a exceção de oito proprietários, mas as derivações desse processo levam-nos a desenvolver uma produção que alcança esse mercado, em parte, metamorfoseado pela cana.

A produção de porcos caipiras, por exemplo, que, antes, era para a economia de consumo e lhes rendia fartura, agora, faz parte de uma produção que lhes dá renda, colocando-a no mercado como um dos seus principais produtos. A própria

metamorfose do espaço permitiu introduzir um produto que ele conhecia, dominava, tinha sob sua disposição, que estava guardado para ser usado como recurso, material genético, conhecimento.

No lugar, a organização espacial e os equipamentos de produção e criação de animais são relativamente rústicos. O curral onde se faz a ordenha possui características dos equipamentos das décadas de 1960 (Fotografia 87). O chiqueiro para porcos também mantém uma forma caipira (Fotografia 88a) e, no quintal, uma micro paisagem típica da organização do espaço do homem da roça.



Fotografia 87: Curral rústico, característico das décadas 1960/70. O proprietário prefere fazer a ordenha no espaço em frente à sua residência.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.



a **b**

Fotografia 88: Criação de porcos e galinhas: a) Chiqueiro também rústico para criação de porcos caipiras; b) Trato com milho para as galinhas e frangos.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Muita vegetação composta por pomar, hortaliça, roça básica[311], plantas medicinais e de jardim, sem esquecer a criação de carneiros, galinhas e porcos (Fotografia 88b). Para cuidar da alimentação desses últimos, uma pequena roça de milho também está sempre presente.

Ao adentrar em uma das propriedades de Pedra Lisa, à direita da GO 164, já se observa, dos dois lados da estrada, a pastagem com capim alto, é período de chuvas. Aproximando de duas residências, pai e filho, que distam cerca de 100 metros uma da outra, observa-se que estão localizadas às margens do Córrego Estiva (Fotografia 89). Essa paisagem testemunha que os recursos naturais (capim e água) representam, para essas duas famílias, além do sossego e tranquilidade para uma vida saudável, na concepção do camponês, também a sua realização como produtor de leite.



Fotografia 89: Residência às margens do Córrego Estiva, cobertas pela mata ciliar. Essa paisagem é característica, visto a presença de três córregos dentro da comunidade.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Ambas as casas tem, no seu terreiro, uma vegetação intensa, com presença de árvores frutíferas e arbustos menores, com plantas medicinais. Juntamente com essa paisagem física, sentida pelo visual, de característica camponesa, percebe-se, na paisagem, o som e o cheiro dos produtos desses camponeses. Ouvem-se os ruídos da correnteza da água do córrego, que despenca em uma pequena cachoeira escondida entre a mata ciliar, assim como se ouvem os sons dos pássaros e insetos

[311] Entende-se por roça básica a produção de mistura, mais próxima à cozinha, como quiabo, tomate, chuchu, abóbora, dentre outras.

como grilos. O cheiro do curral é muito forte, testemunhando, sem a necessidade de ver, que a produção pecuária, nessa pequena propriedade, é de gado de leite, visto que esse cheiro só pode estar sendo exalado de um curral de ordenha.

Numa das propriedades, a bica d'água passa pelo fundo do quintal, onde outrora alimentava e produzia a energia para o funcionamento do monjolo, hoje, em desuso (Fotografia 90). A água da bica escoa por um rego d'água, fazendo uma curva de 90 graus, retornando para o Córrego Estiva, em um percurso de, aproximadamente, 40 metros após passar pelo pequeno galpão sustentado por vigas de madeira do Cerrado e coberto por telhas francesas, onde está o monjolo amarrado, um moinho de café e um forno para fabricar sabão. Na parte de cima, prateleiras para a guarda de utensílios de pouco uso.



Fotografia 90: Monjolo em desuso, preso, permitindo a passagem livre da água da bica na Comunidade Pedra Lisa. Pelo fato de não haver mais necessidade de pilar (socar) os alimentos, visto que não produzem mais e pelo fato de comprarem prontos no supermercado, esse equipamento não é mais necessário. Entretanto o proprietário o mantém na mesma paisagem, testemunhando tempos passados.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Essa semelhança das formas de organização do espaço e na caracterização do lugar fortalece a sociabilidade desses camponeses, uma vez que as formas de uso dos recursos naturais presentes nessas paisagens são também parecidas, conforme ilustra a fotografia 91.



Fotografia 91: Paisagem típica das áreas de Pedra Lisa, com pasto e ao fundo a mata ciliar junto às residências fixadas às margens dos Córregos.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

É, portanto, uma sociabilidade na forma de utilização dos recursos hídricos; das formas e inclinação do relevo para aproveitamento da gravidade, objetivando levar água até as residências; da reserva natural; e, sobretudo, do solo, de onde retiram a produção para outras práticas de sociabilidades, como o milho para se fazer pamonha, por exemplo, embora a pamonhada e algumas outras práticas sociais, comuns entre os camponeses, já não se encontram mais ou são raras. “Antes tinha as pamonhada, sempre a família, sempre querendo, fazia numa casa, convidava os vizinhos. Agora hoje, num tem mais praticamente, porque num tem mais lavoura de milho [...]”[312].

Esse fenômeno revela que a redefinição de alguns sentidos na comunidade, ou seja, o fato de não haver mais pamonhada não eliminou os encontros das famílias, visto que esses são materializados nas rezas, nas festas e em visitas individuais. As reuniões e mutirões que se faziam antes para produzir alimentos coletivos, como a pamonha ou abater um porco, não são mais necessários, visto que encontram prontos nos mercados da cidade.

Entretanto, um tipo de mutirão foi encontrando na comunidade, reunindo parentes e amigos, homens para o trato mais pesado com o gado. Num determinado dia de abril de 2011, foi combinado por um grupo de cinco homens se encontrarem na propriedade de um deles para cuidar de feridas no gado, incluindo bernes na

[312] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

pata. Também nesse dia mocharam[313] cerca de uma dúzia de bezerros (Fotografia 92). Eles já tinham uma programação dessas tarefas, em cada uma das propriedades participantes desse mutirão.



Fotografia 92: Tarefa de mochar bezerros, praticadas pelos homens, em forma de mutirão: a) com ferro esquentado no maçarico a gás, o chifre ainda novo é queimado; b) camponês encarregado de laçar e prender as patas dos animais.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Um dos camponeses que sempre participa desses poucos mutirões que ainda restam em Pedra Lisa, e que agora não é mais um encontro das famílias como antigamente, são apenas os homens, comenta como são os trabalhos na atualidade. “De primero se saía chamano os vizim, é pra roçá pasto, é pra limpá roça, era muito tipo de coisa. Agora hoje os tipo de mutirão mesmo é só pra ajuda a fazê um silo, é mexê com uma mochada de bezerro, ajudá um vizim, fazê uma rapadura”[314].

A culinária camponesa também é inconfundível. Muita fartura, temperos fortes, regada com farinha, pimenta e cachaça para os adeptos, servida à parte. O discurso urbano e capitalista de que a vida dos camponeses é sofrida, que passam fome e que precisam ser retirados dessas condições, parece não fazer sentido, quando observada a felicidade que eles têm em viver em Pedra Lisa, e da fartura que está sempre posta à mesa.

[313] Mochar bezerro é uma tarefa um tanto difícil. Trata-se de imobilizar o animal e, com um equipamento próprio, de ferro e esquentado no fogo, queimar a ponta do chifre que está quase aparecendo na cabeça do animal. A função é evitar que os chifres cresçam ou fiquem pontudos, evitando que se acidentem com chifradas, no momento do trato de ração ou sal no cocho.
[314] Entrevista realizada, em agosto de 2012, pelo autor, na Comunidade Pedra Lisa.

Para Woortmann (1990, p. 37), o valor de uso do alimento não se limita às suas qualidades alimentícias, mas ao seu valor de sustentação subjetivas do sujeito. “Ela é o elemento central da produção e do consumo, ambos realizados pela família”. Complementam Wedig e Menasche (2009, p. 12) que:

> A comida é o principal elemento constitutivo das relações de dádiva e reciprocidade, que se expressam não somente a partir da troca de alimentos, mas igualmente na comensalidade, na sociabilidade proporcionada pela comida, na honra que envolve apresentar fartura de alimentos para familiares, parentes e vizinhos.

A fartura continua[315]. No entanto as condições técnicas da produção e da capacidade de sustentação da vida têm, sim, ressignificações. Mudanças superficiais e substanciais estão ocorrendo, mas é um exagero dizer que estão em condições precárias. O que é precário para o homem da cidade pode não ser para o homem do campo.

Esses conteúdos são impressos na (re)configuração espacial dos camponeses de Pedra Lisa, reproduzindo suas identidades na reconstrução de um novo território. Portanto, esta pesquisa foi sendo objetivada no processo de elencar aspectos do cotidiano dos camponeses de Pedra Lisa, caracterizados suas especificidades a partir de valores morais e éticos, que sobressaem aos fatores economicistas.

6.4. O lugar da produção e da existência camponesa de Pedra Lisa

Os camponeses de Pedra Lisa combinam, com seus ciclos de trabalho, assim como também combinam essas tarefas com o meio ambiente, com as festas, com suas práticas e saberes sociais, acumulados ao longo dos tempos. Têm, portanto, o Cerrado como recurso para a reprodução familiar. O seu modo de vida é determinado pelo cotidiano e pelas práticas culturais e de trabalho, pela percepção da natureza e pela condição de trabalhador em uma pequena área de plantio de milho, feijão, mandioca, abóbora, pomar, entre outros (Fotografia 93a).

[315] Em todos os momentos em que o pesquisador esteve presente em momentos de festas, em dias de rezas, ou em refeições do dia-a-dia das famílias, não foi sentida nenhuma espécie de dificuldades financeiras para garantir a alimentação, porque essa é uma das prioridades das famílias. Ao contrário, uma culinária simples, porém, de qualidade e também quantidade suficientes para a alimentação da família e ainda para receber visitas inesperadas. Nas festas e rezas, sempre há variedades e abundância de alimentos.

Em Pedra Lisa, além das pequenas roças, existe uma propriedade que produz rapadura e uma com produção de cachaça (Fotografia 93b) para consumo e venda do excedente. Ambas as produções têm a cana-de-açúcar como matéria-prima, que é produzida pelos próprios produtores.

Em outros tempos, prosseguem as autoras, as rapaduras eram guardadas na despensa e duravam o ano inteiro servindo como alimento e remédio, como, por exemplo, os xaropes de ervas adoçados com rapaduras para curar tosse, gripe, anemia, vermes e outros (MOLINA e URZEDO, 2010). Como a pecuária era a atividade predominante, os engenhos tinham caráter de produção de economia de consumo e subsidiária da atividade principal.



Fotografia 93: a) Pequena roça destinada ao consumo familiar, garantindo a mistura das refeições; b) Produção de cachaça para consumo e mercado local.
Fonte: Trabalho de Campo: a) Abril; b) Julho; c) Agosto, de 2011. Foto do autor.

Molina e Urzedo (2010) afirmam que se usava muito comer mandioca no melado de cana nas propriedades em que havia engenhos, assim como havia o hábito de adoçar o café com rapadura. Nos dias de hoje, a rapadura, na alimentação, segue os padrões mais atuais, ou seja, é consumida separadamente em pequenos pedaços, e poucas pessoas a utilizam como adoçante nas bebidas como leite e café.

Contam as autoras que moer cana, fazer açúcar, rapadura e cachaça, tem o seu ritmo próprio, não tem um calendário diário como o da agricultura ou pecuária que regula a vida rural. Entretanto, na época certa dessa atividade, levanta-se muito cedo para dar início ao trabalho que só termina no momento em que as tarefas

forem cumpridas. De fato, a família produtora desse doce conta que tem o período certo, que vai de agosto a novembro, dependendo da quantidade de cana que há na roça.

Molina e Urzedo escrevem que “Cora Coralina (1084) relembra saudosa do ‘mundo do engenho’, da ‘garapa de cana serenada’, da ‘garapa fervida’, do ‘melado’ com mandioca cozida no respiradouro da fornalha, ‘forrando o estômago’ para almoço às nove horas”. É um cardápio extenso onde a rapadura ou melado são os ingredientes especiais. “Rapaduras [...] ‘cheirosas para serem raspadas’ e servidas para se comer com canjica, tudo ‘à vontade’” (MOLINA; URZEDO, 2010, p. 323).

Atualmente, em Pedra Lisa, assim como em Quirinópolis, o uso da rapadura se reduz a comê-la em pedaços, como doce, ou ralando-a, quando não se produz diretamente o açúcar mascavo, não apenas pela tradição do paladar de adoçar café, suco ou outros líquidos, mas também por questões de saúde, visto que as pessoas têm recebido informações de que o açúcar industrial contém misturas químicas com o objetivo de torná-lo branco.

Concluem Molina e Urzedo (2010) que os engenhos passaram a ser vistos como equipamentos do passado, tendo muitos já desaparecidos. Contudo, no Município de Quirinópolis, ainda se encontram engenhos em atividades, “num testemunho vivo” de que permanecem mesmo com o avanço tecnológico da modernidade. Em Pedra Lisa, como já exposto, ainda se produzem cachaça e rapadura todos os anos. Entretanto, nas pequenas propriedades, a cana é também cultivada para complemento na alimentação do gado no período da seca.

Já escreviam Cabral e Souza (2010) que os estudos direcionados à relação entre o meio e a sociedade, tendo o passado como espelho, contribuem para o conhecimento de hábitos e costumes da população. “Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações” (CABRAL e SOUZA, 2010, p. 351). Por isso, é fundamental e indispensável aos camponeses produzirem seus próprios alimentos. No planejamento da produção do milho nas pequenas propriedades de Pedra Lisa, sempre é inclusa parte da produção para o trato das galinhas e porcos, para complementar as misturas nas refeições e para se fazer pamonha.

Há, de certa forma, vários motivos para a decadência da produção alimentar nos sítios em que a produção principal é a de leite para comercialização. Oliveira

aponta uma delas, para ele o Estado tem investido nas grandes empresas rurais, acreditando, ao menos no discurso, que o maior índice de produção de alimentos no país vem dessas empresas, “ainda que os dados estatísticos mostrem o oposto”, finaliza Oliveira (2007). Ou seja, financiamentos e outros incentivos para a produção de alimentos para o consumo não existe. Para Moreno (2007, p. 49), “além de disputar a destinação dos cultivos, que já revela seus impactos no preço e na disponibilidade de alimentos, o agronegócio de energia precisa conquistar novos territórios”.

Outro fator, denunciado pelos camponeses nas entrevistas, é que a atividade do agronegócio, produz interferências negativas na pequena produção alimentar. Por conta desse e outros tantos motivos já discutidos ao longo desses cinco capítulos, há famílias (de 17 a 20 propriedades), sobretudo da região do Córrego Bebedouro, que deixaram o meio rural. Destas, oito são de proprietários que migraram para a cidade, deixando a propriedade com funcionário, com determinada família para cuidar ou arrendados para pasto. Durante a pesquisa, duas propriedades foram vendidas e duas arrendadas para Nova Fronteira para a plantação de cana-de-açúcar. Cinco encontram-se abandonadas, não contando com uma das residências derrubadas após a venda para outro proprietário (Fotografias 94 e 95).



a **b**

Fotografia 94: Propriedades abandonadas: a) a casa e o pomar testemunham que ali havia presença de uma família camponesa; b) o capim desta propriedade está tão alto que só é possível visualizar o telhado da casa.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

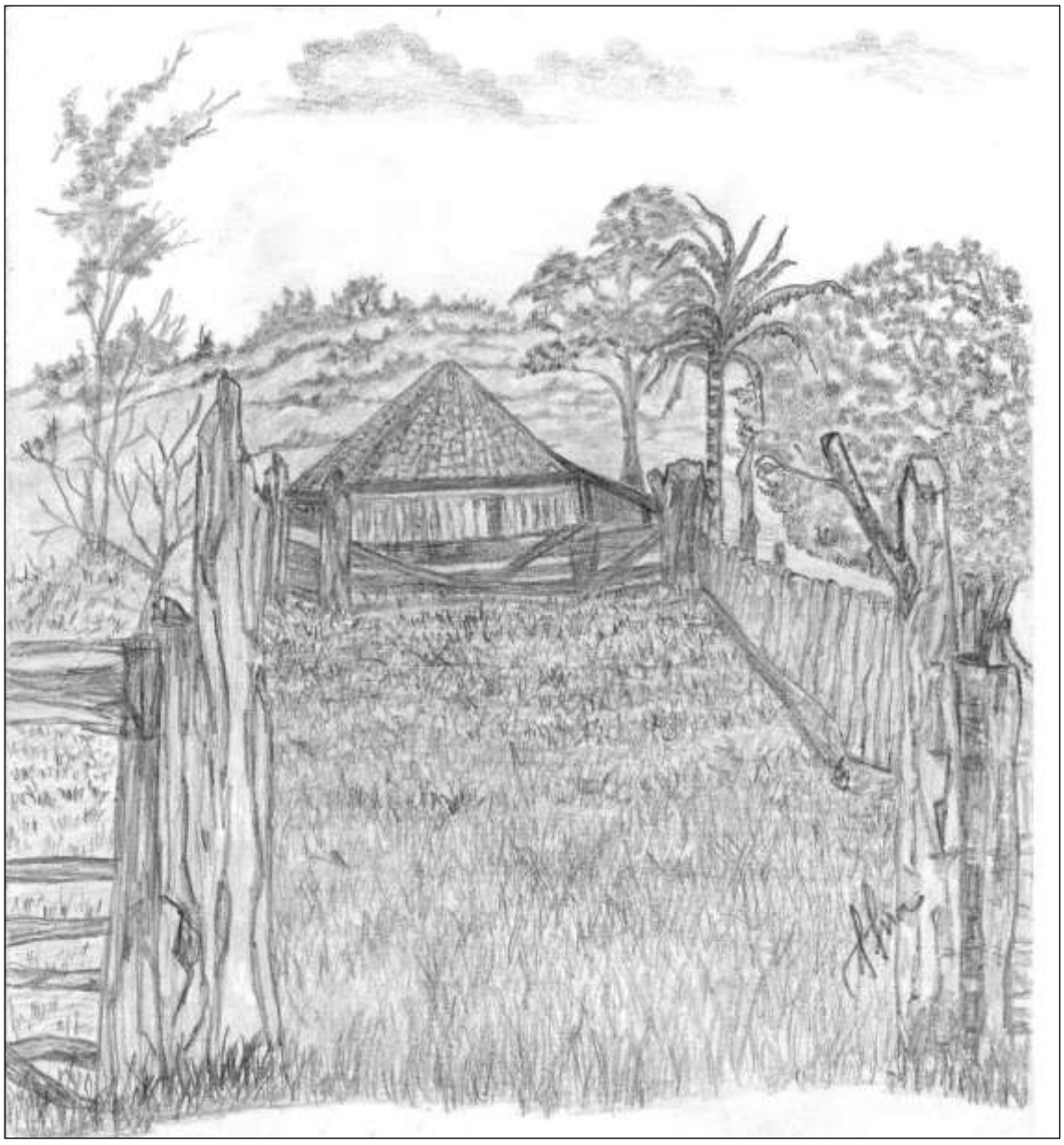


a **b**

Fotografia 95: Propriedades e casas abandonadas e demolidas: a) casa demolida após venda da propriedade; b) Casa abandonada, após partida dos proprietários.
Fonte: Trabalho de Campo, Abril de 2011. Foto do autor.

Os depoimentos dos que permanecem no lugar é a de um sentimento ruim, pois não é fácil ver seus vizinhos partirem deixando a casa e o terreiro, antes cheio de vida, abandonados. Entretanto mais importante é a compreensão da permanência dos camponeses, visto que, num universo de 64 propriedades que ainda se encontram na sub-região, apenas pouco mais de 20 deixaram de existir ou estão abandonadas[316]. A sociabilidade, as estratégias produtivas, a produção dos meios de vida continuam ocorrendo no lugar, estabelecendo os fundamentos da permanência camponesa. Eles também indicam redefinições importantes que envolvem elementos da cultura camponesa, percebidas nas especificidades do lugar.

[316] Sabe-se que o número de famílias que deixaram a Pedra Lisa foi muito maior, entretanto, parte das propriedades continuam com outras famílias que ocuparam o lugar, por compra, arrendamento ou por outras formas.



Desenho da fotografia 95b, página 325. Autoria: Maria Aparecida de Souza

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MODOS DE VIDA E OS TERRITÓRIOS NA COMUNIDADE PEDRA LISA

A pesquisa estudou as mudanças nos modos de vida camponesa em Pedra Lisa, que vivenciam mutações do espaço a partir do processo que territorializa um modo de produção, nos moldes da monocultura de exportação. Considerou as diferentes lógicas sociais que envolvem a implantação da produção de agrocombustíveis e outros modelos de atividades do agronegócio, no Município de Quirinópolis, bem como as relações que esses modelos imprimem aos modos de vida dos camponeses produtores de leite, para o mercado local, e de alimentos para a economia de consumo.

Considerou, ainda, que há um sentimento de pertencimento ao lugar, por parte das famílias camponesas, que consiste em manter muitas das práticas sociais de outrora, fazendo uma ligação entre o patrimônio histórico herdado dos pais e as novas necessidades de produção e consumo, trazidas pela modernização no campo. É importante ter claro que, dentro da lógica camponesa, isso não se cumpre na sua totalidade. Há elementos antigos que eles podem e preferem continuar utilizando, como a roda d'água e o fogão à lenha.

A pesquisa buscou compreender os encontros e desencontros promovidos pela inserção de elementos da modernidade nos modos de vida dos camponeses da Sub-região Pedra Lisa, para entender como estes absorvem ou renegam partes das tecnologias e novos produtos de consumo, como incorporam novos métodos e técnicas de produção, proporcionando a sua permanência.

O texto não teve a intenção de provocar um debate de estancamento do sistema produtivo modernizado e globalizado. Tratou, apenas, de esclarecer que parte das práticas tradicionais reinventadas, e aqui se inclui a Comunidade Pedra Lisa, ainda persiste em meio às atividades da modernidade. Ou seja, há famílias de camponeses que não estão preparados ou não querem entrar nesse mercado de trabalho. Desejam apenas continuar reinventando suas tradições e costumes, permanecendo em seus modos de produção e modos de vida.

Entende-se que os camponeses de Pedra Lisa assumem o passado como a memória das experiências de vida e das tradições que foram produzidas pelas gerações anteriores, aprendendo a lidar com essas práticas, em conjunto com as práticas criadas mais recentemente, recriando e reinventado essas tradições, a partir

das novas necessidades que surgem na atualidade. São saberes guardados que vão sendo recuperados em momentos oportunos e necessários.

As práticas sociais são percebidas, nessa comunidade, como vitalidades e potencialidades da economia camponesa, e são usadas naquilo que as necessidades apontam como funcional na lógica camponesa. Por isso, entendemos que, nesse lugar, não há um processo de eliminação ou de desterritorialização dos camponeses. Ao contrário, afloram-se as suas especificidades socioculturais, potencializando os vínculos que eles mantêm com o território. Desse modo, parte-se do pressuposto de que esses camponeses, mesmo que com ressignificações em suas práticas sociais, continuam o seu processo de existir.

No entanto nota-se que muito se incorporou da modernidade. A incorporação de práticas, de técnicas e de equipamentos modernos é estabelecida mediante parâmetros relacionados ao poder de capital, ou seja, ter ou não disponibilidade financeira para comprar mercadorias e serviços. Dessa forma, o que é dito como tradicional já não o é na sua originalidade. Partes das tradições herdadas, pelo movimento da sociedade, necessitaram de recriações, ressignificações e novos usos, visando facilitar a própria reprodução da vida. São elementos que se concretizam nas rezas, nas festas, nos sistemas de produção e na organização do espaço.

As práticas religiosas têm sido uma das mais vitalizadoras dos costumes e dos vínculos com o lugar. A religiosidade proporciona proteção e bênçãos para a vida e para os que decorrem dela, como a família e o trabalho. Em Pedra Lisa, a religião é importante, mas os dogmas da igreja não é determinante para a vivência em comunidade. Há um pequeno grupo de espíritas, e a grande maioria é composta de católicos. Alguns membros espíritas participam das rezas semanais com os católicos, enquanto esses recorriam ao médium espírita, já falecido, para tomar passe, denominados por eles de benzeção. Isso denota que os problemas dogmáticos ficam apenas nas ordens institucionais, porque, na comunidade, católicos e espíritas vivenciam as mesmas práticas com terminologias diferentes.

Ligada ao sagrado, a festa é outra prática social marcante nessa comunidade. As festas religiosas são compromissos firmes que as famílias têm com as entidades espirituais, como intermediários entre os devotos e Deus. Dentre eles, destacam-se Santos Reis, São João e Nossa Senhora. Essa devoção é fundamental para a comunidade, pois se trata de bênçãos vindas do céu para que as famílias, o trabalho

e outras atividades atendam sempre às expectativas de uma vida decente no que se refere à alimentação, aos compromissos financeiros, à ética e a moral.

Também as festas profanas servem para garantia da alegria (o divertimento, de acordo com a maneira de eles expressarem), do lazer e das relações de sociabilidades entre os que as frequentam, o que, de maneira geral, constitui-se de praticamente todas as famílias da Comunidade Pedra Lisa, e ainda algumas vindas da cidade ou de outras comunidades vizinhas, dependendo da festa.

Entendemos que estamos diante de um camponês modificado. A abordagem camponesa, ainda na visão da velha dicotomia agricultura arcaica *versus* moderna, no sentido de afirmar que o camponês está fadado à extinção ou não, já não serve mais para explicar a permanência deste nos dias de hoje. O debate atual direciona para a concepção de que o campesinato não apenas existe na modernidade, mas, sobretudo, se transformou com ela. Portanto, não se pode cobrar que ele seja o mesmo camponês de antes da modernização agrícola, e de antes da cana-de-açúcar.

Os camponeses de Pedra Lisa incorporam elementos importantes para sua permanência. Não se trata de um sujeito pretérito, ele é atual, tornando o espaço mais fluido. Dessa forma, ele não deixa de existir, as suas formas de se recriar é que mudam. Atendem à lógica do capital pelas suas próprias lógicas camponesas pretéritas.

Para esses sujeitos, o aspecto econômico não é o único valor a ser almejado. Há também outros elementos vitais para a reprodução da vida e que há outros valores, que não se encontram apenas nas relações de produção e comercialização. Adquirir tanques de resfriamento, meios de transportes para o leite ou outras mercadorias disponíveis pela tecnologia, contribui para melhorar a vida financeira da família, mas há também outras instituições que, para eles, são de extrema necessidade e que precisam ser valorizadas, como a religião; a devoção; as festas, sagradas ou profanas; a sociabilidade; a reciprocidade; o respeito às humanidades; dentre outras.

Entretanto, há que enfrentar a incompatibilidade de valores socioculturais nos diversos grupos da sociedade, que interferem no interior da comunidade camponesa de Pedra Lisa. Considerando as imposições da agroindústria da cana a esse grupo e ao lugar, as mudanças tornam-se visíveis e específicas, se as compararmos com as formas diferentes que se manifestam a outros grupos ou comunidades. Na verdade, isso é consequência também, do desenvolvimento desigual.

Se tomarmos os questionamentos da Agrovale com relação ao discurso de desenvolvimento que o setor agrocombustível traz para o município: “que desenvolvimento e para quem?”, percebemos que, de fato, os benefícios e os problemas estão presentes no mesmo fenômeno, no mesmo local, promovendo contradições que se processam em territórios e territorialidades diferentes, transformando paisagens, de acordo com o projeto econômico, descaracterizando e ressignificando os modos de vida dos camponeses.

Nessa perspectiva, entendemos que Quirinópolis, assim como a Mesorregião Sul Goiano, foi planejada para receber investimentos e agroindústrias da cana, mas nem sempre os produtores, sobretudo os camponeses, estão preparados para o processo de mudanças na mesma velocidade que o capital propaga. São condições impostas pela dinâmica do capital, mas que também mostram possibilidades de reinvenção dos modos de vida camponesa. No caso de Pedra Lisa, essas possibilidades são visíveis.

Mesmo com toda estrutura montada para a produção da cana-de-açúcar nos arredores da comunidade, esses camponeses continuam produzindo leite em suas propriedades. As mudanças territoriais e dos modos de vida se iniciaram a partir da modernização da agricultura, ou seja, a partir das décadas de 1960/70, e foi importante para que os camponeses de Pedra Lisa estivessem, nesse momento da chegada da agroindústria da cana, mais preparados para as potencialidades e recriações as práticas camponesas.

Por conta disso, nessa primeira década da implantação das grandes lavouras de cana-de-açúcar em Quirinópolis (2004/2012), observamos que, em Pedra Lisa, os resultados mais prejudiciais não ocorreram com tanta intensidade como em outras comunidades camponesas do município, onde o processo de desterritorialização das famílias camponesas tem ocorrido. Isso demonstra que os camponeses de Pedra Lisa reagiram de forma a se adequar às mutações do espaço, da produção e comercialização e até mesmo das festas.

Essa reação se deve ao fato de que viver nesse lugar representa valorizar e proteger o patrimônio familiar herdado, e também potencializar as formas de existências das famílias ali estabelecidas, por intermédio dos valores éticos e morais e da sociabilidade camponesa. Dessa forma, conseguem administrar os conflitos que possam surgir internamente, assim como entre eles e sujeitos externos, como a agroindústria da cana.

O arrendamento de terras para a agroindústria, por exemplo, é descartado pela maioria das famílias pelo fato de que essa opção pode significar perder o patrimônio construído, assim como perder os vínculos do lugar com os familiares, com a vizinhança, com a festa, com o sagrado. Principalmente porque contratos de arrendamento são realizados em ciclos que podem chegar a até dez anos, não permitindo arrependimentos inferiores a esse prazo.

No entanto, esses camponeses não foram isentos de viver sob tensões promovidas pelas atividades do agronegócio, representado pelo frigorífico, pelo laticínio e, principalmente, pela agroindústria da cana. São tensões que passam pelo subjetivo, pelo psicológico das pessoas, que sentem temor quando ouvem o som do avião do combate na cana, que envenena suas plantações e criações; com o medo de um dia ter de sair da comunidade e perder o lugar, o patrimônio, a vizinhança.

Há uma contradição psicológica do próprio camponês, quando deseja ao filho o estudo e um bom emprego nas agroindústrias da cana ou outra grande empresa e, ao mesmo tempo, o desejo de que o filho não abandone a propriedade que fora dos avós e não desvalorize as práticas socioculturais guardadas. O fato de muitos filhos já estarem na cidade trabalhando e/ou estudando, por um lado, é sinônimo de alívio para os pais, visto que os sítios são pequenos para sustentar a todos. Mas, por outo lado, constitui-se numa angústia de se separarem dos filhos que, não tem perspectivas de voltar para Pedra Lisa e dar continuidade do trabalho no sítio.

Sentem muito também a ausência dos filhos nas festas de Pedra Lisa. Sempre estiveram presente, mas agora os que estão empregados na agroindústria da cana, nem sempre, podem aparecer, ou chegam mais ao final da festa. Esse sentimento de ausência é uma das consequências da migração dos filhos para a cidade em busca de outras profissões. São vínculos familiares e de vizinhanças que forma se perdendo ao longo do processo de modernização da agricultura e que se intensifica com essa nova atividade do agronegócio.

Embora a produção dos agrocombustíveis tenha promovido a perda de alguns vínculos em Pedra Lisa, não quer dizer que não houve também a preservação de vínculos territoriais. A comunidade agiu e reagiu aos diferentes processos, estabelecendo sua permanência no lugar. São elementos irredutíveis que se potencializam nas mutações do espaço, na produção e comercialização leiteira, nas festas, nas rezas e no cotidiano vivido e concebido nesse espaço. Obviamente que

estão presentes nesse espaço, as contradições que se aprofundam, se modificam e que se solucionam, a partir de sua cultura materializada no território.

Entendemos que os desdobramentos dessas ações não são, necessariamente, contraditórios em termos dialéticos, mas relacionais, no sentido da coexistência e das redefinições. Por isso, as territorialidades camponesas e os vínculos deste com seus modos de vida e com o lugar foram discussões centrais desta tese.

Este trabalho apresentou a necessidade da leitura das paisagens reocupadas pela cana, identificando as humanidades e seus sentimentos ali presentes. Discutir essas transformações, tendo a paisagem como categoria de análise, permitiu-nos ir além dos seus aspectos visíveis, pois tornou-se possível explorar a sensibilidade e percepção para, assim, chegarmos aos sentimentos, às simbologias, aos imaginários presentes na vida das pessoas e das famílias camponesas de Pedra Lisa, bem como os seus vínculos territoriais com o lugar.

A paisagem, no ponto de vista das práticas sociais camponesas, é uma produção relacionada à sua história, que é também uma relação específica com a natureza. Não pode ser concebida apenas pelos elementos materiais, mas também pelos aspectos imateriais, ou seja, por aquilo que se constrói na relação desses elementos e os saberes e fazeres dos sujeitos sociais, e que criaram a paisagem da Comunidade Pedra Lisa, tornando-o um lugar de (re)existência camponesa, na produção leiteira.

Desse modo, a tese aqui apresentada teve como objetivo comprovar que as práticas sociais e os modos de vida camponesa não foram extintos e que os camponeses permanecem na Comunidade Pedra Lisa. Suas ações potencializam o território da produção de leite, revitalizam as rezas e festas, ainda que cercados por atividades modernizadoras da pecuária de corte e das grandes lavouras de cana-de-açúcar.

Para explicar essas potencializações e revitalizações ocorridas nos modos de vida e nas práticas sociais da Comunidade Pedra Lisa, compreendemos ter sido necessário trabalhar com três categorias de análises da Geografia: a paisagem, o território e o lugar.

A paisagem, para apresentar, no primeiro e segundo capítulos, as transformações, físicas e culturais, que a região do Cerrado e, consequentemente, o espaço rural de Quirinópolis e Pedra Lisa sofreram ao longo das décadas de

implantação de uma agropecuária com técnicas, tecnologias e gestões modernas; o território, no intuito de explicar as mutações implicadas ao território camponês de Pedra Lisa, bem como a manutenção de alguns vínculos territoriais, mesmo com ressignificações; e o lugar, visto que o palco das discussões apresentadas se encontra num determinado lugar: a comunidade camponesa Pedra Lisa. É no lugar que as territorialidades se estabelecem.

Quanto aos aspectos culturais, é fundamental que a Geografia promova discussões acerca do conceito paisagem que indiquem os conteúdos humanos que podem ser percebidos e valorizados na investigação. O sentimento pode ser a característica humana menos percebida pela sociedade, portanto, menos ainda são sentidas as transformações pelas quais os camponeses do Cerrado e de Pedra Lisa estão passando.

As organizações espaciais das coisas e dos sentidos ficam gravadas para sempre, não apenas em fotografias, mas principalmente na memória. É o patrimônio imaginário. Essa paisagem o capital não é capaz de destruir. Continuará sempre organizada e estruturada pela lógica do camponês.

Nessa comunidade, o estudo do território pode ser ligado ao da paisagem estabelecida pelos próprios camponeses que a habitam, que nela trabalham e que ali fazem suas festas e devoções. Os modos de vida desses camponeses materializam o dinamismo das suas territorialidades. Um território que existe em um lugar constituído por pequenas propriedades, pela riqueza dos saberes, guardados pelas práticas sociais baseadas na sociabilidade, solidariedade e reciprocidade entre os membros da comunidade que formam o território.

Desse modo, o território tornou-se uma categoria de análise geográfica de grande contribuição para o entendimento das transformações socioespaciais e socioculturais em Pedra Lisa. Os modos de vida camponês e as novas condições postas pela tecnologia da produção agropecuária sob o modelo do agronegócio vão criando situações de tensão que ameaçam os territórios já existentes. No caso de Pedra Lisa, os territórios não foram totalmente destruídos, mas reinventados, transformados e produzidos, promovendo uma nova condição, nova situação de existência dos camponeses.

Os modos de vida dos camponeses e as novas condições postas pela tecnologia da produção e do comércio em Pedra Lisa foram criando situações nada tranquilas, ao contrário, são tensas, no que se refere às praticas produtivas e sociais,

mas que, mediante tais tensões, os sujeitos do lugar reinventam suas tradições para criar condições de resguardar suas territorialidades.

Nesse sentido, percebemos que as heterogeneidades socioespaciais estão manifestadas nos modos de vida dos camponeses de Pedra Lisa. Neste processo, provavelmente, os territórios, não totalmente destruídos, são reinventados, transformados e produzidos em torno dessa perspectiva, promovendo uma nova condição, nova situação de existência desses grupos sociais do lugar.

A convivência com essas práticas e com o Cerrado proporcionou, aos camponeses, a constituição de modos de vida próprios do lugar, sendo facilmente observadas a defesa e a preservação de valores humanos, saberes e conhecimentos técnicos, tanto no que se refere às atividades econômicas, como aos valores morais e éticos, assim como os vínculos que esses valores estabelecem com o território.

Assim, Pedra Lisa se apresenta como um espaço vital para essas famílias, o que nos indicou a necessidade de trabalhar com a categoria lugar, haja vista que Pedra Lisa torna-se a essência da vida desses camponeses, tendo a Venda do Zé Major como o local de encontro das sociabilidades. Ficou evidente a importância que esse local tem para a Pedra Lisa, com o espaço do boteco, do campo de futebol, da estrutura para festas, bailes, jogos e outras comemorações.

É também o local de sustentação da vida e das práticas sociais da comunidade. Ele substitui a igreja, a escola, ou outros espaços estatais. Ou seja, a escola já não existe mais, a igreja deixou de cumprir a função de união das famílias, de pontos de sociabilidades das pessoas, visto que lá só se encontram uma vez por mês.

Restou aos camponeses de Pedra Lisa, encontrar outro espaço para essa finalidade e, cotidianamente, se encontram na Venda do Zé Major, seja para tomar uma cachaça, seja para rezar ou para festejar. Esse espaço de festas religiosas e de lazer, do sagrado e do profano, foi assumido um símbolo de convivialidade, o lugar das potencialidades e das sociabilidades.

Também expressões culturais das tradições reinventadas estão presentes, concretizadas na permanência de um carro de boi colocado no barracão; de uma canga; de instrumentos musicais da folia de reis; dos fornos caipiras de formatos antigos; do fogão à lenha na cozinha; dentre outros. Esses símbolos contribuem

para que o espaço seja ainda mais valorizado pelas famílias da comunidade, como o lugar do encontro e da reciprocidade.

No entanto percebemos que a produção a partir da pecuária, ou mesmo da agricultura da cana-de-açúcar, com bases tecnológicas modernas, implementadas pelas empresas rurais e pelo Estado, representando os interesses de grupos empresariais, impõe, de forma abrupta, essas mesmas condições de produção capitalistas sob uma orientação economicista aos camponeses do lugar.

Entretanto essas imposições nem sempre são totalmente obedecidas pelos produtores de leite de Pedra Lisa. Além das necessidades econômicas, os camponeses são sensibilizados pelos valores morais e éticos, adquiridos como herança dos pais, pelas atividades sagradas e pelas práticas de sociabilidades que acontecem entre as famílias.

Por isso, ao mesmo tempo em que, sob o olhar econômico, se preocupam com o futuro de Pedra Lisa, como lugar da moradia e de trabalho, na produção de leite, sob o ponto de vista do sagrado, representado pelas festas e rezas, parece não haver ameaças. É como se essas fossem intocáveis. Algo como um poder muito maior que qualquer projeto econômico a ser implantado. Essa modo de pensar torna-se necessária para que continuem com seus planejamentos, estratégias e práticas sociais. Absorvem esses valores como que uma blindagem para proteção das suas atividades em Pedra Lisa.

Contudo esses camponeses têm clareza dos problemas que poderão afetá-los num espaço de tempo médio ou longo, caso sejam obrigados a arrendar suas terras para a produção da cana. Eles têm clareza de que poderão ter adversidades como a queda nos preços do arrendamento após alguns ciclos, visto que boa parte das propriedades do município estará refém dessa atividade.

Cem por cento da água utilizada para o consumo das famílias vêm dos córregos locais, por rodas d’água ou por quedas naturais. A preocupação que já é realidade nos dias atuais é com a contaminação desses cursos d’água, sobretudo em suas nascentes, provinda dos agrotóxicos e maturadores aspergidos nos canaviais. Esse perigo tende a se alarmar, à medida que o tempo vai passando e as áreas plantadas vão aumentando.

Se os filhos estão migrando para a cidade de Quirinópolis para trabalho e estudo, há uma tendência de que os pais que ficam nos sítios, ao envelhecerem,

não consigam mais continuar com a atividade leiteira e terão de vender ou arrendar as terras para a agroindústria da cana.

Por todas essas discussões apresentadas, a partir de uma pesquisa geográfica, entendemos que esta ciência tem a tarefa de evidenciar que as transformações socioeconômicas e socioculturais precisam ser compreendidas e debatidas, para que o economicismo deixe de ser tão prioritário nos planejamentos e políticas públicas, a ponto de não reconhecer as humanidades envolvidas nas mutações do espaço. Quer dizer que é tarefa dessa ciência deixar claro que a expansão do agronegócio tem agredido territórios e culturas, acobertados pelo argumento de trazer “desenvolvimento” às regiões, municípios e lugares.

Debater o espaço vivido, a paisagem cultural, o território identidade e o lugar, a Geografia na sua abordagem cultural, contribuiu para a academia, e a sociedade, entender que a padronização dos modos de produção, com modelos tecnológicos modernos, não se aplica a todos os grupos sociais, e alguns desses grupos precisam ser mantidos com suas práticas sociais e com seus modos de vida e de produção. Em uma escala maior, essas práticas sociais podem até não ter relevância, mas, em uma escala local, elas são de vital importância.

Enfim, com este trabalho, buscou-se deixar uma contribuição científica, no intuito de resgatar a valorização das reinvenções das práticas tradicionais, evidenciando um modo de vida carregado de valores saudáveis à sociedade e às humanidades. São sujeitos detentores de saberes e fazeres próprios do lugar, defendendo seu território e (re)existindo como camponeses de Pedra Lisa.

Ficam, ainda, desafios que a pesquisa não focou. Mesmo fechando a tese aqui, alguns apontamentos colocados pela banca de defesa indicam a necessidade de aprofundamentos: é preciso estudar os conceitos de cultura, modo de vida ou modo vivente, traço dinâmico, traço resistente e traço cultural, também pelo viés da Antropologia.

Também a categoria política precisa ser mais bem discutida: confrontar as estratégias dos camponeses na participação política; as mudanças na política de Quirinópolis, no sentido da manifestação do poder público local; as mudanças nas relações cidade e campo; o papel do Estado Nacional nos governos Lula e Dilma; a necessidade de estudar Goiás com maior profundidade, uma vez que o cenário espacial focado foi o Cerrado, o que extrapola Goiás. Mas Quirinópolis é parte desse estado e é importante saber como ele se comporta diante dessas transformações e

quais as políticas públicas implementadas. Essas e outras inquietações deverão fazer parte dos estudos e investigações futuras.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ACTIONAID. **Cortina de fumaça**: o que se esconde por trás da produção de agrocombustíveis. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <www.actionaid.org.br>. Acesso em 01/10/2012

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Identidade, distinção e territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul.** 390 f. (Tese de Doutorado). Presidente Prudente: UNESP, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. *In*: ALMEIDA, M. Geralda, CHAVEIRO, Eguimar F. e BRAGA, Helaine C. **Geografia e cultura:** os lugares da vida e a vida dos lugares (Org.). Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47-74.

ALVES FILHO, Eloy. Reminiscências, significados e sentidos. *In*: URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Org.). **Quirinópolis**: mãos e olhares diferentes, 1832-2010. Goiânia: Kelps, 2010, p. 25-28.

ANDRADE, M. C. De. Territorialidades, desterritorialidades e novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. DE; SILVEIRA, M. L.(Org.) **Território – Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1996. 332 p. P. 213 – 220.

ANDRADE, Rodrigo Borges de e SANTOS, Rosselvelt José. **Religiosidade e modo de vida:** a (re)construção do lugar na comunidade rural Tenda do Moreno em Uberlândia-MG. Dissertação (mestrado). 216 f. Uberlândia: UFU, 2007.

ARRAIS, T. A. **Geografia Contemporânea de Goiás.** Goiânia (GO): Editora Vieira, 2004.

BERTERO, José Flávio. **Uma crítica à sociologia rural de José de Souza Martins.** Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v17_18_bertero.pdf>. Acesso em 23/05/2009

BNDES. **BNDES aprova financiamento de R$ 248,9 milhões para Usina Boa Vista aumentar produção de energia limpa**. , 2007. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2007/20070206_not024_07.html>. Acesso em 13/06/2009.

BORCHARDT, Julian. **Karl Marx: O Capital**: edição resumida. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. 7ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

BORDO, Adilson Aparecido *et. al*. **As diferentes abordagens do conceito de território**. São Paulo, FCT/UNESP, 2004. Disponível em: <www.temasemdebate.cnpm.embrapa.br/textos/051018_TERRITORIO_ESPACO_quarta.pdf>. Acesso em13/09/2009.

BORGES, Viviane Custódia e ALMEIDA, Maria Geralda de. **A biodiversidade do Cerrado brasileiro: os (as) raizeiros (as) de Goiás/GO**. Disponível em: <http://www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/comunicacao_coordenada/012.pdf> Acesso em 08/10/2012

BORGES, Vonedirce Maria Santos e CASTRO, Selma Simões de. Agroindústria canavieira em Quirinópolis: substituição de culturas e os impactos socioeconômicos sobre as terras do Cerrado. *In*: **VIII Simpósio de Geografia**: Território e paisagem redimensionados pela expansão da cana-de-açúcar. Quirinópolis: UEG, 2010.

BORGES, Vonedirce M. Santos; SILVA, Adriana Aparecida da; CASTRO, Selma Simões de. Caracterização edafoclimática da microrregião de Quirinópolis-GO para o cultivo da cana-de-açúcar. *In*: **VIII SINAGEO**. Recife, 2010.

BOURDIN, Alain. **A questão local.** Tradução de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "**No rancho fundo"**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BUNDE , Altacir. **Os impactos do agronegócio dos agrocombustíveis sobre o campesinato em Goiás.** 209 f. (Dissertação de Mestrado). Catalão: UFG, 2011.

BUNDE, Altacir e MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **Os impactos do agronegócio dos agrocombustíveis sobre as famílias camponesas – Município de Ipiranga de Goiás/Brasil.** Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completos/Altacir%20Bunde.pdf. Acesso em 01/10/2012.

CABRAL, Hellen Cristina e SOUZA, Layane de. Alimentação X identidade: história da culinária quirinopolina. *In*: URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Org.). **Quirinópolis**: mãos e olhares diferentes, 1832-2010. Goiânia: Kelps, 2010, p. 351-356.

CAMELINI, João Humberto. **Regiões competitivas do etanol e vulnerabilidade territorial no Brasil:** o caso emblemático de Quirinópolis, GO. 159 f. (Dissertação de Mestrado) Campinas: UNICAP, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 5ª Ed., São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CARA, Roberto Bustos. Territórios de lo cotidiano (puntos de partida para la reflexión). *In*: MESQUIRA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do Cotidiano – uma introdução a novos olhares e experiências.** Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 1995, p. 67-75.

CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CASTRO, Selma Simões de *et. al*. A expansão da cana-de-açúcar no Cerrado e no Estado de Goiás: elementos para uma análise espacial do processo. *In*: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 30, n. 1, p. 171-191, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=selma%20sim%C3%B5es%20castro&source=web&cd=10&cad=rja&ved=0CFgQFjAJ&url=http%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F3712467.pdf&ei=BbZJUaH_LoGm8QSp7IHgCA&usg=AFQjCNExQDlvr397mNjXCkW9VfRvTougA&bvm=bv.44011176,d.eWU>, 2010. Acesso em 20/02/2013.

CASTRO, Selma Simões de *et. al*. Estudo da expansão da cana-de-açúcar no Estado de Goiás: subsídios para uma avaliação do potencial de impactos ambientais. *In*: **Anais do SBPC**. Disponível em: <http://www.labogef.iesa.ufg.br/labogef/arquivos/downloads/Selma_Raphael_Rosane_EstudoExpansaoCana2007_16955_81424.pdf>, 2007. Acesso em 17/10/2011.

CHASTAN, Lita (Org.). **Goiás – Extremo Sudoeste – III**: os precursores e o Cerrado, no limiar do III milênio. Goiânia: O Popular, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 11ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O Cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. *In*: ALMEIDA, M. Geralda, CHAVEIRO, Eguimar F. e BRAGA, Helaine C. **Geografia e cultura:** os lugares da vida e a vida dos lugares (Org.). Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 75-97.

CHAVEIRO, Eguimar Felício e CASTILHO, Denis. **Cerrado**: patrimônio genético, cultural e simbólico. Disponível em: <http//www.revistamirante.net/2ed/q.pdf>. Acesso em: 23/03/2010.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. *In:* **Revista RA'E GA**, n. 7, 2003, p. 79-85. Disponível em: <http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Schier_2003_conceito%20de%20paisagem.pdf>, 2003. Acesso em 23/03/2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território – Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1996, 332p. P.251 – 256.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Cultural e o urbano. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CRUZ, Nelson Ney D. Modos de vida e territorialidades nos assentamentos de reforma agrária. *In*: **VII Seminário Internacional sobre território y cultura:** inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais dos mundos contemporâneos. Goiânia, 2008.

CRUZ, Valter do Carmo. Itinerários Teóricos sobre a relação entre Territórios e identidade. *In:* BEZERRA, Amélia Cristina Alves et al. (Org.). **Itinerários Geográficos.** Niterói: Ed. UFF, 2007 p.13-33.

CURY, Azevedo e Antonio Alves. Thomas Robert Malthus: **Princípios de Economia Política e considerações sobre sua aplicação/Ensaio Sobre a População**; David Ricardo: Notas aos Princípios de Economia Política de Malthus. Tradução: Regis de Castro Andrade e Dinah de abreu. São Paulo: Editor Victor Civita, 1983.

DIEGUES, A. C. D. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo. Hucitec, 1998.

DUARTE, Matusalém de Brito. O "lugar-território" na complexidade da realidade contemporânea: incursões teóricas a partir da intersubjetividade. In: C**aminhos de Geografia - revista *on line***, v. 9, n. 26, Jun/2008, Uberlândia. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>, 2008. Acesso em 23/10/2010, p. 185 - 192

ELVAS, Susana e MONIZ, Maria João Vargas. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida*. In:* **Revista Análise Psicológica,** 3 (XXVIII): 451-464, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v28n3/v28n3a06.pdf>, 2010. Acesso em 28/06/2012.

EMATER/PREFEITURA DE QUIRINÓPOLIS. **Produção agropecuária: Município de Quirinópolis - 2001-2010**. (Mimeo), Quirinópolis, 2011

ESCUDERO, Camila. **Reflexos do conceito de identidade cultural na imprensa imigrante.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0973-2.pdf>. Acesso em 28/06/2012.

FARIA, Arley Haley e SANTOS, Rosselvelt José. Territórios de direitos culturais e étnicos das religiões de matriz africana em Uberlândia, MG. *In*: **Mercator – Revista de Geografia da UFC**. ano 07, número 13, 2008. Disponível em: http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/173/139, 2008. Acesso em 06/07/2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. *In*: **REVISTA NERA** – Ano 8, n. 6, jan/jun 2005. Disponível em: <www4.fct.unesp.br/nera/revistas/06/Fernandes.pdf>, 2005. Acesso em13/09/2009.

GARDENAL, Isabel. Cana-de-açúcar invade o Cerrado. *In*: **Jornal da Unicamp**. Campinas, 26 de setembro a 2 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2011/ju508pdf/Pag03.pdf>, 2011. Acesso dia 01/10/2012.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. *In*: **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 2(1): 29-42, junho, 2004. Disponível em: <www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>, 2004. Acesso em 23/03/2010

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMIDES, José Eduardo. A definição do problema de pesquisa a chave para o sucesso do projeto de pesquisa. *In*: **Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão**/CESUC, ano IV, nº 06, 2002. Disponível em: <http://wwwp.fc.unesp.br/~verinha/ADEFINICAODOPROBLEMA.pdf>, 2002. Acesso em 25/01/2012.

GRUPO SÃO MARTINHO. Disponível em: <www.mzweb.com.br/saomartinho>. 06/02/2007. Acesso em 22/01/2008.

GUEDES, Luiza Maria. A Folia do Divino e identidade cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia. *In*: LEMOS, Carolina Teles (Org.). **Religiosidade popular.** Goiânia: Deescubra, 2007.

GUERRA, Isabel. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. *In*: **Revista Sociologia e Práticas**. N. 13, 1993, pp. 59-74. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/932/1/6.pdf>, 1993. Acesso em 07/10/2011.

GUSFIELD, Joseph R. **Tradition and modernity**: Misplaced Polarities en the study of social change. (Tradução: Edevaldo Aparecido Souza) *In*: American Journal of Sociology, V. 72, Issue 4, Jan, 1967, pp. 351-162. Disponível em: <http://web.mnstate.edu/robertsb/380/tradandmodernity.pdf>, 1967. Acesso em 07/10/2011.

HAESBAERT, Rogério. **Latifúndio e Identidade Regional.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização a multiterritorialidade, *in*: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf>, 2005. Acesso em: 07/10/2011.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2000.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. A abordagem territorial e a noção de representação. *In*: **XVI Encontro Nacional dos Geógrafos -** Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. AGB: Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=v%C3%ADnculos%20territoriais%20-

%20%C3%A1lvaro%20heidrich&source=web&cd=9&ved=0CFsQFjAI&url=http%3A%2F%2Fwww.agb.org.br%2Fevento%2Fdownload.php%3FidTrabalho%3D4525&ei=v6XtT86FEOLr0gH5i9zvDQ&usg=AFQjCNE905u6T7mqIveudqlK-YMrRenRdg>, 2010. Acesso em 28/06/2012.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social**. Disponível em: <http://labes.weebly.com/uploads/4/2/5/4/42544/territorio_incluso.pdf>. Acesso em 28/06/2012.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOUTART, Franlois. ¿Por qué los pequeños campesinos arroceros deben desaparecer em Sri Lanka? *In*: BORON, Atilio A. e LECHINI, Gladys (Compiladores). **Política y movimentos sociales em um mundo hegemónico:** lecciones desde África, Asia y América Latina. Buenos Aires/Argentina: CLACSO, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 1980. Disponível em: <http://www.ibge.gov>. Acesso em 21/09/2011.

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov>. Acesso em 21/09/2011.

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 05/06/2012.

KINN, Marli Graniel. **Lugares e territórios camponeses em iniciativas turísticas: os usos dos espaços no entorno dos lagos das hidrelétricas Amador Aguiar I e II – Triângulo Mineiro-MG**. 341 f. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 2010.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Cientifica.** 5° ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEAL, Hansi Miller Quintino. **Do engenho à agroindústria: o embate entre terra X capital e as ações do Estado no fortalecimento da burguesia canavieira**. Disponível em: <http://www.revistamirante.net/1ed/Do%20Engenho%20a%20Agroindustria.htm>. Acesso em 23/05/2009.

LEAL, Hansi Miller Q. e ALMEIDA, Rosemeire A. de. Agricultura e a sujeição da renda da terra em Mirandópolis/SP. *In*: **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**: Seção Três Lagoas. Três Lagoas: UFMS, V 2 – n.º 2 – ano 2, Set. 2005. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/agbtl/hansi.pdf>, 2005. Acesso em 01/02/2012

LIMA, Helton Souto. O diário de campo e sua relação com o olhar aprofundado sobre o espaço rural. *In*: WHITAKER, D. C. **Sociologia rural:** questões metodológicas emergentes. Presidente Wenceslau: Latras à Margem, 2002.

LOPES, Marcos Antônio. MUCHEMBLED, Robert. Société, Cultures et Mentalités dans la France Moderne. Paris, Armand Colin, 1994. In: **Revista de História.** 133,

1995, pp. 141-145. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n133/15.pdf>, 1995. Acesso em 08/07/2012.

MARTINS, Geraldo Inácio e CLEPS JUNIOR, João. As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território veredeiro no entorno do parque nacional grande sertão-veredas, norte de minas gerais. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 7, n. 13, p. 134-168, fev., 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/13731/8218>. Acesso em 03/10/2012.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MDA/INCRA. **Sistema Nacional de Cadastro Rural**: Município de Quirinópolis. 10 de outubro de 2012.

MARX, Karl. **Elementos fundamentales para la crítica de la Economia Política** (Grundrisse) 1857-1858. 7ª edição. México: Siglo Veintiuno Editores, 1984.

MATTOS, Patrícia Francisca de. **As tramas do agronegócio nas "terras" do sudeste goiano.** 357 f. (Tese de doutorado), Uberlândia: UFU, 2011.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. Entre o sagrado e o profano: a festa de Reis em Três Lagoas, MS. *In*: BORGES, Maria Celma e OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. **Cultura, trabalho e memória:** faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2006, pp. 69-92

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. O "novo campesinato" no sudeste goiano – um estudo a partir dos produtores alhicultores no Município de Catalão-GO. *In*: **REVISTA FORMAÇÃO**: mudanças globais. Presidente Prudente: UNESP, n. 9, v. 1, 2002, p. 221-252.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 458 f. (Tese de doutorado), Presidente Prudente: UNESP, 2004.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues e MESQUITA, Helena Angélica de. **O agro-hidro-negócios no cerrado goiano:** a construção das (re)existências, s.d. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/t24a.pdf>. Acesso em 14/12/2008.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues e THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Trabalho e dinâmicas territoriais no campo: os povos cerradeiros na luta por um território livre. **Revista Pegada** – vol. 12 n.2. Dezembro/2011, pp. 23-47. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1054/1056>, 2011. Acesso em 03/10/2012.

MICHELLON, Ednaldo *et.al*. Breve descrição do Proálcool e perspectivas futuras para o etanol produzido no Brasil. *in*: **XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de**

Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco, 2008. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/9/574.pdf>, 2008. Acesso em 12/01/2012.

MOLINA, Suely Ferreira Lopes e Maria da Felicidade Alves URZEDO. Engenhos de rapadura: agroindústria periférica. *In:* URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Org.). **Quirinópolis**: mãos e olhares diferentes, 1832-2010. Goiânia: Kelps, 2010, p. 319-332.

MORAES *et al.* O Homem que montou no diabo. *In:* URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Org.). **Quirinópolis**: mãos e olhares diferentes, 1832-2010. Goiânia: Kelps, 2010, p. 225-228.

MORELLI, Graziele Alves de Souza. **Cotidiano e territorialidades de uma comunidade Caiçara: Puruba, Ubatuba, SP.** 150 f. (Dissertação de Mestrado). Uberlândia: UFU, 2010.

MORENO, Camila. Agroenergia X soberania alimentar: a questão agrária do século XXI. *In*: VIA CAMPESINA BRASIL. **Soberania alimentar, os agrocombustível e a soberania energética.** Brasília, 2007.

MOTTA, Janne Mary e PAIVA, João Batista de. **As transformações socioculturais dos pequenos produtores rurais do Córrego do Bandeira, Município de Quirinópolis-GO**. 63 f. (Monografia de graduação). Quirinópolis: UEG, 2010.

MÜLLER, Ademir. Lazer, Desenvolvimento Regional: como pode nascer e se desenvolver uma idéia. In: MÜLLER, Ademir.; DA COSTA, L. P. (Org.) **Lazer e Desenvolvimento Regional.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. P. 09 – 40.

NASCIMENTO, Elvis Souza. Extremo Sudoeste Goiano: história natural e perspectivas para o novo milênio. *In:* CHASTAN, Lita (Org.). **Goiás – Extremo Sudoeste – III**: os precursores e o Cerrado, no limiar do III milênio. Goiânia: O Popular, 2001, p. 257-307.

NAVES, Jaqueline de Cássia e MESQUITA, Helena Angélica de. A expulsão camponesa pelo agrohidronegócio: o caso de UHE – Serra do Facão em Catalão (GO). *In*: **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**. São Paulo, 2009, pp. 1-27. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Naves_JC.pdf>, 2009. Acesso em 23/03/2010.

NETO, Helena Brum e SAQUET, Marcos Aurélio. Identidade territorial: migração e territorialidades no território rio-grandense . *In*: **Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos.** Porto Alegre: AGB, 2010. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.agb.org.br%2Fevento%2Fdownload.php%3FidTrabalho%3D190&ei=8fDFUI_TKYiQ9QTxz4DwAQ&usg=AFQjCNGrSsZR81qpsgbtDQtsUneYux48QA>, 2010. Acesso em 08/07/2012.

NOGUEIRA, Amauri Tadeu Barbosa e SUZUKI, Júlio César. **O ser camponês assentado na interface rural e urbano**. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/iiiengrup/29.pdf>. Acesso em 08/07/2012

NOGUEIRA, Wanderleia Silva. **A festa de Folia de Reis em Quirinópolis: lugar de memória 1918-2010**. 115 f. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: PUC, 2011.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canavieiro no Brasil e os desdobramentos para o trabalho.** 566 f. (Tese de Doutorado). Presidente Prudente: UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares. **O processo de reordenamento territorial e produtivo do capital agroindustrial canavieiro e a nova Geografia do trabalho migrante no Brasil**. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/AnaMariaSoaresdeOliveira.pdf>. Acesso em 01/10/2012

OLIVEIRA, Aparecida Antonia. Análise dos impactos das políticas de desenvolvimento regional na bacia do Alto Paraguai. *In*: **Revista Ensaios e Ciências**, v. 6, n. 3, Campo Grande: UNIDERP, 2002, p. 39-66. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/260/26060303.pdf>, 2002. Acesso em 23/11/2011.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Modo Capitalista de Produção e Agricultura.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Sem enfrentamento, não haverá reforma agrária. Por Valéria Nader. **O Correio da Cidadania**, 2007. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/4175>, 2007. Acesso em 15/06/2009.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Soberania alimentar requer rompimento com o agronegócio. Por Valéria Nader **O Correio da Cidadania**, 2006. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/1862>, 2006. Acesso em 15/06/2009.

PEIXINHO, Dimas Moraes. **A dinâmica sócio-espacial do modelo técnico-produtivo da sojicultora no Cerrado e a formação de centros dinâmicos: o caso de Rondonópolis (MT) e Rio Verde (GO)**. (Tese de doutorado), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2006.

PETROBRÁS**. Petrobras e São Martinho formam parceria no setor de etanol.** Arquivado em 21/06/2010. Disponível em: http://www.petrobras.com.br/pt/noticias/petrobras-e-sao-martinho-formam-parceria-no-setor-de-etanol/, 2010. Acesso em 15/06/2012.

PETROBRÁS**. Petrobras Biocombustível e Grupo São Martinho investem R$ 520,7 milhões em etanol.** Arquivado em 17.08.2011. Disponível em: <http://fatosedados.blogspetrobras.com.br/2011/08/17/>, 2011. Acesso em 20/02/2012.

PLANO DIRETOR: Prefeitura Municipal de Quirinópolis. Quirinópolis, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática,1993.

REZENDE, Vani *et al*. Revista Interações – Cultura e Comunidade. *In*: **Revista InterAÇÕES - Cultura e Comunidade**, v. 1 n. 1 / 2006. Disponível em:

<http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/revistainteracoes/article/viewFile/40/28>, 2006. Acesso em 15/06/2012

RIGONATO, Valney Dias. O modo de vida das populações Tradicionais e a inter relação com a paisagem do cerrado da microrregião. *In:* ALMEIDA, Maria Geralda de; **Tantos Cerrados**. Goiânia. Vieira, 2005 – 115-128.

SANTOS, Fátima Sueli Marcon dos. **Fatores geomorfológicos e antrópicos na avaliação da fragilidade a processos erosivos no Município de Quirinópolis.**(Dissertação de Mestrado). Goiânia: UNIVERSIDADE Federal de Goiás, UFG, Brasil, 2002.

SANTOS, Gilberto Celestino dos. A Geografia e o desenvolvimento regional. *In*: **UEG em Revista:** Revista Científica da UEG – Quirinópolis. v. 1, n. 1, Goiânia: Kelps, 2004.

SANTOS, Jean Carlos Vieira e SOUZA, Fábia Rúbia de. Gastronomia Chica Doida: contributo para programa de regionalização do turismo. In: SANTOS, Jean Carlos Vieira (Org.). **Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica.** Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda., 2009.

SANTOS, Rosselvelt José e SOUZA, Edevaldo Aparecido. Paisagens culturais no Cerrado em transformação. *In*: **Encontro de Geógrafos de América Latina**: em busca dos sujeitos que podem emancipar a sociedade para além do capital. Montevidéu, 2009.

SANTOS, Jean Carlos Vieira. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano.** 366 f. (Tese de Doutorado). Uberlândia: UFU, 2010.

SANTOS, Jean Carlos Vieira *et al*. Trabalho de campo dos graduandos de Geografia/UEG/Quirinópolis (GO) no circuíto turístico Serra da Canastra –Minas Gerais. *In*: **Anais do IV Seminário de Iniciação Científica,** Quirinópolis: UEG, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo. Razão e emoção. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, l997.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade** . Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, Milton. Identidades territoriais. *In:* SANTOS, Milton, *et. al.* (Org.). **Território, territórios ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 13-21.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico – cientifico-informacional,** São Paulo : Hucitec, 1994.

SANTOS, Rosselvelt José e KINN, Marli Graniel. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos Cerrados de Minas Gerais. **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, RJ, N. 26, P. 58-71, JUL./DEZ. DE 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/view/3555/2475>. Acesso em 03/10/2012.

SANTOS, Rosselvelt José. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *In*: **Revista Sociedade & Natureza.** Ano 11, N. 21 e 22, Jan/Dez de 1999, p. 111-125.

SANTOS, Rosselvelt José. (Re) Ocupação do cerrado: novas gentes, outras identidades. *In*: ALMEIDA, Maria Geralda , CHAVEIRO, Eguimar Felício, BRAGA, Helaine Costa. **Geografia e cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008a, p. 98-136.

SANTOS, Rosselvelt José. **Gaúchos e mineiros do Cerrado**: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008b.

SANTOS, Rosselvelt José. Os camponeses da região do Triângulo Mineiro e a expansão dos agrocombustíveis. *In*: **Revista Para Onde?** V. 3, n. 2, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/22101/12860>, 2009. Acesso em 06/05/2012.

SAQUET, Marcos A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressçoes, 2011.

SHANIN, Teodor. **Naturaleza y lógica de la economía campesina***.* Editora Anagrama, 1988.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. *In*: **Revista Nera**. Presidente Prudente: UNESP/NERA, ano 8, n. 7, jul/dez, 2005, pp. 1-25.

SILVA, Lilian Leandra. O papel do Estado no processo de ocupação das áreas de Cerrado entre as décadas de 60 e 80. *in*: **Revista on line caminhos de Geografia,** 1(2), Uberlândia: Instituto de Geografia/UFU, 2000, p. 24-36. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/10065/5936> , 2000. Acesso em 02/09/2011.

SILVA, Aldo Aloísio D. da. Monbeig, paisagem e Geografia estigmática. *In*: **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, ano 01, n. 02, 2002, p. 71-78. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/182/148>, 2002. Acesso em 23/03/2010.

SILVA, Cláudia Sampaio Corrêa da *et. al*. Ressignificação da experiência de Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional** [online], vol.9, n.1, 2008, p. 75-86. ISSN 1679-3390. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v9n1/v9n1a07.pdf, 2008. Acesso em 02/09/2011.

SILVA, Paula Junqueira da e ALMEIDA, Maria Geralda de. **Territorialidade e desterritorialidade**: **os assentamentos rurais e a reterritorialidade do campesinato no espaço agrário do Cerrado mineiro. Disponível em:** <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/mpc/mpc0604.htm>. Acessado DIA 28/09/2009.

SILVA, Ronaldo dos Santos. **Proletário ou camponês? Uma discussão da natureza social do pequeno produtor agrícola inserido no agronegócio brasileiro.** Disponível em: <http://www.inagrodf.com.br/revista/index.php/SDR/article/viewFile/56/52>. Acessado em 28/09/2009.

SILVA, Flávia Rosa de Morais. Os causos populares e a historicidade de Quirinópolis. *In:* URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Org.). **Quirinópolis**: mãos e olhares diferentes, 1832-2010. Goiânia: Kelps, 2010, p. 201-204.

SILVA, William Ferreira da e PEIXINHO, Dimas Moraes. A expansão do setor sucroenergético em Goiás: a contribuição das políticas públicas. *In*: **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 7, n.13, p. 97-114, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/13766/8216>. Acesso em 03/10/2012.

SILVA, Andréia Cristina da e SILVA, Sônia Aparecida da. Hábitos, costumes e linguagens. *In:* URZEDO, Maria da Felicidade Alves (Org.). **Quirinópolis**: mãos e olhares diferentes, 1832-2010. Goiânia: Kelps, 2010, p. 205-209.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Agronegócio: a reinvenção da colônia. *In*: SILVA, Maria Aparecida de Moraes, ALVES, Francisco e PEREIRA, José Carlos Alves (Serviço Pastoral dos Migrantes. **Agrocombustíveis solução?:** A vida por um fio no eito dos canaviais. São Paulo: Centro de Capacitação de Juventude, 2008.

SILVEIRA, Samuel. **Objeto de estudo Geográfico em Milton Santos: em busca da sistematização da vida.** 33 f. (Monografia) Viçosa: UFV, 2007. Disponível em: http://www.geo.ufv.br/docs/monografias/samuelSilveira.pdf, 2007. Acesso em 02/09/2011.

SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. São Paulo: Editor Victor Civita, 1974.

SOUSA, Alik Timóteo de **Caracterização de voçorocas em bordas de relevo residual tabular em Quirinópolis-GO**. (Tese de Doutorado). Goiânia: UFG, 2010.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Identidade Cultural**. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em 28/06/2012.

SOUZA, Maria Aparecida de; SOUZA, Edevaldo Aparecido; SANTOS, Jean Carlos Vieira. Modos de vida nos Cerrados do Brasil: expressões no turismo rural e músicas

caipiras. *In*: **12º Encontro de Geográfos da América Latina - EGAL** - Programa on-line 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina 3 al 7 de Abril de 2009 - Montevideo, Uruguay. Montevidéo/Uruguai, 2009. v. 01. p. 01-15.

SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Reordenamento Sócio-econômico e cultural das famílias atingidas pela UHE Engº Sérgio Motta: Reassentamentos Pedra Bonita e Santana/Santa Emília – Brasilândia-MS.** 166 f. (Dissertação de Mestrado). Presidente Prudente: UNESP, 2005.

SOUZA, Franciane Eulália de (Org.). **Geografia e Educação no campo**: para que e para quem serve a educação no campo no Estado de Goiás? Goiânia: Editora Vieira, 2010.

STÉDILE, João Pedro. Balanço do Fórum Mundial de Soberania Alimentar: Entrevista com João Pedro Stédle. *In*: *In*: VIA CAMPESINA BRASIL. **Soberania alimentar, os agrocombustível e a soberania energética.** Brasília, 2007.

STUMPF MITCHELL, Ana. Vínculos territoriais em Dom Pedro de Alcântara/RS/Brasil: possibilidades de estabelecimento de microcorredores ecológicos. *In*:**12° Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)**. Montevidéu, Uruguai, 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area06/6273_Stumpf_Mitchell_Ana.pdf>, 2009. Acesso em 14/06/2012.

TEIXEIRA, Luciene Pires *et al*. Concentração nas atividades agropecuárias de goiás entre 1996-2006: implicações para o desenvolvimento rural sustentável. *In*: **CAMPO TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**. V. 6, n. 12, p. 134-162, ago., 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/12053/7696>. Acesso em 24/08/2011.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v.5, n.10, p. 92-122, ago. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/12042/8245>, 2010. Acesso em 03/10/2012.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Agronegócio alcoolizado e *culturas* em expansão no Pontal do Paranapanema!** Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/GeografiadoBrasil/AgronegocioAlcoolizado.pdf>. acesso dia 03/10/2012.

TROLL, Carl. A paisagem geográfica e sua investigação. *In*: **Revista Espaço e Cultura - NEPEC**, n. 02, Rio de Janeiro, jun. 1996, p. 1-7.

UNIÃO DOS PRODUTORES DE BIOENERGIA – UDOP, 2010. Disponível em: <http://www.udop.com.br/index.php?cod=1056287&item=noticias#nc>. Acesso em 08/07/2012.

USINA BOA VISTA/EIA-RIMA. **Produção de álcool e açúcar**: Relatório de impacto ambiental - RIMA. Quirinópolis, 2006.

USINA BOA VISTA. Disponível em: <http://www.infoinvest.com.br/modulos/doc.asp?arquivo=02051064.WAN&doc=ian520.doc&language=ptb>. Acesso em 13/06/2009.

USINA SÃO FRANCISCO. Disponível em: <http://www.usjnegocios.com.br/index_unidades_02.htm>. Acesso em 13/06/2009.

USINA SÃO FRANCISCO/EIA-RIMA. **Relatório de impacto ambiental - RIMA**. Quirinópolis, 2004.

WEDIG, Josiane Carine e MENASCHE, Renata. Dádiva e reciprocidade: rituais religiosos e festivos na vida camponesa. *In*: **IV Congreso Argentino y Latinoamericano de Antropología Rural**. Mar de Plata, 25 al 27 de marzo de 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/686.pdf>, 2009. Acesso em 08/07/2012.

WHITAKER, Dulce C. A. *et. al.* A transição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? *In*: WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Wenceslau: Letras à Margem, 2002, pp. 115-120

WOORTMANN, Klaas. Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral. *In*: **Anuário Antropológico**. 87. Editora Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.

WOORTMANN, Klass e WOORTMANN, Ellen F. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.

WWF, 2008, Disponível em: <http://www.wwf.org.br/>. Acesso em 24/08/2011.